

αργος

**005**  
**Editorial**

**007**  
**Fishing and the Development of Human Societies: a View from the Classical World**  
Annalisa Marzano

**015**  
**Entrevista a António Duarte Pinho**  
Álvaro Garrido

## **PESCAS**

**021**  
**Para uma história institucional das pescas portuguesas no século XX**  
Álvaro Garrido

**033**  
**Stock Ibérico da sardinha: da biologia à gestão das pescas**  
Susana Garrido e Laura Wise

**039**  
**Quotas de pesca na UE – o processo, transparência e dois casos portugueses**  
Ana Matias e Gonçalo Carvalho

**047**  
**Breve historia da pesca industrial en Galiza**  
Jesus Giraldez Rivero

## **COMUNIDADES PISCATÓRIAS**

**055**  
**A Comunidade Piscatória de Câmara de Lobos (Região Autónoma da Madeira): Fatores de Vulnerabilidade e Resiliência**  
Daniella Chícharo, Maria do Céu Viegas, Fantina Tedim

**063**  
**Nazaré: a evolução de uma comunidade piscatória**  
José Maria Trindade

**073**  
**Comunidades piscatórias: estratégias de adaptação a mudanças ambientais, de governança e de mercado**  
Cristina Pita

**081**  
**Fuzeta – um núcleo urbano piscatório singular**  
Mafalda Pacheco

## **PATRIMÓNIOS MARÍTIMOS**

**093**  
**A construção naval tradicional de Sesimbra, uma herança secular: O caso da *Aiola*, alguns contributos para o seu estudo**  
Andreia Conceição

**101**  
**A técnica da construção naval em madeira de Vila do Conde como Património Cultural Imaterial da Humanidade**  
Ivone Teixeira

**107**  
**Artes de pesca artesanais em Portugal**  
Miguel Carneiro e Rogélia Martins

**MUSEU MARÍTIMO DE ÍLHAVO**

**125**

**As espécies que sustentam a economia de pesca portuguesa no Atlântico Norte**

João Bastião

**135**

**Memórias de naufrágios de bacalhoeiros durante o período da Ditadura Nacional (1926-1933) e do Estado Novo (1933-1974)**

José Azuaje-Fidalgo

**145**

**A vocação marinheira e a paixão pela Ria de Aveiro em Cândido Teles**

Catarina Dias

**EXPERIÊNCIA MUSEOLÓGICA INTERNACIONAL**

**153**

**Museum Nord**

**DOSSIER VISUAL**

**165**

**Atlântico**

Helder Luís

**ARGOS**

Revista do Museu Marítimo  
de Ílhavo outubro 2020 **08**

# **EDITORIAL**

As pescas e os pescadores são e devem ser um tema central no projeto cultural dos museus marítimos. Tema em desuso na sociedade atual, as pescas, as comunidades humanas que dependem dessa atividade e da cadeia de valor a montante e a jusante, são uma presença ausente na política marítima europeia e, de algum modo, nas políticas culturais e de património. Em Portugal, o declínio dos indicadores socioeconómicos das pescas, a quebra do seu peso na atividade económica e a reduzida expressão que os empregos diretos nas pescas marítimas hoje detêm na população ativa do país, tudo isso contribui para um processo de desvalorização que implica invisibilidade. Em Portugal como noutros países, em especial na União Europeia, um certo encantamento com a “nova economia do mar” e com as possibilidades económicas de exploração de uma plataforma continental em expansão explicam o processo de deslocação das políticas do mar da coluna de água (pescas, marinha mercante e comércio marítimo) para o solo e subsolo oceânicos.

No campo da cultura e das práticas de património, os museus do mar, em geral, continuam a prestar uma expressiva atenção às pescas e à sua cultura material e imaterial. Essa centralidade decorre das coleções que os museus acumularam, por um lado, e do peso que sobre eles impende no sentido de continuarem a fazer o trabalho de tecelões da memória, de uma certa memória da comunidade que, nos seus imaginários, continua muito ligada aos mundos da pesca e das respetivas vivências.

Este número da Argos, organizado por um museu cujas coleções se relacionam maioritariamente com as pescas e com a pesca do bacalhau em especial, percorre os múltiplos sentidos e abordagens que o tema das pescas tem e pode ter para os museus e no plano das práticas patrimoniais. Num momento em que os museus marítimos começam a assumir outros desafios de projecto, em particular o desafio da “Literacia do Oceano”, reelaborar a problemática patrimonial das pescas e cruzar abordagens globais, nacionais e locais é um bom apelo.

Neste número devemos destacar, com sentido de homenagem, a entrevista realizada por Álvaro Garrido, anterior Diretor e Consultor do Museu e fundador da Argos, a António Duarte Pinho, que entretanto faleceu. Duarte Pinho foi um dos principais decisores públicos do setor das pescas em Portugal nos últimos quarenta anos. Desempenhou vários cargos na estrutura de administração pública das pescas e como representante de Portugal junto da União Europeia. Era um militante do setor, que lutou como poucos contra o seu declínio e pela dignidade social das empresas e dos pescadores. Em 2019 publicou um livro precioso, *O Consumo de Pescado e a Internacionalização do Setor das Pescas em Portugal. Uma abordagem estatística integrada do setor em Portugal* (Editorial Minerva).

# **FISHING AND THE DEVELOPMENT**

Annalisa Marzano\*

## **OF HUMAN SOCIETIES: A VIEW FROM THE CLASSICAL WORLD**

\*University of Reading

Fishing is not a topic that normally features prominently when discussing the early stages of human evolution, nor does one readily think of fish as part of the diet of hominids. Yet, evidence dating to c.140,000 years ago discovered in caves in South Africa indicates that early humans were eating fish and shellfish. Fishing in shallow waters does not necessarily require tools and, just like some animals are able to capture fish, it has been posited that early hominids engaged in fishing.<sup>1</sup> The earliest evidence for *purpose-made* fishing tools, however, dates to 'only' between 16,000 and 23,000 years ago. Excavations in the Jerimalai Cave on East Timor, an island to the north-west of Australia, uncovered the earliest known fishhooks. These hooks, about 2.5 cm long, were manufactured from seashells and are thought to have been used to fish for shallow-water fish, such as grouper and snapper.<sup>2</sup> This same cave has yielded evidence for *systematic* pelagic fishing dating to much earlier, to c.42,000 years ago.

It was not just medium-sized fishes that were targeted by humans during prehistory, but also large migratory pelagic fish. In the Mediterranean, fishing for large fishes such as tuna, alongside hunting of large terrestrial mammals, is suggested by the cave art of the Late Glacial period, such as the paintings of the 'Grotta di Cala dei Genovesi' on the island of Levanzo, off the western coast of Sicily, which have been dated to the Upper Palaeolithic.<sup>3</sup> Consumption of both dolphins and tunas is attested by fishbones found in the layers dating to between the Mesolithic and Neolithic investigated at the Uzzo Cave in the north-western part of Sicily and the Franchthi Cave on the northern side of Koiladha Bay in southwestern Argolid in Greece. At this last site, around 9,000 years ago a shift can be observed in the composition of marine catches: tuna bones, including those belonging to large specimens weighting more than 50 kg, become prevalent over other species. This datum suggests organized fishing efforts targeting schools of migratory pelagic fish and the manufacture of suitable fishing implements; in other words, it suggests the existence of fishing techniques targeting specific types of fisheries. These examples of pre-historic attestations of marine

fishing for periods pre-dating the development of agriculture and urban societies is a reminder that fishing featured in the life of humans from the very early stages.<sup>4</sup> Although on the whole fish and molluscs — both marine and freshwater — did not have a primary role in the diet of ancient peoples, in specific locations characterized by bountiful fisheries fishing and the product thereof did make an important contribution to the local diet and the economy. Looking at the Greek and Roman worlds, we can see that in some cases the exploitation of specific fishing grounds dictated the location and growth of settlements. For some communities, fishing could be the main economic activity and access to fisheries could even be the object of bitter legal disputes.

## Fishing in the Greek and Roman Worlds

Ancient Greece and Rome were pre-modern agrarian societies, and so land, which produced food and raw materials, occupied a central role in their development. Nevertheless, fishing activity was ubiquitous in the classical Mediterranean and was practised on different levels: from the small fisherman striving to support his family, to the subsistence farmer occasionally supplementing his diet by fishing, and the fishermen organized in business partnerships who worked in collaboration with the fish-salting establishments or the fishmongers. In the context of the Mediterranean regions, the sea, the rivers, and the many coastal lagoons that characterized the ancient landscape were all important fisheries.

Both in the case of the societal organization of Greek city-states and of the Roman state, political organization and social standing were ultimately based on landed wealth.

This situation meant that fishermen and fish occupied an ambiguous place in society. Fishing was a very humble occupation in antiquity, as it was in modern times. The fishermen — as in the case of other people who had to work for a living — had a relatively low social status, and fishing was thus seen as a vile occupation, which, unlike hunting, did not require courage or physical

---

1 E.g., see Stewart 1994.

2 O'Connor, Ono, and Clark 2011.

3 Di Maida et al. 2018.

---

4 See also Morales Muñiz 2010 for an overview of fishing in prehistoric times.

prowess, just cunning. The philosopher Plato thought that, whereas hunting improved the soul, fishing induced laziness because one just needed to wait for the fish to be trapped in nets and wicker traps,<sup>5</sup> a view picked up by later Greek authors who presented fishing as an activity unworthy of free men.<sup>6</sup>

It is true that in the case of large-scale fishing of large migratory fish, fishing could assume almost heroic tones, as was the case in traditional tuna fishing in the Sicilian *tonnare* of the modern era, but the depictions of fishermen contained in literary texts of the classical period contain many stereotypes: the fishermen are poor, they live in simple huts on the beach, they are untrustworthy individuals, fraudulent even. In classical texts, often the action of fishing by professional fishermen is labelled as *furtum* or *rapina*, that is, robbery.<sup>7</sup>

Fishing for *leisure* was certainly practised among the upper classes in the Roman imperial period and several upper-class individuals who spent relaxation time fishing are mentioned in the texts, such as Pliny the Younger (who claimed he would fish from the bedroom window of his villa on Lake Comum) and the emperor Antoninus Pius.<sup>8</sup> But these anecdotes do not change the fact that fishing was seen by the elite as an inferior activity to hunting, and that those who fished for a living remained quite marginal figures. It is interesting that for the Roman empire, when *collegia* or professional associations were so widespread, we have only a handful of attestations that point to the existence of professional associations of fishermen.<sup>9</sup>

Seafood, on the contrary, appears in a wider range of literary texts. The focus varies, depending of the genre: comedies allude to food as part of their depiction of daily life and creation of comical situations; satirical poems use food to criticize social hierarchies; poetic 'catalogues' of the best

seafood according to geographic location are as much a display of the author's knowledge as they are a guide for gourmards. These attestations are indicative of culinary tastes and of their changes over time, even though only of the tastes of the wealthy rather than of the ordinary people. If fishing was considered a humble occupation, certain types of fresh fish were clearly a prestigious food for the rich.<sup>10</sup> Regardless of how professional fishermen were seen by the upper classes, fishing and fish had an important role in those societies: seafood was an important part of the diet, particularly for settlements in coastal locations,<sup>11</sup> and certain types of fresh fish were social enhancers.

## Fisheries and the Local Economy

We know that for some ancient towns the exploitation of marine resources occupied a primary role in supporting the settlement. Velia, for example, a small coastal town in southern Italy, was, according to the first-century AD geographer Strabo, completely reliant on fishing and ancillary activities such as fish salting because of the poverty of the soil.<sup>12</sup> Settlements where abundant fishing was possible, particularly in the case of the seasonal migration of pelagic fish, explicitly celebrated their source of wealth, as for instance in the case of Gadir/Gades, modern Cadiz, renowned since Punic times for fishing and fish salting activities. Coins issued by this city from the third century BC onwards depicted on the reverse two tunas, a clear reference to the importance of fishing and fish processing for the prosperity of the town.<sup>13</sup>

Ensuring access to, and control of, fishing locations was something that both Greek and Roman towns actively fought for. In the second century BC, the towns of Troizen and Arsinoe/Methana in the Peloponnese had made specific agreements to regulate the shared access they had to a specific coastal territory where tuna fishing

---

5 Pl., *Leg.* 7.823d.

6 E.g., Plutarch, *De sollertia animalium* 9.965f–966a.

7 De Nicolò 2016, 7.

8 Pliny, *Ep.* 9.7.4. Fronto, *De Feriis Als.* 3.5.5 (Teubner edn: 230); Oppian, who dedicated his poem *Halieutica* to Marcus Aurelius, at lines 56–72 depicts the emperor as fishing from a well-equipped boat.

9 Marzano 2018.

---

10 Purcell 1995; Marzano 2013, 269–295.

11 E.g., in the case of Herculaneum, as shown by the study on the deposits from the *Cardo V* sewer: Rowan 2014.

12 Strabo 6.1.1.

13 Alfaro Asins 1988.

occurred.<sup>14</sup> An inscription tells us that fishermen from Troizen who wanted to fish for tuna had to pay a fee to their town, probably in order to rent a tuna lookout owned by the polity itself. These revenues were, in turn, shared between Troizen and the neighbouring community.<sup>15</sup>

It appears that large-scale fishing became more widespread in the Roman period, with systematic targeting of fishing in open waters and the introduction of fishing nets with smaller mesh size. Large-scale fishing can be inferred first and foremost by the abundant evidence for Roman fish-salting workshops and factories. Their number and geographic distribution, and the fact that these were permanent, purpose-built structures, indicate a flourishing fishing sector operating for the commercial market. The natural resources offered by the sea and coastal lagoons were valued and regularly exploited; securing the rights to these resources could put different parties at odds with each other. Take the example of the prolonged dispute which occurred during the first and early second centuries AD between the town of Histria, located at the mouth of the Danube, and the Roman tax farmers.<sup>16</sup> Histria relied on the rich fisheries of the Danube delta, and had obtained from the Roman authority special exploitation rights which included the right to transport fish from the fisheries to the town without paying custom dues. Roman tax farmers, however, had disregarded these privileges and had been asking for payments.<sup>17</sup> The inscriptions, which reproduce letters of various Roman governors prompted by embassies sent by the town, show that Histria took great care to contact each successive legate sent to rule the province in order to explain the exploitation rights they had received and to obtain written confirmation from each legate about these rights. These exchanges with the Roman administration went on for more than fifty years, but the town did not desist, because, as stated in one of the texts, 'the revenue from salted fish is just

about the city's only revenue',<sup>18</sup> a statement confirmed by archaeological evidence.<sup>19</sup>

### **Fishing and maritime connectivity: colonization, trade, and transfer of knowledge**

In Book 4 of his *Histories*, the fifth-century BC historian Herodotus recounts the mythical story of a certain Korobios, a murex fisherman from Itanos, on the island of Crete. Thanks to his expert knowledge of marine sea routes, Korobios was able to lead the colonists coming from Thera to a suitable location for the new colony they were establishing: the island of Platea, off the coast of Cyrenaica in North Africa.<sup>20</sup> Not only does this anecdote suggest that fishermen could venture quite far from where they lived in looking for good fisheries — it implies that Korobios used to venture all the way to North Africa in his search for murex shell fisheries — but it also assigns to fishermen an important role in the 'discovery' of novel geographic locations suitable for the establishment of settlements. Many years ago Bintliff postulated that in the Aegean the location of prehistoric settlements, trade routes, and seafaring were to be related to the seasonal exploitation of migratory fish and the opportunities for cultural interactions created by the systematic movements of migrant fishermen.<sup>21</sup> He called this communication network 'transmerance', playing on the affinity with transhumance, thus equating the sea and schools of fish to the seasonal movements of shepherds and herds between winter and summer pastures. Bintliff also stressed the role fishermen had in regard to trade and the establishment of new settlements. Indeed, the geographic mobility of fishermen is a phenomenon not limited to the modern era; we have some suggestive indications of this being the case also in antiquity. Ephraim Lytle has drawn attention to the fact that sea fishermen in ancient Greece seem to have had limited constraints as to where they fished.<sup>22</sup> In a fragment of the comedy *The Fishermen* by Menander, quoted in Atheneus,

---

14 IG 4.752.

15 Marzano 2013, 78.

16 The dispute is attested by an epigraphic dossier: *I. Histriae* 67–68.

17 Marzano 2020.

---

18 See Marzano 2020, Appendix, no. 3.

19 Excavations there have recovered in abundance in all archaeological layers, fishing weights, hooks, fish bones, and mollusc shells: Ardeleanu 2016: 314.

20 Hdt. 4.151.

21 Bintliff 1977.

22 Lytle 2012.

we find mention of the long absence of fishermen from their homes and one of Alciphron's fictional letters refers to a group of Rhodian fishermen working in Attic waters.<sup>23</sup> Another ancient text refers to fishermen from the Iberian Peninsula who travelled beyond the Strait of Gibraltar for days in order to reach good tuna fishing grounds.<sup>24</sup>

In the case of trade and sea transport, it is conceivable that fishermen who regularly ventured far from home, like the semi-mythical Korobios mentioned above, also contributed to the establishment of maritime trade routes and to the small-scale transport of goods within regional trade networks. For later historical periods for which documentary and/or ethnographic evidence exists, we see that, when fishing was slow, fishermen often engaged in transport activity. In 1380, the bishop of Artaud in France, who had financed a group of fishermen, in addition to receiving a good share of the catches, also took from them 75% of the profits they made by transporting goods and people.<sup>25</sup> In the eighteenth-century upper Adriatic, fishermen normally worked at transport in the off season months, and in Liguria, where the rough terrain made land transport particularly difficult, fishermen used their boats to transport vegetables and other goods between coastal towns even when the distance to be covered was small. It is therefore likely that also in the ancient Mediterranean fishermen played such roles and that in some cases it was fishing activity and the search of bountiful fisheries that opened new routes to commerce. Research into Roman regional maritime networks has suggested that they were more than a simple subsidiary level of the networks that connected the larger urban coastal hubs and that they were an important constituent of overall maritime connectivity.<sup>26</sup> This 'regionalism of small-scale but routine connectivity'<sup>27</sup> featured small ships with minimal crews calling at beaches and anchorages that served as occasional ports and markets. It is not difficult to imagine that also fishermen and their boats could be part of such micro-networks,

especially in areas such as the Aegean or parts of the Adriatic, rich in islands.

Movement of people means also the transfer of ideas, knowledge, and skills. For classical antiquity, it has been suggested that the mobility of fishermen in pursuing their trade also meant that specific fishing techniques and specialist knowledge moved with them. There are many later historical attestations of the creation of new settlements in other countries where fisheries were not fully exploited and where the fishermen's experience and techniques could be put to good use.<sup>28</sup> For instance, Italian fishermen gave the impetus to fishing in different areas of the Mediterranean in the nineteenth century. At Sète in Provence, while the fishermen of the lagoon were locals, those who fished in the sea were Italians from Genoa, Naples, and Calabria, and Italian fishermen founded several coastal settlements in Corsica.<sup>29</sup>

The contribution of individuals moving from areas with a long-standing tradition in specific fishing techniques to new places can, however, be found earlier than the nineteenth century. There was Genoese input behind the establishment, in 1476, of the tuna fisheries and salting at Sidi-Daud in Tunisia, at a time when Sicily had a *de facto* monopoly on tuna fishing and salting because the detailed knowledge about technique and equipment was restricted to a small group and guarded as a secret.<sup>30</sup> The *a vista* fishing technique, employed largely to fish for tuna, appeared in seventeenth-century Provence as an import from Spain.<sup>31</sup>

For the ancient world, clear evidence of geographic mobility of fishmen and the transfer of knowledge is more difficult to come by but we have several clues. The very fact that in ancient Greek, the same names of sea fish are attested around Greece, often displaying non-Hellenic origins, while for freshwater species there is a much higher use of regional names, often difficult to identify, suggests fishermen's high

---

23 Ath., 4.132e = fr. Kock 3.13; Alciph. 1.2.

24 Ps.-Arist., *Mir.* 136a.

25 Bresc 1985, 112.

26 Leidwanger 2014.

27 Leidwanger 2014, paragraph 6 of online version (<http://journals.openedition.org/nda/2343>).

---

28 Horden and Purcell 2000, 192–4.

29 Parain 1936, 67.

30 Bresc 1985, 111; the *rais* was the depository of much knowledge about tuna fishing, which was passed on only to his son.

31 Marzano 2013, 87.

mobility and the diffusion of technical skills. Even when fishermen themselves did not travel to a given region, the knowledge of certain techniques used by them could travel and spread with other people's movements, and this might have happened in antiquity more often than we think. For example, according to Strabo, the Macedonians who reached India with Alexander the Great, were the ones who taught people in India how to collect sea sponges and use them.<sup>32</sup>

maritime routes, which later became part of trade networks, and sometimes may have even led to the discovery of new locations where to establish colonies. The geographic mobility of fishermen in pursuit of migratory schools of fish and in search for good fishing grounds also instigated the dissemination of specific technical knowledge from one region to the other, with impact on local diet, the exploitation of natural resources, and the capacity of settlements to grow. Fishing was so much more than simply catching fish.

## Conclusions

This is only a brief overview of the role of fishing and fish in the daily life of ancient Greece and Rome. Although in the past scholars had largely dismissed the importance of fishing in classical antiquity and the role it had in the ancient economy, it is now recognized that in the ancient classical world fishing was practised on a large scale, with methods and techniques which were as efficient as the traditional fishing methods still in use until the early twentieth century.<sup>33</sup>

Fishing appears in the early stages of evolution of hominids, during the transition from hunter-gatherer groups to settled societies, in the world of Greek city-states of the like of Athens and, later, in the Roman empire. It went from being just one of the ways in which early humans acquired food to becoming an organized activity central to the economies and livelihood of many coastal settlements. Athens and Rome, and like them other ancient cities, had specialized fish markets where the rich could buy sought after and expensive fish and the less wealthy small fry and anchovies. It even appears that in many Greek cities the arrival of the catch at the fish market was announced by the ringing of a bell to alert keen buyers.<sup>34</sup> However, the fishermen who provided markets with the products so desired by urban dwellers occupied a very humble place in society. Yet, despite this, there are many indications suggesting that fishing and the people who practised this profession contributed to the development of classical society not simply by procuring food, but by establishing new

---

<sup>32</sup> Strabo 15.1.67.2.

<sup>33</sup> Marzano 2013.

<sup>34</sup> Plut., *Mor.* 668; Strabo 14.2.21.

## References

- Alfaro Asins, C. 1988. *Las monedas de Gadir-Gades*. Madrid.
- Ardeleanu, C. (2016). 'Fishing in the Lower Danube and its floodplain from the earliest times to the twentieth century', in T. Bekker-Nielsen and R. Gertwagen (eds), *The Inland Seas: Towards an Ecohisotry of the Mediterranean and the Black Sea*. Stuttgart, 309–40.
- Bintliff, J. 1977. *Natural Environment and Human Settlements in Prehistoric Greece*. Part 1 and 2 (BAR Int. Series S28). Oxford.
- Bresc, H. 1985. 'Pêche et coraillage aux derniers siecles du moyen âge: Sicile et Provence orientale', in *Rencontres Internationales d'Archéologie et d'Histoire d'Antibes (5th, 1984), L'Exploitation de la mer de l'antiquité a nos jours*. Juans-Les-Pins, 107–14.
- De Nicolò, M.L. 2016. *Mediterraneo dei pescatori. Mediterraneo delle reti*. Pesaro.
- Di Maida, G., et al. 2018. 'Palaeolithic art at Grotta di Cala dei Genovesi, Sicily: A new chronology for mobiliary and parietal depictions', *Antiquity* 92 361: 38–55.
- Felici, E. 2018. *Thynnos. Archeologia della tonnara mediterranea*. Bari.
- Horden, P., and Purcell, N. 2000. *The Corrupting Sea*. London.
- Leidwanger, J. 2014. 'Maritime Networks and Economic Regionalism in the Roman Eastern Mediterranean', *Les nouvelles de l'archéologie* 135: 32-38.
- Lytle, E. 2012. 'Ἡ θάλασσα κοινή: Fishermen, the Sea, and the Limits of Ancient Greek Regulatory Reach', *ClAnt* 31/1: 1–55.
- Marzano, A. 2013. *Harvesting the Sea. The Exploitation of Marine Resources in the Roman Mediterranean*. Oxford.
- Marzano, A. 2018. 'Fish and fishing in the Roman world'. *Journal of Maritime Archaeology* 13.3: 437-447. (doi: <https://doi.org/10.1007/s11457-018-9195-1>).
- Marzano, A. 2020. 'A Story of Land and Water: Control, Capital, and Investment in Large-scale Fishing and Fish-salting Operations', in P. Erdkamp, K. Verboven, and A. Zuiderhoek (eds), *Capital, Investment, and Innovation in the Roman World*. (Oxford Studies on the Roman Economy). Oxford, 275-305.
- Morales Muñiz, A. 2010. 'Inferences about Prehistoric Fishing Gear Based on Archaeological Fish Assemblages', in T. Bekker-Nielsen and D. Bernal Casasola (eds), *Ancient Nets and Fishing Gear: Proceedings of the International Workshop on 'Nets and Fishing Gear in Classical Antiquity: A First Approach'*. Cádiz, november 15–17, 2007. Cadiz and Aarhus, 25–53.
- O'Connor, S., Ono, R., and Clarkson, C. 2011. 'Pelagic Fishing at 42,000 Years Before the Present and the Maritime Skills of Modern Humans', *Science* 334 (new series): 1117-21.
- Parain, C. 1936. *La Méditerranée: Les Hommes et leurs travaux*. Paris.
- Purcell, N. 1995. 'Eating Fish: The Paradoxes of Seafood', in J. Wilkins, D. Harvey, and M. Dobson (eds), *Food in Antiquity*. Exeter. 132–49.
- Rowan, E. 2014. 'The fish remains from the Cardo V sewer: New insights into consumption and the fishing economy of Herculaneum', in E. Botte and V. Leitch (eds), *Fish and Ships. Production et commerce des salsamenta durant l'antiquité*. (Bibliothèque d'Archéologie Méditerranéenne et Africaine 17). Arles and Aix-en-Provence, 61–73.
- Stewart, K.M. 1994. 'Early hominid utilisation of fish resources and implications for seasonality and behaviour', *Journal of Human Evolution* 27.1–3: 229-45.



**ENTREVISTA a**

Álvaro Garrido\*

**ANTÓNIO DUARTE PINHO**

\*Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

António Duarte Pinho é natural de São Pedro do Sul e Licenciado em Economia pelo Instituto Superior de Economia de Lisboa em 1974.

Entre as várias funções que desempenhou ao longo da sua carreira, foi Diretor-Geral da Economia de Macau; Subdiretor-Geral das Pescas e Aquicultura; Presidente da Docapesca, Portos e Lotas S.A.; Conselheiro para as Pescas e Política Marítima Integrada na REPER/Bruxelas; Conselheiro para a Agricultura e Pescas na Embaixada de Portugal em Roma; e Assessor do Secretário de Estado das Pescas.

**As capturas nacionais de pescado caíram de sensivelmente 332 mil ton em 1986, data de adesão à CEE, para 197 mil ton em 2017. Quais os principais motivos que levaram a esta drástica redução?**

Em 2019 os valores são já um pouco melhores, após as subidas desse ano. As capturas totais nacionais atingiram um valor global estimado de 407 milhões de euros.

Mas a enorme redução que é referida mantém-se e ficou a dever-se sobretudo a dois fatores. Em primeiro lugar, a entrada em vigor da decisão tomada pela ONU vários anos antes de alargar para 200 milhas marítimas, as chamadas Zonas Económicas Exclusivas dos estados ribeirinhos, viria a “nacionalizar” cerca de 90% dos recursos de pesca mundiais, deixando Portugal e outros países de poderem pescar em muito dos seus pesqueiros tradicionais, e baixando drasticamente o peso da pesca externa, como na pescada e bacalhau. Em segundo, a redução brutal do stock da sardinha, por culpa própria, que passou de quase 40% das capturas na altura da adesão para os cerca de 5 a 7% atuais.

**Por outro lado, o valor do pescado duplicou no mesmo período, talvez devido à necessidade de se atenuar os impactos negativos da quebra das capturas. Todavia, com o aumento das importações, como é que o setor das pescas se adaptou a essa conjuntura?**

A evolução dos preços de venda do pescado em lota tem compensado em boa parte as reduções efetivas nas capturas. Todavia, o impacto das importações nos preços dos produtos e nas quantidades

disponíveis no mercado têm atuado em sentido contrário ao da recuperação dos preços em lota e têm manifestamente prejudicado os nossos produtores. Isto apesar de cerca de 50% das importações e exportações se fazerem com Espanha que não tem tido uma política de práticas de preços baixos. Há diversos casos de espécies em que os preços das importações são mesmo superiores aos da produção nacional.

**Nos anos noventa, as pescas portuguesas registaram um declínio abrupto, nomeadamente as pescas longínquas. Em regra, o abate de embarcações de pesca costuma ser atribuído a erros de política dos governos portugueses da época, sobretudo o de Cavaco Silva, e aos efeitos perversos da política comum das pescas da CEE. Qual a sua interpretação?**

De facto, esse período coincidiu com a disponibilização pela UE de muito dinheiro para ajustes nas frotas. A Comissão Europeia achava então que havia de “eliminar” 40% das capacidades de pesca das frotas europeias, incluindo Portugal e Espanha, por acharem estarem sobredimensionadas face ao pescado disponível.

Foi aí que apareceram dezenas de armadores de pesca, sobretudo com embarcações de maior porte a candidatarem-se aos abates com avultados subsídios. Alguns deles gabavam-se mesmo de nunca terem ganho tanto dinheiro...

**Que retrato faz da evolução das pescas portuguesas na primeira década do século XXI?**

Desde o período dos grandes abates nas embarcações de pescas tem sido seguida uma política de mero acompanhamento e continuada gestão dos recursos internos disponíveis, até porque terminaram os apoios a novas construções e até as simples modernizações estão sujeitas a uma bateria de restrições de vários tipos por parte da UE. Uma gestão adequada da sardinha, do carapau e do biqueirão, assim como doutras espécies em situação biológica menos boa, acabam por mobilizar os maiores esforços das autoridades nacionais.

**Em 2017, das cerca de 4 mil embarcações registadas e em atividade no nosso país, 90% eram embarcações da pequena pesca (menos de 12 metros), ao passo que a média da UE se situava nos 75%. A diminuição da nossa frota de pesca longínqua ou do largo deve-se com**

### **certeza a vários fatores, quais considera os principais?**

Apesar de tudo a pesca de arrasto, onde se concentram as maiores embarcações, tem vindo a aguentar o seu peso na estrutura da pesca nacional, mesmo de pois de ter adotado outros conceitos como o que acontece na pesca de camarão em Moçambique. A evolução da pesca em águas distantes, com maiores navios que ainda representa quase 30% do total, vai sempre dependendo da evolução dos recursos de pesca em águas externas a que vamos tendo acesso por via da UE.

### **Uma grande parte das nossas importações e exportações de produtos de pesca é atualmente realizados com Espanha. Como se deve encarar esta dependência?**

Julgo que devemos encarar essa dependência com o país vizinho com toda a normalidade, procurando a parte portuguesa fazer sempre mais e melhor, como tem feito.

Note-se que o que se passa nas pescas nesta relação estreita com Espanha passa-se em geral nas indústrias agroalimentares em geral. E não só!

### **A pesca ilegal e a fuga à lota têm expressão no nosso país? Qual é o papel da Docapesca no combate à economia paralela?**

Admite-se que a tradicional “fuga à lota”, que expressa a economia paralela que existe em torno das atividades da pesca exceda os 20% dos rendimentos gerados neste sector extrativo. Cabe à Docapesca, em conjunto com as Organizações de Produtores (OP's) e as autoridades policiais criar condições para combater e debelar este fenómeno que tantos prejuízos traz ao sector, desde a promoção duma concorrência desleal (uns pagam e outros não pagas as taxas e impostos devidos!) até ao enfraquecimento financeiro da Docapesca que atualmente constitui como que “um baluarte” na defesa das pescas nacionais.

### **A Aquicultura, que pretendíamos que tivesse uma importância estratégica, revelou-se um fracasso nas últimas décadas, mesmo com muitos fundos europeus direcionados para o setor. O que correu mal? A sustentabilidade e o futuro da pesca ainda passa pela aposta na aquicultura?**

A aquicultura falhou redondamente mesmo após os mais de 300 milhões de euros “despedidos” pela UE, Estado Português e empresários desde a nossa adesão. Não conseguimos chegar ao patamar dos 10% das capturas em meio natural, sendo que vários estados membros da UE, onde a aquicultura anda em torno dos 25% das capturas, têm produções em aquicultura superiores às nossas capturas totais, a começar por Espanha.

Julgo que o maior problema em Portugal teve a ver com a falta notória, com algumas honrosas exceções, de empresários capazes para enfrentarem as vicissitudes destas atividades. Esperemos que a entrada recente das grandes cadeias de distribuição neste sector venha abrir novas possibilidades de sucesso, que tanto têm faltado!

### **Na visão que tem sobre o sector, creio que antecipa, para as próximas décadas, o aumento da atividade de transformação e antevê um novo paradigma e modelos económicos sustentáveis a serem adotados por empresas nacionais?**

Julgo que o avanço das atividades de processamento e transformação de produtos da pesca vai manter-se e reforçar-se globalmente, ainda que com altos e baixos. E deve ser gradual de acordo com a evolução e perspectivas do mercado interno e externo.

Quando recentemente tive conhecimento pela Comunicação Social de uma fábrica de pescado congelado no Algarve, de enorme dimensão, em que os empresários promotores prometiam comprar praticamente todo o pescado nacional, desde a cavala ao peixe mais nobre, fiquei não só surpreendido, mas estupefacto com tanta arrogância e desconhecimento vindo de pessoas sem quaisquer ligações ao sector das pescas.

### **Recentemente o BREXIT foi um dos acontecimentos que abalou a coesão e confiança dos estados-membros na União Europeia, um dos argumentos que favoreciam a saída do Reino Unido da UE era a questão da política comum de pescas e as quotas que lhes eram atribuídas. No atual panorama concorda com uma renegociação da política comum das pescas para que faça uma distribuição de quotas mais equitativa?**

Na minha opinião as implicações do BREXIT nas pescas da UE, isto independentemente de

vir a haver ou não um acordo nessa sua componente, atingirá mais fortemente a França, Holanda e Dinamarca, devido às possibilidades de pesca mútua em águas duns e doutros, e que estes países fazem “finca pé” em renegociar.

Ao BREXIT não se vai seguir qualquer processo de renegociação de quotas de pesca entre os restantes Estados Membros (EM). Nem isso seria possível nem legal, uma vez toda a Política Comum das Pescas assentar no princípio da “estabilidade relativa”. O que vai haver será uma redistribuição das quotas após a saída de um EM. Mas, isso será feito em folhas “Excel” sem qualquer intervenção dos políticos.

Portugal nunca teve pesca em águas do Reino Unido e as nossas preocupações centram-se nas negociações que podem conduzir a dificultar o nosso acesso à quota de bacalhau em águas da Noruega, uma vez que essas quotas eram, até agora, e em grande medida, compensadas com pescarias da Noruega em águas do Reino Unido, o que pode vir a ser posto em causa.



**PESCAS**

# **Para uma HISTÓRIA INSTITUCIONAL**

Álvaro Garrido\*

## **DAS PESCAS PORTUGUESAS no século XX**

\*Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

## Introdução

As pescas marítimas são uma actividade económica cuja produção se organiza na dependência de ecossistemas dinâmicos onde habitam recursos naturais móveis e renováveis, mas finitos e de limitada abundância. A elaboração económica e científica da “questão das pescas” levanta dilemas bioeconómicos e dilemas éticos e sociais que interpelam o comportamento dos agentes – dos pescadores, dos armadores, dos próprios cientistas e decisores públicos. Daí que o rasto documental das pescas e o testemunho dos actores nos ofereçam, constantemente, um retrato de *crise*. Crise de adaptação ou de ajustamento a transições no sistema de direitos de propriedade ou a mudanças significativas nas normas de acesso aos recursos.

Portugal dispõe de uma costa marítima relativamente extensa e estreita, não muito recortada, mas de morfologia diversa. A linha de costa de Portugal continental, cujo comprimento é de 942 km, intercala extensos areais com arribas e sítios rochosos. Acrescem as regiões insulares da Madeira e dos Açores, cujas águas são pobres de peixe dado que praticamente não dispõem de plataforma continental<sup>1</sup>. As pescas portuguesas evidenciam dois universos distintos: as pescarias da costa ocidental, moldadas por intercâmbios técnicos com o mundo Atlântico e por uma orla costeira desabrigada e muito exposta aos humores do Oceano; as pescas algarvias, a sul, uma mistura de heranças atlânticas e mediterrânicas, muito aberta às transferências de tecnologia de origem andaluz e catalã.

Além dos aspectos biogeográficos que determinam a actividade da pesca, ela é fortemente condicionada por factores institucionais construídos com intenção regulatória, nomeadamente por direitos de propriedade que definem ou enquadram regimes de acesso<sup>2</sup>.

---

1 Ver Raquel Soeiro de Brito (dir.), *Portugal. Perfil Geográfico*, Lisboa, Referência/Editorial Estampa, 1997, pp. 11-22.

2 Analisámos detidamente estas questões num ensaio de publicação recente: Álvaro Garrido, *As Pescas em Portugal*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018.

## A “questão das pescas” na contemporaneidade portuguesa

Nas últimas décadas do século XVIII e no começo de Oitocentos, em diversos espaços europeus o ambiente iluminista alimentou um academismo naturalista que se traduziu em memórias económicas sobre o uso dos recursos da terra e do mar<sup>3</sup>.

Anos depois, o movimento reformista de “desamortização do mar”, iniciado em 1830 em Portugal e em Espanha, mostrou que a regulação estatal dos recursos marinhos e fluviais fazia parte da construção do Estado liberal. Essas leis privatizadoras trouxeram a abolição dos direitos senhoriais que regulavam os regimes de acesso aos recursos. Tais mudanças conjugaram-se com medidas de centralização do recrutamento dos homens do mar e de reforço da colecta nacional dos proventos fiscais das pescas. Libertavam-se os pescadores do pagamento de impostos senhoriais e isentavam-se de serviço militar todos os mestres e companhas matriculadas na pesca.

No começo do Estado liberal, o fomento das pescas implicava assumir a natureza pública das águas marítimas e dos recursos e institucionalizar a sua administração. Surgiam então os direitos de apropriação privada dos recursos vivos do mar e dos rios de par com uma regulação pública incipiente. Numa aparente contradição que foi comum à lógica liberal, o Estado declara a liberdade de associação dos pescadores, mas determina a matrícula de todos os mestres e companhas de modo a facilitar o recrutamento e a nova fiscalidade<sup>4</sup>. Na sequência deste movimento reformista, em 1835 a Companhia de Pescarias pombalina é extinta e dá lugar a diversas sociedades de comércio e indústria, entre as quais a Companhia de Pescarias Lisbonense

---

3 Ver Inês Amorim, “A organização dos Serviços de Pescas e da Aquacultura e as iniciativas de instrução científico-técnica. Século XII a inícios do século XX”, in *Mare Liberum*, 2001, pp. 123-164.

4 Ver Inês Amorim, “Da pesca à salga da sardinha”, in *A Indústria Portuense em Perspectiva Histórica* (Actas de Colóquio), Porto, FLUP, 1998, pp. 25-43.

que reatou a pesca do bacalhau na longínqua Terra Nova a partir de portos portugueses<sup>5</sup>.

Na segunda metade do século XIX, a questão dos regimes de propriedade dos recursos marinhos, a organização pública dos leitos costeiros e o ordenamento das águas já eram problemas instantes. O interesse por essas questões relacionava-se com o primeiro ciclo de industrialização das pescarias e com a evidência de desequilíbrios ambientais. Até então, no âmbito dos poderes senhoriais de Antigo Regime predominavam as águas privadas; a Coroa limitava-se a proibir as artes mais nocivas à conservação das espécies.

Não por acaso, em Portugal a “questão das pescas” e os regimes de acesso a águas e recursos voltaram ao primeiro plano da política noutros dois momentos históricos: i) entre o final dos anos setenta do século XX e o começo dos anos oitenta, devido ao impacto das zonas económicas exclusivas e à necessidade de negociar a adesão à Comunidade Europeia; ii) mais recentemente, desde 2008, quando o processo de alargamento da plataforma continental sugeriu a adaptação dos velhos regimes de ordenamento e gestão dos espaços marítimos para a exploração de recursos que se supõem importantes no solo e subsolo marinhos.

Entre finais do século XIX e o nosso tempo há semelhanças profundas. Incrivelmente actuais, os trabalhos e propostas de Baldaque da Silva, oficial da Armada e engenheiro hidrógrafo (1853-1915), e o labor da sua geração de naturalistas e oceanógrafos colocam em evidência a natureza sistémica dos problemas e numerosos dilemas éticos. Nesses debates fartos e muito elegantes na sua formulação, habitados por textos, desenhos e notas de viagem, salientam-se dois princípios: a procura de soluções sustentáveis que incluem uma ética social de longo prazo e uma genuína preocupação com as comunidades locais. Por um lado, afirma-se a condição geográfica de Portugal como Estado costeiro e a sua tradução num Direito internacional cada vez mais povoado de normas multilaterais sobre direitos de propriedade relativos a bens comuns. Por outro, regula-se o ordenamento das águas de jurisdição nacional

e os direitos de propriedade e exploração dos recursos. São essas as questões fundamentais, hoje plenamente actuais.

Nesse frenesim de estudos e inquéritos naturalistas que marcou os anos finais de Oitocentos, o interesse do Estado português pelo valor económico das pescarias e pela sua regulação soberana relaciona-se com dois factores: a mudança técnica induzida pelo avanço das artes movidas a vapor e a “questão espanhola”, que havia de voltar ao centro do debate no contexto da adesão de Portugal à Comunidade Europeia nos anos oitenta do século XX. Os vapores de arrasto haviam alterado drasticamente a relação artesanal dos pescadores com os recursos pelo facto de poderem pescar todo o ano, incluindo no Inverno. À época, a questão do equilíbrio entre o volume de capturas e a recuperação das populações biológicas já era explícita nos pareceres da Comissão de Pescarias e em diversos textos legislativos que vincam direitos de propriedade regulados pelo Estado. As questões centrais diziam respeito aos direitos de propriedade sobre o peixe e outros recursos vivos do mar e aos regimes de acesso às “águas piscosas” ou que assim se julgavam por empiria<sup>6</sup>.

A criação de uma Comissão de Pescarias no Ministério da Marinha, em 1878, a fim de “propor os preceitos a que devia estar sujeita a pesca nas costas e rios portugueses”, fora a primeira notícia de mudanças profundas no sistema de governo das pescas. A multiplicação dos cercos americanos e a assinatura, no mesmo ano, de um Convénio provisório com a Espanha – na sequência de um anterior tratado de limites que já definira direitos de reciprocidade para o exercício da pesca – explicam o interesse do Estado na questão das pescas. Em causa estavam restrições às parelhas de arrasto espanholas além das doze milhas da costa e o conflito recente entre barcos de mar portugueses (xávegas) e os enormes galeões espanhóis que operavam ao largo do Algarve. O Acordo com a Espanha tornar-se-ia definitivo em 1885. Cem anos depois, nas vésperas da adesão de ambos os países à Comunidade Europeia, as questões seriam basicamente as mesmas.

5 Ver A. Garrido, *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*, 2ª ed., Lisboa, Círculo de Leitores/Temas & Debates, 2010, pp. 40-42.

6 Sobre estes movimentos, ver Inês Amorim, “A organização dos Serviços de Pescas e da Aquacultura e as iniciativas de instrução científico-técnica. Século XII a inícios do século XX”, in *Mare Liberum*, 2001, pp. 123-164.

A dinâmica que despontara em finais do século XIX teria alguma sequência no levantamento batimétrico e na cartografia dos fundos marinhos feitos a bordo do aviso *Cinco de Outubro* (antigo iate real *Amélia*) no âmbito da Missão Hidrográfica da Costa de Portugal, de 1910. Dos estudos de Baldaque da Silva, todos assentes em trabalho de campo e na inventariação de objectos, técnicas e figuras sociais, destaca-se a conhecida e monumental obra *Estado Actual das Pescas em Portugal* (1891) e o *Relatório sobre a pesca marítima nas águas de Peniche, Berlenga, Estellas e Farilhões*, editada em 1889.

Estes e outros trabalhos de Baldaque foram importantes para o conhecimento técnico-científico das pescarias portuguesas porque incitaram os decisores a adoptar uma visão integrada dos problemas cujo eixo de debate já assentava nos direitos de propriedade e nos modelos de exploração.

Na Exposição Nacional de Pescarias de 1896 já haviam ficado claras as noções de gestão equilibrada das espécies e de exploração dos recursos biológicos. A internacionalização das zonas de pesca e a ameaça espanhola estimulavam dinâmicas inéditas das ciências do mar e um fluxo regulamentar de natureza preventiva. Paulatinamente, tal como sucedia noutros países, as águas marítimas e fluviais eram inseridas no domínio público e subtraídas à esfera privada. A definição de direitos de propriedade adequados foi a chave da mudança. Apoiado no trabalho científico das comissões de pescarias e na pressão ilustrada de instituições como a Liga Naval, onde pontificou o almirante Vicente de Almeida d'Eça (1852-1929), lente de Direito Marítimo da Escola Naval, o Estado liberal assumia-se como gestor de recursos e regulador dos direitos de propriedade sobre as pescarias.

Além dos grandes inquéritos sobre as pescas e dos avanços científicos na área das ciências do mar, o trabalho das comissões de pescarias pautou-se por uma articulação de perspectivas entre os próprios actores económicos do sector e pela tentativa de dotar a administração pública de informação científica. Atentos aos direitos de propriedade sobre os recursos vivos do mar e dos rios, o Estado e uma pequena elite científica reagem de forma expedita aos conflitos entre pescadores e concessionários de pescas e piscicultura preocupam-se em

regular pela ciência e pelo direito a questão dos arrastos. O estudo das espécies haliêuticas de maior importância comercial e a avaliação rudimentar da biomassa foram passos de gigante. Despontava uma consciência sobre a gestão equilibrada das pescas e acerca da exploração sustentável dos recursos biológicos.

Esquecidos os contributos da geração de Baldaque da Silva e quebrada a sua herança por incapacidade reformista do Estado português, para trás ficara um período de grande riqueza no entendimento das pescas como "indústria científica". A ideia de que a pesca deveria ser regulada e protegida a partir de direitos de propriedade limitados e apoiados numa base científica construída com as comunidades locais não teria continuidade. Na viragem do século XIX para o século XX fora preciso encontrar soluções para reduzir a dimensão predatória das pescas, em especial das artes fixas e móveis usadas junto à costa na captura da sardinha. Foi esse o problema concreto que induziu a mudança das normas de propriedade e acesso. O uso das armações à valenciana, primeiro, e a introdução das traineiras com redes de cercar para bordo, mais tarde, aumentou muito a produtividade da pesca da sardinha, mas acendeu as disputas entre pescadores. Não por acaso, os dispositivos de regulação mais comuns na vasta legislação produzida nessa época são as interdições de captura em períodos de desova de certas espécies, a limitação das concessões de direitos de captura e a proibição do uso de redes varredouras que se haviam generalizado nas pescas junto à costa<sup>7</sup>.

O incremento de processos intensivos de exploração deu lugar a medidas artificiais de repovoamento das águas, sobretudo de bivalves e ostras. Em períodos de falta de pescado, os legisladores enunciam intenções de ordem ecológica: conservar os fundos marinhos e comedouros das águas costeiras e estuarinas e conciliar a defesa dos recursos naturais com o rendimento económico da classe piscatória. De forma rudimentar e sem auxílio de modelos formais, insinuava-se uma socio-economia das pescas.

---

<sup>7</sup> Ver Luís Martins, "Baldaque da Silva e a identificação das Comunidades Costeiras", in *Etnográfica*, vol. I, nº 2, 1997, pp. 271-293.

## Dinâmicas científicas e regulação das pescas no começo do século XX

No começo do século XX, o problema da jurisdição e do acesso aos espaços de pesca ao longo da costa portuguesa, especialmente nas áreas de instalação de artes fixas para a captura da sardinha e atum, já se colocava para as artes móveis dos galeões, cujas capacidades de pesca inundavam as lotas portuguesas de "peixe espanhol". Estes navios de pesca perseguiram o peixe e calavam as redes em conflito com as armações valencianas e redondas (artes fixas ou sedentárias para a pesca da sardinha) e com as armações atuneiras.

Durante a República (1910-1926), e sobretudo nas primeiras décadas do Estado Novo, o governo científico das pescarias tornou-se uma relíquia de finais de Oitocentos. Esse período virtuoso fora obra de uma plêiade ilustrada, monárquica, mas também maçónica, que teimara em construir uma política de pescas comprometida com a ciência e assente na codificação do acesso aos recursos.

No domínio da cooperação internacional aplicada à gestão das pescas, por esses anos a única notícia importante foi a adesão de Portugal ao ICES (International Council for the Exploitation of the Seas), em 1920, juntamente com a França. Estabelecido em 1902, o ICES foi o primeiro organismo intergovernamental erguido segundo uma perspectiva moderna das ciências do mar, ligando a biologia das pescas à oceanografia física. Devido ao alarme suscitado pelo colapso das pescas industriais no Mar do Norte, um grupo de oito países tomou a iniciativa de criar um organismo internacional dedicado aos estudos de hidrografia e dinâmica das populações biológicas. Os programas de investigação do ICES influenciam até hoje a gestão das pescas no Atlântico Norte e constituem a primeira fonte de pareceres científicos da Política Comum de Pescas da União Europeia.

Salvo o labor científico da Estação de Biologia Marítima, a partir de 1921, e exceptuando os trabalhos do médico Alfredo de Magalhães Ramalho (1894-1959), que dirigiu diversos cruzeiros científicos no *Albacora*, só na década de cinquenta algum esforço de desenvolvimento de uma ciência das pescas seria retomado, ainda que timidamente. O labor de Magalhães Ramalho foi importante na medida em que articulou os parâmetros físicos e

químicos das águas costeiras portuguesas com a biologia da sardinha. Combinando conhecimentos de oceanografia com uma biologia piscatória incipiente, abriu caminho aos estudos de dinâmica das populações. Até às primeiras décadas do século XX, apesar do interesse que economistas como Alfred Marshall haviam dedicado à relação entre recursos naturais e renda, não havia modelos formais que articulassem os dados biológicos com as variáveis económicas e temporais. As primeiras determinações da "produção óptima" de recursos surgem nos anos trinta em revistas científicas de Economia, mas não têm ecos em Portugal. As distâncias entre biólogos e economistas eram tremendas e o diálogo muito raro.

## Mudanças externas, ciência e diplomacia após a II Guerra Mundial

Só depois da II Guerra Mundial houve mudanças externas significativas que provocaram alguma adaptação nas políticas autárquicas conduzidas pela oligarquia corporativa das pescas do Estado Novo. O governo científico das pescas voltou a estar na ordem do dia e obrigou o Estado a reagir, estimulado por um ambiente de expansão e crescimento à escala internacional.

A redução drástica da actividade pesqueira durante os anos bélicos e o conseqüente recuo da pressão sobre os recursos naturais conjugavam-se no tempo com uma procura brutal de alimentos de origem marinha. O crescimento demográfico, a crise alimentar mundial e o papel de estudo e diplomacia da Divisão de Pescas da FAO internacionalizaram esses problemas e estimularam o aparecimento de uma bioeconomia das pescas<sup>8</sup>.

Até meados da década de sessenta, as pescas mundiais estiveram em acelerada expansão. Segundo os dados da FAO, em 1965 o volume mundial de capturas excedia em mais de 50% a produção de 1955. Países houve, em especial os da CEE a oito, que numa década duplicaram a

---

8 Para uma síntese das mudanças externas que ocorreram nas pescas mundiais depois da II Guerra Mundial, com largos reflexos na alteração dos direitos de propriedade sobre os espaços e recursos marinhos, ver Álvaro Garrido, *Economia e Política das Pescas*, Lisboa, ICS, 2006, pp, 28 e ss.

produção primária de pescado<sup>9</sup>. Depressa se notou que, em vastas zonas do Oceano, a regeneração natural das populações biológicas não suportava o ritmo de crescimento do esforço de pesca exercido sobre diversas espécies. Confirmavam-se os alertas do biólogo inglês Edward S. Russel, director do prestigiado laboratório de pescas de Lowestoft, na sua obra mundialmente difundida, *O Problema da Sobrepesca*, cuja tradução portuguesa saiu em 1943, por iniciativa de Alfredo de Magalhães Ramalho<sup>10</sup>. A grande batalha de Russel consistia em provar que o peixe é um recurso internacional e um bem público finito (*common*). Na sua obra seminal defendia que uma pescaria ilimitada tende a tornar-se não-lucrativa e, por isso, as pescas exigem cooperação científica internacional e gestão comum de normas de propriedade.

Daí a necessidade de institucionalização de direitos de propriedade equivalentes a normas de apropriação privada, ainda que reguladas publicamente: quotas, licenças, defesos, tamanhos mínimos de captura, malhagens das redes. Foram esses os problemas fundamentais debatidos na pioneira Conferência de Londres, realizada em 1946. Dela saiu a Convenção Internacional de Sobrepesca que Portugal subcreveu em Março de 1948.

Nos anos cinquenta surgem os primeiros trabalhos que introduzem os aspectos biológicos e económicos das pescas num corpo teórico homogéneo. Nasce a economia pesqueira moderna destinada a regular um sistema de direitos de propriedade capaz de proteger os Estados costeiros e de observar compromissos multilaterais. Basicamente, os modelos de H. S. Gordon (1954), A. D. Scott (1955) e M. B. Schaefer (1954 e 1957), mais tarde reforçados pelo célebre alerta de Garret Hardin (*The Tragedy of the Commons*, 1968), aplicam a análise económica neoclássica ao estudo dos recursos naturais renováveis, mas introduzem nesses teoremas variáveis biológicas e dilemas comportamentais. Procuravam-se modelos básicos para uma gestão externa das pescas comerciais de forma a evitar

o problema da sobreexploração, que tenderia a agravar-se em regimes de propriedade comum e de livre acesso aos recursos. De então por diante, as pescas mundiais ficariam sujeitas a medidas extensivas de gestão. Enquanto pôde, Portugal ficou praticamente à margem destes avanços<sup>11</sup>.

A análise microeconómica desses autores de referência, em especial a de Gordon e Scott, já incorporava a questão fundamental do regime de propriedade dos recursos renováveis, a sustentabilidade. Eram, porém, modelos estáticos cuja análise bioeconómica perdurou até aos anos setenta, a ponto de exercer profunda influência na política de pescas canadiana e norte-americana e nos organismos internacionais.

Do lado da biologia piscatória, os avanços centravam-se na construção de modelos estatísticos de dinâmica das populações. Entre essas tentativas pontificou o estudo de Raymond Beverton e Sidney Holt, *On the Dynamics of Exploited Fish Populations* (1957). Os modelos de base matemática aplicados à análise bioeconómica das pescarias ganham novo impulso com a crise energética dos anos setenta. Nesse contexto tomaram vantagem as teorias do "controlo óptimo" dos recursos naturais renováveis. A infinita criatividade desses instrumentos analíticos e a preocupação de incorporar na teoria variáveis de incerteza e aleatoriedade acabariam por criar barreiras de diálogo difíceis de transpor, como hoje se verifica em vários organismos internacionais<sup>12</sup>.

Nos anos do pós-guerra, o problema da sobre-exploração dos recursos da pesca apelava à construção de modelos de governação de base multilateral para aplicação em regiões oceânicas convencionadas, onde actuavam organizações regionais de pesca de natureza intergovernamental. Nas décadas de cinquenta e sessenta, o

9 *Pescas em Portugal, 1986-1996*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística/Direcção-Geral das Pescas e Aquicultura, 1998, pp. 36-64.

10 Ver E. S. Russel, *O problema da sobrepesca*, Estação de Biologia Marítima, Lisboa, 1943.

11 Ver A. Garrido, *Economia e Política das Pescas*, cit., pp. 87 e ss.

12 Para uma contextualização institucionalista dos avanços da bioeconomia das pescas após a II Guerra Mundial na sua relação com os direitos de propriedade, ver Fernando González Laxe, "La nueva territorialización de la pesca y los organismos internacionales", in *Cuadernos de Información Económica*, nº 188, Setembro-Outubro de 2005, pp. 184-201; A. Garrido, *As Pescas em Portugal*, cit., pp. 43 e ss.

ICES, a ICNAF (International Commission of the Northwest Atlantic Fisheries, a actual NAFO) e a NEAFC (North East Atlantic Fisheries Commission) já trabalhavam como organismos regionais e centros de pesquisa. Trocavam alguma informação e desenvolviam programas de investigação sobre dinâmica das populações biológicas no sentido de aconselharem os governos a alcançar pescarias eficientes e produtivas<sup>13</sup>. Foi importante, neste contexto, o papel de incentivo de FAO à criação de indicadores capazes de alimentar estatísticas internacionais que servissem a biologia das pescas. Mais tarde, também o Comité de Pescas da OCDE deu um impulso importante aos estudos técnicos e económicos sobre as pescas marítimas mundiais.

Embora Portugal tenha integrado os principais organismos internacionais de governação das pescas criados no pós-guerra e ainda que tenha acompanhado as mudanças do Direito do Mar, o país ficou à margem do movimento de descoberta e afirmação da moderna Economia das Pescas<sup>14</sup>. Em defesa das pescas longínquas e para salvaguarda do abastecimento, a organização corporativa, os Negócios Estrangeiros e a Marinha mobilizam grupos negociais que defendem com eficácia os interesses portugueses, mas sem implicações significativas no campo da investigação e dos modelos de decisão.

Os estudos de dinâmica de populações, as estimativas de evolução natural das reservas biológicas e a medição de flutuações cíclicas de recursos tão importantes como a sardinha são, assim, práticas tardias e intermitentes. O acolhimento desses métodos e a sua tradução em programas concretos de investigação pública revelam-se processos frágeis e reactivos. Salvo pequenas excepções, o vanguardismo da diplomacia portuguesa e o voluntarismo internacionalista que a animou não encontraram seguimento no trabalho de investigação e planeamento que esses compromissos exigiam.

---

13 Ver Fernando González Laxe, "La nueva territorialización de la pesca y los organismos internacionales", in *Cuadernos de Información Económica*, nº 188, Setembro-Outubro de 2005, pp. 184-192.

14 Analisámos detidamente esta contradição institucional em A. Garrido, *Economia e Política das Pescas*, cit., pp. 87 e ss.

Apesar do esforço precoce de homens como Magalhães Ramalho no sentido de orientar as estatísticas das pescas num sentido biológico e, já em democracia, apesar do esforço do INIP/IPIMAR para recuperar o tempo perdido, as pescas portuguesas raramente dispuseram de uma base científica moderna ou de conhecimento científico provisional. O grande problema, porém, residiu sempre na gestão da actividade pesqueira. Às insuficiências do sistema científico juntou-se uma administração frágil e apoiada num quadro institucional incipiente. E só esses sedimentos poderiam suportar hábitos de planeamento e políticas de longo prazo.

Os pressupostos da Política Comum de Pescas da Comunidade Europeia e os seus principais dispositivos de regulação haviam de colocar a nu essas debilidades obrigando a administração portuguesa a reagir. Parcialmente inspirada no corpo teórico da bioeconomia da pesca, a Política Comum veio instituir mecanismos de regulação assentes na ideia de que a exploração dos recursos em regime de livre acesso – referência que a III Conferência das Nações Unidas de Direito do Mar abandonou – é economicamente ineficiente, havendo necessidade de introduzir formas de limitação do uso dos recursos. As licenças e quotas foram as formas de controlo do esforço de pesca mais adoptadas pelos Estados e organismos internacionais para regular os direitos de propriedade sobre os recursos vivos de origem oceânica. Tais dispositivos de regulação incidem directamente nos factores de produção, impondo limitações sobre os índices de captura. Daí a sua prevalência.

Entre os anos trinta e setenta do século XX, os serviços de fomento marítimo da Direcção-Geral de Marinha incluíram, porém, uns poucos organismos consultivos e de investigação das pescas. Neles pontificou um grupo de oficiais da Armada com uma carreira naval de feição técnica e científica, entre os quais se fizeram notar os engenheiros hidrógrafos. Desses organismos cabe destacar o Instituto de Biologia Marítima. Criado em 1950, era um prolongamento da antiga Estação de Biologia Marítima, dependente do Aquário Vasco da Gama. Esse pequeno lugar de ciência foi vocacionado para o estudo, detecção e cartografia dos recursos haliêuticos da costa portuguesa, em particular da sardinha e da ostreicultura. O crescimento da produção de ostras foi intenso nos anos sessenta, chegando a ultrapassar as dez mil toneladas anuais, caindo cerca de dez anos depois, devido à poluição dos estuários do Sado e do Tejo.

Herdeiro da antiga estação de Biologia Marítima, o Instituto contribuiu para a formação da moderna geração de biólogos do mar, sob impulso de Alfredo de Magalhães Ramalho. Não havia estudos de produção nem ensaios de bioceanologia, formação que uns poucos jovens cientistas foram obter ao prestigiado laboratório inglês de Lowestoft e prosseguiram nas colónias.

A criação da ICNAF, em 1949, e a pronta adesão de Portugal a esse organismo de gestão multilateral das pescarias do bacalhau colocaram a esse ramo da pesca longínqua portuguesa os primeiros desafios e constrangimentos de regulação externa<sup>15</sup>. O Atlântico Norte e Noroeste é uma área oceânica altamente produtiva, mas intensamente explorada. Em 1952, o Governo português autoriza a constituição da Comissão Consultiva Nacional da ICNAF na dependência do Instituto de Biologia Marítima. A acção desse órgão técnico das pescas nacionais implicou compromissos de gestão multilateral das pescarias do bacalhau e espécies afins, a participação de biólogos portugueses em programas internacionais de amostragem da espécie – coordenados pelo jovem cientista Mário Ruivo –, a apresentação de estatísticas sobre o esforço de pesca da frota nacional e o seu confronto com as dos demais Estados membros<sup>16</sup>. Já os departamentos públicos de estudo das tecnologias de pesca foram muito raros em Portugal e daí resultaram bloqueios à modernização do sector. Em 1952, foi instalado na dependência da Organização Corporativa o Gabinete de Estudos das Pescas.

O papel da plêiade de oficiais da Armada que chefiou e dirigiu alguns dos novos organismos de investigação das pescas foi relevante, embora insuficiente para compensar a falta de biólogos e de cientistas do mar nas universidades portuguesas. Os engenheiros da Marinha oriundos dos serviços de hidrografia e cartografia ocuparam quase todos os cargos dirigentes nos organismos consultivos das pescas.

Nas colónias africanas, à margem do que se passava em Portugal continental, evoluiu a experiência mais avançada de investigação aplicada às pescas. As Missões de Bioceanologia e Pescas de Angola e Moçambique, organizadas pelo Centro de Biologia Piscatória e pela Missão de Biologia Marítima, ambos dependentes da Junta de Investigações do Ultramar, foram muito importantes para a formação de jovens quadros. Tinham dinamismo e foram os primeiros, em território português, a fazer Oceanografia Biológica. As missões privilegiavam os estudos de Ictiologia e os inquéritos de populações biológicas. Dava-se continuidade à melhor tradição naturalista. Do porto do Lobito saíam regularmente dois navios de pesquisa, a traineira *Sardinella* e, mais tarde, o arrastão *Goa*.

Em 1960 foi também criado o Instituto das Indústrias de Pescas de Angola, com sede em Luanda, longe dos centros de produção pesqueira. O levantamento exaustivo da fauna e flora marítimas e o fomento das pescarias no ultramar português, em especial na costa angolana a sul de Benguela, tornaram-se ainda mais relevantes nos anos finais do império africano. Apesar dos constrangimentos políticos e da carência de meios financeiros que sempre enfrentaram, os organismos técnicos e de consulta das pescas criados depois da Segunda Guerra Mundial permitiram um espaço mínimo de abertura à investigação marinha e à cooperação internacional no domínio científico.

### **Do fim da autarcia à adesão à Comunidade Europeia**

O tempo que correu entre a Revolução de Abril de 1974 e a adesão de Portugal à CEE, em 1986, foi muito instável e de profundos desafios para as pescas em Portugal. Foi curto o tempo e muito amplas as mudanças. No plano externo, as transformações expressas na Convenção das Nações Unidas sobre Direito do Mar reconhecem o movimento de criação de zonas económicas exclusivas e conjugam-se no tempo com a inclusão de Portugal na Política Comum de Pescas. Jamais se poderia pescar onde se quisesse, como se quisesse e o que se pudesse; direitos de propriedade altamente regulados e restritivos vieram para ficar. O parecer científico, a acção dos organismos internacionais de natureza multilateral e

15 Ver A. Garrido, "Science, Law and Diplomacy in the Portuguese Fisheries Management, 1948-1977", *e-Journal of Portuguese History*, vol. III, n. 2, Winter 2005, pp. 73-94.

16 Ver A. Garrido, *Economia e Política das Pescas*, cit., pp. 49 e ss.

as normas de Direito público geram uma biopolítica dos recursos que condiciona as decisões dos Estados e dos agentes económicos.

Bruscamente, nuns poucos anos conjugam-se três circunstâncias de grande impacto, de ordem interna e externa: sentem-se os efeitos da crise petrolífera de 1973, em especial no custo dos factores das pescas industriais e longínquas; cai a organização corporativa e recua a influência da Marinha; dá-se a participação de Portugal na III Conferência das Nações Unidas de Direito do Mar e afirma-se um movimento internacional de criação de zonas económicas exclusivas que altera radicalmente o enquadramento externo das pescas. Poucos anos depois, uma vez mais sob pressão das circunstâncias, as pescas portuguesas conhecem a mudança mais sistémica e contundente de que há memória no sector: a integração na Comunidade Económica Europeia.

Através da Lei nº 33/77, de 28 de Maio, Portugal estabelecia uma ZEE de duzentas milhas náuticas e fixava a largura do mar territorial em doze milhas. Contando com uma área de 1700000 km<sup>2</sup>, dezasseite vezes superior à superfície terrestre do país, a ZEE portuguesa era das mais extensas da Europa. No Governo e na imprensa, a opção unilateral de assumir direitos soberanos de exploração dos recursos numa vasta área oceânica foi justificada com argumentos claros: relançar o sector da pesca numa dupla perspectiva de protecção dos recursos e de defesa dos interesses das populações litorâneas.

Num ambiente de “nacionalismo internacionalista”, o retorno a um conceito amplo de Estado costeiro era tão desejável quanto inevitável. Colocava-se, porém, a questão das capacidades endógenas, ou das competências políticas e técnicas capazes de definir e implementar sistemas de gestão adequados. A grande tarefa consistia em fazer valer os direitos e deveres do Estado português relativamente às áreas marítimas sob a sua jurisdição, especialmente quanto aos recursos vivos<sup>17</sup>. Colocava-se também o problema da fiscalização das águas sob jurisdição portuguesa para fazer valer os regulamentos de pesca e garantir a conservação dos recursos.

Antes de se conhecer o desfecho da III Conferência das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, já 38 Estados haviam estendido o limite das respectivas áreas de jurisdição marítima muito além das doze milhas. A Islândia fora o primeiro e único país europeu a fazê-lo antes de Portugal. Os islandeses tomaram essa decisão unilateral em 1972, reabrindo uma aparatosa “guerra do bacalhau” com o Reino Unido. Seguiram-se a Índia, diversos países africanos, da América do Sul e central e do sudeste asiático. A China, o Canadá e todos os países da CEE esperaram por 1977. Em 1981, quase todos os Estados costeiros do mundo bordejados por mar aberto tinham alargado as suas jurisdições para as duzentas milhas.

Em 1982, encerrada a III Conferência das Nações Unidas sobre Direito do Mar, a prática unilateral de implantação de zonas económicas exclusivas de duzentas milhas ficou legitimada e regulada. O artigo 56º da Lei do Mar deixava claro que a ZEE é um conceito jurídico de natureza *funcional*. Ao Estado costeiro reconhecem-se direitos exclusivos de exploração, conservação e administração de todos os recursos naturais, vivos e não-vivos, da coluna de água, do solo e subsolo marinhos. Não se trata de uma soberania plena, tal como sucedia com o mar territorial.

As mudanças associadas ao movimento internacional de criação de zonas económicas exclusivas vieram alterar profundamente a fisionomia global das pescas em águas distantes. Segundo dados da FAO, em 1987 a produção agregada do segmento das frotas longínquas no conjunto da pesca marítima mundial era de 17% do total; dez anos depois não excedia os 5%<sup>18</sup>. A queda foi uma consequência directa desse movimento de apropriação dos recursos oceânicos e do empobrecimento dos grandes pesqueiros, mas também se ficou a dever ao desmantelamento da imensa frota soviética. Entre os países cujas frotas de pesca se destacavam em termos de tonelagem total, todos entraram em declínio no começo da década de oitenta. A nível global, calcula-se que as manchas oceânicas engolidas pelas zonas económicas exclusivas tenham diminuído em 30% a superfície oceânica acessível aos barcos e navios de países terceiros<sup>19</sup>.

17 Ver Maria Eduarda Gonçalves, *A Política Comum de Pesca da Comunidade Económica Europeia. Um exemplo de dinâmica comunitária no contexto internacional*, Lisboa, Moraes Editores, 1983, p. 43 e ss.

18 F. González Laxe (ed.), *Lecciones de Economía Pesquera*, Corunha, Netbiblo/Instituto Universitario de Estudios Marítimos, 2008, pp. 11-13.

19 M. de Sousa Vasconcelos, *ob. cit.*, pp. 78 e ss.

Entretanto, actuando quase ao mesmo tempo, as perspectivas de adesão de Portugal à CEE e a aplicação das políticas comunitárias às pescas portuguesas trouxeram novas implicações. Uma delas relacionava-se com a avaliação das capacidades do país – Administração Pública, Marinha, pescadores e cadeia de valor da pesca – para explorar e gerir a ZEE. Adoptada enquanto decorriam as negociações de Montego Bay, a ZEE portuguesa passou a estar integrada na zona de pesca comunitária em 1986.

Embora aprovada na era do internacionalismo e da diplomacia multilateral, poucos anos antes da globalização ser uma evidência, a III Conferência das Nações Unidas sobre Direito do Mar declarou o Oceano “património comum da humanidade” ou “bem comum”. Ainda assim, não deixou de reconhecer jurisdições nacionais ampliadas, nem tão-pouco o retrocesso de espaços comuns como o alto-mar e os fundos marinhos. O processo traduzia uma resposta previsível dos Estados costeiros aos abusos das frotas de países terceiros. Mais internacional e regulada do que nunca, a gestão das pescas também se *nacionalizava*, na medida em que se ampliaram os direitos jurisdicionais dos Estados costeiros sobre os recursos oceânicos.

## Anexo 1

### Pesca desembarcada em portos portugueses, milhares de toneladas (1938-1985)

Anos	Sardinha	Bacalhau	Outras espécies*	Total
1938	114	15	88	217
1939	88	19	94	201
1940	98	21	77	196
1941	77	21	95	193
1942	82	21	98	201
1943	134	23	97	254
1944	129	25	97	251
1945	109	28	107	244
1946	108	31	121	260
1947	98	34	99	231
1948	79	35	107	221
1949	59	44	112	215
1950	83	51	97	231
1951	79	49	107	235
1952	90	53	114	257
1953	97	66	134	297
1954	113	65	132	310
1955	92	69	129	290
1956	100	75	150	325
1957	113	68	155	336
1958	132	60	161	353
1959	121	53	157	331
1960	139	62	154	355
1961	139	66	169	374
1962	130	73	180	383
1963	119	77	188	384
1964	164	70	200	434
1965	138	66	221	425
1966	125	66	183	374
1967	115	86	218	419
1968	80	79	207	366
1969	64	63	207	334
1970	69	66	230	365
1971	85	57	206	348
1972	88	50	205	343
1973	101	47	227	375
1974	75	49	173	297
1975	95	39	151	285
1976	79	40	168	287
1977	80	35	184	299
1978	84	30	172	286
1979	91	23	153	267
1980	107	19	150	276
1981	114	15	146	275
1982	101	9	148	258
1983	86	40	118	244
1984	95	14	174	283
1985	111	17	187	315

Fontes: Estatística do INE; Estatística das Pescas Marítimas no Continente e nas Ilhas Adjacentes.

\*Outras espécies: inclui atum, pescada e diversas espécies de “peixe grosso”, crustáceos, moluscos e cetáceos.

## BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, Inês, "A construção de uma identidade: pescador/pescadores. Cultivar o mar é uma coisa – é ofício de pescadores; explorar o mar é outra coisa – é ofício de industriais" (31 de Agosto de 1921", in I. Amorim (coord.), *Qualificações, Memórias e Identidades de Trabalho*, Lisboa, IEFP, 2002, pp. 293-321.
- "A organização dos Serviços de Pescas e da Aquacultura e as iniciativas de instrução científico-técnica. Século XII a inícios do século XX", in *Mare Liberum*, 2001, pp. 123-164.
- BESANÇON, Jacques, *Géographie de la Pêche*, Paris, Gallimard, 1965.
- BRANDÃO, Raul, *Os Pescadores*, Lisboa, Ulisseia, 1995 [1921].
- BRITO, Raquel Soeiro de (dir.), *Portugal. Perfil Geográfico*, Lisboa, Referência/Editorial Estampa, 1997.
- GARRIDO, Álvaro, *Economia e Política das Pescas Portuguesas. Ciência, Direito e Diplomacia nas Pescarias do Bacalhau*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2006.
- *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*, 2ª ed., Lisboa, Círculo de Leitores/Temas & Debates, 2010.
- *As Pescas em Portugal*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018.
- GIL, Maria Dolores Garza (coord.), *La actividad pesquera mundial. Una revision por países*, Corunha, Netbiblo/Instituto Universitario de Estudios Marítimos, 2007.
- GONÇALVES, Maria Eduarda, *A Política Comum de Pesca da Comunidade Económica Europeia. Um exemplo de dinâmica comunitária no contexto internacional*, Lisboa, Moraes Editores, 1983.
- GORDON, H. Scott, "The economic theory of a common-property resource: the fishery", in *The Journal of Political Economy*, vol. LXII, 62, 1954.
- HARDIN, Garret, "The Tragedy of the Commons", in *Science*, nº 162, 1968, pp. 1243-1248.
- HOLM, Paul; STARKEY, David (eds.), *Technological Change in the North Atlantic Fisheries, Studia Atlantica*, nº 3, 1999.
- LAXE, Fernando González (ed.), *Lecciones de Economía Pesquera*, Corunha, Netbiblo/Instituto Universitario de Estudios Marítimos, 2008.
- "La nueva territorialización de la pesca y los organismos internacionales", in *Cuadernos de Información Económica*, nº 188, Setembro-Outubro de 2005, pp. 184-201.
- MADUREIRA, Nuno Luís; AMORIM, Inês (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações: as pescas*, Lisboa, Celta, 2001.
- MARTINS, Luís, "Mares electrónicos em fundos sem peixe: um estudo de caso na Póvoa de Varzim e nas Caxinas", *Etnográfica*, vol. III, nº 2, 1999, pp. 235-270.
- MONIZ, A. Brandão; GODINHO, M. Mira; KOVÁCS, Ilona (org.), *Pescas e Pescadores — futuros para o emprego e os recursos*, Oeiras, Celta Editora, 2000.
- MOREIRA, Carlos Diogo, *Populações Marítimas em Portugal*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1987.
- O Oceano nosso Futuro - o Relatório da Comissão Mundial Independente para os Oceanos*, Lisboa, Expo 98/Fundação Mário Soares, 1998.
- OSTROM, Elinor, *Governing the Commons. The Evolution of Institutions for Collective Action*, Cambridge, Cambridge University Press, 2015.
- Pescas em Portugal, 1986-1996*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística/Direcção-Geral das Pescas e Aquicultura, 1998.
- RIVERO, Giraldez Jesús, *Crecimiento y Transformación del Sector Pesquero Gallego (1880-1936)*, Madrid, Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, 1996.
- RUSSEL, Edward R., *O Problema da Sobrepesca*, Lisboa, Estação de Biologia Marítima, 1943 [tradução de Alfredo de Magalhães Ramalho].

SILVA, A. A. Baldaque da, *Estado Actual das Pescas em Portugal, Compreendendo a Pesca Marítima, Fluvial e Lacustre em todo o Continente do Reino, Referido no Anno de 1886*, Lisboa, Imprensa Régia, 1891.

- *Relatório sobre a pesca marítima nas águas de Peniche, Berlenga, Estellas e Farilhões*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1889.

STARKEY, David; HEIDBRINK, Ingo (eds.), *A History of the North Atlantic Fisheries. From the 1850s to the Early Twenty-First Century*, vol. 2, Bremen, Verlag H. M. Hauschild GmbH, 2012.

STARKEY, David; REID, Chris; ASHCROFT, Neil (eds.), *England's Sea Fisheries — The Commercial Sea Fisheries of England and Wales since 1300*, London, Chatham Publishing, 2000.

VASCONCELOS, Marcelo de Sousa, *A Condição Humana e os Oceanos*. Breviário de Meditação, Lisboa, IPIMAR, 2002.

# **STOCK IBÉRICO DA SARDINHA:**

Susana Garrido e Laura Wise\*

## **Da BIOLOGIA à GESTÃO Das PESCAS**

\*IPMA

A sardinha europeia (*Sardina pilchardus*) é um pequeno peixe pelágico de vida curta que tem uma ampla distribuição no Atlântico Nordeste, desde o Mar do Norte ao Senegal, nas ilhas da Madeira, Açores e Canárias, e também no Mar Mediterrâneo. A abundância desta espécie é especialmente elevada na costa Atlântica de Marrocos com capturas médias de 600 mil toneladas que contribuem com cerca de 70% do peixe desembarcado nessa região. A segunda área com maior abundância de sardinha é em águas Ibero-Atlânticas, cuja abundância média rondava as 100 mil toneladas até 2006, quando ocorreu um importante declínio de abundância que se tem verificado na última década.

Na costa portuguesa, a reprodução da sardinha ocorre ao longo da plataforma continental durante um período alargado (de outubro a abril) sendo mais intensa entre dezembro e fevereiro. A reprodução envolve fecundação externa e a sobrevivência dos ovos está muito dependente da temperatura, sendo maior entre os 12 e os 17°C. Cada fêmea emite um conjunto de ovos cerca de uma vez por semana ao longo de toda a época de desova. Os ovos são pelágicos (flutuam ao sabor das correntes) e desenvolvem-se durante 3-4 dias. Dos ovos eclode uma larva com cerca de 3-5 mm de comprimento em que apenas uma reduzida parte sobrevive até à fase juvenil. As larvas vão crescendo ao longo de cerca de 40 dias até atingirem 3-4 cm de comprimento, quando adquirem o aspeto típico da sardinha (juvenil). A transição para adulto (primeira reprodução) ocorre quando a sardinha atinge 1 ano de idade e cerca de 14 cm de comprimento total. O crescimento da sardinha é muito rápido, podendo atingir cerca de 90% do comprimento máximo durante os dois primeiros anos de vida. Apesar da longevidade da sardinha poder atingir 14 anos, na costa portuguesa são comuns as sardinhas mais jovens (até 6-7 anos). A área mais importante para o desenvolvimento das sardinhas jovens em águas Atlântico-ibéricas é na costa noroeste de Portugal, seguido do Golfo de Cádiz. Como resultado disso, a maioria dos peixes com menos de 1 ano estão concentrados nessas áreas enquanto os peixes mais velhos (acima dos 5 anos) se concentram maioritariamente no Cantábrico e também no sudoeste de Portugal. A variabilidade das condições oceanográficas, tal como a temperatura, salinidade, correntes e disponibilidade alimentar, são considerados

os principais fatores que influenciam a dinâmica das populações de pequenos pelágicos como a sardinha, afetando a sobrevivência e dispersão larvares e ainda o potencial reprodutivo dos adultos.

Pensa-se que a variabilidade das condições ambientais que influencia a sobrevivência na fase larvar é a principal causa das flutuações interanuais de abundância observadas nesta espécie. As flutuações da abundância da sardinha refletem variações no recrutamento, isto é, na quantidade de jovens sardinhas que é acrescentada ao stock anualmente. Um ano de bom recrutamento pode recuperar o recurso, mas a sua ocorrência é difícil de prever. É necessário um conhecimento aprofundado dos mecanismos que governam essas flutuações de forma a poder contribuir para uma gestão efetiva das unidades populacionais de peixes pelágicos, em particular da sardinha. Dadas estas enormes flutuações é muito importante regular as pescas para garantir a sustentabilidade a longo prazo destes recursos. A pesca da sardinha é realizada exclusivamente para consumo humano.

A sardinha portuguesa é um recurso selvagem que constitui um alimento saudável para o Homem, rico em ómega 3, com um impacto positivo no sistema cardiovascular e na regeneração das células nervosas. A sardinha é principalmente capturada com a arte do cerco (98%), estando, no entanto, presente em quantidades diminutas nas capturas de outras artes como o arrasto e as redes de emalhar. A pesca da sardinha é uma atividade ancestral com registo desde o tempo dos Fenícios. Nessa época já era conservada com sal e transportada em ânforas para o império romano. A indústria da pesca da sardinha ocupou sempre lugar predominante entre as pescas nacionais, pelo volume do pescado desembarcado para o abastecimento do país e, mais tarde, com o desenvolvimento dos métodos de conservação, como fornecedora de matéria prima para uma das maiores indústrias de exportação portuguesa, ou seja, as conservas.

Hoje em dia a pesca de sardinha é realizada com embarcações, com um comprimento médio de cerca de 20 m, utilizando arte de cerco, uma arte não destrutiva dos fundos marinhos, ou em pequenas embarcações polivalentes com comprimento fora a fora inferior a 12 m. Esta é uma atividade importante em termos económicos a nível local, realizada por mais de

180 embarcações que movimentam cerca de 2000 pescadores. É o suporte económico de pequenas comunidades piscatórias localizadas ao longo das costas ocidental e do Algarve. A pesca da sardinha tem um importante papel social, constituindo um fator de fixação de populações. A importância real deste sector é muito superior à sua dimensão socioeconómica, sendo uma atividade fortemente enraizada na cultura de muitas comunidades que mantêm uma ocupação territorial secular, repleta de tradição e de património histórico e imaterial, constituindo, por isso, fatores e valores de identidade territorial que devem ser preservados.

A sardinha fresca é consumida durante o verão, especialmente quando se celebram os "Santos Populares". Fora deste período o consumo é feito sob a forma de conserva. Cerca de 20 fábricas que empregam aproximadamente 3500 trabalhadores, produzem 13 mil toneladas (55 milhões de Euros) de conservas por ano, essencialmente para exportação. A sardinha corresponde para algumas destas fábricas a cerca de 50% da sua produção. Em termos de gestão de pesca desde 1980 que se considera que a sardinha das águas portuguesas pertence ao stock Ibero-Atlântico, que abrange a área entre a fronteira Franco-Espanhola na Baía da Biscaia a norte e o Estreito de Gibraltar a sul.

Como organismo científico consultivo da Comunidade Europeia, o Conselho Internacional para a Exploração do Mar (CIEM) é responsável pela emissão anual de pareceres científicos sobre o estado do recurso sardinha, mais concretamente sobre o stock ibérico de sardinha. A avaliação do estado de exploração deste stock é realizada anualmente pelo Grupo de Trabalho do CIEM para o estudo do carapau, biqueirão e sardinha (WGHANSA). Neste grupo participam investigadores de Portugal (Instituto Português do Mar e da Atmosfera, IPMA I.P., Laboratório de Estado), investigadores de Espanha (Instituto Español de Oceanografía, IEO e AZTI), investigadores de França (Institut Français de Recherche pour l'Exploitation de la Mer, IFREMER) e britânicos (Center for Environment, Fisheries & Aquaculture Science, CEFAS).

Face à avaliação do estado de exploração do stock, o CIEM emite um parecer científico sobre as possibilidades de captura da sardinha para o ano seguinte. A regra de aconselhamento

aplicada no desenvolvimento do aconselhamento científico sobre as oportunidades de pesca depende das estratégias de gestão de capturas acordadas pelas entidades relevantes, e da informação e conhecimento disponíveis para os stocks em questão. Neste momento a regra de aconselhamento aplicada pelo CIEM para o stock ibérico de sardinha é a regra de gestão de rendimento máximo sustentável (*Maximum Sustainable Yield - MSY*) que tem como base a definição de pontos de referência (definidos para cada stock) e a variabilidade natural do tamanho do stock. Estes pontos de referência dependem do regime de produtividade do stock em questão e da pressão de pesca que é exercida sobre esse mesmo stock. Para os stocks em que existe informação quantitativa disponível, como é o caso da sardinha, identifica-se um ponto de referência, nível mínimo aceitável de biomassa (Blim), como sendo um nível de biomassa abaixo do qual as biomassas observadas durante um período de anos são reduzidas e os recrutamentos associados são menores do que o recrutamento médio ou mediano.

O IPMA, I.P. com competências científicas na área avaliação do estado dos recursos e aconselhamento para a sua gestão, tem mantido registos sobre o stock Ibérico de sardinha desde meados dos anos 80. Para que o estado de exploração do stock ibérico seja anualmente avaliado, realiza-se a estimação de vários parâmetros, nomeadamente abundância, biomassa total, biomassa desovante (peso do stock correspondente aos indivíduos reprodutores), força do recrutamento (ingresso de novos peixes na fase explorada), mortalidade devido à pesca, distribuição espacial entre outros.

A monitorização do stock ibérico de sardinha do IPMA, I.P. é feita no âmbito do Programa Nacional de Amostragem Biológica (EU-DCF) e inclui a realização de campanhas de investigação a bordo de navios de investigação do IPMA, I.P. observações a bordo de embarcações da frota nacional e visitas às lotas nacionais para a recolha de dados. Sendo o stock de sardinha um stock ibérico e não nacional, as campanhas de investigação são realizadas por Portugal e por Espanha. É da responsabilidade do IPMA, I.P. conduzir as campanhas na costa portuguesa e na Baía de Cádiz enquanto o Instituto Español de Oceanografía é responsável pelas campanhas

na costa oeste da Galiza e no Mar Cantábrico. Neste âmbito são realizadas pelas duas instituições dois tipos de campanhas de investigação: campanhas de rastreio acústico de primavera, que se realizam anualmente desde 1996 e campanhas trienais do método de produção diária de ovos, que se realizam desde 1999. Os dois tipos de campanhas cobrem a subárea 9.a do CIEM (costa continental Portuguesa e Golfo de Cádiz), são co-financiadas por fundos europeus (EU-DCR) e nacionais e são coordenadas entre Portugal e Espanha no âmbito do CIEM. As campanhas de rastreio acústico visam a estimação, através do método da eco-integração, da abundância, biomassa do stock e ainda da distribuição espacial da sardinha e outras espécies pelágicas. O método de eco-integração acústica assenta numa base estatística, onde o objetivo é a estimação da abundância e da distribuição dos pequenos peixes pelágicos, nomeadamente da sardinha, com o menor erro possível. Como tal, as campanhas acústicas são planeadas e desenhadas de acordo com a informação e o conhecimento adquiridos relativamente ao recurso, nomeadamente no que respeita à sua distribuição espacial. A amostragem acústica é efetuada em cada milha náutica do percurso de rastreio acústico que, atualmente, consiste numa grelha de radiais paralelas entre si e perpendiculares à costa (a direção das radiais do trajeto acústico deve atender à direção com maior taxa de variação na densidade do peixe), espaçadas de cerca de 8 milhas náuticas, estendendo-se entre a batimétrica dos 20 metros e a dos 200 metros. O desenho amostral é sistemático e adaptativo. A pesca é oportunista e usada para amostragem biológica, para determinação da estrutura dos cardumes em termos de classe de comprimento e grupo de idades, e ainda para a identificação das espécies e repartição da energia acústica por espécies, quando não é possível fazer a distribuição desta energia de forma visual, no ecograma.

Nas campanhas mais recentes, de acordo com a disponibilidade financeira existente, o sector do cerco tem trabalhado em conjunto com o IPMA, nomeadamente na realização de pescas em zonas mais costeiras. A campanha de investigação do método de produção diária de ovos visa a estimação da biomassa desovante de sardinha durante o período em que ocorre o máximo de desova da espécie, i.e. Janeiro/Fevereiro em Portugal, e durante Março no Mar

Cantábrico. Adicionalmente, os dados recolhidos por observadores a bordo de embarcações comerciais do cerco e nas principais lotas nacionais com periodicidade semanal ou quinzenal visam a estimação das devoluções ao mar, de parâmetros biológicos como a estrutura etária da população explorada, a maturação sexual e a condição nutricional dos indivíduos.

Para além das fontes de dados atrás enunciados são igualmente utilizadas nas avaliações do estado do recurso, as estatísticas oficiais dos desembarques comerciais, fornecidos pela Direção Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos (DGRM) e pela *Secretaría General de Pesca* de Espanha. A combinação de todos estes dados permite aos investigadores avaliar a distribuição dos adultos e a proporção relativa das diferentes idades presentes, do recrutamento (a quantidade de jovens sardinhas que se junta cada ano ao stock) e dos ovos. A aplicação de modelos matemáticos, sob a égide do CIEM permite a determinação da biomassa existente e a previsão dos montantes prudentes que devem ser aplicados na fixação das capturas. Esta avaliação é independente e baseada unicamente no melhor conhecimento científico disponível. Para além das campanhas do Programa Nacional de Amostragem Biológica co-financiadas pela União Europeia, o IPMA e o IEO têm realizado campanhas adicionais cuja informação também contribui para o conhecimento da dinâmica populacional da sardinha. É o caso das campanhas JUVESAR e IBERAS realizadas durante o Outono na costa noroeste de Portugal (JUVESAR) e toda a costa ocidental da Península Ibérica (IBERAS). Nestas campanhas obtêm-se estimativas de abundância e de biomassa dos juvenis de sardinha na principal zona de recrutamento da costa portuguesa e investigam-se as potenciais causas naturais para as flutuações interanuais do stock. Informação complementar sobre a abundância e biomassa dos juvenis de sardinha é ainda obtida anualmente nas campanhas ECOCADIZ, dirigidas ao biqueirão, realizadas pelo IEO no Golfo de Cádiz e Algarve durante o Verão.

A pesca da sardinha tem sido gerida pelo princípio da precaução, definida com base nos dados de melhor aconselhamento científico disponível, com o objetivo de assegurar a gradual recuperação do em linha com os objetivos da Política Comum das Pescas. Em 2018

foi acordado entre Portugal e Espanha um Plano Multianual de Recuperação do Stock de Sardinha Ibérico. Este plano estabelece regras para a exploração do stock que representam um esforço conjunto dos produtores de sardinha, operadores e autoridades de gestão portuguesas, no sentido de contribuir para a recuperação do stock ibérico de sardinha. O plano inclui limitações à captura anual e ao esforço de pesca, períodos de interdição de captura de sardinha e mais recentemente limites à captura de juvenis. No âmbito deste Plano Multianual, em 2019 o CIEM considerou como precauções algumas regras de exploração do recurso tendo os Estados Membros optado por gerir a sardinha no ano de 2020 de acordo com uma das regras de exploração denominada HCR12. O tamanho mínimo de desembarque da sardinha é de 11 cm (comprimento total) e está regulamentado ao nível da Comissão Europeia (CE).

O aconselhamento para a gestão da pescaria portuguesa de sardinha tem forte participação dos diversos interessados, em particular no quadro da *Comissão de Acompanhamento da Sardinha*, consultada para a adoção das medidas de gestão. O Grupo de Gestão da Pesca da Sardinha (Comissão de Acompanhamento da Sardinha) foi criado pela Portaria nº 251/2010, 4 de maio de 2010 e assegura a natureza cooperativa das decisões de gestão. É presidido pela Autoridade de Gestão da Pesca Portuguesa e envolve representantes dos principais *stakeholders* tais como Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos (DGRM), o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA I.P.), a Docapesca, Portos e Lotas, S. A., várias organizações de produtores de produtos da pesca, da indústria conserveira, a Federação dos Sindicatos do Sector da Pesca e a PONG-Pesca em representação das organizações não governamentais na área do ambiente e das pescas. Esta comissão aprecia e contribui para os instrumentos reguladores que fixam a distribuição do esforço de pesca ao longo do ano, os máximos de captura, o período de defeso para proteção da época de desova, e as medidas adicionais de proteção aos juvenis. A gestão participada reúne uma grande diversidade de interesses e pontos de vista, sempre condicionados pela promoção do bom estado da espécie, pela proteção das comunidades piscatórias e pela sustentabilidade da pescaria.

Desde 1978, a biomassa (abundância medida em peso) do stock de sardinha variou entre 117 e 1165 mil toneladas, tendo atingido o máximo em 1984, mostrando desde 1993 uma tendência decrescente embora com oscilações. No mesmo período, as capturas anuais de Portugal e Espanha variaram entre 14 e 217 mil toneladas, tendo atingido o máximo em 1981 e o mínimo em 2019. Desde 2006 que o recrutamento do stock ibérico de sardinha tem sido baixo tendo atingido o mínimo histórico em 2017. Nos últimos anos o stock apresenta uma tendência crescente em grande parte devido à grande redução do esforço de pesca desde 2012. A biomassa da sardinha aumentou 66% de 2019 para 2020, estimando-se em 344 mil toneladas ao início do ano de 2020, valor que, pela primeira vez desde 2009, se situa acima dos pontos de referência atualmente definidos para o stock. Este aumento da biomassa deve-se sobretudo ao recrutamento da geração de 2019, que foi o maior desde 2004. A redução das capturas e do esforço de pesca, que resultaram numa redução de 90% da mortalidade por pesca nos últimos 8 anos, terá tido uma importante contribuição para esta recuperação. O facto do recrutamento elevado de 2019 ter sido gerado por uma biomassa desovante reduzida, não sendo inédito na história do recurso (ocorreu em 1999-2000), parece indicar que os fatores ambientais terão sido determinantes no sucesso do recrutamento.

Existem várias evidências já descritas na literatura que apontam para o facto de que as variáveis ambientais têm sofrido uma alteração ao longo do tempo, principalmente o aumento da temperatura da água num contexto de alterações climáticas, e que podem ser prejudiciais para a sardinha. Observou-se que a força do recrutamento da sardinha na costa Ibérica é maior com águas geralmente mais frias e mais produtivas, o que pode em parte explicar os recrutamentos baixos na última década. As alterações da biomassa de outros recursos com maior tolerância a temperaturas mais altas, como o aumento exponencial do biqueirão ou a migração para norte da cavala, parecem suportar a ideia de que existem alterações no ecossistema pelágico Atlântico-Ibérico. O IPMA e os seus parceiros científicos, com a colaboração do sector, continuarão a realizar estudos que permitam aprofundar o conhecimento da influência do ambiente nas flutuações da sardinha por forma a poder melhorar o

aconselhamento às pescas. Um desses estudos a decorrer atualmente é o projeto de investigação, denominado "SARDINHA2020 - Abordagem ecossistémica para a gestão da pesca da sardinha" no âmbito do MAR2020. Este projeto visa uma investigação aprofundada sobre os pequenos pelágicos da costa continental portuguesa, com especial ênfase na sardinha e a sua gestão, dada a sua importância socioeconómica e o estado do stock observado na última década. Uma vez que a produtividade do stock de sardinha tem vindo a ser alterada, torna-se indispensável o desenvolvimento de investigação científica multidisciplinar para avaliar como o ambiente físico, as interações com outras espécies, e a pesca afetam a biologia e abundância da sardinha. Este conhecimento permitirá modelar como é que a população irá responder a diferentes cenários (clima, exploração, predação, etc.) e, em colaboração com o setor e a administração, desenvolver um plano de gestão da pesca do cerco, com foco na problemática da sardinha, que tenha em conta a biologia de todas as espécies exploradas e as componentes sociais e económicas. Sendo a sardinha um recurso de interesse estratégico para Portugal é importante garantir a sua sustentabilidade ecológica e económica/social, considerando o impacto deste recurso para o desenvolvimento das comunidades piscatórias, na indústria conserveira e nas nossas exportações.

# **Quotas de pesca na UE**

Ana Matias e Gonçalo Carvalho\*

## **O PROCESSO, TRANSPARÊNCIA e DOIS CASOS PORTUGUESES**

Figura 1. Número de unidades populacionais do Atlântico Nordeste sujeitas a sobrepesca, segundo o CCTEP (Fonte: The Pew Charitable Trusts)<sup>1</sup>

A Política Comum das Pescas (PCP) reformada da União Europeia (UE) exige o fim da sobrepesca, o mais tardar, até 2020. Com este prazo à beira de ser falhado, importa perceber o que fizeram os Ministros das Pescas da UE para implementar esta importante obrigação legal. Importa igualmente perceber que benefícios ambientais e socioeconómicos estão a ser adiados ao insistir em prolongar a sobrepesca nas águas da UE e ainda como a definição de oportunidades de pesca dentro dos limites aconselhados pela ciência é crucial para o combate à crise climática e da biodiversidade.

A nova PCP entrou em vigor em 2014 e representou uma mudança significativa, contendo pela primeira vez enunciados claros sobre objetivos ambientais: prazos legais para o fim da sobrepesca, referências diretas à abordagem ecossistémica e precaucionária e ferramentas de gestão a longo prazo, como os Planos Plurianuais. Esta ambiciosa mudança de rumo (justificada pelo falhanço das reformas anteriores) está materializada no artigo 2.º, ponto 2, que estabelece como objetivo da PCP que os recursos biológicos marinhos sejam explorados de forma a restabelecer e manter as populações das espécies exploradas acima dos níveis que possam gerar o rendimento máximo sustentável (MSY, na sigla em inglês), devendo este ser atingido, se possível, até 2015, e, numa base progressiva e gradual, o mais tardar até 2020, para todas as unidades populacionais.

Infelizmente, durante todos estes anos, o progresso para estas metas foi sempre pautado por lentidão e uma vontade em manter o *status quo*, nomeadamente no que toca à principal ferramenta da PCP: o estabelecimento anual de Totais Admissíveis de Capturas (TAC) nas reuniões do Conselho de Ministros de Agricultura e Pescas da UE (AGRIFISH).

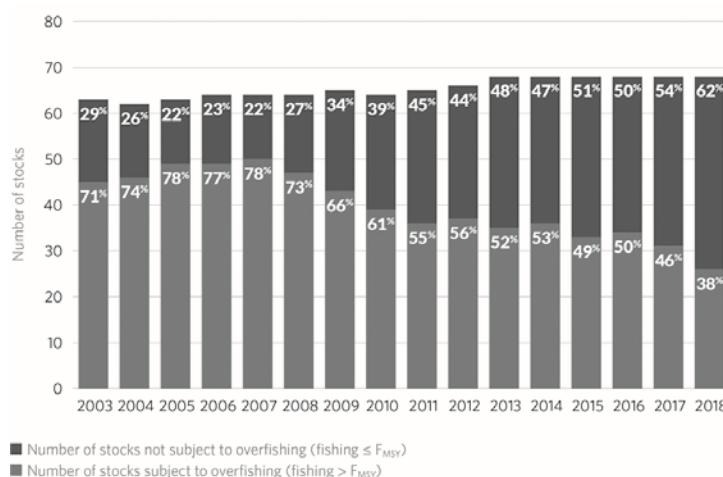
### Definição de quotas de pesca na UE – quem faz o quê?

Para a definição de políticas e eixos de ação na UE e, por extensão, também nas negociações anuais de quotas de pesca, há três instituições que são fundamentais: o Conselho, a Comissão e o Parlamento da UE.

Tudo começa com a Comissão. Além de fazer a proposta inicial dos limites de pesca que mais tarde é discutida em Conselho, a Comissão pode (e deve) orientar os ministros no sentido de uma gestão responsável das pescas, propondo limites de captura em conformidade com o que os cientistas aconselham. Infelizmente, a Comissão propõe frequentemente limites que excedem os pareceres científicos publicados, sem explicar cabalmente como chegou a esses limites. O facto é que a Comissão afirma que baseia as suas propostas nos dados do Conselho Internacional para a Exploração do Mar (CIEM), mas os limites propostos são regularmente superiores aos recomendados por este. A proporção de limites que excedem os pareceres científicos foi sendo reduzida até 2020, quando 44% dos limites foram propostos acima destes.

O Comissário Europeu para o Ambiente, Oceanos e Pescas, Virginijus Sinkevičius, ajuda os ministros a chegar a acordo sobre os limites de captura, muitas vezes ajustando as propostas para garantir um acordo.

No entanto, o Conselho de Ministros de Agricultura e Pescas, que reúne todos os ministros das pescas dos 27 Estados-Membros, acaba por ser o ator principal deste processo ao reunir-se a cada dezembro no AGRIFISH para definir as quotas de pesca para o ano seguinte.



<sup>1</sup> <https://www.pewtrusts.org/en/research-and-analysis/articles/2020/09/02/eu-fisheries-management-still-not-in-line-with-scientific-advice-despite-2020-deadline>

Figura 2. Avaliação da The Pew Charitable Trusts da tabela TAC da FishFix (2020) – TAC do Mar Báltico, Águas Profundas e Atlântico Nordeste (Anexo IA), Versão de 13 de março 2020 (Fonte: The Pew Charitable Trusts)

Na sua avaliação anual independente, o Comité Científico, Técnico e Económico da Pesca da Comissão Europeia (CCTEP), analisa a pressão de pesca no Atlântico Nordeste, comparando-a com os níveis permitidos pela PCP. No seu mais recente relatório<sup>2</sup>, O CCTEP concluiu uma vez mais que uma grande proporção de stocks continua com capturas além dos níveis cientificamente recomendados (Figura 1).

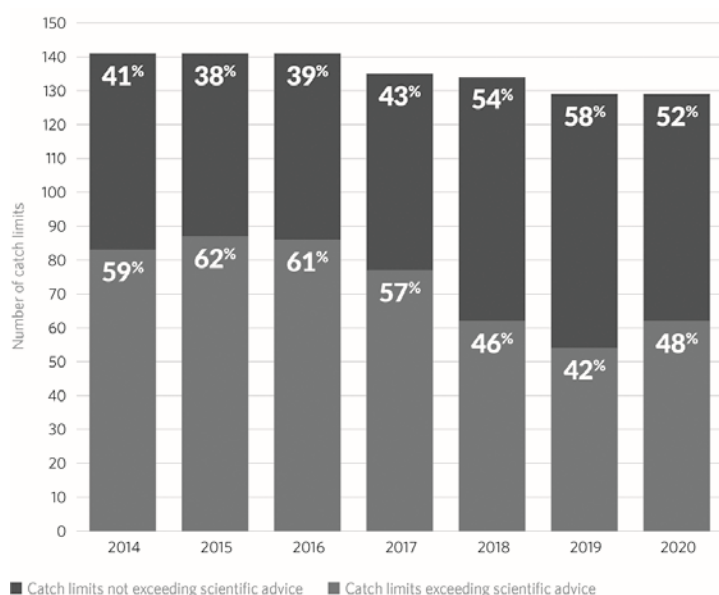
Segundo a The Pew Charitable Trusts, que compara anualmente as decisões dos ministros das pescas com os pareceres científicos disponíveis, a proporção dos limites fixados para além dos pareceres científicos veio a diminuir até ao ano passado. No entanto, e para grande decepção das ONG, no ano decisivo, houve um revés. A percentagem de limites de pesca em linha com os pareceres científicos diminuiu, invertendo a tendência que vinha a ser descrita (Figura 2), o que levantou logicamente muitas reservas quanto ao grau de compromisso e seriedade que os nossos decisores políticos têm para com uma legislação tão importante para a saúde dos oceanos e gestão dos recursos como a PCP.

definição de TAC acima dos pareceres científicos. A organização Transparência Internacional investigou e publicou em 2016 um relatório sobre os processos e as decisões dos Conselhos AGRIFISH sobre os TAC e recomendou várias melhorias<sup>3</sup>, tendo poucas sido seguidas. Já em 2019, o Provedor de Justiça Europeu investigou as famosas “maratonas negociais de Dezembro” sobre os TAC e determinou<sup>4</sup> que os documentos e as posições dos Estados-Membros relacionados com os TAC devem ser tornados públicos quando são disponibilizados ou imediatamente depois.

Enquanto a transparência não melhora, resta às ONG avaliar os resultados dos Conselhos e os documentos partilhados em anos anteriores. Num estudo publicado em novembro de 2019, a Client Earth avaliou os documentos dos Conselhos AGRIFISH<sup>5</sup> e reforçou a falta de progresso para os objetivos da PCP. Mais concreta e preocupantemente, a documentação demonstra que certos Estados-Membros, de entre os quais Portugal, têm sido mais vocais dentro do Conselho para que vários TAC sejam definidos acima dos pareceres científicos, normalmente alegando razões socioeconómicas, sem, contudo, apresentar dados ou evidências sólidas que as suportem.

No entanto, num importante desenvolvimento aplaudido pelas ONG, o Comissário Sinkevičius anunciou em julho que “é importante que tais decisões sejam tomadas de forma transparente” ao referir-se às negociações no AGRIFISH, acrescentando que “com a publicação de todos os elementos dos nossos documentos de trabalho, esse diálogo tornar-se-á mais transparente”<sup>6</sup>.

A questão que se impõe é: por que é afinal tão grave este desrespeito pela ciência e pela legislação, em prol de decisões que apenas beneficiam as pescarias visadas a curto prazo? Num



Parte da justificação para este trajeto dececionante está na forma como as decisões do Conselho são tomadas, i.e., à porta fechada e geralmente sem justificação concreta e suportada para a

<sup>2</sup> <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/52ca7c1b-8377-11ea-bf12-01aa75ed71a1>

<sup>3</sup> <http://www.transparencymaterial.org/wp-content/uploads/2016/09/21-09-2016-Fishing-report-web.pdf>

<sup>4</sup> <https://www.ombudsman.europa.eu/fr/recommendation/en/120761>

<sup>5</sup> <https://www.documents.clientearth.org/library/download-info/taking-stock-are-tacs-set-to-achieve-msy/>

<sup>6</sup> [https://ec.europa.eu/fisheries/press/commissioner-sinkevi%C4%8Dius-announces-more-transparency-its-proposals-fishing-opportunities\\_en](https://ec.europa.eu/fisheries/press/commissioner-sinkevi%C4%8Dius-announces-more-transparency-its-proposals-fishing-opportunities_en)

Figura 3. Limites aconselhados pela ciência para o stock de sardinha ibérica e a percentagem de toneladas estabelecidas acima do parecer científico (quando disponível) num determinado ano (Fonte: Fundació ENT)

artigo publicado no final de 2019<sup>7</sup>, o investigador de ciências económicas Griffin Carpenter, da ONG nef, expõe de forma exemplar as várias razões pelas quais os Ministros das Pescas da UE não podem adiar mais o fim da sobrepesca:

Se os *stocks* forem mais abundantes, será mais fácil capturar o pescado, o que diminuirá o número de saídas de pesca, resultando numa redução de custos para os pescadores, logo no aumento de rendimento;

A ciência comprova que ter capturas mais baixas no imediato levará a *stocks* mais abundantes que irão gerar capturas maiores do que as atuais (e a níveis sustentáveis);

É urgente reconhecer que acabar com a sobrepesca e assegurar *stocks* mais abundantes é mais do que gerir inteligentemente um recurso comum e renovável. É também a forma mais direta e efetiva que temos de melhorar a saúde dos ecossistemas marinhos e aumentar a sua resiliência a ameaças como as alterações climáticas ou poluição.

Por fim, o próprio Parlamento Europeu, na qualidade de legislador do regulamento de base da PCP e dos planos plurianuais, deve ter um papel vigilante para que não ocorram infrações às regras pelas quais é responsável, e para que o objetivo de acabar com a sobrepesca na UE seja finalmente alcançado. É urgente que todos os eurodeputados, apesar de não estarem diretamente incluídos no processo, sejam corresponsabilizados e, mais do que tudo, não se demitam de exercer pressão política para garantir um controlo eficaz dos TAC definidos pelo Conselho.

## Sardinha ibérica – um caso paradigmático de gestão insuficiente

O *stock* de sardinha ibérica (*Sardina pilchardus*) e a sua pesca tem sido possivelmente o caso mais mediático das pescas nos últimos anos em Portugal.

Esta espécie ocupa o 4.º lugar nas espécies mais consumidas em Portugal, assumindo extraordinária importância comercial para a frota nacional, cabendo a Portugal sensivelmente 66% da quota ibérica anual e o restante a Espanha.

Inexplicável é que as discussões e as negociações sobre este *stock* sejam efetuadas bilateralmente entre Portugal e Espanha, ainda que com a supervisão da Comissão.. A sardinha ibérica cumpre vários critérios para ser incluída o sistema de TAC e quotas da UE dado que: 1) é um *stock* de enorme importância económica, capturada por várias frotas portuguesas e espanholas, 2) tem um tamanho mínimo de conservação (11cm) e 3) é extensa e sistematicamente avaliada do ponto de vista científico.

7 <http://www.sciaena.org/158-artigo-elas-existem-por-uma-razao-por-que-razao-os-ministros-nao-devem-exceder-os-pareceres-cientificos-relativos-a-quotas-de-pesca>

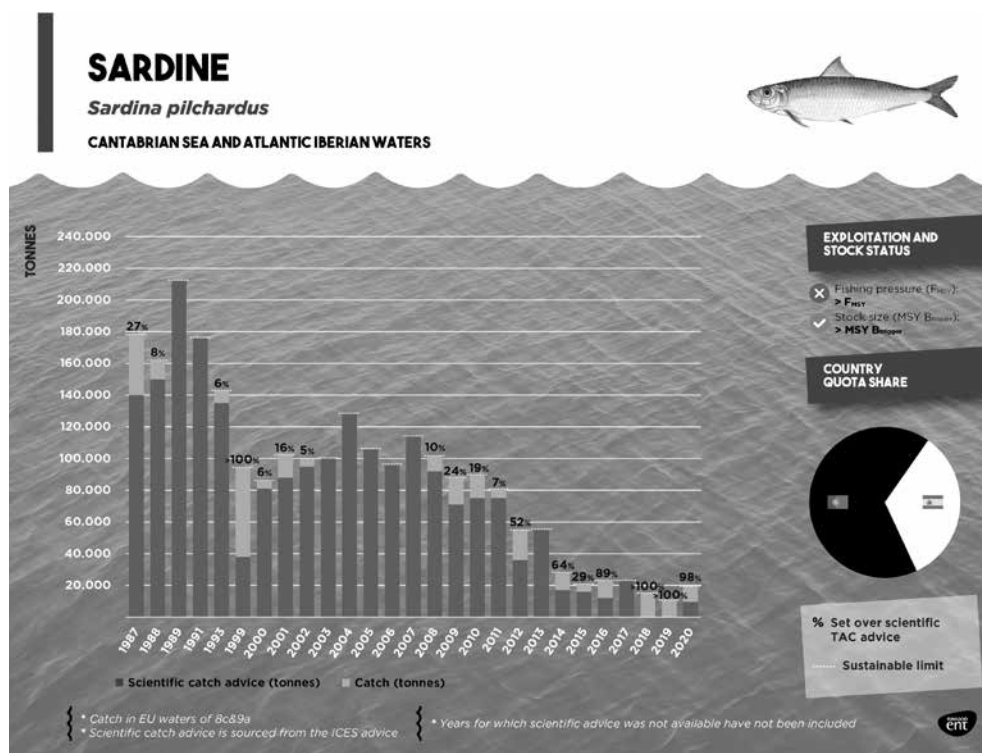


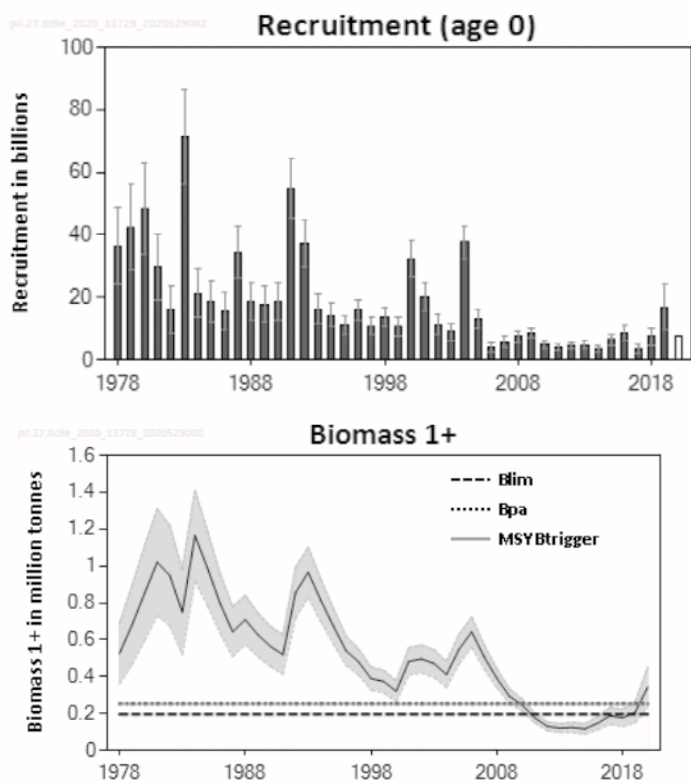
Figura 4. Gráficos de séries temporais de recrutamento e biomassa de idade 1+ de *Sardina pilchardus* (publicados no parecer do CIEM de 18 de junho de 2020)<sup>8</sup>

As discussões sobre a quota de sardinha ibérica partem de recomendações feitas pelo CIEM, em coordenação com o Instituto Português do Mar e da Atmosfera e o Instituto Espanhol de Oceanografia e, nos últimos 10 anos, apenas duas vezes foram definidas em linha com os pareceres científicos (Figura 3). Isto tem causado uma gestão deficiente e, na perspetiva das ONGA ibéricas que acompanham o desenvolver da situação há mais de uma década, os governos ibéricos têm falhado na gestão do recurso. Por esta razão, pedem regularmente explicações à Comissão sobre o seu estado.

boa gestão pesqueira e as ONGA consideram que não foi aplicado devidamente.

As ONGA reconhecem os esforços que têm sido desenvolvidos pelo sector e que tem havido empenho por parte da administração para coletivamente integrar todas as partes na discussão e na gestão da sardinha. Consideram, no entanto, que precipitar o aumento da quota de sardinha – acima do parecer científico –, numa altura em que ele dá alguns sinais de recuperação, coloca em risco todo o trabalho que já foi feito e arrisca colocar o *stock* mais uma vez em níveis de biomassa mais perigosos.

É difícil compreender por que razão os governantes têm adiado medidas de gestão que seriam e são aplicadas em *stocks* semelhantes nas mesmas circunstâncias, na União Europeia. Não aplicar os objetivos de gestão da PCP ao *stock* de sardinha ibérica e, por conseguinte, não cumprir o objetivo da PCP de ter todas as unidades populacionais comerciais em níveis sustentáveis em 2020, infringe a Lei e o assunto deve ser tratado como tal.



## Carapau – o outro lado do espectro

O carapau (*Trachurus trachurus*) encontra-se no 6.º lugar na lista de espécies mais consumidas pelos portugueses e está a emergir também com um dos favoritos em Espanha.

Nas águas ibero-atlânticas, onde Portugal regista cerca de 58% dos desembarques desta espécie, a biomassa cresceu consideravelmente desde 2013, enquanto a mortalidade por pesca permaneceu sempre em níveis relativamente baixos. O facto de se ter mantido uma taxa de pesca consistentemente baixa, especialmente depois de bons anos de recrutamento, garantiu níveis de biomassa saudáveis, o que resultou em capturas substancialmente mais altas de carapau nos últimos anos.

A realidade é que desde 2009 que a biomassa se encontrava abaixo dos limites biológicos de segurança, o que teve e continua a ter efeitos nefastos no estado do recurso. Em 2019, pela primeira vez em 10 anos, a biomassa posicionou-se acima do *MSY Btrigger* que é um parâmetro considerado o limite inferior aceitável para a biomassa reprodutora. A resposta precaucionária, até esse momento, devia ter sido reduzir a mortalidade por pesca para permitir que o *stock* recuperasse o mais rapidamente possível para níveis capazes de produzir o *MSY*. Este é um dos princípios da

<sup>8</sup> <http://ices.dk/sites/pub/Publication%20Reports/Advice/2020/2020/pil.27.8c9a.pdf>

Figura 5. Gráficos de séries temporais de mortalidade por pesca e biomassa desovante de carapau (publicados no parecer do CIEM de 14 de novembro de 2019)<sup>10</sup>

Com o escassear da sardinha, o carapau tem assumido cada vez mais peso na indústria conserveira portuguesa e tem ajudado a sustentar o emprego no sector<sup>9</sup>.

Contrariamente ao que tem acontecido com a sardinha, os níveis de exploração do carapau nas águas atlânticas ibéricas têm sido sustentáveis desde 1992. A exploração atingiu um pico em 1998, mas foi substancialmente menor do que a mortalidade indicada para manter o *stock* no MSY desde 1999. O estado do *stock* de carapau tem sido estável e consistentemente acima do *MSY Btrigger*. Este é um exemplo de boa gestão em que se garantiu sempre que a mortalidade permanecia abaixo do limite máximo aconselhado pelo CIEM, encontrando-se atualmente a biomassa desovante num máximo histórico (Figura 5).

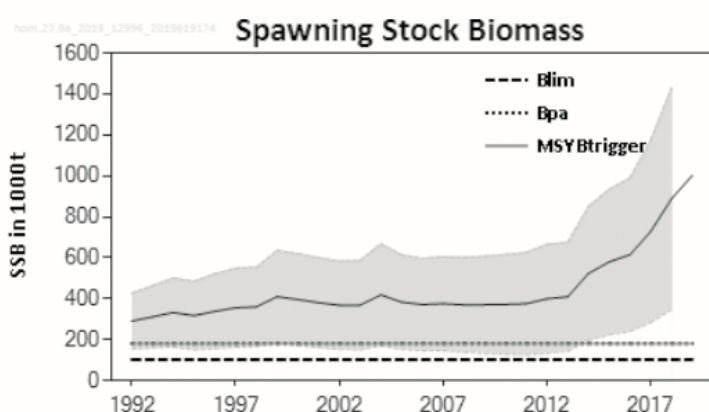
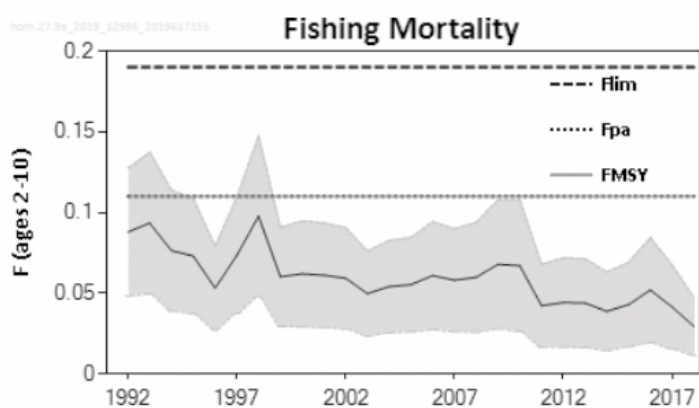
Desde 2010 que o TAC desta espécie na região poderia ter sido aumentado para permitir o dobro da pesca. No entanto, ter mantido a exploração em níveis baixos, permitiu um maior aumento na biomassa do que teria expectavelmente ocorrido, do que se fosse pescado ao nível máximo. Uma taxa de pesca constante, juntamente com um maior nível de biomassa, foi permitindo TAC cada vez mais elevados.

O caso do carapau é, por isso mesmo, prova de que o objetivo deve ser gerir os *stocks* abaixo do limite e não no limite aconselhado pelos pareceres. O parecer de captura do CIEM não é um parecer para o nível em que o TAC deve ser definido, mas um parecer para o nível máximo de captura não seja excedido. Dado o reconhecimento generalizado reiterado de que a pesca ilegal, não declarada e não regulamentada é uma realidade, torna-se claro que definir TAC exatamente no nível do parecer resulta em capturas superiores ao recomendado que, no final, conduzirá à sobrepesca.

Um relatório de 2016<sup>11</sup> que se debruçou sobre o desempenho económico da pescaria nesta área geográfica demonstrou que, num período de cinco anos, a frota portuguesa de arrasto de fundo experimentou uma ligeira diminuição no número de dias no mar (- 5%), com uma captura por unidade de esforço significativamente melhor para a espécie (+ 93%). O mesmo relatório concluiu que o carapau tem contribuído para a melhoria contínua do desempenho económico que a frota de pequena escala nacional tem experimentado.

## Que futuro?

Uma boa gestão de recursos implica necessariamente a tomada de decisões difíceis que, no final, contribuem para a efetiva resolução do problema, promovendo benefícios duradouros e, mais importante, para o maior número de pessoas possível. É muito importante que o Governo enfrente este problema com uma perspetiva de médio/longo



9 <https://www.consult-poseidon.com/fishery-reports/Poseidon%20Management%20Works%20Report.pdf>  
 10 <http://www.ices.dk/sites/pub/Publication%20Reports/Advice/2019/2019/hom.27.9a.pdf>

11 <https://www.consult-poseidon.com/fisheryreports/Poseidon%20Management%20Works%20Report.pdf>

prazo, considerando que a sardinha – como todos os recursos marinhos – é um recurso público que deve ser gerido para trazer benefícios para a maioria das pessoas e não apenas para uma pequena percentagem. É urgente que as quotas de pesca sejam estabelecidas de acordo com as recomendações científicas, acompanhadas por sérias medidas de reestruturação do sector e ainda de elevado investimento na investigação científica. Há muito tempo as ONGA defendem alguns princípios mais amplos, como:

### **Gestão baseada em ciência**

Não é possível gerir adequadamente as pescarias sem um aprofundado e atualizado conhecimento do estado dos ecossistemas e das populações dos organismos de que depende a pesca. Por conseguinte, é essencial apoiar a investigação pesqueira e estabelecer mecanismos para integrar de forma adequada e atempada novos dados e informações à medida que se tornam disponíveis. O conhecimento tradicional também desempenha um papel fundamental no processo científico e não deve ser ignorado.

Encontra-se ainda por desenvolver um plano de recuperação e gestão do *stock* de sardinha ibérica que reflita uma estratégia de gestão a longo prazo. Este plano deve ser considerado como precaucionário pelo CIEM e em linha com o objetivo da PCP de manter todos os *stocks* em níveis sustentáveis.

### **Controlo efetivo**

Medidas efetivas de controlo são parte fundamental de um bom sistema de gestão. É por isso que os Governos devem aumentar seus esforços no combate às práticas ilegais para não comprometer todo o esforço de gestão. É essencial garantir monitorização e controlo efetivos, que devem ser feitos em diferentes níveis de tomada de decisão e regulamentação, e os utilizadores também devem estar envolvidos nesse processo. É com muita preocupação que se vê numa base quase diária as notícias de apreensões de sardinha efetuadas pelas autoridades.

A realidade é que não se sabe a real dimensão das capturas ilegais e seria também importante incluir as toneladas apreendidas como parte da quota, de forma a desincentivar a prática ilegal e permitir uma gestão mais apertada e fidedigna do recurso.

Existem muitos outros exemplos de *stocks* e dos benefícios sociais, económicos e ambientais que advêm de uma gestão de longo prazo, ponderada e estruturada. No caso português, mais do que tudo, urge um forte investimento na busca de alternativas que ajudem o sector a lidar com situações de escassez prolongada (como foi o caso da sardinha). Apostar em alternativas tem que ser o fio condutor que une as políticas de gestão de pescas em Portugal, dado o elevado consumo de pescado que se encontra fortemente enraizado nas nossas tradições familiares e culturais. Como para qualquer recurso natural, fazer depender uma pescaria quase por inteiro de uma única espécie, que pode ter flutuações naturais e/ou ser influenciada por fatores antropogénicos de larga escala, é uma estratégia que, em termos económicos, está destinada a falhar. É importante reconhecer que, com o acentuar da crise climática e da biodiversidade, todos os ecossistemas tenderão a tornar-se mais frágeis, imprevisíveis e menos resilientes, logo é necessário que lhes sejam dadas as melhores hipóteses de recuperação e que os oceanos se tornem ainda melhores aliados no combate às alterações climáticas.

É igualmente importante que esta mudança de mentalidades e comportamentos não seja esperada apenas dos decisores políticos ou do sector pesqueiro. Também os consumidores devem repensar as suas escolhas e diversificar os hábitos alimentares, para dar resposta a uma necessidade transversal a todas as áreas de consumo. Colocar a maioria da pressão de consumo num número muito limitado de recursos aumentará a possibilidade de o esgotar ou reduzir grandemente. Os portugueses, além de serem os maiores consumidores de pescado *per capita* da UE, concentram 50% do seu consumo em apenas três espécies. É assim crucial aumentar a diversificação no momento da escolha do nosso pescado e, idealmente, valorizar espécies de baixo valor comercial, diminuir o consumo de pescado e procurar produtos que provenham de pescas com baixo impacto ambiental.

Como reconhecido pelo Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas, o bom estado ambiental dos oceanos será essencial para lidarmos com as alterações climáticas. Assim, ao decidir finalmente acabar com a sobrepesca em 2020, os Ministros das Pescas da UE estarão não só a assegurar a sustentabilidade das pescas europeias, mas a tomar medidas concretas para enfrentar a crise climática que enfrentamos.

# **Breve HISTORIA da Pesca INDUSTRIAL en Galiza**

Jesús Giráldez Rivero\*

\*Universidade de Santiago de Compostela

Na segunda metade do século XX España configurouse como unha das principais potencias pesqueiras mundiais. Desde os anos sesenta mantívose teimosamente á cabeza dos países pesqueiros; entre os cinco primeiros por tonelaxe de frota e entre os dez primeiros por capturas. O protagonismo de Galiza neste desenvolvemento foi moi salientable, representando segundo os anos entre un terzo e a metade do sector. Coa pesca a industrialización chegou a Galiza. Non foi moi intensa pero tivo a suficiente enerxía para transformar numerosos puntos da beiramar. Fábricas de conservas, de salga, carpinterías de ribeira, talleres de construcións mecánicas, de fabricación metálicas ou serradoiros inzaron as rías baixas, provocando o crecemento de vilas como Cangas, Bueu, Marín, a Illa de Arousa, Vilanova, Pobra do Caramiñal, etc. Unha industrialización difusa que atopou o seu contrapunto no desenvolvemento da cidade de Vigo, cristalización sobranceira da triloxía marítima: conservas, pesca e construción naval.

Os cambios comezaron a finais do século XIX. O pulo da demanda da industria conserveira xunto coa exportación en fresco ás cidades do interior da península turraron das capturas de peixe, transformando completamente a actividade. Difundíronse técnicas máis produtivas que permitían un abastecemento regular dos mercados, pero que esixían tamén un maior capital; a propiedade das novas artes e dos novos barcos tendeu a concentrar, naméntes xeneralizouse a aasalarización do traballo. A lexislación adaptouse a estes cambios cunha maior liberdade de acceso aos recursos pesqueiros que, xunto a inacción da administración, configurou unha explotación embarullada durante moitas décadas.

### **As transformacións de base (1880-1914)**

En 1880 a actividade pesqueira en Galiza caracterizábase polo predominio abafante da pesca da sardiña. De forte estacionalidade, concentrábase de xuño a xaneiro, sendo a base da industria da salga, practicamente a única demandante. O gran poder de dos seus empresarios, coñecidos tamén como fomentadores, condicionaban toda a actividade. Ademais, actuaba como reguladora do resto das pescas (congro, pescada, ollomol ou polbo), que se

exercían cando homes, artes e barcos quedaban liberados da pesca de sardiña.

Foi nesta década cando a forte crise de sardiña en Bretaña, rexión que monopolizaba a industria conserveira francesa, alentou a procura de subministración no exterior, en costas como as de Galiza. O abastecemento directo ou a asociación de empresarios franceses con algúns fomentadores de salga estimulou o despegue da nova industria, que se orientou cara á exportación. Os empresarios franceses a chegaron obreiros especializados, procesos de produción, sobre todo, mercados dos que carecían os fomentadores galegos<sup>1</sup>. O mesmo tempo, o remate das liñas do ferrocarril entre as cidades galegas e as do interior peninsular tamén turrou da demanda de sardiña; en 1883, complétouse a de Madrid-A Coruña e, en 1885, a de Madrid-Vigo. O aumento de prezos xerado comprometeu o desenvolvemento da industria conserveira e da exportación de peixe fresco, amosando a necesidade de incrementar a intensidade pesqueira. A saída encontrouse, por una banda, nalgúns cambios lexislativos tendentes a eliminar os usos e normas tradicionais de aproveitamento, valga o caso da abolición da veda da sardiña en 1888; por outra, na introdución de innovacións tecnolóxicas.

A partir de 1896 comezou a difusión dunhas unidades pesqueiras, compostas por una nova arte chamada cerco, copo, cerco americano ou traíña, e unha nova embarcación, a traíñeira, que viñan a resolver os problemas de oferta ao normalizar os desembarcos. Tiñan una maior capacidade de captura que os artes existentes polo que afectaban directamente aos pescadores tradicionais, que o vían como unha expropiación dos medios de produción. En todo caso, viñan a alterar as relacións sociais de produción existentes na beiramar galega, iniciando un conflito moi intenso que se alongou ata mediados da primeira década do novo século. Porén, en 1906 constaban en Galiza 553 traíñeiras, preferentemente nos portos das rías baixas, o que mostra que xa estaban plenamente asentadas<sup>2</sup>.

1 Carmona Badia, X. (1983), *Producción textil rural y actividades marítimo-pesqueras en Galicia, 1750-1905*, Tese de doutoramento, Universidade de Santiago.

2 Giraldez Rivero, J. (1996), *Crecimiento y transformación del*

A outra vía de cambio do sector pesqueiro galego foi a da pesca daquelas especies orientadas ao consumo en fresco: pescada, ollomol ou congro. Concentrada en portos con mercados de certa amplitude, caso de A Coruña ou Vigo, exercíase con palangres ou volantas empregados desde lanchas ou faluchos. A aperturas das liñas ferroviarias galegas co interior de España tivo consecuencias fundamentais, pois ao achegar a demanda dos mercados do interior da península ampliou o mercado de peixe fresco. E a presión da demanda animou o transcendental cambio da vela ao vapor. O seu emprego independizou ás embarcacións dos ventos, mareas e correntes, liberou ós mariñeiros do esforzo de traballo a vela e ampliou o período de captura e os días de pesca anuais. Agora a actividade organizábase en función do ríxido horario ferroviario, pois trala partida do ferrocarril o prezo do peixe derrubábase.

En Vigo o vapor difundíuse asociado ao tradicional palangre. Estes vapores caracterizábanse por ter casco de madeira, ó redor de 20 Trbe máquinas de vapor compound inglesas. A súa rápida difusión (8 en 1888 e 60 en 1900) explicábase polos seus excelentes resultados económicos. O desenvolvemento dos vapores permitiron un rápido aumento das exportacións en fresco ó interior. A transformación da pesca das especies para o consumo en fresco completouse coa difusión das artes de arrastre. Desde 1904 comezou a introdución dos chamados “bous” ou “trawlers” en A Coruña. Importados de Inglaterra, tiñan un arqueo de 150-300 Trb, casco de aceiro, máquina de Triple Expansión e unha potencia entre 200-450 CVI. Empregaban un arte en forma de bolsa, arrastrada lateralmente, que conseguía a súa apertura mediante unas portas de madeira reforzadas de ferro. Dotados de neveiras con xeo, inauguraron a chamada pesca de altura, definida entón como a exercida durante varios días forado porto.

Esta difusión dos bous fixo reaccionar aos armadores vigueses que adaptaron os seus vapores palangreiros ao traballo de arrastre en parella; un arte orixinario do mediterráneo,

---

sector pesquero gallego 1880-1936, Madrid, Mapa

semellante na súa forma ao “trawler” pero que consegue a súa apertura arrastrando paralelamente mediante dous barcos. Cos arrastres o vapor integrouse na función pesqueira, ao facer depender en boa medida a súa capacidade de captura da forza de tracción mecánica. O aumento da pesca de especies finas provocou unha baixada de prezos e unha ampliación do seu consumo, intensificando esta liña de aproveitamento dos recursos pesqueiros. A mediados da primeira década do século XX, os 24 bous e as 42 parellas matriculadas, consolidan a Galiza como a principal rexión española neste subsector orientado á captura de especies de mesa<sup>3</sup>.

A crise sardiñeira de 1909-1913, cunha forte caída da produción e unha grande elevación dos prezos, provocou unha importante perda de competitividade da industria conserveira galega. Isto estimulou a adopción da máquina de vapor na frota sardiñeira. Co vapor podíase reducir o tempo de busca, axilizaba a manobra de cerco dos bancos e ampliaba o radio de acción desta frota que, en 1913, comezou a traballar en augas de Leixoes e Peniche. A introdución do vapor nesta rama e o acceso ás novas augas foi chave na superación da crise sardiñeira. A súa rápida difusión se apoiou na súa polivalencia; podían empregar cercos, palangres ou armar en parellas, permitindo aos armadores maiores ingresos por diversificación das capturas<sup>4</sup>.

### **A primeira expansión da pesca galega: a chegada a augas norteafricanas e do Gran Sol (1923-1949)**

A conxuntura bélica da Primeira Guerra Mundial permitiu unha forte capitalización da pesca galega; se introduciron diversas innovacións técnicas e a frota experimentou un forte

---

3 Giráldez (1996); Eiroa del Rio, F. (1997), *Historia y desarrollo de la pesca de arrastre en Galicia. Siglos XVII al XX*, A Coruña, Diputación Provincial de A Coruña; Sinde Cantorna, A. (2000), *Estrategias de crecimiento y formas de integración en la empresa pesquera gallega*, Fundación Empresa Pública, Documento de Trabajo nº 2002, Madrid [<ftp://ftp.funep.es/phe/hdt2002.pdf>]

4 Giráldez (1996); Carmona, X.; Nadal J. (2005), *El empeño industrial de Galicia. 250 años de historia, 1750-2000*. A Coruña: Fundación Barrié de la Maza.

crecemento, por novas construcións e a compra tras o conflito de trawlers de aceiro liquidados por Inglaterra ou Francia. Os desembarcos se incrementaron e medrou o consumo de peixe en España.

Porén, o aumento do esforzo pesqueiro nas augas galegas fixo caer os rendementos, forzando a partir de 1923 o que Paz Andrade denominou a “primeira expansión da pesca galega”<sup>5</sup>. Primeiro, coa emigración da frota de arrastre cara aos os portos do Sur de España, especialmente Cádiz, para explotar os caladoiros norteafricanos. Despois, cara ao norte, ata os fondos da plataforma continental europea; desde 1928 a frota galega comezou a explotar os bancos do Mar Céltico e do suroeste de Irlanda: Grand Sole, Petite Sole ou Labadie. Así, a frota galega comezaba unha emigración andoriña, traballando nos bancos do Grand Sole durante a primavera e o verao e marchando cara aos os bancos norte africanos cos primeiros temporais do outono<sup>6</sup>.

No caso da pesca de sardiña as súas dificultades se multiplicaron durante 1924 e 1925, coa súa case total desaparición. Unha crise agravada co peche das augas portuguesas á frota galega e as continuas detencións de barcos que traballaban ilegalmente. Unha solución parcial atopou na captura de certas especies substitutivas, como obocareo, o alcrique ou o chincho. O mesmo tempo, a adopción dos motores de explosión que ofrecían vantaxes substanciais nas embarcacións: baixo custo, doada instalación e emprego coaredución do espazo e da tripulación.

Só a comezos dos anos trinta o sector recuperou o ritmo de crecemento, cun rápido aumento dos desembarcos, pola explotación dos novos caladoiros e unhas excelentes costeiras de sardiña. Porén, a crise económica dos trinta, afectou á industria conserveira; os problemas nos mercados exteriores e a saturación do mercado interior, provocou un derrube dos prezos do peixe. Paralelamente, o aumento xeneralizado dos custes de produción deron

lugar a unha forte recesión con graves consecuencias, derivados dos problemas financeiros e das múltiples quebras.

A Guerra Civil española e a Segunda Guerra Mundial marcaron un punto de inflexión na evolución do sector. A súa finalización alentou unha clara expansión da frota e unha acusada transformación estimulada, por unha banda, pola forte escaseza de alimentos que impulsou a actividade e, por outra, polo forte apoio do Estado ao sector que, buscaba incidir, a través de distintas leis de Crédito Naval na dimensión e transformación da frota cun financiamento dos novos barcos que podía chegar en certos casos á totalidade do seu custo. Isto permitiu intensificar a pesca na área do Grand Sole, especialmente produtiva trala veda imposta polo conflito bélico mundial. Con todo, desde 1947, a alongada caída dos rendementos provocou a reorientación do segmento máis moderno da frota cara á pesca do bacallau en Terranova.

### **A segunda expansión da pesca galega: a chegada a Terranova (1949-1961)**

Denantes da guerra civil España era o principal mercado mundial de bacallau. Aínda que a súa captura en Terranova fora iniciada nos anos vinte por galegos, foi a empresa vasca PYSBE a que a finais desa década abriu con éxito un proceso de substitución de importacións. Porén, tras a guerra civil produciuse o que algún autor chamou «o eclipse da importación de bacallau», coa desaparición das compras españolas dos mercados internacionais. O mesmo tempo, e seguindo o camino de Portugal, o Estado iniciou unha política de “nacionalización” da súa pesca coa concesión de importantes privilexios ás chamadas “empresas bacallaeiras nacionais”: PYSBE, PEBSA e COPIBA, das cales as dúas últimas eran galegas. Estas empresas caracterizáronse polas súas importantes frotas, compostas de grandes trawlers e factorías para a pesca e o procesado do bacallau, o que rematou por conformar un oligopolio no mercado español.

Porén, a pesca do bacallau non despegou en España ata 1949, cando ó carón da frota das empresas bacallaeiras

5 Paz Andrade, V. (1970), *La marginación de Galicia, Siglo XXI*, Madrid.

6 Giráldez (1996); Giráldez (2002), “Armadores de Cádiz: competir y cooperar”, *Revista de Historia Agraria*, 28, 91-112; Sinde (2000).

nacionais reorientáronse cara a esta especie boa parte das parellas do Gran Sol, pola caída dos rendementos nesas augas. Ese mesmo ano, a chegada da parella de Vigo, composta polos barcos "Rande-Rodeira", aos bancos de Terranova abriu, segundo Paz Andrade, a "segunda etapa de expansión das pesqueiras", unha etapa centrada na explotación dos afastados bancos do Atlántico noroccidental, Terranova, Labrador, Groenlandia ou Nova Escocia, situados a 800 millas dos portos base galegos<sup>7</sup>.

Esa chegada tamén anunciaba que as chamadas superparellas ou motopesqueiros de altura, estaban en condición de explotar esas augas. Estas unidades constituían o segmento máis dimensionado e moderno das parellas galegas; casco de aceiro, máis de 100 Trb, motores diesel de máis de 200 HP, ecosonda e radio. Unhas novas unidades pesqueiras cun radio de acción moito máis amplo que as tradicionais, un poder de captura superior e máis volume de neveiras. Foron elas as que permitiron integrar as novas áreas de captura no traballo habitual da flota galega. Nesta nova fase reflectíronse non só os efectos do crédito naval senón tamén da nacionalización da pesca do bacallau: as capturas desta especie creceron de forma continuada, chegando en 1968 a 350.000 toneladas, despois declinaron<sup>8</sup>.

Pola súa banda a pesca de baixura atravesou nestes anos un período de moitas dificultades, ignorada polo financiamento estatal e sometida a unha acusada crise por falta de sardiña, que se alongou desde finais dos anos corenta ata a segunda metade dos cincuenta. Esta situación fixo que os grandes armadores

abandonaran esta pesca e as embarcacións máis vellas, de madeira, vapor, e máquinas de moita antigüidade, inzaran os portos secundarios. En definitiva, esta rama sufriu unha forte descapitalización; descoñeceu a renovación técnica, non incorporou os novos sistemas de detección ou comunicación, mantívose asentada no carbón e no fuel-oil e cun recurso intensivo á man de obra<sup>9</sup>.

### **A terceira expansión da pesca galega: a explotación das augas do hemisferio sur (1961-1980).**

A comezos de 1961 un arrastreiro vigués o "Lemos" desembarcou as primeiras caladas de pescada conxelada, procedentes da meseta continental arxentina. Pouco despois o seu xemelgo o "Andrade" iniciaba as capturas en Suráfrica. Isto constatou o éxito da dobre operación austral emprendida pola empresa Pescanova; a capacidade de conxelar toda a carga e a posibilidade de traballar a máis 5.000 millas do porto base. Se iniciaba o que Paz Andrade denominou a terceira etapa de expansión da pesca galega, que xirou baixo a tecnoloxía da conxelación. Esta expansión completouse posteriormente coa explotación a partir de 1969 dos recursos de lagostino no Canal de Mozambique, de 1970 dos de lura e pota nos chamados caladoiros de Boston, desde 1973 dos de camarón en Groenlandia, en 1976 dos de cefalópodos en Canadá, etc<sup>10</sup>.

Na base das sucesivas ampliacións das áreas de pesca estivo a difusión de certas innovacións técnicas asociadas á frota, principalmente nos sistemas de conservación, transformación e captura. Así, apareceron toda unha gama de unidades pesqueiras, novos barcos (arrastreiro conxelador de rampla a popa, barcos factoría con plantas para o fileteado, fariña ou aceite de peixe a bordo, etc.), sistemas de conxelación rápida e procesado do peixe, modernos métodos de navegación e detección (sondas para detección de bancos,

7 Paz Andrade, V (1996); Sinde Cantorna, A. (2004), *El proceso de difusión tecnológica: factores condicionantes. Un análisis del sector pesquero español, 1931-1971*, Tese de doutoramento, Universidade de Vigo. Espido Bello, M. C.; Giráldez Rivero, J. (2015), «El bacalao en España (1850-1914): importación y política comercial». *Historia Agraria*, 67, 41-73; (2018), "Mercado internacional, mercado nacional: el bacalao en España en el primer tercio del siglo XX", *Investigaciones de Historia Económica*, 14, (1), 31-42.

8 Espido Bello, M. C.; Giráldez Rivero, J. (2018), "La actividad bacaladera bajo el franquismo (1939-1975)", *Revista de Historia Industrial*, 74, 137-175.

9 Carmona, X y Nadal J. (2005), *El empeño industrial de Galicia. 250 años de historia, 1750-2000*. A Coruña: Fundación Barrié de la Maza.

10 Paz Andrade (1970).

lupa de pesca, radar, piloto automático, compás giroscópico, decca), redes confeccionadas de fibras sintéticas, como nylon ou poliéster, cunha serie de vantaxes: aumento do tamaño, resistencia ou duración<sup>11</sup>.

Agora ben, detrás desta expansión se sitúa a Lei de Renovación e Protección da Frota Pesqueira, de 1961, enmarcada nos diferentes Plans de Desenvolvemento da economía española. Os seus fins eran asegurar a modernización da frota, conseguir un axeitado consumo de peixe, facer despegar as exportacións de peixe e crear "unha frota eficiente e moderna, apta para realizar abundantes capturas con mínimos custos" en caladoiros afastados. A intervención do Estado foi variada a través de primas á construción de buques, desgravacións e exencións fiscais, crédito naval, etc. A aportación do Estado podía chegar a un 80% do valor do buque e con xuros do 4 ao 6%. Os riscos a correr polos armadores eran mínimos; calcúlase que de cada 100 pesetas investidas nos novos barcos 83 foron subvencionadas<sup>12</sup>.

Como resultado a frota creceu catro veces máis do previsto, engrosando especialmente ás frotas de altura e gran altura, cun pulo importante da conxeladora e bacallaeira, namentras frota inferior ás 100 Trb estabilizouse. Isto é, as leis seguiron a beneficiar ós barcos de maior tonelaxe, reflexo de empresas fortemente capitalizadas. Desta forma, a estrutura empresarial xa fortemente concentrada tendeu a reforzar, especialmente na frota de gran altura; en 1970, 80 empresas agrupaban o 22% do Trb, 920 repartían se o 56% e 11.000 o restante 22%.

O conxunto destes cambios foi o incremento das descargas de peixe conxelado, que en 1970 representaba o 20 % do total do peso e do valor dos desembarcos totais da pesca española. O inicial carácter monoprodutor desta pesca e os seus baixos prezos dotárona dunha forte competitividade. Porén a produción creceu máis rápido, provocando

un exceso de oferta e alentando a diversificación productiva cara os crustáceos (langosta, gamba, langostino) e os cefalópodos (lura, pota, polvo). Tamén nesta etapa os cambios afectaron ás frotas de altura e baixura na mecánica naval, pilotaxe, sistemas de detección, localización, refrixeración das capturas ou materiais de construción das redes. A man de obra esixida nos barcos reduciuse considerablemente. Ao mesmo tempo, o mar "fíxose máis grande", pois coa nova tecnoloxía as frotas de altura e baixura puideron explotar con maior intensidade as áreas e os fondos de pesca onde faenaran tradicionalmente. O desenvolvemento do sector atinxiu a tódolas ramas pesqueiras e de produción acuícola, co desenvolvemento do marisqueo e do cultivo do mexillón. España consolidouse polo tamaño da súa frota como a terceira potencia pesqueira mundial, superada soamente pola de Xapón e a URSS, e por desembarcos, con máis dun millón de toneladas, a situaron entre os dez primeiros países produtores de peixe<sup>13</sup>.

## O fin das etapas de expansión: o peche do mar libre (1980-2000)

Agora ben, o modelo de desenvolvemento mantido pola pesca española desde finais da Guerra Civil e baseado nun forte apoio estatal, baixos custos da enerxía e do traballo e en condicións de existencia do mar libre, quebrou a comezos dos anos setenta. As crises petrolíferas de 1973 e 1979 provocaron non só un brusco aumento do prezo dos combustibles senón da totalidade dos custes de produción, que se agravaron polo estado de sobrepesca de gran parte dos principais caladoiros, provocando un estancamento da produción total<sup>14</sup>.

11 Giráldez Rivero, J. (2008), «Revisitando el nudo gordiano: el desarrollo de la congelación en la pesca gallega (1960-1970)». *ÁREAS*, 27, 69-79.

12 González Laxe, F. (1983), *El proceso de crecimiento del sector pesquero español (1961- 1979)*. A Coruña: Caja de Ahorros de Galicia.

13 Fernández González, A.I. (2005), "De la roca a la cuerda. 60 años de industria mejillonera en Galicia (1946-2005)", *VIII Congreso de la Asociación Española de Historia Económica*, Santiago de Compostela. [[http://www.usc.es/estaticos/congresos/histec05/b6\\_fernandez.pdf](http://www.usc.es/estaticos/congresos/histec05/b6_fernandez.pdf)]; (2008), "Cultivar ríos y mares: la acuicultura española en el siglo XX", *Áreas*, 27, 81-95; Varela Lafuente, M. (1985), *Procesos de producción en el sector pesquero en Galicia*. Santiago, Universidad de Santiago de Compostela.

14 González Laxe, F. (1983); Arruza, P., 1996. *Hacia un nuevo modelo económico en la pesca española*. SIPSA/Industrias Pesqueras, Vigo.

Amais, a Conferencia Internacional de 1973 marcou a xeneralización das Zonas Económicas Exclusivas de 200 millas e novas condicións da actividade pesqueira, pois o 95% dos recursos pesqueiros do mundo quedaron dentro da ZEE dalgún estado. A frota galega foi expulsada dos seus principais caladoiros: Groenlandia (1978), Canadá (1982), Boston (1986), etc. Seus traballos quedaron restrinxidos a áreas baixo xurisdición dos estados litorais, que agora tiñan normas, controis, cotas e regulamentacións singulares. As frotas galegas de altura e grande altura reduciron os seus efectivos ao verse afectadas nas principais augas onde obtiñan gran parte das súas capturas<sup>15</sup>.

Porén, a pesca galega mostrou unha gran capacidade de adaptación, coa procura de novas especies situadas en augas internacionais, mediante a creación de empresas mixtas con socios dos países propietarios dos recursos ou establecendo acordos bilaterais de pesca cos seus gobernos. Estes tratados implicaron unha redución da frota e das capturas, conlevando diversas condicións: cánones de pesca, desembarcos no estado propietario, control progresivo da frota por este ou axudas á construción e desenvolvemento de infraestruturas portuarias. En definitiva, a pesca galega entrou nunha fase de continua reconversión<sup>16</sup>.

Os problemas arreciaron desde comezos dos anos noventa, coa expulsión da frota conxeladora das augas de Namibia, tras a súa declaración de independencia, e as limitacións pesqueiras nas illas Malvinas. A saída foi a intensificación da pesca en augas internacionais, caso de novas especies como o fletán, unha pesca de gran profundidade aberta en 1990, e unha nova reorientación do segmento máis dinámico do sector que non só evitou a súa desaparición senón que mesmo permitiu un ascenso dos desembarcos na segunda metade da década.

De feito, a comezos do século XXI a pesca en Galiza seguía a manter unha importancia relevante. En 2005 seguía a ser a rexión pesqueira máis importante de España. A frota representaba un tercio da española e a décima parte da capacidade pesqueira da Unión Europea. O conxunto da pesca de captura, acuicultura e transformación (conservas e conxelados de produtos mariños), empregaba a 40.000 persoas, que significaban o 40% do sector en España e o 9% da UE. Os desembarcos anuais acadaban o 15% da UE, cun valor que acadaba o 50% do español e o 8% do da UE. Isto facía que o peso da pesca no conxunto da economía galega fora salientable, dez veces superior ao de España e vinte ao promedio europeo. É dicir, a actividade mantiña unha indiscutible importancia económica. España situábase entre os vinte primeiros produtores pesqueiros do mundo. Porén, as dificultades crecentes do sector fixeron que o comercio pesqueiro fora ganando importancia. A positiva balanza pesqueira española dos anos sesenta e primeiros setenta foise deteriorando progresivamente; España converteuse nunha das principais potencias comerciais pesqueiras; en 2004, figuraba no terceiro posto por importacións e no sétimo por exportacións<sup>17</sup>.

---

15 Varela Lafuente, M. (1985).

16 González Laxe, F. (1988), *La economía del sector pesquero*, Madrid, Espasa Calpe.

---

17 Garza Gil, D. Y Varela Lafuente, M. "La flota pesquera gallega en el escenario internacional" en Garza Gil, D. (coord.) (2007), *La actividad pesquera mundial. Una revisión por países*, A coruña, Netbiblo., 39-55; Varela, M, Surís, J, Garza, D., Iglesias, C., Otero, M. (1997), *Impacto en el sector pesquero gallego de las nuevas tendencias comerciales*, Santiago de Compostela, Fundación Caixa Galicia.



**COMUNIDADES PISCATÓRIAS**

# **A Comunidade Piscatória**

Daniella Chícharo\* Maria do Céu Viegas\*/\*\* Fantina Tedim\*

## **de Câmara de Lobos (Região Autónoma Da Madeira): Fatores de Vulnerabilidade e Resiliência**

\*Departamento de Geografia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
\*\*Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA)

A pesca é uma atividade ancestral na Região Autónoma da Madeira (RAM), fortemente enraizada no estilo de vida ilhéu. A população associada à atividade piscatória apresenta uma identidade muito própria. Esta é *uma construção social e cultural, que surge como expressão da diferença que reside num modo estrutural de ser (...) através do modo de falar, do modo de fazer ou do espaço onde reside, e a forma como o transforma, seja ele a freguesia, a rua ou mesmo a habitação onde reside, a casa. (...) ser pescador não é só dedicar-se à arte da pesca, mas também pertencer a um espaço, a uma rede de parentesco, onde as ligações afectivas confirmam relações profissionais* (Mano,1996)<sup>1</sup>.

Na RAM as duas principais atividades piscatórias são a pesca de tunídeos e a pesca do peixe-espada-preto, que são as espécies mais capturadas. Em 2016, o atum (e similares) foi a espécie mais desembarcada - 2722,6 toneladas, a que correspondeu 7,4 M€ - seguido do peixe-espada-preto - 1916,5 toneladas e com um valor comercial de 6,9 M€ (PSOEM-Madeira, 2018)<sup>2</sup>. Por exigência do Regulamento (CE) nº 1568/2005 do Conselho, de 20 de setembro, está interdita a pesca de profundidade com redes de emalhar fundeadas e artes de arrasto pelo fundo, nos taludes da área Madeira-Canárias e Açores, abaixo dos 200 metros de profundidade. Deste modo fica reduzido o impacto ambiental nos recifes de coral e habitats de profundidade existentes nas elevações submarinas, devido à incidência da pesca sobre espécies adultas de profundidade, tão significativa na região, e que determina o carácter artesanal, seletivo e sustentável desta pescaria.

Na RAM existem ainda várias comunidades piscatórias com características próprias, nomeadamente associadas às espécies mais capturadas.

Na ilha de Porto Santo existe uma única comunidade piscatória com o mesmo nome. Na ilha da Madeira foram identificadas as seguintes comunidades: Porto Moniz, na costa Norte; Paúl do Mar, na costa oeste; Câmara de Lobos, na costa Sul; Machico e Caniçal, maioritariamente sazonais, na costa este. Estes núcleos apresentam traços particulares diferenciadores sobretudo em termos de embarcações, espécies mais pescadas, artes de pesca e técnicas associadas, que refletem a identidade de cada comunidade piscatória, influenciada também pelas características do território e configuração do porto marítimo.

Atendendo à relevância da actividade piscatória, das práticas, dinâmicas e tradições sociais que forjaram, Santos (2010)<sup>3</sup> considerava Câmara de Lobos, Funchal, Machico, Paúl do Mar, Caniçal e Porto Santo como as principais comunidades piscatórias da RAM.

Este trabalho é dedicado à comunidade piscatória de Câmara de Lobos.

## 1. A atividade piscatória em Câmara de Lobos

Este núcleo piscatório é um dos poucos da RAM que ainda se mantém relativamente preservado e com traços da sua autenticidade ancestral. Em Câmara de Lobos exercem profissionalmente a atividade piscatória cerca de 200 pessoas, sendo praticada apenas por homens. As mulheres nesta comunidade não têm qualquer tipo de participação direta na pesca, contrariamente ao que acontece em algumas comunidades piscatórias do Continente.

Os camaralobenses praticam essencialmente três tipos de pesca: a *pesca do peixe-espada-preto*, a *pesca da ruama* e a *pesca fina*, referidos aqui por ordem decrescente da importância que representam para a comunidade, ou seja, número de embarcações, pescadores envolvidos nas pescarias e impacto económico.

1 Mano, M., (1996). *Ser pescador: Uma identidade social e familiar*. Atas do III Congresso Português de Sociologia: Práticas e processos da Mudança Social. Lisboa: Celta Editora. Disponível em: [https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR492ed3ba07541\\_1.pdf](https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR492ed3ba07541_1.pdf) (acedido em 29.9.2020).

2 PSOEM-Madeira (2018). Ordenamento do Espaço Marítimo Nacional - Plano de Situação do Ordenamento do Espaço Marítimo para a subdivisão da Madeira. Disponível em: [https://www.psoem.pt/wp-content/uploads/2018/05/PlanoSitua%3%a7%3%a3o\\_Volume\\_IV-M-Relat%3%b3rio-de-Characteriza%3%a7%3%a3o-Madeira.pdf](https://www.psoem.pt/wp-content/uploads/2018/05/PlanoSitua%3%a7%3%a3o_Volume_IV-M-Relat%3%b3rio-de-Characteriza%3%a7%3%a3o-Madeira.pdf) (acedido em 29.09.2020).

3 Santos, F. (2010). *A Pesca na História da Madeira: Estado dos Conhecimentos e Problemáticas Futuras de Análise*. Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico, n. 2:354-397. Disponível em: [https://ceha.madeira.gov.pt/CEHA/publicacoes/anuario/Anuario\\_2010](https://ceha.madeira.gov.pt/CEHA/publicacoes/anuario/Anuario_2010) (acedido em 30.9.2020).

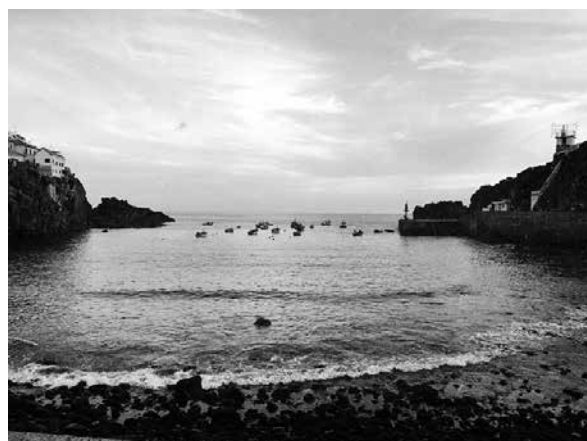
Figura 1 - Perspetivas do porto de Câmara de Lobos. Fotografias de Daniella Chicharo (04/04/2018 e 07/07/2019).

### 1.1. As embarcações

As embarcações de pesca madeirenses sempre obedeceram a uma estrutura comum em todo o arquipélago. No entanto, no município de Câmara de Lobos verificam-se algumas especificidades nas embarcações que aqui predominam. A embarcação mais característica deste centro piscatório é a chamada *Xavelha*<sup>4</sup>, nome que curiosamente também é atribuído aos seus habitantes. Estas embarcações apresentam dimensões até cerca de sete metros de comprimento, correspondendo à típica embarcação que existia e predominava há várias décadas na comunidade piscatória.

Atualmente em Câmara de Lobos as embarcações de menor porte encontram-se sobretudo junto à baía, e seguem mais ou menos a traça das primeiras canoas e a sua paleta de cores, o que obriga os proprietários a manter a traça típica das suas embarcações. Este colorido acaba por atrair o turismo, constituindo estas embarcações uma das imagens de marca do município de Câmara de Lobos. As embarcações devem ser pintadas de azul ou verde, as cores base, e depois podem utilizar outras cores - vermelho, preto, amarelo e branco, acrescentadas consoante o gosto do proprietário da embarcação - mas devem sempre obedecer ao mesmo leque de cores indicado no registo da embarcação. Contudo, contrariamente às embarcações de menor porte, as de maior dimensão podem ser pintadas de outra cor, fora da paleta indicada, tendo estes proprietários maior liberdade na escolha da cor da sua embarcação. Outro facto curioso, e característico desta comunidade, relaciona-se com a tradição dos pescadores em registar as embarcações mais pequenas com o nome das suas filhas ou sobrinhas.

Em Câmara de Lobos as embarcações de maior porte são as que estão associadas às duas pescarias profissionais, respetivamente, *do peixe-espada-preto*, em que podem atingir 15 metros de comprimento e *da ruama*, em que oscilam entre 20-25 metros. Apesar de estarem registadas em Câmara de Lobos, estas embarcações encontram-se atracadas no Porto do Funchal, devido às limitações associadas às características naturais do porto marítimo de Câmara de Lobos.



### 1.2. Pesca do peixe-espada-preto

Câmara de Lobos é a única comunidade na RAM que se dedica à captura comercial do peixe-espada-preto (*Aphanopus carbo* Lowe, 1839), com recurso a palangre de fundo ou espinhel; esta arte de pesca que é colocada no fundo ou perto dele, iscada ou não, é constituída por uma linha principal (madre), por vezes com comprimento considerável, à qual são fixados os estralhos, a intervalos regulares, mais ou menos afastados,

<sup>4</sup> Denominada também *barco de duas proas*, ou mais localmente, *canoas*.

conforme a pescaria (Nedélec, 1982)<sup>5</sup>. Esta pescaria faz-se durante todo o ano, desde que as condições do mar o permitam. O peixe-espada preto apresenta um corpo achatado em forma de fita, de cor preto iridescente, e uma cauda fina e bifurcada; possui olhos e boca grandes, e não tem escamas, deslocando-se verticalmente durante a noite para se alimentar, essencialmente de peixes, cefalópodes e crustáceos (Melim, 2020)<sup>6</sup>. Segundo Gomes (2017)<sup>7</sup> é uma espécie bentopelágica, abundante entre 700 e 1300 metros de profundidade (...) e exibe um crescimento lento e uma longevidade elevada, conferindo o estatuto de um recurso de recuperação lenta perante uma exploração comercial contínua. Apesar disso, o peixe-espada-preto surge na Lista Vermelha das Espécies Ameaçadas da IUCN<sup>8</sup> classificado na categoria "Menor preocupação"<sup>9</sup>.

Para além do peixe-espada-preto, outra espécie de profundidade, *Dalatias licha* (Bonnaterre, 1788), designada localmente por Gata ou Sapata, é capturada acidentalmente pela mesma arte. Embora com baixo ou nulo valor comercial, os camaralobenses integram-na na paisagem da sua baía de forma engenhosa. Após a extração manual da pele, o peixe é escalado longitudinalmente e salgado durante 2-3 dias na salga, depois é lavado superficialmente com água do mar e posto a secar ao sol em estruturas típicas, que contribuem para reforçar a identidade da sua comunidade piscatória, por ser o único local do arquipélago que

usa esta boa prática, que se pode considerar de consumo sustentável.

Fotografia de Daniella Chicharo (22/12/2018).



### 1.3. Pesca da ruama

Outro tipo de pesca que está associado à comunidade piscatória de Câmara de Lobos é a *ruama*, em que pescam pequenos peixes pelágicos, que vivem em cardume na coluna de água, geralmente até 200 metros de profundidade, sendo os mais comuns o chicharro (*Trachurus picturatus*) e a cavala (*Scomber colias*). Outras espécies como a boga (*Boops boops*) e a sardinha (*Sardina pilchardus*) também fazem parte deste grupo, embora com um peso mais reduzido. Estas espécies são designadas localmente por *ruama* e fazem parte de uma pescaria tradicional relevante na RAM, devido ao facto de a maior parte ser consumida em fresco pela população local, atendendo ao seu preço acessível, e também por

5 Nedélec, C. (1982). *Definição e classificação das categorias de artes de pesca*. Versão portuguesa de Alberto Leite, David Gil, João Viegas, Manuel Metelo. Lisboa. INIP, ed. 1986: 83p. il. (Publicações Avulsas nº. 10).

6 Ricardo Melim (publicado a 09.01.2020). O peixe-espada preto.

Disponível em: <https://dica.madeira.gov.pt/index.php/outros-temas/pescas/3058-o-peixe-espada-preto> (acedido em 02.10.2020).

7 Gomes, C., 2017. Breve nota sobre a biologia de peixe-espada preto.

Disponível em: <https://dica.madeira.gov.pt/index.php/outros-temas/pescas/1960-breve-nota-sobre-a-biologia-de-peixe-espada-preto> (acedido em 03.10.2020).

8 International Union for Conservation of Nature (União Internacional para a Conservação da Natureza).

9 Vega-Cendejas, M., Cobián Rojas, D. & Espinosa-Perez, H. (2019). *Aphanopus carbo*. A Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN2019: e.T18179793A42691629.

Disponível em: <https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2019-2.RLTS.T18179793A42691629.en> (acedido em 03.10.2020).

servirem de isco na pescaria do peixe-espada-preto. Essencialmente costeira, a *ruama* pratica-se durante todo o ano, realiza-se durante a madrugada, sendo o cardume atraído pelo engodo ou isco e por fontes luminosas (candeio). Esta técnica é muito eficiente e favorece a concentração deste tipo de espécies para o cerco, sendo ainda melhorada com o uso de sondas na deteção de cardumes (Faria, 2014)<sup>10</sup>.

As embarcações associadas a este tipo de pesca estão equipadas com uma rede de cerco, de acordo com a legislação vigente (Portaria n.º 1102-G/2000, de 22 de novembro). Estas redes podem atingir 500 metros de comprimento e 90 metros de altura, com uma malhagem mínima de 16mm, e possuem argolas no cabo da parte inferior da rede que, ao ser puxado, fecha a rede como uma bolsa, retendo os peixes cercados. Na ilha da Madeira, a rede de cerco é manobrada por duas embarcações, a *principal* e a *enviada* ou *barco de apoio*. O cerco completa-se quando a embarcação principal encontra a *enviada* e de imediato a rede é fechada pela retenida (Faria, 2016)<sup>11</sup>.

#### 1.4. Pesca Fina

Em Câmara de Lobos também é praticada a chamada *pesca fina*, que ocorre durante o dia, em que são pescados essencialmente pargos (*Pagrus* sp.), garoupas (*Epinephelus aeneus*), entre outras espécies. Este tipo de pesca não é economicamente tão revelante para a comunidade de Câmara de Lobos como o peixe-espada-preto ou a ruama. Este é um tipo de pesca mais comum um pouco por toda a ilha da Madeira, sendo realizada por meio da arte de pesca de linha-de-mão, uma das formas mais simples de pescar, sendo colocados um ou vários anzóis na extremidade da linha de pesca. A linha é manobrada manualmente, atuando ligada à mão do praticante, sendo utilizadas sobretudo chumbadas para que o anzol consiga afundar. Importa salientar que esta é uma pesca mais

independente, sendo em Câmara de Lobos fundamentalmente realizada por pescadores lúdicos, em pequenas embarcações de pesca.

## 2. A vulnerabilidade da comunidade piscatória de Câmara de Lobos

Em Câmara de Lobos é bem visível que a atividade piscatória já não representa o mesmo de há décadas e têm sido vários os fatores que têm contribuído para a sua vulnerabilidade.

A vulnerabilidade pode ser considerada como uma condição social, que pode surgir como sinónimo de insegurança e de fragilidade frente a um perigo. Segundo Ribeiro (1995:p.30)<sup>12</sup> a análise das vulnerabilidades sociais processa-se através de uma *leitura interpretativa e integrada de componentes de incidência sócio-estrutural, sócio-urbanística e sócio-cultural (...) contemplar variáveis tais como a composição familiar, estrutura etária e sexual, níveis de ensino, redes de vizinhança, composição sócio-profissional, etc., são determinantes para um entendimento interpretativo dos factores de vulnerabilidade das comunidades e grupos sociais*. De acordo com Béné (2009)<sup>13</sup> o conceito de vulnerabilidade apresenta duas dimensões: exposição ao risco e suscetibilidade. Entende ainda que a vulnerabilidade é quantificada de acordo com a probabilidade de atingir (ou não) um determinado nível de bem-estar, quer seja pelo rendimento, consumo, educação ou saúde de dado indivíduo. Há autores que em investigações relacionadas com as comunidades piscatórias se referem ainda à sensibilidade a uma ameaça e resiliência como componentes principais da vulnerabilidade (Thompson *et al.*, 2016)<sup>14</sup>.

Nesta investigação consideramos vulnerabilidade como as condições determinadas por fatores ou processos físicos, sociais, económicos, ambientais e institucionais que aumentam a

10 Faria, G., 2014. A pescaria de pequenos pelágicos na RAM. Disponível em: <https://dica.madeira.gov.pt/index.php/outros-temas/pescas/825-a-pescaria-de-pequenos-pelagicos-na-ram>.

11 Faria, G. (2016). Artes de pesca utilizadas na captura de pequenos pelágicos.

Disponível em: <https://dica.madeira.gov.pt/index.php/outros-temas/pescas/1652-artes-de-pesca-utilizadas-na-captura-de-pequenos-pelagicos> (acedido em 30.09.2020).

12 Ribeiro, M. J. (1995). Sociologia dos desastres. *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº 18:23-43.

13 Béné, C. (2009). Are Fishers Poor or Vulnerable? Assessing Economic Vulnerability in Small-Scale Fishing Communities. *Development Studies*, 911-933.

14 Thompson, C., Johnson, T., & Hanes, S. (2016). Vulnerability of fishing communities undergoing gentrification. *Journal of Rural Studies*, 45:165-174.

Figura 3 - Fatores internos (representados a negrito) e externos de vulnerabilidade, segundo a dimensão sócio-cultural, económica, ambiental e legal e institucional.



susceptibilidade de um indivíduo ou comunidade sofrer danos (UNDRR, 2017)<sup>15</sup>. A resiliência diz respeito à capacidade de adaptação ou superação da adversidade face a um trauma, risco ou ameaça (Taboada *et al.*, 2006)<sup>16</sup>. Consideramos que a vulnerabilidade e a resiliência são processos distintos, embora relacionados (Cutter *et al.*, 2008)<sup>17</sup>.

Com base num questionário exploratório dirigido a 10 pescadores desta comunidade, identificaram-se vários fatores de vulnerabilidade internos e externos à comunidade.

### 2.1. Fatores sócio-culturais

Ao nível social os fatores internos mais relevantes são: i) o nível de educação que é geralmente reduzido; ii) a dimensão da família, que apresenta uma média de 7 pessoas por agregado, sendo comum a convivência de várias gerações na mesma habitação; iii) o envelhecimento, que é evidente pela idade avançada dos pescadores e pela pouca atratividade que a pesca representa para os jovens da comunidade piscatória; iv) a

ligação à comunidade, traduzida através da rede de laços afetivos, e práticas de solidariedade entre os pescadores; e v) associativismo, inexistente a nível local e que tem consequências negativas na capacidade de reivindicação de direitos. Em relação aos fatores externos salientamos a desvalorização social dos pescadores que se sentem como segregados pela restante sociedade, devido à sua reduzida escolaridade, e falta de reconhecimento do seu sacrifício e da nobreza e importância comercial da sua atividade profissional.

A maior parte dos pescadores de Câmara de Lobos já exercem a pesca há várias décadas, e começaram a fazê-lo ainda muito jovens seguindo a tradição familiar. A amostra de 10 pescadores que constituíram o estudo exploratório exercem em média a sua profissão há 38 anos, começando a maior parte deles a trabalhar aos 14 anos e têm uma escolaridade baixa. Apenas o pescador mais novo considerado na amostra, com 37 anos, detém a 6ª classe, embora incompleta.

Alguns pescadores não têm filhos a trabalhar na pesca por opção dos filhos, por considerarem uma atividade perigosa, mal remunerada e socialmente desvalorizada. Observa-se que quanto maior o nível de educação, menos atrativa se torna a atividade piscatória. Isto resulta na decadência desta comunidade, que não é renovada pelas gerações mais novas, por possuírem outras aspirações.

### 2.2. Fatores económicos

No que diz respeito aos fatores internos de natureza económica, os mais pertinentes estão

15 UNDRR (2017) - United Nations Office for Disaster Risk Reduction.

Disponível em: <https://www.undrr.org/terminology/vulnerability> (acedido em 04.10.2020).

16 Taboada, N. G., Legal, E., & Machado, N. (2006). Resiliência: em busca de um conceito. *Journal of Human Growth and Development*, 34:104-113.

17 Cutter, S. L., Barnes, L., Berry, M., Burton, C., Evans, E., Tate, E. & Webb, J. (2008). A place-based model for understanding community resilience to natural disasters. *Global environmental change*, 18(4), 598-606.

relacionados com o grau de dependência financeira da pesca e o número de pessoas que contribuem para o rendimento familiar. Ao nível dos fatores externos surgem: o valor comercial do pescado; a variabilidade sazonal do valor comercial do pescado; e a pressão urbanística e turística.

Os pescadores inquiridos estão completamente dependentes da atividade piscatória, sem possuírem um rendimento suplementar de outra atividade. Frequentemente, contribuem sozinhos para o rendimento do seu agregado familiar. Relacionando este indicador com a dimensão do agregado, observamos que o seu grau de dependência face à pesca é elevado. Esta é uma atividade imprevisível, e por isso não garante um salário constante ao longo do ano. Os pescadores vão para o mar sem garantia do que irão pescar, o que contribui para a vulnerabilidade dos pescadores. Todavia, na sua generalidade, os pescadores encontram-se satisfeitos com o rendimento obtido, sobretudo os espadeiros, embora alguns estejam completamente insatisfeitos. O preço da espécie dominante varia ao longo do ano, sendo mais elevado no verão. Mas quando o pescador vende o peixe diretamente ao comerciante, o preço já não varia, o que revolta o pescador, sobretudo quando o isco é mais caro que o peixe que está a vender. Quando a espécie dominante perde valor no mercado, as estratégias de resiliência são aumentar os dias de mar na tentativa de capturar mais peixe, ou então capturar outras espécies com maior preço de mercado, para que o valor da espécie-alvo aumente.

A atividade piscatória em Câmara de Lobos é condicionada pelo turismo, que tem abalado a vivência desta comunidade. A demolição dos antigos edifícios da lota e do entreposto frigorífico para, nesse espaço, ser construído um hotel é disso exemplo, tendo provocado a perda de infraestruturas fundamentais ao normal exercício da atividade da pesca. O estaleiro desta comunidade não está operacional, e o local dedicado ao armazenamento de combustível para abastecer as embarcações encontra-se desativado. A pressão urbanística tem afastado as habitações dos pescadores da frente marítima.

### 2.3. Fatores ambientais

Consideraram-se a nível ambiental apenas os seguintes fatores externos: i) o manancial de

espécies acessíveis ao longo do ano; ii) a configuração e acessibilidades do porto; iii) a influência das alterações climáticas; e iv) tipo e frequência de perigos naturais.

O peixe-espada-preto é uma espécie de profundidade, o que acarreta algumas vulnerabilidades associadas, em parte devido ao seu elevado teor de mercúrio (Gaggi *et al.*, 1996)<sup>18</sup>. Na RAM não existe um período de defeso para esta espécie, problemática que traz consigo impactos essencialmente ambientais, mas também socioeconómicos e logísticos derivados à eventual sobre-exploração desta espécie. Como medida integrada de planeamento do esforço de pesca a longo prazo, é necessário estabelecer um defeso que permita contribuir eficazmente para a sustentabilidade de várias pescarias, sobretudo a de peixe-espada-preto.

O porto piscatório de Câmara de Lobos, em caso de tempestade, não recebe qualquer tipo de embarcações porque a atracagem é difícil devido à sua configuração, pelo que só pequenas embarcações conseguem aportar. Perante estes condicionamentos, os pescadores são obrigados a atracar e desembarcar no porto do Funchal, permanecendo aqui as embarcações de maior porte, registadas em Câmara de Lobos.

Existem estudos que relacionam as alterações climáticas com a redução dos mananciais pesqueiros no oceano. Contudo, foi interessante verificar que, na sua maioria, os pescadores desta comunidade não conseguem identificar essa relação, manifestando-se céticos em relação às alterações climáticas, justificando a escassez de pescado com a poluição. Mas as alterações climáticas também têm influência na ocorrência de perigos naturais. As tempestades tropicais e extratropicais são o perigo natural com maior frequência e impacto destrutivo nesta comunidade. A tempestade registada em fevereiro de 2018, destruiu o cais de Câmara de Lobos que não resistiu à fúria do mar. Os pescadores, face à ocorrência de tempestades, tendem a ficar em terra. No entanto, quando a tempestade surge quando estão no mar, estes confirmam lá permanecer uma

---

18 Gaggi, C., Zino, F., Duccini, M., & Renzoni, A. (1996). Levels of mercury in scalp hair of fishermen and their families from Camara de Lobos-Madeira (Portugal): A preliminary study. *Bulletin of Environmental Contamination and Toxicology*. 56(6), 860-865.

vez que já tiveram muitas despesas, tanto com o material de pesca como com a sua alimentação.

#### **2.4. Fatores legais e institucionais**

Ao nível legal e institucional, salientam-se os seguintes fatores, todos de natureza externa: i) quadro legislativo; ii) governança das pescas; e iii) relação entre as comunidades piscatórias e as organizações do setor da pesca.

Há uma manifesta falta de apoio governamental à atividade piscatória, sublinhada pela inexistência de infraestruturas básicas essenciais ao setor. Os pescadores demonstram o seu descontentamento face a muitas decisões políticas que têm vindo a ser tomadas, como seja a demolição dos edifícios da lota e do entreposto frigorífico. Os pescadores perante esta e outras ações<sup>19</sup> sentem-se enganados pelas entidades governamentais, afirmando que a lei não colabora com o pescador, apenas com o armador.

Os pescadores entendem que a obrigatoriedade do uso do colete salva-vidas traz melhores condições de segurança, mas consideram que o seu uso não é confortável, e muito menos funcional.

Da teoria à prática existem muitas lacunas e problemas regulamentares. As políticas a adotar neste âmbito devem auscultar as opiniões dos pescadores que, na sua maioria, afirmam não serem ouvidos, não se sentindo estimados pelos organismos políticos, e não tendo incentivos para uma participação cívica mais ativa. O envolvimento dos pescadores na definição das políticas públicas é muito importante para uma gestão mais racional e sustentável dos recursos da pesca.

---

19 Em 2012 foi divulgado um *Guião de Boas Práticas Aplicáveis à Atividade Piscatória*, elaborado para promover a Conservação da Natureza, a Biodiversidade e a Sustentabilidade Socioeconómica nas áreas Classificadas do Arquipélago da Madeira, intitulado "Comunicando para a sustentabilidade socioeconómica, usufruto humano e biodiversidade em sítios da Rede Natura 2000 no arquipélago da Madeira", acrónimo "ECO ECOMPATÍVEL". Disponível em: [https://ifcn.madeira.gov.pt/images/Doc\\_Artigos/Divulgacao/boaspraticas/ProjLiEco/SER\\_ECOCOMPATIVEL\\_BoasPraticasPescas\\_3M.pdf](https://ifcn.madeira.gov.pt/images/Doc_Artigos/Divulgacao/boaspraticas/ProjLiEco/SER_ECOCOMPATIVEL_BoasPraticasPescas_3M.pdf) (acedido em 30.09.2020).

### **3 - A resiliência da comunidade piscatória de Câmara de Lobos: breve reflexão**

Os pescadores de Câmara de Lobos apresentam um historial de vivência com o mar conturbado e sujeito a inúmeras dificuldades. A situação atual da comunidade piscatória de Câmara de Lobos é mais um exemplo da gentrificação destes núcleos piscatórios a que se assiste um pouco por todo o litoral português, fruto de uma sociedade não inclusiva, pois os interesses e direitos dos pescadores não são devidamente considerados pelo contexto social, legal e institucional.

Não obstante todas as barreiras e problemas, é possível identificar fatores de resiliência. A pesca confere aos pescadores identidade cultural, tornando-os capazes de vencer as adversidades, e de os fazer continuar. Os 10 pescadores que participaram no questionário exploratório a esta comunidade, alegaram a não existência de um rendimento adicional proveniente de outra atividade. Porém, através da observação participante identificamos outras estratégias de resiliência que são adotadas pela comunidade piscatória, como são trabalhar no estrangeiro em embarcações maiores, ou produzindo artesanato temático, ou complementando com atividades de pesca-turismo, ou alugando a embarcação para pesca lúdica.

A comunidade piscatória de Câmara de Lobos representa um importante património material e imaterial para a RAM que deve ser preservado. Os valores socioeconómicos e culturais da pesca devem ser devidamente reconhecidos, bem como a valorização económica e social da profissão de pescador, que integra a identidade cultural madeirense.

#### **Agradecimento**

As autoras agradecem a colaboração dos pescadores de Câmara de Lobos.

# **Nazaré, a evolução de uma COMUNIDADE PISCATÓRIA**

José Maria Trindade\*

\*Instituto Politécnico de Leiria

Foto 1 – Praia da Nazaré com o velho burgo da Pederneira em fundo.

Neste artigo, procuraremos descrever em traços largos a evolução histórica da comunidade piscatória da Nazaré, hoje quase residual. Não se pretende uma descrição das técnicas de pesca ou da sua evolução, mas sim as etapas que levaram à formação e definhamento da Nazaré como terra de pescadores.

Hoje, a Nazaré, como tantas comunidades piscatórias em Portugal e no mundo, têm no turismo a sua principal fonte de receitas. As velhas cabanas de pescadores junto à praia são hoje bares onde os filhos e netos de pescadores servem bebidas aos turistas; e muitas das habitações onde há trinta ou quarenta anos viviam as famílias marítimas são hoje restaurantes ou casas comerciais. Muitos dos seus habitantes vivem hoje nos bairros que foram crescendo em torno da vila. Não significa isto que o centro histórico se tenha tornado um lugar ermo. A Nazaré é ainda uma terra que ferve de vida; e onde, ao lado de um estabelecimento comercial encontramos uma família local ou outras paragens que se veio ali estabelecer.

A vila da Nazaré, com cerca de 10 000 habitantes, é constituída por três núcleos, Praia, Sítio e Pederneira, que ainda hoje, e apesar da expansão da malha urbana, mantêm a sua individualidade, muito devido à geografia local e à história de cada um destes lugares.

Sobre a serra que corre paralela à linha da costa, ergue-se o velho burgo da Pederneira, o povoado mais antigo, cuja origem se perde no tempo, e onde a pesca conheceu um grande incremento a partir do século XVI, com a instalação dos pescadores de Paredes, antiga comunidade localizada na costa 11 quilómetros a norte, na sequência do assoreamento do seu porto.

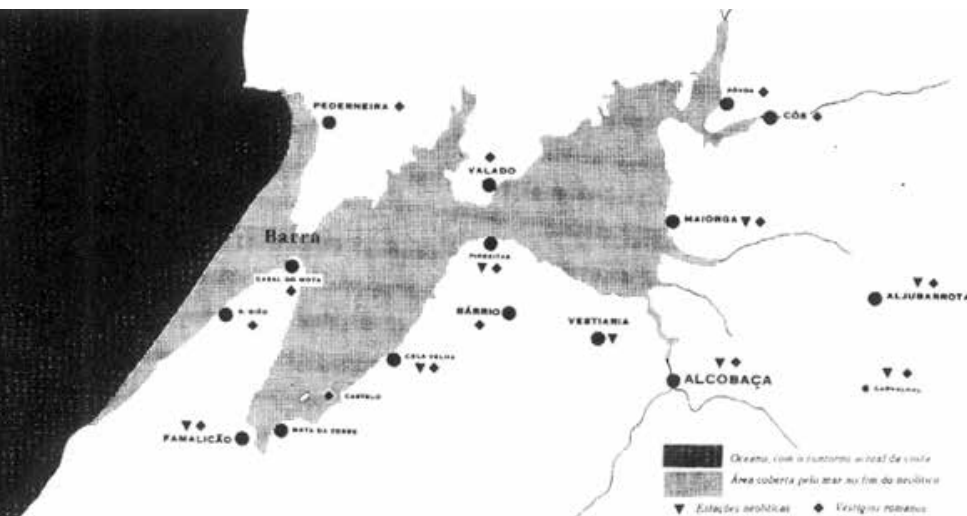
O Sítio da Nazaré, desenvolveu-se em torno do Santuário mariano, cuja projeção a partir do século XVII deve ser entendida no âmbito do movimento da Contra-Reforma. O Santuário de Nossa Senhora da Nazaré, enquanto centro religioso ao qual ainda hoje acorrem os peregrinos de todos os cantos do país, teve um papel muito importante no crescimento que o Sítio e a Pederneira conheceram a partir do século XVII.

Inicialmente referida como Ribeira da Pederneira, é só a partir da segunda metade do século XVI que a Praia da Nazaré começou a ser ocupada por pescadores, construtores navais e gente ligada ao comércio marítimo, devido ao assoreamento da entrada da lagoa da Pederneira.

A estes vieram juntar-se em meados do século XVIII os pescadores de Ílhavo. Num relato enviado ao rei após o terramoto de 1755, são referidas meia centena de casas e cabanas na Praia. Na memória coletiva dos nazarenos é ainda hoje muito forte a consciência desta ascendência. O que é confirmado pelos apelidos, como Vagos, Aveiro, Águeda, entre outros.



Fig. 2 - Mapa da extinta Lagoa da Pederneira (in Vieira Natividade, Mosteiro e Coutos de Alcobaca).



José de Almeida Salazar escreveu a partir de testemunhos orais em 1842 que na primeira metade do século XVIII, a construção que mais se destacava na Praia «era uma espécie de arsenal, armazém, ou grande quintal murado (...) com telheiros e acomodações, que servia para nelles se recolherem as ferramentas (e) madeiras de embarque (para a Ribeira das Naus, em Lisboa); e outros trens pertencentes ao Estado, e próprias para a feitura das náos e serviço dos Arcenais Reais» (Salazar, 1842-2: pp. 529-530). Almeida Salazar refere ainda que na primeira metade do século XVIII existiam na Praia «quando muito dez ou quinze barracas de madeira, aonde os pescadores recolhiam as suas redes, e aparelhos». E, em 1760, «apenas haveria na dita Praia quando muito quinze propriedades de casa de pedra e cal, e poucas barracas de madeira, inclusive umas grandes casas de residência dos Religiosos Bernardos, que tinham uma pequena capella, aonde celebravam as suas missas quando estava a banhos na Praia» (Salazar, 1842-2: pp. 533-534).

A partir desta altura Almeida Salazar fala de um grande incremento da atividade piscatória, que atribui

«à grande actividade dos senhorios ou donos dos barcos e redes, que nesses felizes e venturosos tempos as principais pessoas destas duas terras (a villa da Pederneira, e o Sítio da Nazareth, junto com o grande respeito que lhe tinham os seus súbditos» (Almeida Salazar, *op. cit.*: p.535).

Enquanto os pescadores locais usavam redes pequenas, os chinchorros, com os quais

«pescavam grande quantidade de peixe» (Almeida Salazar, *op. cit.*: 535-536), os pescadores de Ilhavo, os *ilhéos*, usavam grandes redes, a que chamavam *artes*, com as quais pescavam grande abundância de peixe, ao sul da praia.

Foi só depois das invasões napoleónicas, com a reconstrução das casas que, por represálias devido à resistência da população local, os invasores franceses tinham destruído, queimando cabanas, barcos e apetrechos de pesca (Marcelino Mesquita, 1913), que a maior parte das famílias que viviam do mar, se deslocaram da Pederneira

para a Praia, usando os materiais das antigas habitações para a construção das novas casas na Praia. No velho burgo, que até ao princípio do século XX continuará como sede do concelho, permaneceram sobretudo as famílias ligadas à agricultura.

A par do Santuário de Nossa Senhora da Nazaré, a praia de banhos tornou-se um motivo de grande atracção para os visitantes. O reconhecimento pela medicina, dos banhos de mar como benéficos para a saúde, contribuiu para fazer com que a Praia da Nazaré se tornasse uma das estâncias de veraneio favoritas da burguesia de Lisboa, bem como da população do Ribatejo. Para satisfazer este mercado, a Praia da Nazaré foi dotada de um conjunto de equipamentos destinados ao turismo a partir dos finais do século XIX, como a praça de touros, o elevador que liga a Praia ao Sítio, o cinema, os banhos quentes, hotéis. Nos primeiros quatro meses de 1875 foram construídos vinte edifícios para os turistas (Isabel Fonseca, 1978).

A atividade pesqueira conheceu durante todo o século XIX um incremento extraordinário, com o desenvolvimento de novas técnicas de pesca e a descoberta de novos pesqueiros. As velhas *artes* (a *xávega*), demasiado grandes e pesadas, foram divididas em redes mais pequenas, as *netas*, e «novos aparelhos, por cuja causa vai em grande aumento o commercio da pescaria neste nosso porto, e a elle vem almocreves de todas as terras circunvizinhas, e mesmo de Alem-Tejo e Beira Baixa, comprar peixe para as suas terras» (Almeida Salazar, *ibidem*: pp.542-543).

**Quadro n.º 1** (Fonte: Manuel Remígio, 1944)

Ano	Nº de Barcos	Nº de Pescadores	Valor do pescado
1886	65	539	80.000\$00
1927	425	2089	5.064.000\$00
1934	534	2866	3.638.924\$00

Com o desenvolvimento económico proporcionado pela pesca e pelo turismo e o rápido crescimento do lugar da Praia, «*muitos habitantes da Pederneira abandonaram aquella villa e vieram estabelecer-se na praia*», passando a viver «*dos interesses do pescado e alugueis de suas casas às gentes que vem a banhos do mar, e dos imensos lucros que tem tido nas salgas e secas do peixe*», o que levou ao surgimento ao longo da praia, de grande número de casas e armazéns «*para depósitos de pescarias pra negocio* (Idem: pp. 539-546).

### A mais típica praia portuguesa

A paisagem natural e humana da Nazaré, com os pescadores e as mulheres nos seus trajos típicos, os barcos de bico, o arcaísmo das suas técnicas de pesca e o imponente promontório ganharam grande visibilidade e atenção por parte das elites nacionais a partir do final do século XIX.

O movimento romântico que procurava no povo, quer em termos estéticos, quer em termos políticos, a fonte para a renovação do país, levou as elites intelectuais ao encontro do povo. A Nazaré foi um desses lugares eleitos para a construção

de uma ideia de Nação, feita de tipos regionais como o campino do Ribatejo, a noiva de Viana do Castelo, o pauliteiro de Miranda entre muitos, que a República e o Estado Novo, sobretudo por ação de António Ferro promoverão a nível internacional. Ao nível local, formou-se uma comissão de turismo para promover a Nazaré, tendo-se chegado mesmo a adquirir uma cópia do filme de Leitão de Barros, *Maria do Mar*, de 1930, tendo esse fim em vista.

Esta visibilidade exterior da Nazaré, e da sua comunidade piscatória, deve-se em grande medida ao facto da Praia da Nazaré ser frequentada por essa burguesia nacional que se interessa pelo destino dos pescadores e das suas famílias, cujas vidas são frequentemente marcada pela tragédia.

É à mesa de uma esplanada de um café na praça principal, que Almada Negreiros desenha o folheto da Primeira Festa do Mar, complementado pelas palavras de Afonso Lopes Vieira.



## O tempo da fome e o da fartura

A vida da comunidade foi, ao longo do século XX marcada por uma nítida separação entre o Verão e o Inverno.

O Verão era o tempo de abundância. Os rendimentos da pesca eram mais altos e regulares, porque as condições do mar estão geralmente favoráveis à atividade piscatória. E era também no Verão que o turismo permitia a todos alguma forma de rendimento: do aluguer das casas ou das barracas na praia, às obras ou arranjos necessários para receber os turistas, que mobilizavam as diversas atividades de artesãos locais; as limpezas e lavagens de roupas que permitiam às mulheres mais pobres ganhar algum dinheiro, as moças que vendiam os caranguejos cozidos e os percebes em pequenas cestas junto ao areal.

O Inverno era o tempo da fome. Entre outubro e abril as condições atmosféricas impediam muitas vezes a saída para o mar. A ausência do porto de abrigo, reclamado pelos pescadores desde finais do século XIX, tornava a pesca uma atividade de alto risco devido às características locais: a zona de rebentação constituía uma barreira muitas vezes intransponível, e demasiadas vezes mortal: quer a saída dos barcos para o mar, quer o regresso são sempre momentos de incerteza e de inquietação.

Durante os meses de Inverno, os barcos eram puxados para as praças e ruas da vila, para não serem levados pelo mar.

Incapazes de concorrer com os arrastões portugueses e espanhóis, os pescadores locais assistiam impotentes à delapidação dos seus recursos, o que acabou por ditar o fim das armações e dos últimos galeões, devido à escassez da sardinha provocada pela sobrepesca.

Os anos trinta foram um período de crise para a comunidade piscatória da Nazaré. Foi o tempo da sopa dos pobres e da sobrevivência possível com a venda de lenha e pinhas que iam ao pinhal buscar para vender às padarias e tabernas.

Muitas famílias da Nazaré endividaram-se no início dos anos trinta, para se modernizarem com os novos barcos a motor, deixando os velhos batéis a remo e vela, e competir com os modernos

barcos a motor de Peniche, da Figueira, e de Espanha. Mas as condições naturais não permitiam a operação com barcos desta dimensão, e muitas famílias que se tinham endividado ficaram sem barcos e sem as próprias casas.

Como podemos observar no quadro 2, a partir dos anos trinta dá-se uma inversão na tendência que até essa data se registava, do crescimento do valor do pescado no porto da Nazaré; sobretudo se compararmos com a evolução do porto de Peniche.

**Quadro n.º 2 – Valores do pescado de Nazaré e Peniche entre 1900 e 1944** (Fonte: jornal *Comarca da Nazaré*, n.º 250, de 20.11.1950)

Ano	Nazaré	Peniche
1900	212.896\$00	69.885\$00
1905	210.423\$00	127.032\$00
1910	252.223\$00	167.017\$00
1913	241.210\$00	218.303\$00
1914	213.980\$00	349.081\$00
1920	1262.208\$00	1.776.250\$00
1925	5.395.246\$00	7.832.640\$00
1930	5.773.470\$00	12.635.101\$00
1935	3.745.697\$00	12.960.673\$00
1940	5.681.200\$00	10.411.800\$00
1944	14.325.800\$00	25.774.009\$00

A ausência do porto de abrigo marcou de forma dramática a história da comunidade durante praticamente todo o século XX. As estatísticas de pesca mostram-nos como a partir dos anos trinta há uma diminuição contínua, quer do número de embarcações, quer de pescadores.

Muitos saíram em busca de melhor sorte noutros portos de pesca. Muitos pescadores migraram para Peniche, outros para Matosinhos. Nos anos sessenta, um pequeno grupo de nazarenos recém-chegados ao Canadá decidiu trocar o emprego nas fábricas e construção civil e experimentar a sorte no Ontário. Alugaram um barco que estava parado por idade do proprietário, e assim nasceu a numerosa comunidade nazarena de Leamington.

Até à inauguração do porto de abrigo da Nazaré em 1983, a baía de São Martinho funcionou como porto de abrigo para os botes do alto da Nazaré, da

Foto 4 – A azáfama na praia.



pesca ao anzol. O transporte de peixe e companhia fazia-se em carrinha de caixa aberta, num percurso de meia-hora, entre o cais de São Martinho e a lota na Nazaré. As grandes traineiras da sardinha, que operavam com grandes redes de cerco, ficavam no meio da baía da Nazaré, fazendo-se o transporte de homens e redes entre a praia e a traineira, por uma enorme embarcação, a *barca*.

A arte xávega, com algumas oscilações no seu número continuou a ter um papel importante na economia da vila; mas tornou-se sobretudo uma atividade exercida pelos pescadores mais velhos, coadjuvados em terra pelas mulheres e jovens. Não era bem visto um homem “na força da idade” trabalhar na xávega. A pesca no mar alto era fundamental para a afirmação do homem, quer pelos ganhos que lhe permitiam manter a família, quer pelos riscos que implicava. Nos anos oitenta ainda operava na Nazaré a última xávega. No início deste século a câmara municipal reavivou a experiência para atrair os turistas, durante os fins de semana de maio.

O momento em que um jovem tirava a cédula marítima era celebrado com orgulho por toda a comunidade. Como um verdadeiro ritual de iniciação, o jovem pescador passava por uma prova física, a natação, perante um representante da autoridade marítima local.

Esta clivagem entre o Verão e o Inverno era particularmente dramática para as famílias mais pobres da terra. Para aproveitar os rendimentos com o aluguer das casas, os senhorios só alugavam a casa de outubro a maio. Durante os meses de Verão, grande parte das famílias nazarenas, por vezes numerosas, vivia em pequenas cabanas sem grandes condições de habitabilidade.

Acentuou-se uma divisão social entre os pescadores não proprietários, que vivem da pesca local e os *embarcadiços*. Estes andavam nos navios e garantiam às suas famílias um nível de vida comparável à classe média local. A partir dos anos setenta colocam os filhos a estudar na única escola secundária local, privada, ao lado dos filhos da pequena e média burguesia locais.

Outro grupo significativo, quer em número, quer em prestígio no meio piscatório era o dos pescadores da pesca longínqua, que ao serviço da Companhia Nacional de Pescas, operavam nos ricos pesqueiros do norte de África, o Cabo Branco; os bacalhoeiros representavam também uma importante parte da comunidade. Grande parte destes pescadores aventuravam-se ao fim de alguns anos, com algumas economias na aquisição do seu primeiro barco, uma lancha, para operar na baía; e a partir daí iniciavam o seu percurso como mestres, que consoante a sorte

Foto 5 – O transporte da rede.



e o saber os levaria à elite dos proprietários dos botes da pesca do anzol, grandes embarcações com tripulações de dezasseis a dezoito homens que pescavam com a gorazeira e o espinhel. Estes tiveram o seu auge até durante a década de sessenta e primeira metade da de setenta. Algumas destas empresas resultavam da iniciativa de um investidor local que convidava um pescador com experiência para governar o barco. Ao fim de alguns anos, o mestre tornava-se o proprietário do barco.

À exceção de um período no início do século XX, em que houve uma experiência de capitalismo na pesca, com as armações, na Nazaré foi sempre comum o proprietário ser também o mestre do barco; não se podendo, portanto, falar-se de uma classe de exclusivamente armadores.

### **As transformações da comunidade após a Revolução dos Cravos**

Com a revolução de 25 de Abril de 1974 a comunidade piscatória passou por um período de grande conflitualidade social. O sindicato dos pescadores organizou greves reivindicando mudanças na distribuição do rendimento do pescado. O que até então se passava era que entre a parte que cabia ao proprietário pela posse do barco e dos equipamentos de pesca, mais o que ganhava como mestre, correspondia a cerca de metade do valor do pescado vendido.

Foto 6 – Um barco a varar.



Nas redes do arrasto praticava-se a terça parte: um terço pelo barco, outro pela rede e o outro a distribuir pela companha.

Dada a ausência do porto de pesca e o grande número de dias sem ir ao mar mesmo numa empresa com maior sucesso os rendimentos médios dos companheiros nunca eram muito elevados; a não ser que o barco operasse a partir do porto de Peniche, e aí os rendimentos do pescado garantiam melhores condições de vida às famílias dos pescadores. Nos anos sessenta e setenta havia algumas companhas nazarenas que o faziam; e a tripulação regressava apenas durante o fim de semana à Nazaré para estar com as suas famílias e entregar às mulheres os ganhos para o governo da casa.

De acordo com Vasco da Gama Fernandes no ano de 1938, os pescadores puderam sair para o mar em 177 dias, dos quais 37 dias perigosos, e não puderam sair 188 dias.

Uma das maiores alterações produzidas pelas greves dos pescadores em 1975 foi o quase desaparecimento da pesca do anzol pelos botes do alto. De forma a recuperar o perdido nos acordos estabelecidos, os mestres armadores reconverteram as suas artes da pesca ao anzol pelas redes de cerco. Os botes foram dando lugar às cercadoras.

O sonho do porto de abrigo da Nazaré só se tornou realidade com a instauração do regime democrático. Financiado pela Alemanha, o porto foi construído e inaugurado em 1983. A adesão de Portugal às comunidades europeias trouxe grandes alterações às pescas em Portugal. A necessidade de diminuir o esforço de pesca na costa portuguesa levou ao abatimento de muitas embarcações de pesca costeira; o que no caso da Nazaré, sem tradição na pesca longínqua, afetou quase toda a frota.

### Quadro n.º 3 – Evolução do n.º de embarcações

(Fonte: Direcção Geral das Pescas e Aquicultura do Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas)

Ano	Local <sup>1</sup>	Costeira <sup>2</sup>
1988	318	34
1989	314	30
1990	292	26
1991	254	27
1992	227	27
1993	224	23
1994	217	24
1995	203	22
1996	197	22
1997	185	25
1998	182	25
1999	167	25
2000	156	25
2001	153	23

A análise do quadro acima, relativo ao número de embarcações registadas na Capitania do porto da Nazaré ilustra com clareza o impacto das medidas introduzidas após a adesão em 1986.

Uma das transformações que maior impacto na paisagem local foi a deslocação para o porto de abrigo, dos barcos e das atividades de apoio, como o remendar das redes, o desembarhar dos aparelhos do anzol, a preparação dos

apetrechos para a pesca, o descarregar do peixe, em que as mulheres dos pescadores, as companheiras, sobretudo das pequenas embarcações que enclavam na praia com o auxílio do trator (e antes do final dos anos sessenta com juntas de bois); e a azáfama que pela manhã enchia a praia de vida com a chegada das barcas que traziam os cabazes carregados de sardinha das traineiras. De um dia para o outro, a praia que tinha sido, durante séculos o centro da vida económica e social da Nazaré, ficou deserta.

### Quadro n.º 4 - Evolução do número de pescadores e sua distribuição por tipo de arte

(Fonte: Capitania do Porto da Nazaré)

Anos	Anzol	Arrastões	Rede Cerco	Rede de Emalhar	Candil	Xávega	Outras Artes	Total
1975	325	-	25	-	-	97	308	755
1980	53	-	117	88	-	165	674	1097
1985	33	-	169	55	24	136	273	829
1989	27	29	141	82	60	18	283	640
2002	28	12	80	70	-	47	184	421

A tendência que observamos no quadro acima acentuou-se nos últimos anos: a frota pesqueira da Nazaré em julho de 2003 era constituída por apenas 21 embarcações: quatro botes do alto, os últimos da velha frota da pesca do anzol, com companhas de cinco homens; cinco barcos de cerco, com dimensões entre os 18 e os 21 metros e companhas de doze homens; 20 pequenas embarcações, as lanchas, na sua maioria já em fibra de vidro, que trabalham irregularmente com companhas de um ou dois homens; e cerca de vinte pequenas lanchas pertencentes na sua maioria a embarcadiços reformados, registadas



1 Pesca local: Inclui pequenas embarcações como lanchas, candis e botes de pequena dimensão, até 8 metros, que operam dentro da baía.

2 Pesca costeira: Barcos de maior dimensão, como barcos do cerco e os botes do alto.

na capitania como sendo de recreio, que só saem quando há sinal de peixe.<sup>3</sup>

Em agosto de 2020 o número de marítimos e não marítimos (pescadores reformados) é apenas de 136. Há quatro rapas (barcos de nove metros) em atividade: duas com 10 homens e duas com 8 homens; e apenas um barco do anzol (12-14 metros). O número de pescadores restante opera com barcos pequenos, as lanchas, com companhias de um ou dois homens.

Embora o porto de abrigo tenha chegado tarde para a comunidade piscatória da Nazaré, ele serve hoje muitas embarcações de toda a costa, o que pode ser atestado pelos valores do pescado vendido em lota no ano de 2019.

## O mar é bom para os peixes

A Nazaré, como o resto do país, conheceu nas últimas décadas, sobretudo depois de 1974, uma dinâmica social caracterizada por grande mobilidade social. Além das transformações económicas induzidas pela adesão à Comunidade Económica Europeia, o fator chave para explicar o abandono da pesca por parte dos filhos dos pescadores, sobretudo a partir dos anos oitenta, foi a alteração da percepção por parte da comunidade piscatória, das vantagens da escolaridade alargada dos filhos para aproveitar as oportunidades criadas pelo desenvolvimento económico trazido pela adesão à Comunidade Económica Europeia, em contraste com a precariedade da vida do mar, marcada pela grande irregularidade dos ganhos. O trabalho nas fábricas das localidades vizinhas, o emprego na autarquia ou no sector dos serviços tornou-se muito mais atrativo.

A vida na pesca local deixou de ser um destino desejado para os nazarenos. Uma *vida bonita*, na linguagem das mulheres do meio piscatório era a vida do embarcadiço: a marinha mercante. E muitos dos jovens que não se deram bem na escola ainda encontram neste caminho uma boa saída.

Para se ter uma exata percepção desta realidade, atentemos nos seguintes dados do Forpescas (actual ForMar): nos últimos três anos do século XX, a procura por cursos da formação nas pescas foi irrisória; e em 2000 não foi feita qualquer formação por falta de procura; em 2001, dos quinze formandos, havia onze da Nazaré, tendo desistido cinco; em 2002, numa turma de quinze, havia apenas seis nazarenos, tendo desistido dois.

Os jovens da Nazaré, filhos ou não de pescadores, têm hoje uma relação com o mar diferente da dos seus antepassados. O mar é hoje um espaço lúdico e não de trabalho.

Foi um destes jovens que desafiou Garrett MacNamara a vir conhecer as ondas gigantes da Nazaré, que a tornaram mundialmente conhecida nos últimos anos. Depois de MacNamara ter galgado a maior onda do mundo, a Nazaré tornou-se um centro de peregrinação para todos os maiores nomes e entusiastas do surf mundial. Se há quatro séculos foi o Santuário de Nossa Senhora da Nazaré a atrair gente de todos os cantos do império, e há cem anos o encanto da sua praia e arcaísmo da sua comunidade piscatória a atrair a intelectualidade, numa busca romântica da autenticidade, hoje é o Mar, apenas o Mar da Nazaré o que o Mundo inteiro procura.

<sup>3</sup> Agradecemos à Mútua dos Pescadores, e em especial ao Paulo Estrelinha, funcionário na agência da Nazaré, os dados referidos relativos aos anos de 2003 e 2020.

## BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Manuela (1946) «Gente da Nazaré», in *Diário de Lisboa*, de 15, 16, 19 e 20 de Novembro.

COELHO, P. M. Laranjo (1924) *A Pederneira – Apontamentos para a História dos seus Mareantes, Pescadores, Calafates das suas Construções Navais nos séculos XV a XVIII*, Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.

FERNANDES, Vasco da Gama (1946) «Nazaré e o seu porto», *separata do nº 961 da Seara Nova*, Lisboa.

FONSECA, Isabel Maria da (1978) «Natureza e Paisagem», nº 5, secretaria de Estado do Ordenamento Físico e Ambiente, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, Lisboa.

MESQUITA, Marcelino (1913) *A Nazareth: Sítio e Praia. Lenda Histórica. Casos*. Lisboa: Tip. A Editora Limitada (edição do autor).

NATIVIDADE, M. Vieira (1960) *Mosteiro e Coutos de Alcobaça – alguns capítulos extraídos dos manuscritos inéditos do autor e publicados no centenário do seu nascimento*, Alcobaça: Edição de Joaquim Vieira Natividade.

REMÍGIO, Manuel (1943) *Nazaré*, Nazaré: Ed. Da Câmara Municipal da Nazaré

REMÍGIO, Manuel (1944) «O porto de pesca da Nazaré» in *Actividades do Distrito de Leiria*.

SALAZAR, José de Almeida (1842) *Memórias da Real Casa de Nossa Senhora da Nazareth*, Confraria de Nossa Senhora da Nazaré, Arquivo Histórico.

SILVA, a. Baldaque da (1892) *Estado Actual das Pescas em Portugal*, Lisboa: Imprensa Nacional.

TRINDADE, José (2009) *A Nazaré dos Pescadores, identidade e transformação de uma comunidade marítima*, Lisboa: Edições Colibri/Instituto Politécnico de Leiria.

# **Comunidades Piscatórias:**

Cristina Pita\*

## **estratégias de adaptação a mudanças ambientais, de governança e de mercado**

\*CESAM – Centro de Estudos do Ambiente e do Mar,  
Departamento de Ambiente e Ordenamento, Universidade de Aveiro

## Introdução

O sector pesqueiro está sujeito a mudanças constantes, tanto positivas como negativas, com repercussões na atividade. Estes choques (inesperados ou não) têm origem em diversas causas, múltiplas e/ou simultâneas<sup>1</sup>, e são geralmente de caráter político, económico, social e/ou ambiental, tais como desastres naturais, alterações climáticas, sobrepesca, ou mesmo a recente pandemia da COVID-19. Historicamente, estes eventos foram observados no sector pesqueiro em diversas partes do mundo, com impactos diretos nos preços e na disponibilidade do pescado com consequências negativas, muitas vezes irreversíveis, para o sector como um todo e principalmente para as comunidades piscatórias. Um exemplo mundialmente conhecido de choque no sector pesqueiro é o colapso do manancial de bacalhau (*Gadus morhua*) ao largo da costa de Terra Nova, Canadá, no início dos anos 90. Este episódio tem sido apontado como um dos choques mais devastadores no sector pesqueiro do ponto de vista social e ecológico. A insustentabilidade da pesca do bacalhau do Atlântico teve como consequência uma redução de cerca de 98% dos mananciais pesqueiros<sup>2</sup>, que permanecem em níveis muito reduzidos mesmo após 25 anos do seu colapso<sup>3</sup>.

Apesar das constantes pressões no sistema sócio ecológico da pesca, a atividade persiste. De acordo com Walker et al.<sup>4</sup> existem três características que são determinantes para o futuro dos sistemas sócio ecológicos: resiliência, adaptação e capacidade de transformação. Neste contexto é fundamental perceber como a indústria e comunidades piscatórias se adaptaram aos diferentes choques sofridos nas últimas décadas por forma a identificar e mitigar potenciais riscos e vulnerabilidades e melhorar a capacidade de resposta do sector pesqueiro, eventualmente contribuindo para uma recuperação mais rápida em situações adversas futuras. Este artigo apresenta uma breve análise dos principais choques que atingiram o sector pesqueiro português ao longo dos últimos 50 anos e avalia a capacidade de adaptação e transformação do sector e das comunidades piscatórias durante este período.

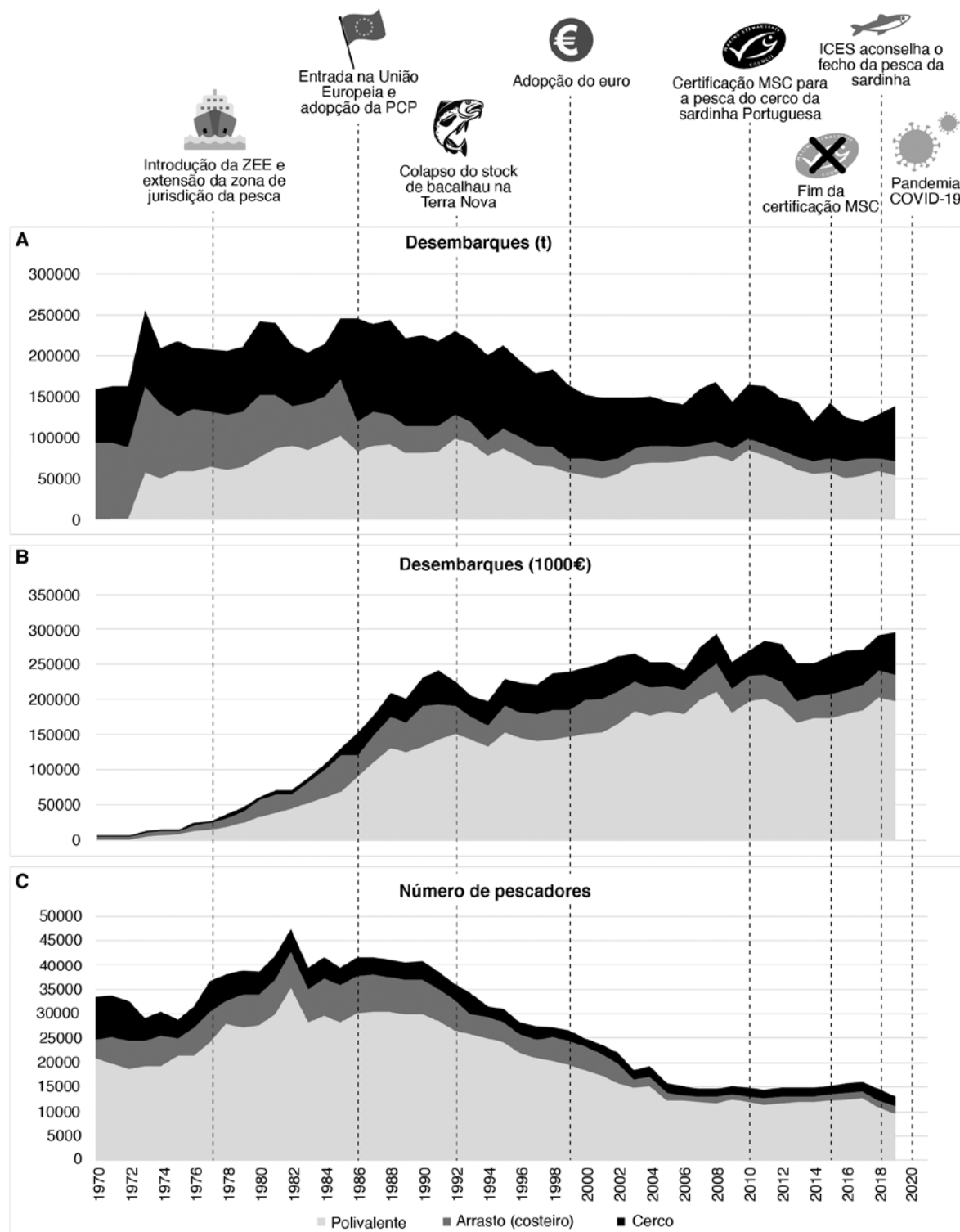
## Mudanças e estratégias de adaptação do sector pesqueiro em Portugal ao longo dos últimos 50 anos

A pesca tem sido apontada como uma das mais importantes atividades medievais e um dos pilares estruturantes da economia medieval Portuguesa<sup>5</sup>. Portugal foi tradicionalmente, e durante várias décadas, um país focado na pesca longínqua, fundamentalmente na pesca do bacalhau. De acordo com Garrido<sup>6</sup> as campanhas da pesca do bacalhau desenvolvidas pelos armadores portugueses tiveram relevância a partir do século XVI. No entanto, foi durante o Estado Novo que a pesca do bacalhau assumiu uma dimensão sem precedentes, do ponto de vista económico e social<sup>7</sup>. Para além de pesca longínqua, a pesca ao longo da costa portuguesa é também uma atividade tradicionalmente importante, principalmente a pesca dirigida à sardinha, a qual apresenta capturas significativas desde o século XIX<sup>8</sup>.

Ao longo dos últimos 50 anos, a economia portuguesa sofreu grandes transformações sociais e esteve sujeita a numerosos choques externos à atividade pesqueira, mas com consequências nesta. São exemplo disso a revolução de 25 de Abril de 1974, a entrada na União Europeia (UE) em 1986 e a adoção do euro em 1999<sup>9</sup>. Para além destas mudanças, o sector pesqueiro foi exposto a grandes choques diretos na atividade pesqueira (Figura 1) e a choques indiretos em zonas geográficas distantes onde os portugueses tinham interesses pesqueiros. A independência de algumas nações africanas são exemplos que levaram ao fim da pesca em determinadas zonas longínquas. Por exemplo, quando a Namíbia se tornou independente, em 1990, não quis fazer acordos de pesca e a frota portuguesa perdeu a quota de 30 mil toneladas que detinha em águas deste país<sup>10</sup>.

Nas últimas cinco décadas (1970-2019) tem-se verificado uma diminuição nos desembarques e um aumento no valor das descargas (Figura 1A e 1B). A mesma tendência pode ser verificada no número de pescadores registados ao longo dos anos (Figura 1C). Esta diminuição nos desembarques e do tecido social ligado à pesca pode ser atribuído a múltiplos fatores, brevemente discutidos a seguir.

Figura 1. Série temporal de (A) desembarques em quantidade (t), (B) desembarques em valor (1000 €) e (C) número de pescadores matriculados por segmento de frota (polivalente, arrasto costeiro e cerco), entre 1970 e 2019. (Fonte: INE, Estatística da Pesca). Linhas tracejadas representam alguns dos principais choques ao sector pesqueiro português nos últimos 50 anos. ZEE: Zona Económica Exclusiva; PCP: Política Comum das Pescas; ICES: Conselho Internacional para a Exploração do Mar; MSC: Marine Stewardship Council.



Mudanças políticas e de gestão pesqueira, devido à introdução das 200 milhas náuticas de Zona Económica Exclusiva (ZEE), e consequente extensão da zona de jurisdição alargada da pesca, em 1977, levaram a uma realocação maciça a nível

global de frotas envolvidas na pesca longínqua para águas nacionais<sup>11</sup>. No caso de Portugal esta mudança levou ao fim de uma era da pesca longínqua portuguesa<sup>9</sup>. O fecho das águas canadianas a embarcações estrangeirasteve um impacto

considerável na frota portuguesa. Ao mesmo tempo, outros fatores fizeram com que o sector da pesca do bacalhau entrasse em crise no final da década de 70, incluindo o fim da proteção do estado, e a sobrepesca do bacalhau na Terra Nova<sup>12</sup>.

O decréscimo das descargas de bacalhau foram-se acentuando ao longo dos anos. Em 1970 tinham sido descarregadas 66.242 toneladas de bacalhau em Portugal, no início da década de 90 este valor passou para 7 toneladas<sup>13</sup>. A importante pescaria de bacalhau na Terra Nova viria a terminar em julho de 1992 com a imposição de uma moratória ao bacalhau, devido ao colapso do manancial<sup>14</sup>. A maioria da frota portuguesa de bacalhoeiros que tinha operado na Terra Nova foi abatida com o recurso a subsídios europeus<sup>15</sup>. Os pescadores adaptaram-se mudando para outras frotas. Atualmente, ainda restam alguns arrastões que pescam bacalhau, entre outras espécies. Em 2019, foram descarregadas 9 toneladas de bacalhau<sup>16</sup>.

A lei que estabeleceu a ZEE portuguesa em duzentas milhas náuticas também fixa a largura e os limites do mar territorial em doze milhas (lei no. 33/1977, de 28 de maio). O estabelecimento do mar territorial, juntamente com a realocação de uma parte da frota longínqua, devido às ZEEs de outras nações costeiras, levou a uma transição histórica de Portugal, de uma nação marítima ultramarina para um estado costeiro<sup>10</sup>.

A adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE), posteriormente União Europeia, e consequentemente adopção da Política Comum de Pesca (PCP) em 1986, teve um forte impacto na atividade pesqueira nacional. A adopção da PCP obrigou a uma enorme mudança nos princípios de gestão e nas práticas da atividade da pesca. Na década que se seguiu à entrada na CEE verificou-se um acentuado declínio nas capturas e no número de pescadores. Em grande parte, este declínio deveu-se à pouca vontade dos agentes económicos ligados à pesca para se adaptarem às novas regras. Muitos armadores da pesca industrial começaram de imediato a abater frota e a vender as embarcações (principalmente a capitais espanhóis)<sup>10</sup>. A rápida contração da frota levou ao declínio do número de pescadores, com muitos a saírem da pesca para outros sectores da atividade económica e para o estrangeiro<sup>10</sup>.

No entanto, mesmo antes da adopção da PCP, as pescas portuguesas já eram caracterizadas

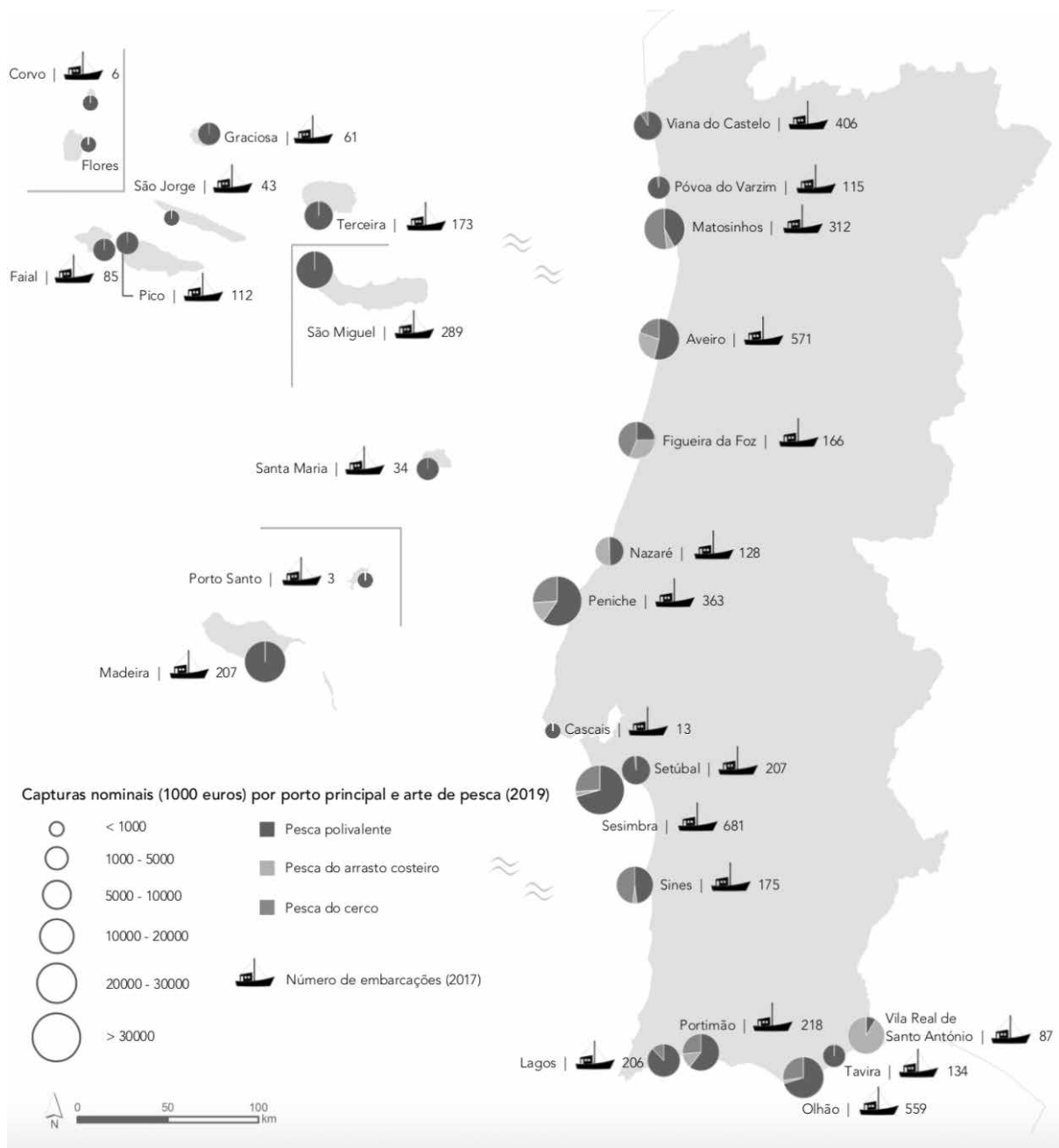
por diversas fragilidades, as quais se mantiveram depois da PCP entrar em vigor. Exemplo destas fragilidades são um mercado interno altamente dependente de pescado do exterior (dada a tradição do consumo de bacalhau), uma frota envelhecida e caracterizada por um elevado número de pequenas embarcações com uma mobilidade geográfica limitada, e uma mão-de-obra envelhecida<sup>17</sup>.

Desde 1986, a frota portuguesa foi reduzida em cerca de 10.000 embarcações, e mais de 100.000 em arqueação bruta, uma diminuição de cerca de 50% tanto em número de embarcações como em arqueação. O número de pescadores foi reduzido em mais de 20.000 durante o mesmo período. Hoje em dia, o sector emprega 14.617 pescadores – maioritariamente ativos na pesca polivalente (~65% da força laboral) – em 7.768 embarcações distribuídas por 27 portos de pesca principais e um elevado número de pequenos portos secundários (Figura 2). Considerando o emprego indireto, a pesca emprega cerca de 90.000 pessoas.

A pesca do cerco é tradicionalmente uma pescaria muito importante em Portugal. A frota do cerco tem como espécies alvo pequenos pelágicos, como a sardinha, a cavala, o carapau e o biqueirão; sendo a sardinha a espécie alvo mais importante. As capturas de sardinha têm vindo a diminuir ao longo dos últimos anos. Esta espécie representava 85% dos desembarques do cerco em 1993 e apenas 32% em 2017 (série temporal de dados da DGRM). No entanto, a sardinha continua a ser a espécie mais importante em termos de valor para a frota do cerco, representado em média ao longo dos anos >50% do valor das capturas desta frota. A importância da pesca da sardinha é documentada em detalhes na caixa 1 (página 77).

A pesca polivalente é a que mais contribui em termos de valor, bem como em termos de emprego, ao longo da costa portuguesa. O polvo é uma espécie muito importante para este segmento da frota, tanto ao nível da quantidade descarregada e principalmente em termos de valor das descargas<sup>18</sup>, com uma importância crescente ao longo do tempo. Em 2013 esta espécie representava 11% do valor das descargas da frota polivalente e em 2017 este valor aumentou para 23% (série temporal de dados da DGRM - Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos).

Figura 2. Capturas nominais em valor (mil €) (2019), nos principais portos de pesca em Portugal, por segmento de pesca (polivalente, arrasto e cerco) (Fonte: INE, Estatística da Pesca 2020) e número de embarcações (2017). (Fonte: DGRM).



A frota polivalente local foca muitas das suas capturas em pescado de alto valor comercial (“*espécies nobres*”) e é altamente dependente dos canais HORECA (hotelaria, restauração e cafetaria) e do mercado externo para escoar os seus produtos. Por exemplo, cerca de 70-75% dos desembarques dos Açores são exportados, principalmente para o Portugal Continental, Espanha, Itália e Grécia<sup>17</sup>. As medidas implementadas para prevenir a propagação da recente pandemia de COVID-19 tiveram um impacto avassalador na economia mundial e a indústria pesqueira não foi

exceção. A ausência de turistas, o fecho dos canais HORECA, a perda dos principais mercados internacionais e a incapacidade de exportar pescado, tiveram consequências económicas importantes no sector da pesca artesanal local<sup>19</sup>. A reabertura limitada dos canais HORECA continuará a causar importantes impactos económicos e sociais na indústria pesqueira portuguesa, impossíveis de contabilizar neste momento.

### **Caixa 1. A pesca da sardinha e a evolução da indústria de conservas de peixe em Portugal**

Segundo Almeida de Eça<sup>20</sup>, a sardinha nos finais do século XIX e princípios do século XX era, fundamentalmente, capturada por armações fixas, redes de emalhar (sardinheiras), artes de arrastar para terra (xávegas) e cercos.

A arte-xávega, trazida para Portugal pelos catalães, era já amplamente utilizada ao longo de toda a costa Portuguesa nos finais do século XIX<sup>21</sup> e continua a ter alguma relevância em algumas comunidades piscatórias (e.g., Costa da Caparica, Mira, Vagueira e Torreira), onde ainda é praticada, sendo muito importante em termos de valor cultural e etnográfico<sup>22</sup>. Inclusive, foi a introdução da arte-xávega que levou a um aumento considerável das capturas de sardinha, impulsionando o surgimento da indústria conserveira e de salga<sup>23</sup>. A literatura não é clara sobre o início da indústria conserveira em Portugal, com algumas fontes a apontarem para Vila Real de Santo António, no Algarve, como sendo o local da primeira fábrica de conservas de atum, no ano de 1865<sup>24</sup>.

Com o avançar do século XX, a arte de cerco americano (introduzido durante a Primeira Guerra Mundial) foi-se tornando a mais importante na captura de sardinha e, gradualmente, as traineiras motorizadas tornaram-se as artes mais importantes e aumentaram significativamente as capturas de sardinha<sup>25</sup>. A arte do cerco americano desenvolveu-se basicamente devido à importância da sardinha para a indústria conserveira, a qual teve um incremento importante durante este período<sup>26</sup>. A importância da sardinha é tal que cerca de 50% das capturas nacionais servem de matéria-prima para as fábricas de conservas<sup>27</sup>.

Desde que a indústria conserveira se instalou em Portugal o país passou a ter uma grande tradição conserveira. A indústria registou o seu apogeu nos anos subsequentes ao final da Grande Guerra, com 400 unidades fabris em 1925. Inicialmente as unidades fabris eram maioritariamente localizadas no Algarve e em Matosinhos, espalhando-se depois um pouco por toda a costa<sup>28</sup>. O número de unidades fabris tem vindo a diminuir desde 1980. Em 2019, existiam 15 unidades industriais de conservas em laboração, divididas entre Portugal continental e a região Autónoma dos Açores, que representam cerca de 3500 postos trabalho de mão-de-obra direta, e outros tantos de mão-de-obra indireta<sup>28</sup>. Apesar do decréscimo do número de empresas a indústria transformou-se e tornou-se mais eficiente<sup>26</sup>, e o valor da produção tem vindo a aumentar.

O interesse estratégico da indústria conserveira portuguesa reside nas exportações e atualmente a indústria exporta para mais de 70 países<sup>29</sup>. Esta dependência em mercados externos levou à procura da certificação Marine Stewardship Council (MSC) de modo a assegurar continuação das conservas em alguns mercados Europeus. Em 2015, vários anos de mau estado dos mananciais de sardinha conduziram ao fim da certificação MSC.

A indústria conserveira adaptou-se e, para além das exportações, atualmente existe um mercado interno para os produtos da indústria conserveira, que embora pequeno representa cerca de 30% das vendas do sector, tendo vindo a crescer ultimamente.

### **Considerações finais**

Este documento não discute exaustivamente as constantes pressões que a indústria pesqueira e comunidades piscatórias portuguesas têm enfrentado ao longo do tempo. O intuito foi chamar a atenção para este tema e descrever (embora que ligeiramente) várias perturbações importantes enfrentadas pela indústria pesqueira

nos últimos 50 anos. Mostra que estas perturbações têm origens diversas; algumas positivas e outras negativas, algumas inesperadas e outras previsíveis, e muitas vezes vários choques/mudanças ocorrem em simultâneo. Apesar de algumas destas perturbações causarem impactos económicos e sociais significativos, a indústria pesqueira portuguesa, tal como outras em outros locais<sup>1</sup>, tem mostrado, de um modo geral, uma

grande agilidade para absorver estas perturbações e capacidade de se adaptar a mudanças. A experiência e aprendizagem retirada de exemplos passados, incluindo a compreensão das causas das perturbações, impactos e respostas dos sistemas sócio-ecológico-económico a estas perturbações criam oportunidades de construir resiliência para enfrentar perturbações futuras.

## Agradecimentos

Daniela Castelo, Lisa Sousa, Katina Roumbedakis, Margarida Silva e Teresa Fonseca pela ajuda com o texto e imagens.

## Referências

<sup>1</sup> Gephart, J., Deutsch, L., Pace, M., Troell, M., Seekell, D. (2017). Shocks to fish production: Identification, trends, and consequences. *Global Environmental Change* 42: 24-32.

<sup>2</sup> Hutchings, J., Rangeley, R. (2011). Correlates of recovery for Canadian Atlantic cod (*Gadus morhua*). *Canadian Journal of Zoology* 89(5): 386-400.

<sup>3</sup> Morgan, M., Koen-Alonso, M., Rideout, R., Buren, A., Maddock Parsons, D. (2018). Growth and condition in relation to the lack of recovery of northern cod. *ICES Journal of Marine Science* 75(2): 631-641.

<sup>4</sup> Walker, B., Holling, C., Carpenter, S., Kinzig, A. (2004). Resilience, adaptability and transformability in social-ecological systems. *Ecology and Society* 9(2): 5.

<sup>5</sup> Pereira, O., Bastos, M. (2014). O "Estado da Arte" da pesca medieval: o caso da região de Aveiro. pp. 215-228. Pereira, S., Freitas, J., Bergamaschi, S., Rodrigues, M. (Eds). *Formação e Ocupação de Litorais nas Margens do Atlântico – Brasil / Portugal*, Ed. Corbã.

<sup>6</sup> Garrido, A. (2004). *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*. Lisboa. Círculo de Leitores

<sup>7</sup> Garrido, A. (2016). Estado novo e maritimismo – ideologia e discursos culturais. *Revista Da Faculdade de Letras Da Universidade de Coimbra*, 2, 141-147. [http://dx.doi.org/10.14195/0870-4112\\_3-2\\_](http://dx.doi.org/10.14195/0870-4112_3-2_)

<sup>8</sup> Mendes, H., Borges, M. (2006). A sardinha no século XX: capturas e esforço de pesca. *Relat. Cient. Téc. IPIMAR, Série digital nº 32*, 20 p. Maio 2006. DOI: 10.13140/2.1.2012.4963

<sup>9</sup> BJORNDAL, T., LAPPONEN, A., RAMOS, J. (2015). An economic analysis of the Portuguese fisheries sector 1960-2011. *Marine Policy* 51: 21-30.

<sup>10</sup> Garrido, A. (2018). *As Pescas em Portugal. Ensaio da Fundação*, nº 83. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, Maio 2018. 145p. ISBN 978-989-8863-70-6.

<sup>11</sup> BJORNDAL, T., MUNRO, G. (2012). *The economics and management of world fisheries*. Oxford: Oxford University Press. ISBN: 978-0-19-957675-3.

<sup>12</sup> Peralta, E. (2010). Somos todos marítimos: uma etnografia das (in)visibilidades do poder na representação social do passado local em Ílhavo. *Etnográfica*, Lisboa, v. 14, n. 3, p. 443-464

<sup>13</sup> INE Estatística da Pesca: múltiplos anos (1970, 1990). Instituto Nacional de Estatística. Lisboa, Portugal

<sup>14</sup> Rose, G. (2007). Cod: the ecological history of the north Atlantic fisheries. Breakwater Books, St. John's, Newfoundland, Canada

<sup>15</sup> Matias, R. (2016). Os Arrastões do Bacalhau (1909-1993). Dissertação de Mestrado em História Marítima. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 158p.

<sup>16</sup> INE (2020). Estatísticas da Pesca 2019. Instituto Nacional de Estatística, Lisboa. ISBN 978-989-25-0540-4. Disponível em <https://www.ine.pt/xurl/pub/435690295>

<sup>17</sup> Pita, C., Gaspar, M. (2020). Small-scale fisheries in Portugal: current situation, challenges and opportunities for the future. Pp: 283-305. Pascual-Fernandez, J., Pita, C., Bavinck, M. (Eds.). *Small-Scale Fisheries in Europe: Status, resilience and governance*. Springer, MARE Publication Series 23.

[https://doi.org/10.1007/978-3-030-37371-9\\_14](https://doi.org/10.1007/978-3-030-37371-9_14)

<sup>18</sup> Pita, C., Pereira, J., Lourenco, S., Sonderblohm, C., Pierce, G.J. (2015). The traditional small-scale octopus fishery in Portugal: framing its governability. Pp: 117-132. In: Jentoft, S. and Chuenpagdee, R. (eds). *Interactive governance for small-scale fisheries: Global reflections*. Springer. MARE Publication Series 13. ISBN: 978-3-319-17033-6, DOI: 10.1007/978-3-319-17034-3

<sup>19</sup> Pita, C., Roubidakis, K., Fonseca, T., Castelo, D. (2020). Impacto da pandemia de Covid-19 nos setores da pesca e aquicultura em Portugal. Briefing Projeto COVIDPESCA. 11p.

[http://www.cesam.ua.pt/files/Briefing\\_COVIDPESCA\\_Portugal.pdf](http://www.cesam.ua.pt/files/Briefing_COVIDPESCA_Portugal.pdf)

<sup>20</sup> Almeida de Eça, V. Comissão Central de Pescarias, 1896-1954 (in Ministério da Marinha).

<sup>21</sup> Baldaque da Silva, A. (1891). *O Estado Actual das Pescas em Portugal*. Imprensa Nacional. Lisboa.

<sup>22</sup> Ferreira, P. (2018). *Arte xávega, alterações climáticas e a comunidade piscatória de Espinho*. Tese de Mestrado. Universidade de Aveiro. 58p.

<sup>23</sup> Amorim, I. (2001). A organização do trabalho da pesca, em finais do séc. XIX, na Póvoa de Varzim. In: Ramos, L., Ribeiro, J., Polónia, A. (coord.), *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*, Vol. I, pp.113-133, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal. ISBN: 972-9350590.

<sup>24</sup> DGPA. (1999). *Guia da indústria e transformadora de pesca de Portugal*. Edição da Direção Geral das Pescas e da Aquicultura.

<sup>25</sup> Amorim, I. (2003). Técnicas de pesca na costa portuguesa: melhorar ou inventar? Um percurso de investigação. *Zainak. Cuadernos de Antropología-Etnografía* 25: 349-368. ISSN: 1137-439X

<sup>26</sup> Gonçalves, N., Silva, F., Santos, R. (2004). *Indústria Conserveira - Memória da Terra e do Mar*. Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna.

<sup>27</sup> Melo, C. (2010). A indústria conserveira em Portugal: constrangimentos, oportunidades, desafios e inovação. ANICP – Associação Nacional dos Industriais de Conservas de Peixe. 16 pp. Disponível: [https://www.drapc.gov.pt/base/geral/files/castro\\_e\\_melo\\_anicp.pdf](https://www.drapc.gov.pt/base/geral/files/castro_e_melo_anicp.pdf)

<sup>28</sup> Jorge, V. (2020). *Vamos conservar o que é nosso*. <https://www.distribuicao hoje.com/destaques/anicp-quer-conservar-o-que-e-nosso/>

<sup>29</sup> Tato, I. (2020). ANICP - Associação Nacional dos Industriais de Conservas de Peixe. Entrevista para o projeto COVIPESCA

# **Fuzeta – um núcleo urbano PISCATÓRIO SINGULAR**

Mafalda Pacheco\*

\*CHAM – Centro de Humanidades, FCSH-NOVA

Figura 1 – Vista aérea da Fuzeta na década de 1950  
(Fonte: Arquivo Municipal de Olhão).

Vila piscatória localizada no sotavento algarvio, a Fuzeta nasceu de um assentamento sazonal de cabanas de pescadores numa praia junto à Ria Formosa que se estende parcialmente pela encosta de uma pequena colina. Está protegida pela Serra dos ventos do norte, ficando sujeita a pouca precipitação e a temperaturas elevadas que lhe conferem características mediterrânicas (Feio, 1949: 107). A localização privilegiada junto ao único acesso ao mar entre Olhão e Tavira, a Barra da Fuzeta, bem como a proximidade das cidades de Faro e Tavira, fizeram da Fuzeta um ponto estratégico protegido desde o século XVI pela proximidade de uma torre de vigia conhecida por "Atalaia de Bias", e cuja defesa foi reforçada no século XVII pela "Bateria da Fuzeta" integrada na rede de fortalezas da costa do Algarve (Vaz, 1986: 8, 10), favorecendo um assentamento permanente.

Apesar dos edifícios do núcleo histórico terem sido erigidos maioritariamente no século XIX e primeira metade do século XX, a estrutura urbana é mais antiga e remonta aos assentamentos sazonais do século XVII e, à semelhança do que caracterizou a cidade vizinha de Olhão, a Fuzeta distingue-se do resto do litoral algarvio pelo uso generalizado do terraço (açoteia) assente em abóbadas, como sistema construtivo da cobertura da casa corrente. A fisionomia urbana regular do núcleo histórico, a repetição e estandardização de uma tipologia arquitectónica e construtiva expressa em fachadas-tipo deram origem a conjuntos arquitectónicos de grande coerência que despertaram o interesse para o estudo da sua importância no panorama do urbanismo e da arquitectura vernácula portuguesa.



O presente artigo tem como objectivos compreender a evolução urbana e arquitectónica da povoação piscatória da Fuzeta, desde os primeiros assentamentos sazonais de cabanas de pescadores até ao núcleo urbano actual, bem como o repetido uso de uma tipologia habitacional e dos seus processos construtivos e da sua adequação à região. Na ausência de publicações, inventários ou estudos específicos sobre a história do urbanismo, da arquitectura ou da construção na povoação em estudo, havendo apenas algumas referências superficiais feitas por etnógrafos, geógrafos e arquitectos<sup>1</sup>, o estudo baseou-se na investigação de arquivo e no levantamento de casas de alvenaria de pedra com cobertura em açoteia sobre abóbadas e/ou *telhados-de-tesouro*, construídas em lotes regulares no decorrer do século XIX e até meados do século XX.

### Povoação de "marítimos"

Até ao século XVIII, a actividade piscatória dos marítimos da Fuzeta organizou-se em torno duma armação de atum aquando da reestruturação económica do Algarve e do estabelecimento da Companhia Geral das Reais Pescarias do Algarve, um consórcio de sociedades portuguesas para a pesca, salga e comercialização de peixe, em 1773. No *Mappa geral de diferentes objectos e noticias do reyno do Algarve feito no tempo do Conde de Val de Reys*, de 1788, José de Sande Vasconcelos dá notícia de que a armação era constituída por 108 "mareantes", quatro botes e um "callao", que

1 Das publicações que se dedicaram ao estudo da arquitectura da área entre Faro e Tavira, motivadas pelo ao carácter "exótico" das construções com *telhados-de-tesouro* e açoteias sobre abóbadas, destacam-se duas publicações de 1961: o capítulo "Zona 6. Algarve" de *Arquitectura Popular em Portugal* publicada pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos (Martins et. al., 2004), e o estudo *Açoteias de Olhão e Telhados de Tavira*, do geógrafo Orlando Ribeiro (Ribeiro, 1961). Anterior a estas publicações, Leite de Vasconcelos forneceu um enquadramento etnográfico de uma Fuzeta em finais do século XIX e ainda com habitantes a viver em cabanas, no volume VI de *Etnografia Portuguesa*, publicado em 1975 (Vasconcelos, 1975: 280).

Figura 2 (a e b) - Pescadores e crianças junto a embarcações atracadas na praia da Fuzeta, na década de 1950-60 (Fonte: Floriano Andrade).

pescou nesse ano 17.117 atuns, uma das duas armações da comarca de Tavira e das mais rentáveis do Reino do Algarve<sup>2</sup>.



2 BNP, *Manuscritos Reservados*, Joze Sande de Vasconcelos, "Rezumo das qualidades e numero de peixes capejados nas Armaçoens dos atuns das tres Administraçoens deste Reyno, e seu proveto", *Mappa geral de diferentes objectos e noticias do reyno do Algarve feito no tempo do Conde de Val de Reys*, 1788, fl.13.

Durante o século XIX, a actividade piscatória era composta por duas etapas anuais: de Abril/Maio até Setembro, dedicada à pesca do atum e da sardinha, em águas algarvias, e da cavala, da pescada, do dentão, do lírio e também do atum em Larache, no Norte de África; de Outubro até à Quaresma, dedicada à pesca do espartarte, da sardinha, do carapau e da cavala, nas águas de Setúbal. No início do século XX sofreu alterações significativas com repercussões na vida socio-económica da Fuzeta. A partir da década de 1930 até 1974, os pescadores da Fuzeta passaram a integrar as campanhas da pesca do bacalhau nos Bancos da Terra Nova e da Gronelândia, por períodos de seis meses consecutivos, fomentadas pelas sociedades de pescas (Castilho, 1843: 190; Mesquita, 1988: 23-30). Este cenário foi retratado por Alan Villiers no livro *A campanha do Argus*, publicado em 1951, no âmbito de uma reportagem que fez a bordo de um dos navios portugueses de pesca do bacalhau<sup>3</sup>. O capítulo "O Primeiro Pescador de Portugal" é dedicado ao «melhor pescador de bacalhau do mundo», natural da Fuzeta e "primeira linha" pela quantidade de bacalhau pescado, o que se refletia na remuneração<sup>4</sup>.

3 Alan Villiers, repórter do *National Geographic Magazine*, foi contratado pelo governo português para documentar a campanha de pesca do bacalhau a bordo do navio *Argus*. A pesca do bacalhau realizada pelos portugueses era ainda de forma tradicional, com linha e anzóis, em pequenos barcos tripulados individualmente, os dóris. Era um tipo de pesca que já estava em desuso pelas companhias de pesca de outros países, que se tinham modernizado com um sistema de arrasto de redes. Villiers fez também um documentário homónimo, que estreou em Portugal na Sociedade de Geografia, em Lisboa, e foi apresentado primeiro em Aveiro e depois na Fuzeta, a 16 de Março de 1951 (Garrido, 2005: 7-35).

4 Antes do começo da campanha, o pescador recebia 5.000\$00 de base ao que se somava uma quantia paga pela quantidade de bacalhau pescado e pelos trabalhos complementares que fazia a bordo (escalar, salgar, etc.). "Para dar uma ideia da posição económica que este primeira linha conseguiu obter pela pesca – tanto pela pesca na Fuzeta como nas campanhas bacalhoieiras – diga-se que este homem, começando do nada, conseguiu ser proprietário de três casas com apenas 35 anos de idade. Os 27.500\$00 valiam-lhe, a si e à sua família, que vivia sossegada na Fuzeta, muito mais do que a quantia correspondente em dólares americanos ou em libras valeria a uma família americana ou britânica" (Villiers, 2005: 230-231, 368-375).

Até ao início do século XX, a população da Fuzeta era maioritariamente composta por marítimos dedicados às artes da pesca, como dão conta os recenseamentos eleitorais realizados nos anos de 1839, 1852, 1868, 1883 e 1906. Em 1839 foram recenseados 59 homens, dos quais 24 (41%) eram marítimos<sup>5</sup>; em 1852, dos 86 recenseados, 56 (65%) eram marítimos<sup>6</sup>; em 1868, dos 159 recenseados, 98 (62%) eram marítimos<sup>7</sup>; em 1883, dos 399 recenseados, 282 (71%) eram marítimos<sup>8</sup>, e em 1906, dos 395 recenseados, 260 (66%) eram marítimos<sup>9</sup>.

## A evolução urbana da Fuzeta

A fundação do “lugar da Fuzeta” remonta, pelo menos, ao século XVI, segundo a documentação levantada por José Fernandes Mascarenhas em que na segunda metade desse século já era considerada local de residência<sup>10</sup>. As primeiras representações cartográficas do aglomerado remontam aos finais do século XVIII e foram realizadas por Francisco Lobo Cardenal<sup>11</sup>, José de Sande Vasconcelos<sup>12</sup> e

Baltasar de Azevedo Coutinho<sup>13</sup>, engenheiros militares destacados no Reino do Algarve aquando da sua “restauração” impulsionada pelo Marquês de Pombal, e na qual Vila Real de Santo António se desenvolveu como centro político-administrativo regional. Mostram uma povoação de construções alinhadas entre a margem poente da foz de um rio que desagua no canal navegável entre Faro e Tavira, referem uma armação de atum e um “corpo de guarda”.

As “Memórias Paroquiais” escritas pelo padre Manuel Mendes Correia, em 1758, referem a existência de um assentamento de pescadores na praia de Moncarapacho composto por 109 fogos em cabanas e por uma capela da Nossa Senhora do Carmo, sufragânea da paróquia de Moncarapacho<sup>14</sup>. Embora o Alvará Régio de 15 de Abril de 1823 já separasse a Confraria do Santíssimo Sacramento da Fuzeta da Confraria de Moncarapacho, só em 1835 foi autorizada a instituição de uma paróquia independente com sede na povoação piscatória (Nobre, 1984: 55).

A implantação da bateria na colina sobranceira à praia foi responsável pela regulação dos primeiros eixos de circulação que estruturaram e organizaram as cabanas implantadas em linha sobre a praia. O urbanismo foi definido desde o início por ruas de ligação entre a bateria, a igreja e as cabanas: as ruas da Fortaleza e do “pão”<sup>15</sup>, mais tarde denominadas ruas Direita e da Boavista, respectivamente, e do

5 AMT-CMT, *Lista dos Cidadãos do Concelho de Tavira habilitados para votar na eleição da Camara Municipal (...)*, 1839, fl.42v.-43v.

6 AMT-CMT, *Recenseamento de todos os Cidadãos do Concelho de Tavira que estão nas circunstancias de votar (...)*, 1852, s/fl.

7 AMT-CMT, *Recenseamento para o Censo de 1868 de todos os Cidadãos do Concelho de Tavira que estão nas circunstancias de votar (...)*, 1868, fl.2.

8 AMO-CMO, *Comissão do recenseamento eleitoral do Conc. d’Olhão. Cópia do recenseamento eleitoral da Freguesia da Fuzeta*, 1883. Agregou-se em “marítimo” as categorias de marinheiro, patrão, pescador e remador.

9 AMO-CMO, *Recenseamento eleitoral do anno de 1906. Recenseamento dos eleitores da Freguesia da Fuzeta (...)*, 1906. Agregou-se em “marítimo” as categorias de patrão, pescador e remador.

10 “instrumento de venda, renda e aforamento feito em 1572 por Francisco Nunes e sua mulher Luzia Vicente à Igreja de Nossa Senhora da Graça de Moncarapacho, referente a uma propriedade localizada em Belromão, sendo na “Fozeta” o local de residência do indivíduo” (Mascarenhas, 1953).

11 AHMEP, *Cartografia*, Fundo Particular Carlos Calixto, Francisco Lobo Cardenal, *Planta das Ilhas e Costa adjacente da Barra de Faro*, 1754.

12 BNP, *Cartografia*, Sande Vasconcelos, *Mappa da configuração de todas as praças, fortalezas e baterias do reyno do Algarve*, 1775); AHMEP, *Cartografia*, Sande Vasconcelos, *Mappa hydrographico da barra da cidade de Faro (...)*, 1782;

13 IGP, *Cartografia*, s/a [Baltasar de Azevedo Coutinho], *Configuração da Costa desde a Fortaleza de S. João até a bateria e barra da Fuzeta*, s/d [1798]; IGP, *Cartografia*, s/a [Baltasar de Azevedo Coutinho], *Configuração da Costa desde a barra da Fuzeta até ao Ancão compreendendo o Cabo de Stª Maria, e as barras de Faro*, s/d [1798]; ANTT, *Cartografia*, Baltasar de Azevedo Coutinho, *Fortificações do Algarve*, fl.8v.-10f.,11v., 1798.

14 Segundo o padre Manuel Mendes Correia, autor da *Memória Paroquial* da freguesia “Tem Moncarapacho uma praia chamada Fuzeta, quasi logar, que consta de muitas cabanas e nellas moram os pescadores, cento e nove fogos com uma capella da Senhora do Carmo, onde se diz missa nos domingos e dias santos de guarda. (...) defronte da barra da Fuzeta está um fortim com uma praça, com um artilheiro e tem guarnição de quatro soldados, que vêem da cidade de Tavira”, ANTT, Manuel Mendes Correia, “Moncarapacho: tº Tavira. nº 172”, *Memórias Paroquiais*, 1758, livro 23, fls. 1121-1138.

15 ADF-CNT, *Registos do Tabelião Bento Freire Henrique*, 1800, livro 1800-1802, fls. 119v.-121f.

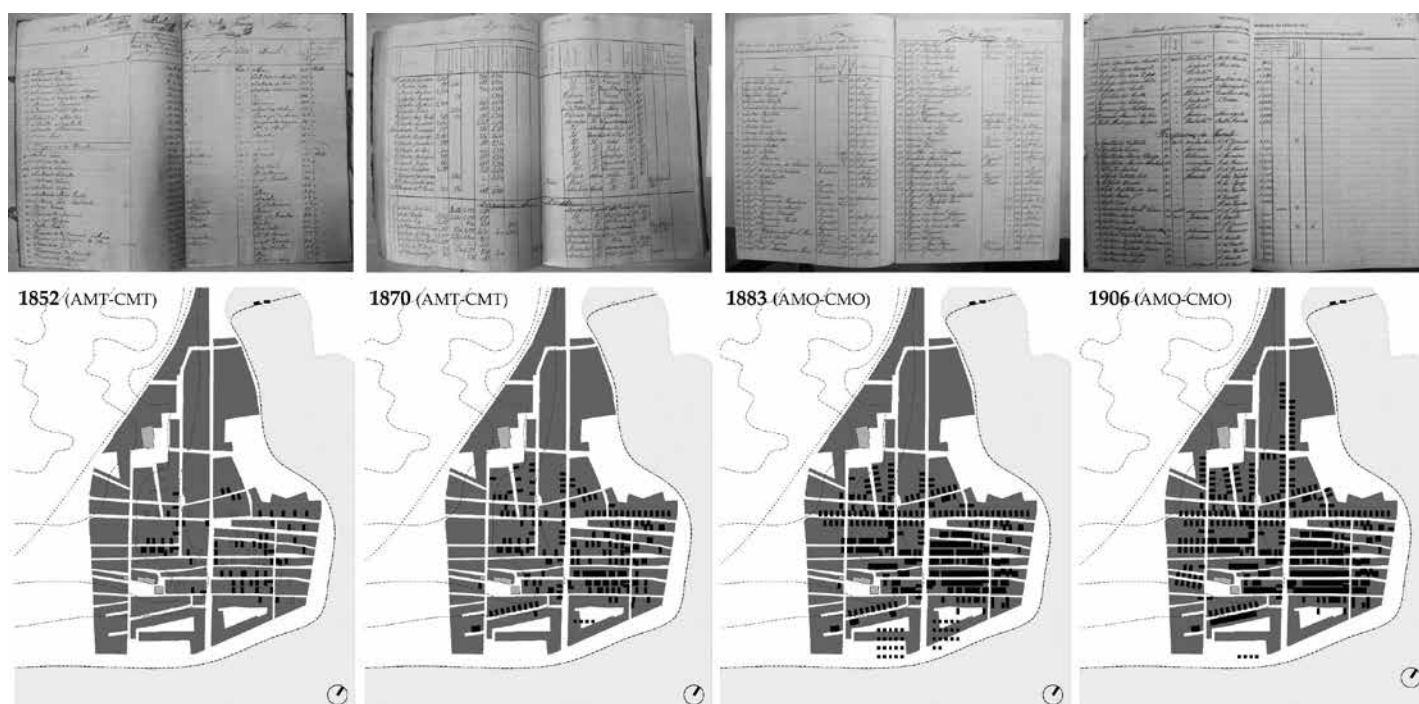
Figura 3 - Mapa da evolução urbana da Fuzeta e tipos de loteamento NF - Núcleo Fundacional, BA - Bairro Alto/Terrenos Novos, NI - Núcleo da Igreja e EX - Zona de Expansão). Correspondência da antiga toponímia com actual: Rua Nova Grande (actual Rua Dr. Virgílio Inglês); Rua da Alegria (actual Rua Tenente Barroso), Rua do Conde (actual Rua Magalhães Lima), Rua Nova Pequena (actual Rua Miguel Bombarda), Rua Direita (actual Rua Dr. Teófilo Braga), Rua da Boavista (actual Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos), Rua "de trás das cercas" (actual Rua Dr. Siva Ramos), Rua Formosa (actual Rua da Liberdade), Rua do Rosário (actual Rua Almirante Reis), Travessa do Rosário (actual Rua Capitão Henrique Galvão), Rua do Poço Novo (actual Rua Prof. Manuel Carlos), Rua do Cemitério (actual Rua Gonçalo Velho), Travessa do Carmo (actual Rua Coronel Brandeiro), Estrada para os olheiros (actual Avenida Marginal), Largo da Fortaleza (actual Largo Dona Benedita de Oliveira), Largo do Poço Velho (actual Praça da República), Rua do "Sol aberto" (actual Rua General Humberto Delgado).



Figura 4 - Evolução do núcleo edificado da Fuzeta entre 1852 e 1906, através do mapeamento das residências dos eleitores recenseados nos Recenseamentos Eleitorais de 1852, 1870, 1883 e 1906.

Carmo<sup>16</sup> e da Alagoa (mais tarde Alegria). A estes primeiros topónimos, relacionados com o lugar e a sua vivência, seguiram-se os que dão conta do crescimento da povoação – as ruas novas Grande, Pequena, do Poço e da Cerca. São topónimos comuns a outras povoações portuguesas e ao léxico do urbanismo português. Os topónimos “institucionais” setecentistas, estrategicamente atribuídos às ruas fundacionais de Vila Real de Santo António, estão também presentes na Fuzeta nas ruas do Conde e da Rainha (assim designada apenas no decorrer da primeira metade do século XIX)<sup>17</sup>.

quarteirões no prolongamento a nascente do Núcleo Fundacional, desde a “azinhaga para o mar” e Travessa do Carmo até à margem do rio; 3) “Núcleo da Igreja”, com as ruas da Igreja, do Rosário, do Poço Novo e Formosa e o Largo da Igreja; 4) “Bairro Alto” ou “Terrenos Novos”, com a Rua das Vinhas; 5) “Zona de Expansão”, com a extensão do núcleo urbano para poente até ao caminho-de-ferro, incluindo a rua e travessa das Amoreiras e da cerca “do Silva Ramos”; 6) “Sítio das Cercas”, no prolongamento da Rua Formosa para norte. Estes arruamentos foram complementados por lotes de frentes relativamente regulares



A consolidação urbana ocorrida entre os séculos XVIII e a primeira metade do século XX, foi realizada essencialmente segundo uma retícula que se desenvolveu por etapas a partir das particularidades e características que constituem unidades morfológicas: 1) “Núcleo Fundacional”, composta pelas ruas Direita, da Boavista, do Carmo, e as intermédias ruas do Conde, Nova Pequena e Nova Grande, incluindo os largos da Fortaleza e do Poço “Velho”; 2) “Beira-mar”, formada pelos

que não só se limitam à malha inicial que estruturou o núcleo, mas que influenciaram a Zona de Expansão caracterizando o núcleo urbano actual.

Os arruamentos e loteamentos da Fuzeta alicerçaram-se na legislação vigente da Idade Moderna (embora remonte à legislação medieval que definiu as Vilas Novas) com o aforamento de terrenos baldios e o loteamento de novos “chãos” para a construção de casas, regulamentados por decretos e leis reais, da qual se destaca a *Ley de Sua Majestade sobre os foros e bens dos concelhos, de 1766 e dirigida ao Provedor da Comarca do Reino do Algarve*, que permitiram à Coroa administrar localmente através dos corregedores das comarcas, agentes da administração

16 ADF-CNT, *Registos do Tabelião Bento Freire Henrique*, 1805, livro 1805-1808, fls.18f.-19v.

17 AMT-CMT, “Fuzeta”, *Tombo dos Foros do Concelho de Tavira*, 1851, livro B; AMO-AC, *Reconhecimento de foros. Fuzeta (1854-1869)*, 1876, livro 2.

Figura 5 - Desenho de Monte Gordo em 1773, com a relação de casas e cabanas construídas (BAHOP, Ministério do Reino, Registo de ordens e outros documentos respeitantes à Junta de Administração da Companhia Geral das Pescarias e Comércio Marítimo e Terrestre do Algarve, "Carta Topográfica nº 1", 1772-1830, MR14, volume 1, p. 121).

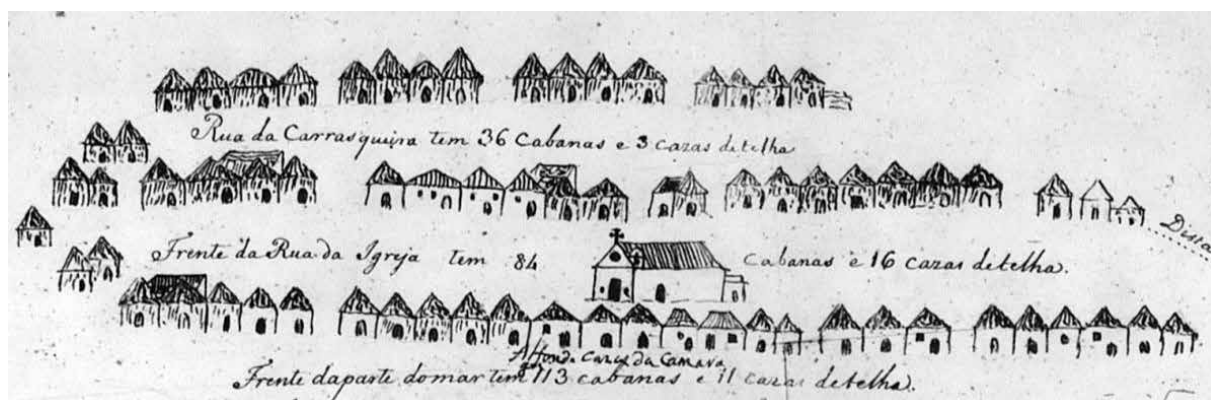
central periférica<sup>18</sup>. Esta lei preconiza a uniformização dos loteamentos que se manifesta em ruas e lotes regulares que na tradição urbanística portuguesa se manifesta muitas vezes no uso de unidades de 4, 5 e 6 varas de largura (4,4m, 5,5m e 6,6m), claramente respeitada desde o Núcleo Fundacional à Zona de Expansão.

As moradas dos eleitores patentes nos recenseamentos eleitorais permitem aferir as residências dos marítimos no núcleo urbano. Embora estivessem distribuídas um pouco por todas as ruas do núcleo urbano, principalmente no "Núcleo Fundacional", é possível identificar concentrações de casas de marítimos, predominando face a outras profissões. Em 1883 concentravam-se nas ruas Direita (41), do Conde (34), Nova Grande (33), da Boavista (27) e em cabanas (33)<sup>19</sup>. Em 1906 as concentrações de casas continuam a ocorrer nas mesmas ruas da Boavista (39), Direita (30), Nova Grande (30) e do Conde (23) e aparece uma nova concentração de casas na rua das Vinhas (31)<sup>20</sup>.

praia de Monte Gordo<sup>21</sup>, a ocupação territorial terá sido simultaneamente realizada por cabanas localizadas na praia e relacionadas com a actividade piscatória e por casas de alvenaria de pedra (às quais Sande Vasconcelos designou de casas de "telha" em Monte Gordo) localizadas em propriedades agrícolas, das quais há referências nos registos de aforamentos<sup>22</sup>.

Antes do aparecimento da casa-tipo nos novos lotes, os "chãos", a casa corrente da Fuzeta de início de oitocentos tinha uma morfologia elementar semelhante a outras habitações construídas na costa algarvia. Era composta por uma *casa de fora* coberta por um *telhado de tesouro*, com uma fachada simples com uma única abertura, a porta, e, porventura, uma janela, que dispensavam cantarias, e o espaço interior era dividido com tabiques.

As novas casas, implantadas em banda em lotes regulares a partir da década de 1830, introduziram uma nova morfologia definida no traçado em planta, alçado e corte, que se adequou à grande maioria dos lotes. Surgiram compartimentos para



## A casa abobadada da Fuzeta

Não existem documentos sobre a edificação das primeiras casas dos habitantes da praia da Fuzeta mas, a julgar pelo que se conhece de outras povoações vizinhas, em particular da

21 Na década de 1770 Monte Gordo, localizada a 3 km da foz do rio Guadiana, era constituída por cabanas em dunas onde vivia uma colónia catalã dedicada à pesca da sardinha, da salga e sua exportação. Em 1773 contava com 263 fogos de casas "de telhas" e cabanas construídas lado a lado, em três ruas paralelas à margem: a "frente de mar", com 124 edificações, na maioria cabanas e só 11 "casas de telha"; a rua da Igreja, com 100 edificações, das quais 16 eram "casas de telha"; e a rua da Carrasqueira, onde das 39 só 3 eram "casas de telha". BAHOP, *Cartografia*, Ministério do Reino, s/a, "Carta Topográfica nº1", *Restauração das Pescarias, Marinhas e Commercio Maritimo e Terrestre do Reyno do Algarve*, MR14, Livro I, 1773, p. 121.

22 AMO-AC, op. cit., 1876, livro 2.

18 AMT-CMT, "Copia da Ley de S. Maj.e sobre os foros e bens dos concelhos da forma e theor seguinte", *Tombo Geral das Leis do Conçelho desta cidade de Tavira 1770-1778*, 1770, fl.5f. 19 AMO-CMO, op. cit., 1883. 20 AMO-CMO, op. cit., 1906.

Figura 6 - Vista da Fuzeta a partir da torre da igreja (Fonte: Floriano Andrade, c. 1940).

responder às funcionalidades da habitação, como o corredor, espaço vestibular de entrada localizado ao lado da *casa de fora* que preserva a cobertura em *telhado de tesouro*, a única reminiscência da casa antepassada. A planta da casa passou a ter sectores bem demarcados. O sector da fachada é inalteradamente formado pelo conjunto da *casa de fora* e corredor (assegurando a fachada-tipo composta por duas janelas e uma porta), e cobertos, respectivamente, por um *telhado de tesouro*, ou por uma "inovadora" abóbada de vela, e por uma abóbada de berço abatido. Os restantes sectores, intermédio e de tardoz, são mais flexíveis e apresentam variadas composições de compartimentos maioritariamente abobadados em berço abatido, mas também de vela, revelando a liberdade do proprietário e do construtor,



Figura 7 - Conjunto de casas implantadas em lotes-tipo na Rua "de trás das Cercas" (actual Rua Dr. Manuel da Silva Ramos).

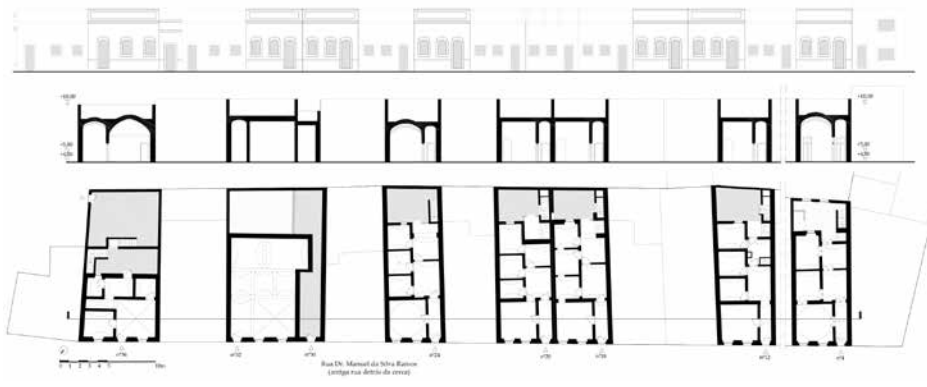
*casas de fora*, desejadamente mais erudita, mas também das coberturas em abóbada "barrete de clérigo" fruto de um conhecimento erudito assimilado naturalmente por mestres locais, e pelo uso de elementos decorativos clássicos na fachada (cantarias, frisos, cornijas, balaustradas, pilastras, soco e adornos em massa). É nestes lotes de frentes largas e localizados em gavetos que uma lógica de composição baseada na cobertura abobadada modular ganha mais expressão com a variedade de combinações de compartimentos nos sectores intermédio e de tardoz, onde chegam a aparecer três abóbadas de vela.

A utilização de abóbadas como sistema de cobertura em açoteia da casa corrente da Fuzeta (e de muitas casas de Olhão e algumas de Moncarapacho), está implicitamente relacionada com a oportunidade criada pela presença de mestres construtores na povoação no decorrer da construção da igreja no segundo quartel do século XIX, e com a funcionalidade do uso da açoteia no quotidiano. Os intradornos das abóbadas denotam um exímio domínio da técnica construtiva, observada na geometria da abóbada e na colocação precisa dos tijolos nas fiadas e nos remates. A construção da igreja foi um momento-chave e a principal causa da disseminação do conhecimento construtivo usado nas casas correntes.

sem comprometer a volumetria geral, a cobertura em açoteia e, sobretudo, a fachada-tipo cuja repetição garante o conjunto da frente da rua.



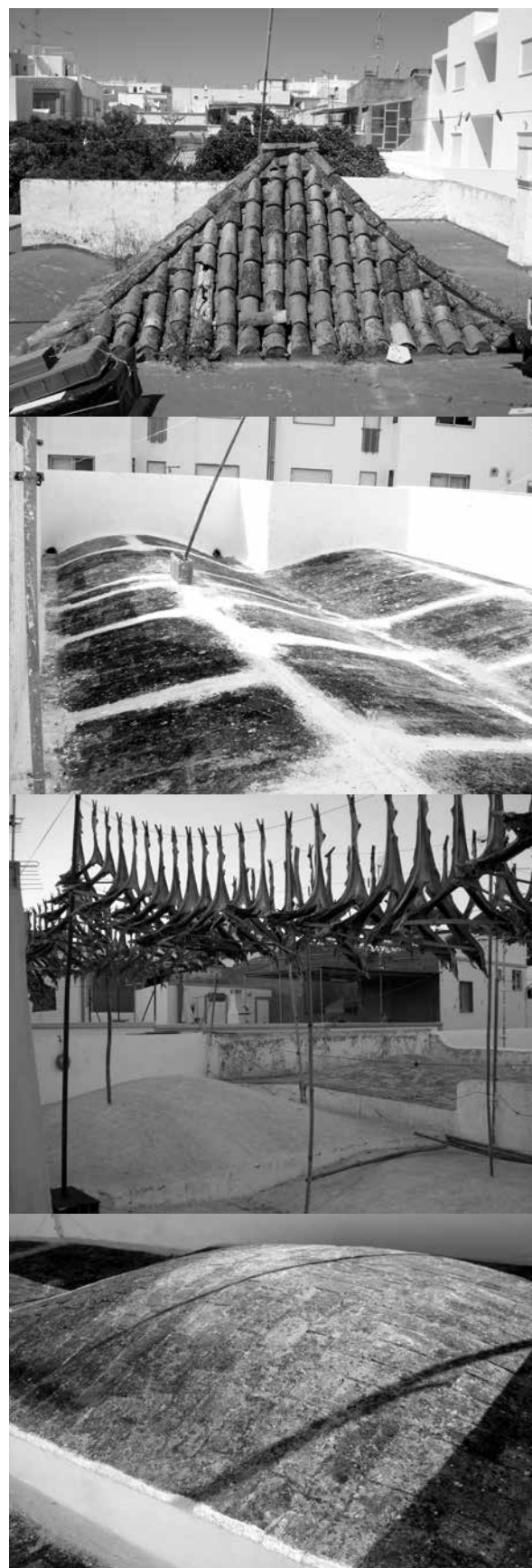
A lógica de compartimentação da casa implantada nos lotes-tipo adaptou-se também aos de frentes mais estreitas, mais largas e de gaveto. As casas construídas em lotes mais estreitos em pouco diferiram das dos lotes-tipo, com a ressalva de prescindir do corredor. As casas construídas em lotes de frentes mais largas, a partir do final do século XIX, têm uma nova organização interna, marcada por um sector de fachada de corredor central ladeado por duas



Figuras 8 - Diferentes tipos de cobertura vistas do interior:  
a) telhado-de-tesouro, b) abóbada de berço abatido, c) abóbada de vela, d) abóbada de barrete de clérigo.



Figura 9 - Diferentes tipos de cobertura vistas do exterior:  
a) telhado-de-tesouro, b) abóbada de berço abatido, c) abóbada de vela, d) abóbada de barrete de clérigo.



As dimensões dos compartimentos abobadados definem a sua espacialidade, marcada pela proporção entre a área e o pé-direito, o que remete conceptualmente para uma medida-padrão que estrutura morfologicamente a habitação: um módulo definido pela abóbada, espacialmente uniformizador dos compartimentos. Para além do seu papel regulador, o módulo abobadado relaciona-se com as frentes regulares dos lotes, interligando a habitação à forma urbana e conferindo unidade ao conjunto edificado.

As geometrias e o método construtivo usados pelos mestres construtores das abóbadas reforçam a hipótese de um conhecimento construtivo de fonte erudita. A abóbada de berço abatido, a mais comum e que cobre, normalmente, os sectores intermédio e de tardo das habitações, é construída segundo um arco directriz traçado com três centros, denominado também por “sarapanel” nos manuais de construção seis-setecentistas. As abóbadas de vela e “de barrete de clérigo”, destinadas à cobertura das *casas de fora* e de *dentro*, são o apogeu da construção erudita na povoação piscatória.

O sistema construtivo da açoteia sobre abóbada, para além de permitir o aproveitamento da cobertura como uma área extensível da casa para as lides domésticas e piscatórias, assim como para a recolha de águas pluviais, proporciona um balanço térmico positivo entre a temperatura e a humidade do espaço interior e exterior, revelando-se uma escolha construtiva adequada ao uso diário dos compartimentos e ao ambiente mediterrânico.

## Conclusão

A investigação foi realizada considerando as escalas urbana, arquitectónica e construtiva. No que respeita ao urbanismo, a malha urbana foi estudada segundo a evolução da sua configuração, enquadrada à luz da História do Urbanismo em Portugal. Procuraram-se os padrões usados na urbanização e no loteamento, bem como as regras respeitadas e repetidas nas soluções construtivas empregues na urbanização e edificação, que contribuíram para a consolidação do núcleo urbano. A tipologia habitacional foi estudada com o objectivo de perceber a forma de fixação e desenvolvimento deste núcleo

urbano e os aspectos construtivos analisados numa perspectiva da História da Construção, nomeadamente as coberturas em açoteia sobre abóbadas e os *telhados-de-tesouro* que caracterizavam esta arquitectura e que são atípicas no território português.

No panorama da historiografia do urbanismo português, a Fuzeta parece ser das últimas povoações desenvolvidas à luz da “tradição portuguesa de fazer cidade” resultado de um assentamento piscatório tardio que adquiriu desde a sua fundação um traçado tendencialmente regular de carácter urbano. A este traçado juntou-se o desejo de urbanidade de uma população relativamente abastada, beneficiada pelo lucro das pescarias, que se reflectiu nas fachadas uniformizadas de influência erudita, das casas construídas nos novos loteamentos, inclusive em lotes por edificar, para garantir a unidade do conjunto.

As fachadas-tipo das casas são um indicativo do cariz mais erudito das casas, com ornamentações, vãos com cantarias e rematadas por uma platibanda ou balaustrada que oculta a cobertura, que conferem ao núcleo urbano uma imagem contemporânea. O grau de complexidade do sistema construtivo das abóbadas, sem cimbres, e o processo de colocação dos seus elementos constitutivos, os tijolos, são também indicadores das raízes mais próximas do conhecimento erudito transmitido através de outros edifícios ou de tratados de construção. O módulo abobadado e a regularidade dimensional das frentes dos lotes são factores determinantes para um urbanismo que aparece de uma forma natural, mas organizada, confundindo-se com um urbanismo programado.

As ruas e casas da Fuzeta foram construídas por mestres locais, anónimos, sobre os quais não há qualquer tipo de conhecimento, assim como não há registos acerca de datas ou procedimentos utilizados. A única pista plausível encontra-se na construção erudita do núcleo, o edifício religioso, cujas formas e processos construtivos se pode ter querido imitar. O estudo da arquitectura habitacional da Fuzeta levanta a questão da dificuldade em estabelecer fronteiras entre o popular e o erudito, já que esta se situa numa zona de limbo entre estes dois termos, geralmente tomados como opostos. No entanto, como ficou provado, a complexidade distributiva, a maior complexidade construtiva e formal das abóbadas e uma fachada

que se pretende francamente urbana e plasticamente à moda do seu tempo, são factores que distinguem e tornam esta casa verdadeiramente singular no contexto algarvio.

Perceber o significado do núcleo urbano da Fuzeta, contribui para aprofundar o conhecimento sobre comunidades piscatórias, a história urbana portuguesa, Arquitectura Tradicional e a História da Construção, evidenciando a necessidade de implementar no futuro próximo um plano de salvaguarda dos valores ímpares que caracterizam este património.

## Abreviaturas

ADF-CNT – Arquivo Distrital de Faro, Cartório Notarial de Tavira

AHMEP – Arquivo Histórico Militar do Exército Português

AMT-CMT – Arquivo Municipal de Tavira, Fundo da Câmara Municipal de Tavira

AMO-CMO – Arquivo Municipal de Olhão, Fundo da Câmara Municipal de Olhão

AMO-AC – Arquivo Municipal de Olhão, Administrador do Concelho

ANTT – Arquivo Nacional Torre do Tombo

BAHOP – Biblioteca e Arquivo Histórico do Ministério da Economia e Emprego

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal

IGP – Instituto Geográfico Português

## Referências bibliográficas

Castilho, António Feliciano – “Revista Universal Lisbonense”, *Jornal dos Interesses Physicos, Moraes e Litterarios*, tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1843.

Feio, Mariano – *Le Bas Alentejo et l’Algarve*. Lisbonne: Congrès International de Géographie, 1949.

Garrido, Álvaro – “Introdução”, *A campanha do Argus*. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2005 [1951], pp. 7-35.

Martins, Artur Pires; Castro, Celestino de; Torres, Fernando – “Zona 6”, *Arquitectura Popular em Portugal*, volume II. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004 [1961], pp. 241-359.

Mascarenhas, José Fernandes – “A origem do topónimo Fuzeta e a sua evolução”, *Correio de Sul*, 10/09/1953. Faro: Correio de Sul, 1953.

Mesquita, José – “Breves achegas para a história das pescas em Tavira no século XIX”, *ALGHARB. Estudos regionais*, Boletim da comissão de coordenação da região do Algarve, nº 7-8. Faro: Comissão de Coordenação da Região do Algarve, 1988, pp. 23-30.

Nobre, Antero – *História breve da Vila de Olhão da Restauração*. Olhão: A Voz de Olhão, 1984. [acesso em <http://www.olhao.web.pt/Textos/HistoriaBreveOlhao.pdf>].

Oliveira, Carlos Ramos de – *Fuzeta: uma abordagem antropológica*, Dissertação de Licenciatura. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1971.

Ribeiro, Orlando – “Açoteias de Olhão e Telhados de Tavira”, *Influências orientais na Arquitectura Urbana. Geografia e Civilização- Temas Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte, 1992 [1961], pp. 65-107.

Vasconcelos, José Leite de – *Etnografia Portuguesa*, volume VI. Lisboa: Casa da Moeda, 1975.

Vaz, Adérito – *As origens da Fuzeta e seu topónimo*. Olhão: Biblioteca Cultural Olhanense, 1986.

Villiers, Alan – *A campanha do Argus*. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2005 [1951].

**PATRIMÓNIOS**

**MARÍTIMOS**

# **A construção naval TRADICIONAL em Sesimbra,**

Andreia Filipa Conceição\*

## **uma herança secular: O Caso da *Aiola*, alguns contributos para o seu estudo**

\*Coordenadora do Museu Marítimo de Sesimbra

## A construção naval tradicional em Sesimbra, contextualização histórica

Desde tempos imemoriais que a vocação marítima de Sesimbra se tem assumido como um marco incontornável para a sua história, possuindo uma costa amplamente navegada por fenícios, romanos ou muçulmanos.

Esta intensa atividade, associada às densas florestas e matagais, que rodeavam a vila, tornaram-na propícia à implantação da indústria de construção naval. Com efeito, desconhecemos, com exatidão, o momento em que se deu o estabelecimento da mesma, mas é crível que, durante o período imperial romano, a mesma estivesse já em pleno funcionamento<sup>1</sup>.

No entanto, é durante a transição entre o período Medieval e o Moderno que surgem sólidas evidências documentais relativas à existência deste tipo de atividade. De acordo com Jorge Paulo<sup>2</sup>, terá sido durante o processo de transferência da vila de Sesimbra, do Castelo para a frente marítima, que terão surgido estaleiros navais de pequenas dimensões, os quais «*no início dirigidos para a atividade da pesca, que com a experiência adquirida ao longo do tempo puderam construir as caravelas e as naus utilizadas pelos seus Mareantes*».

Tal como referido, num momento inicial, a origem destas pequenas unidades estaria relacionada com a construção de embarcações de pesca, tendo a crescente especialização necessária para fazer face às necessidades daí resultantes, originado a que os calafates, e os carpinteiros-machado, se tivessem individualizado em relação aos restantes ofícios<sup>3</sup>.

A primeira referência documental relativamente a esta separação surge no *Livro do Tombo da Villa de Cezimbra e seu Termo*, o qual inclui um documento datado de 7 de abril de 1410, do deão de Coimbra, D. Álvaro Afonso, que menciona as dizimas a pagar pelos calafates e pelos carpinteiros que construíam barcas<sup>4</sup>. Este livro cita, ainda, um outro documento, de 1425, onde é indicada a Mata do Zimbral, local

onde, desde sempre, os pescadores terão cortado madeira para a construção das suas barcas<sup>5</sup>.

Também no Foral de D. Manuel I, se encontram referidas as isenções relativas aos direitos de pagamento de direitos pelos materiais inerentes à construção dos navios, as quais terão tido em consideração a qualidade do trabalho dos estaleiros sesimbrenses<sup>6</sup>.

Com efeito, de acordo com Quirino da Fonseca<sup>7</sup>, de entre as caravelas utilizadas nas navegações portuguesas entre os séculos XV e XVI, predominavam as lançadas pelos estaleiros da vila.

Ao longo dos séculos seguintes, a indústria da construção naval manteve-se, sempre, enquanto atividade fundamental para a economia da região, tendo-se, a mesma, adaptado, em termos técnicos, à própria evolução das embarcações.

No ano de 1941, com o ciclone, o qual destruiu, irremediavelmente, 309 embarcações<sup>8</sup>, a capacidade dos carpinteiros-machado, e dos calafates, foi posta à prova, tendo, nesse período, surgido novos estaleiros, de forma repor a operacionalidade da frota pesqueira sesimbrense.

Em finais da década de 40 do século XX, contabilizavam-se na vila 16 armações à valenciana; cerca de meia centena de "barcas de tipo Sesimbra"; 40 sacadas; 20 artes xávega, bem como dezenas de *aiolas*, *chinchorros* e *chatas*<sup>9</sup>.

Estes dados demonstram, pois, a significativa quantidade de carpinteiros navais, e de calafates, necessária para fazer face a um tão elevado volume de trabalho.

## O Carpinteiro-Machado

Ofício altamente especializado na indústria da construção naval, competia ao carpinteiro-machado selecionar a madeira de pinho que, na sua maioria, provinha das florestas do concelho

1 CONCEIÇÃO e FERREIRA, 2009: 165-166

2 1992: 22

3 PAULO, 1992: 22

4 PAULO, 1992: 22

5 PAULO, 1992: 23

6 PAULO, 1992: 23

7 1934: 403

8 RODRIGUES, 2003: 35

9 RODRIGUES, 2003: 36-37

Fig. 1 – Estaleiro de Manuel Chagas Ferreira no ano de 1943, na construção da traineira “Tenacidade” (Arquivo Municipal de Sesimbra)

de Sesimbra, para a construção das embarcações. Desta, uma parte viria em bruto e, outra, já serrada, sendo a mesma utilizada para o talhe de tabuados e outras peças semelhantes<sup>10</sup>.

Utilizando diversas ferramentas braçais, necessárias à prática da atividade, cada carpinteiro possuiria uma caixa com os seus próprios utensílios de trabalho, de que se destacam o machado, a enxó, o martelo, o maço, bem como diversos tipos de plainas, formões e escopros<sup>11</sup>.

Na sua obra “*Artes e Ofícios em Sesimbra (1925/1950)*”, Raul Rodrigues efetuou um levantamento de todos os carpinteiros–machado existentes na vila de Sesimbra durante o segundo quartel do século XX, de que destacamos os mestres Manuel Chagas Ferreira e Acácio Sobral Farinha.

Manuel Chagas Ferreira foi considerado, pelos seus conterrâneos, o grande mestre da última geração de carpinteiros navais sesimbrenses, tendo revolucionado a construção naval no concelho, ao iniciar a conceção de uma embarcação de 16 metros, de tipo traineira, denominada *Tenacidade*, a primeira do género produzida na região, cujo “bota abaixo” foi realizado a 24 de julho de 1943.



Nunca tendo frequentado a escola, possuiu inúmeros estaleiros nas imediações da baía de Sesimbra, onde foram construídas dezenas de embarcações de variados tipos, tendo

10 RODRIGUES, 2003: 36

11 RODRIGUES, 2003: 40

Fig. 2 – Estaleiro de Acácio Vidal Farinha (ao centro), no ano de 1948, durante a construção da barca “Glória de Sesimbra” (Arquivo Municipal de Sesimbra, fundo Valdemar Capitulo)

empregado inúmeros profissionais, que, com ele, aprenderam o *ofício*.

Das suas oficinas, saiu, em meados do século XX, a emblemática traineira *Sesimbrense*, a qual labora, até aos nossos dias, consistindo na embarcação mais antiga, do género, da vila e, inclusive, do próprio país.

Tendo construído a sua primeira barca em 1946, Acácio Vidal Farinha foi, até 2017, ano da sua morte, o mais antigo carpinteiro–machado do país a laborar, ainda, de acordo com os métodos e técnicas tradicionais.

Ao longo das mais de sete décadas de carreira, formou dezenas de jovens no ofício de construtor, encontrando-se a sua última *Aiola*, datada de 2015, na exposição permanente do Museu Marítimo de Sesimbra, como expoente máximo de centenas de séculos de *saber e tradição*.

Neste âmbito, a título de curiosidade, importa referir, também, o Mestre–Pescador António Serafim Neto, popularmente conhecido por “António da Olímpia”, o qual, na primeira metade do século XX, construiu as suas próprias “barcas do aparelho”, num total de três, de que se destaca a “Amor ao Ofício”, datada de 1933 e a mais antiga do género existente no país.



A ascensão da construção em aço e fibra, a par da fundação da Cooperativa “Estaleiro Naval União Sesimbrense”, a qual absorveu a maior parte dos profissionais da área, fez com que, no ano de 1989, operassem, somente, sete carpinteiros–machado na vila de Sesimbra<sup>12</sup>, dos quais já poucos continuam no ativo.

12 RODRIGUES, 2003: 49

Fig. 3 - Barca "Amor ao Ofício" na baía de Sesimbra (Foto da autora) | Fig. 4 – Membros da Cooperativa "Estaleiro Naval União Sesimbrense" durante a década de 90 do século XX (Foto cedida por Francisco Pinhal)



Fig. 5 – Calafate de Sesimbra em finais do século XX (foto CMS)

"boneca", confeccionada em pele de carneiro, a qual é mergulhada numa caldeira em ferro e embebida no breu derretido, espalhado uniformemente sobre o costado da embarcação.



## Calafates

Profissionais cuja principal função consiste, depois de concluído o trabalho dos carpinteiros-machado, em proceder à calafetagem das embarcações em madeira, não possuem instalações próprias, trabalhando de acordo com as solicitações dos armadores ou donos dos estaleiros navais<sup>13</sup>.

Em termos genéricos, a operação de calafetar compõem-se por «introduzir a estopa (parte grossa do linho, depois de ter sido assedado) nas juntas do tabuado das embarcações e cobri-las de breu, para evitar que a água entrasse nas mesmas»<sup>14</sup>. Antes do início desta operação, a estopa é preparada, de modo a que os fios fiquem unidos, em forma de corda, a qual é colocada, entre o tabuado, com recurso ao macete.

Em seguida executa-se a "bredadura" com o auxílio de uma vara denominada "cuspideiro", que possui, numa das pontas, a denominada

Em meados do século XX, laboravam, na vila, mais de uma dezena de calafates, encontrando-se, atualmente, no ativo, somente, Luís Alberto.

## A seleção da madeira

Tal como referido, a madeira utilizada para a construção naval nos estaleiros sesimbrenses tinha origem, quase exclusivamente, nas florestas e pinhais do concelho, situação mantida até à década de 80 do século XX.

Com efeito, seria da Herdade de Calhariz que provinham os pinheiros de maior qualidade, cujas propriedades da terra argilosa originavam madeira mais resistente e, por essa razão, mais apreciada pelos construtores.

No entanto, também a Mata de Sesimbra, e a Lagoa de Albufeira, consistiam em zonas privilegiadas para o abate, apesar de a madeira daí proveniente, ser considerada de qualidade inferior.

13 RODRIGUES, 2003: 51

14 RODRIGUES, 2003: 21

Fig. 6 – Estaleiro de construção naval de Manuel Chagas Ferreira em meados do século XX (Arquivo Municipal de Sesimbra). | Fig. 7 – Liâme no estaleiro de Acácio Vidal Farinha (Foto de Rui Marques)

Em termos genéricos, a escolha recaía no pinho manso e bravo, dirigindo-se os carpinteiros–machado às serrações onde selecionavam as árvores. O corte para o tabuado era, então, realizado de acordo com o alinhamento do veio da madeira, uma vez que as tábuas daí resultantes, denominadas *liâme*, dotavam a embarcação de uma maior resistência.



No que respeita à *Aiola*, as tábuas utilizadas para a sua construção consistem em peças únicas, não só porque a junção entre as mesmas é difícil de calafetar, mas, também, porque o citado procedimento garante uma maior impermeabilização da embarcação.



Para a execução do tabuado, é utilizado o pinho bravo, ao passo que, para o cavername e restantes peças, a escolha recai no manso, sendo, no entanto, a quilha construída em sobro, de acordo com o objetivo de dotar a embarcação de uma

Fig. 8 – Execução do galão por Mestre Acácio Sobral Farinha, 2009 (Foto Rui João Rodrigues – CMS)

maior resistência, considerando a necessidade de a arrastar, constantemente, para terra.

Antes do início do processo, a madeira não levar qualquer tratamento, sendo, após a conclusão da montagem das balizas, envolta em zarcão, mineral misturado com óleo, utilizado para a proteger da humidade e do “bicho”<sup>15</sup>.

### A Aiola: caracterização e método construtivo

De entre as embarcações tradicionais que são, ainda que pontualmente, construídas em Sesimbra, destaca-se a *Aiola*, cujo modelo original tinha cerca de 3,30 m de comprimento por 1,52 m de boca.

Com provável origem no século XIX<sup>16</sup>, como embarcação de apoio à canoa da picada, a sua popularidade, e ampla utilização entre a comunidade piscatória, deve-se, sobretudo, ao facto de consistir numa embarcação leve, de reduzidas dimensões, perfeitamente adaptada às especificidades do mar de Sesimbra, facilmente transportável para um lugar seguro, ao abrigo das intempéries que, durante o período de Inverno, assolam a baía.

Em termos estruturais, uma das características mais distintivas da *Aiola* consiste no galão, ou seja, no remate da proa, sendo, até aos nossos dias, utilizada para a pesca artesanal.



<sup>15</sup> Xilófagos.

<sup>16</sup> De acordo com investigação efetuada pela autora, em conjunto com a Mestre Cristina Conceição, no Arquivo Geral de Marinha.

Fig. 9 – Meio-casco de aiola, modelo a partir do qual se faz o risco das secções da embarcação em tamanho real. Sesimbra, 2010. (CMS/ Museu Municipal de Sesimbra).

Atualmente, existem diversos exemplares na vila, cujas linhas proporcionam uma excelente navegação, tendo as velas e os remos sido substituídos, na sua grande maioria, por pequenos motores “fora-de-borda”.

Uma das curiosidades das aiolas é o zingar. Com efeito, para além da forma tradicional de remar, este tipo de embarcação possui uma reentrância do painel de popa onde encaixa um remo, o qual é movimentado pelo pescador com uma só mão, dando origem a que a pá do remo desenhe na água um complexo movimento, em muitos aspetos semelhante ao efetuado por um hélice.

Em 2009, foi construída uma das maiores *aiolas* jamais concebidas nos estaleiros da vila de Sesimbra pelos Mestres Rui e Acácio Sobral Farinha, possuindo a mesma 4,5 m de comprimento e tendo sido equipada com uma vela de espicha, tal como as antigas embarcações de pesca sesimbrenses.

Após entrevista aos construtores, passamos a enunciar, de forma simplificada, os momentos mais importantes da sua construção:



**1.** Em primeiro lugar, faz-se, em pinho, o molde da embarcação, normalmente à escala de 1/10, o qual é composto por tiras de duas cores com cerca de 1 cm de espessura. Tal como se pode observar na Fig. 9, este é colocado sobre um espelho, de modo a que o construtor possa observar a sua projeção para a elaboração da grade. O molde consiste, assim, numa espécie de miniatura da embarcação, de que dependente o seu sucesso.

**2.** A partir deste momento, são montadas a roda da popa, a roda da proa e a quilha. Após a colocação da roda da popa, é colocado o painel da popa, acontecendo o mesmo com o da proa.

Fig. 10 – Aiola em construção no estaleiro de Mestre Acácio Farinha, no momento em que já se encontram colocados o verdugo, o alcache, a cinta e a tábua de boca, 2009 (foto CMS - Rui Rodrigues)

**3.** Encontram-se, então, reunidas as condições para a integração da baliza mestra, a qual fica localizada ao centro da quilha, sendo, em seguida, colocadas as balizas da popa e da proa. É com base na “baliza mestra” que são tirados os pontos para o fabrico das restantes, consistindo, este, no ponto de partida para o *encavernamento* da *Aiola*. Depois de pregadas na quilha, são fixas com as respetivas armadoras (réguas), que têm por objetivo reforçá-las.

**4.** O passo seguinte, traduz-se pela integração da cinta na estrutura da embarcação, peça única que vem da proa, à popa, dando-lhe forma.

**5.** Em seguida, coloca-se o verdugo, o qual fica situado por debaixo da cinta, bem como o alcache, peça localizada entre a cinta e a tábua de boca. A partir deste momento, todas as peças são pregadas, diretamente, sobre a estrutura.



**6.** A partir deste momento, é integrado o forro (ou serreta), o qual corresponde ao reforço interior da *Aiola*, auxiliando na sua robustez, e onde vão assentar os bancos.

**7.** Em seguida, entabua-se a embarcação, procedendo-se à realização dos acabamentos, nomeadamente a colocação das chumaçeiros, estruturas onde entram as chamas, e as gravatas, o aplainamento e a calafetagem.

**8.** Caso se trate de uma *Aiola* à vela, os mastros são colocados no final, sendo os mesmos amovíveis. A título de curiosidade, importa referir que

Fig. 11 – Aiola à vela construída em 2009 no estaleiro do mestre Acácio Sobral Farinha (Foto: Rui Marques)

o mastro possui, por norma, o cumprimento da embarcação, sendo fixados através de um buraco aberto no banco da proa. Originalmente, incluía a espicha, peça em madeira, fixa na horizontal, que suportava a vela latina, de onde advém a designação de “vela de espicha”.

9. Quando a embarcação se encontra concluída, procede-se pintura, à colocação da matrícula, e ao desenho do olho na proa, tradição secular com provável origem oriental, encontrando-se, a mesma, pronta a navegar.



## Considerações Finais

Possuindo uma tradição secular, bem enraizada na comunidade sesimbrense, a construção naval tradicional em madeira consiste numa das mais importantes atividades, associadas à pesca, existentes na região.

Tendo-se adaptado à progressiva evolução das artes de pesca, e das próprias embarcações, encerra, em si, uma vasta panóplia de *saberes* que compõem um património imaterial de inegável valor, integrando, de forma incontestável, a memória e a identidade da povoação piscatória.

Estes importantes conhecimentos, que se estendem desde a escolha, e seleção da madeira, passando pelo corte das peças e utilização das ferramentas, entre outros aspetos, foi passando, secularmente, de geração em geração, até chegar aos nossos dias, encontrando-se presentes em uma das embarcações mais características de Sesimbra: a *Aiola*.

Símbolos maior de séculos de tradição, e cultura, ligadas ao mar, a preservação, valorização, e dinamização, deste legado, é uma principais linhas de trabalho do Museu Marítimo, e da Câmara Municipal de Sesimbra, em estreita ligação com a comunidade piscatória.

Acontecendo com uma periodicidade regular, iniciativas como a “Regata de Aiolas”, ou as tertúlias informais, em torno de um tema local, “Sesimbra, Memória, e Identidade”, têm por objetivo fomentar, junto das camadas mais jovens, o gosto por este tipo de embarcação, promovendo a continuidade da sua construção, e respetivo legado.

## Bibliografia

ALVES, Francisco, et all (2010) – *Entrevista ao Mestre José Lopes. Estaleiro Naval do Gaio*, Moita, Câmara Municipal da Moita e IGESPAR.

BERNARDO, Hêrnani de Barros (1941) – *Monografia de Sesimbra. Estudo geo-económico do concelho*, Sesimbra, Câmara Municipal de Sesimbra.

CRUZ, Maria Alfreda (2009) – *Pesca e Pescadores em Sesimbra. Contributo para a Narrativa do Concelho*, Sesimbra, Câmara Municipal de Sesimbra.

FONSECA, Quirino da (1934) – *A Caravela Portuguesa e a prioridade técnica das navegações henriquinas*, Coimbra.

FRAGA, Tiago; TEIXEIRA, António; MARTINS, Adolfo Silveira Martins (2009) – “A Arte da Fábrica das Naus”, in *Fernando de Oliveira. Um Humanista Genial. V Centenário do seu Nascimento*. Coordenação de Carlos Morais, Universidade de Aveiro - Centro de Línguas e Culturas, pp. 491-514.

LOUREIRO, Vanessa (1996) - O Padre Fernando Oliveira e o *Liuro da Fabrica das Naos* in *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 9. número 2, pp. 353-367.

MARTINS, Adolfo Silveira (1998) - *Arqueologia Naval Portuguesa (séculos XIII-XVI). Uma aproximação ao seu estudo ibérico*, Diss. de Doutoramento, Universidade de Sevilha

MOTA, Arlindo; MARTELO, João (2005) – *Pescadores de Mar Muito. Testemunhos de Angelo Sobral Farinha*, Sesimbra, Câmara Municipal de Sesimbra, pp. 37-40.

RODRIGUES, Raul Pinto (2003) – *Artes e ofícios em Sesimbra (1925/1950)*, Sesimbra, «Colecção livros de Sesimbra», Câmara Municipal de Sesimbra.

SCHWARZ, George Robert (2008) – *The History and Development of Caravels*, Texas, A&M University (Submitted to the Office of Graduate Studies of Texas A&M University in partial fulfillment of the requirements for the degree of MASTER OF ARTS), pp. 50-191.

# **A técnica da construção naval em madeira de Vila do Conde**

Ivone Pereira\*

## **como Património Cultural Imaterial da Humanidade**

\*Co-coordenação Projeto "Vila do Conde-um porto para o Mundo"

Desde tempos imemoriais que o Homem se sente atraído pelo mar, e há muitos séculos que pensou em dominar os oceanos, caminhar sobre ele em busca de novos horizontes, ir ao encontro de outras terras, outras gentes, novas riquezas. Em resposta a como fazê-lo, nasce a arte da construção naval, surgem os primeiros barcos e marinheiros.

A proximidade entre o oceano Atlântico e o rio Ave, desde cedo dotou Vila do Conde de condições extraordinárias ao desenvolvimento da indústria naval que assumirá um papel de relevo na fábrica dos Descobrimentos. Paralelamente à construção de navios, uma outra indústria se destacou no panorama nacional, o fabrico dos tão afamados panos de "Treu" de Vila do Conde (tecido forte, de linho, usado na produção de velas, sendo sobretudo utilizado em navios que envergavam pano latino). Os séculos XV e XVI foram o tempo áureo da urbe, assistindo-se a um crescimento demográfico e mercantil, visível, ainda hoje, no património urbanístico de cariz económico, comercial, defensivo e religioso.

No decurso do longo período compreendido entre os séculos XVII e XVIII, a atividade marítima em Vila do Conde já revelava sinais evidentes de enfraquecimento, fruto da conjuntura desfavorável, a vários níveis, em que o país se encontrava.

Disso se ressentiram os estaleiros vilacondenses, que viram a situação drasticamente agravada com a nefasta concorrência espanhola, ao ponto de poder considerar-se este período como marcante da primeira grande crise cíclica na história da sua prestigiada atividade.

Durante a primeira metade do século XIX, as invasões napoleónicas e a Revolução Liberal mergulham o país numa grave crise económica, com reflexos naturalmente negativos a nível social, fazendo estremecer o sólido e multissecular relacionamento entre os portugueses e o mar.

Na segunda metade do século XIX, reinstala-se a paz no reino, o que vem alimentar o pensamento da reconstrução e do desenvolvimento, tarefas gigantescas, se atendermos ao estado de indiferença entretanto instalado, e ao acentuado atraso económico de que o país, então, dava mostras.

Depois dos navios destinados ao comércio e com a expansão das rotas de pesca da Terra Nova, os estaleiros de Vila do Conde ganham novo

alento com a construção de Lugres e Patachos, até ao primeiro quartel do século XX. Durante a 2ª Grande Guerra Mundial o país passa por grandes dificuldades económicas. Disso se ressentiu a construção naval, que chega a um estado quase deplorável. Porém, terminada a guerra, a construção naval em Vila do Conde ganha novo alento com a construção de embarcações para a Pesca Costeira. A melhoria da situação verificada nos anos 70 vai progredir na década de 80, através dos subsídios concedidos pela Comunidade Europeia para a construção de novas embarcações destinadas à Pesca Artesanal Costeira, embora tenha de considerar-se que tal melhoria não se processou linearmente, devido principalmente ao critério adotado pela Administração Central na atribuição dos subsídios destinados à renovação da frota pesqueira. Depois, consideramos a forte concorrência espanhola, através da utilização do aço e da fibra, permitindo a construção de barcos mais duradouros e de maiores dimensões, para além do fácil acesso ao crédito através de uma política concertada entre o Estado, os estaleiros, os armadores e os Bancos.

Atualmente, permanecem em atividade quatro grupos empresariais ligados, em Vila do Conde, à indústria de construção naval, estando três implantados na margem esquerda do rio Ave, na freguesia de Azurara, nomeadamente BARRETO E FILHOS, LDA., SICNAVE, LDA. e SAMUEL E FILHOS, LDA. Na área compreendida dentro do porto da Póvoa de Varzim, mas ainda no concelho de Vila do Conde, encontra-se o estaleiro IRMÃOS VIANA, LDA.

Apesar dos constrangimentos impostos à atividade da pesca, seus principais clientes, e das dificuldades na adaptação à utilização de novos materiais na construção dos barcos, geram uma atividade económica de interesse local e persistente significado económico, em grande medida fruto da elevada quantidade de reparações efetuadas, em curso e em carteira, na sua maioria em embarcações de madeira.

O processo de reparação e obras de manutenção das embarcações ocorre durante todo o ano, verificando-se, no entanto, uma maior incidência, nos meses de janeiro a abril, em embarcações relacionadas com a atividade marítimo-turística (do rio Douro) e em embarcações da pesca da sardinha, devido ao período de defeso. Desde finais de junho a setembro, a atividade concentra-se em embarcações de pesca de redes de emalhar.

A elevada idade dos mestres carpinteiros, os constrangimentos legais à construção de barcos de madeira e a falta de formação técnico-profissional dos jovens, são as circunstâncias mais evidentes na continuidade desta prática.

A transmissão do conhecimento ainda se processa através da observação direta dos trabalhos, da transmissão oral entre mestres e aprendizes, através da transmissão geracional da profissão e da prática diária da atividade.

Urge desenvolver ações no sentido de inverter esta tendência, que possibilitem a adequada transmissão deste conhecimento, preservando-o, multiplicando-o e alargando-o a novas gerações. Com isto se pretendem preservar também as práticas socioculturais de uma comunidade profissional e as bases de uma cultura marítima portuguesa, em que a história da cidade de Vila do Conde e da sua comunidade se inserem. Fatores como o constrangimento ao desenvolvimento das atividades da pesca e o gradual envelhecimento dos melhores conhecedores das técnicas de construção levarão, porém, num curto espaço de tempo, à consequente incapacidade de resposta e ao desaparecimento dos seus estaleiros.

Vila do Conde é ainda detentora de um perfil socioeconómico que evoluiu ao longo dos últimos séculos em função do protagonismo do seu porto marítimo e dos seus estaleiros navais, cuja salvaguarda é fundamental para a preservação e continuidade da sua identidade.

Considerando a previsão de que as reparações de embarcações de madeira tendem a aumentar progressivamente, até pela ausência de estaleiros com escala empresarial no país, crê-se que poderá estar, num futuro próximo, assegurada a continuidade dos históricos estaleiros navais de Vila do Conde. A Frota de Pesca Costeira Nacional entre os 12 e os 28m de comprimento é constituída por 411 embarcações, das quais 292 são em madeira.

Para além das embarcações de pesca existe um mercado real e potencial para o exercício desses saberes aplicados à construção naval em madeira, a construção de réplicas de embarcações históricas, como caravelas e naus. A persistência, em Vila do Conde, do domínio das técnicas ancestrais foi posta à prova, com a construção, nos anos 1990 e 2000, de réplicas de caravelas e naus, embarcações em circulação ou destinadas a programas de

musealização, que ligam os estaleiros de Vila do Conde às novas economias do mar, incluindo as indústrias criativas e o turismo cultural.

No âmbito de uma política de memória que alimenta hoje Turismo e Indústrias Culturais, este mercado revela-se algo de muito promissor.

Veja-se o que ocorreu com a construção das réplicas das caravelas Bartolomeu Dias, em 1987, Boa Esperança em 1989, Vera Cruz em 2001, bem como com a construção da réplica da Nau Quinhentista de Vila do Conde, em 2006, atingindo uma média de 40.000 visitantes por ano.

Em suma, a construção naval em madeira constitui para a comunidade de Vila do Conde e particularmente para os seus carpinteiros navais, um elemento fundamental da sua identidade. Vila do Conde e as suas gentes evoluíram em íntima ligação com o rio e o mar e das atividades a eles ligadas, como a pesca, o fabrico de velames, a cordoaria e a construção naval. A configuração urbana da zona ribeirinha é determinada por eixos que se desenham a partir do rio e das suas atividades. A frente do rio é alterada e configurada ao longo dos séculos em função dos estaleiros navais. Uma boa parte do património monumental edificado surge na época áurea do comércio marítimo, os séculos XVI e XVII, em que Vila do Conde assume papel de grande relevo. Vila do Conde define-se como local privilegiado para a construção naval desde as suas origens até aos dias de hoje. A estreita relação entre a construção naval, o rio, o mar, o comércio marítimo, a pesca e todas as atividades e ofícios associados, constitui desde há vários séculos alicerce fundamental que envolve esta comunidade e lhe confere identidade. Esta é uma identidade construída por séculos de história, mas assimilada e voluntariamente incorporada pela Comunidade, que espera poder garantir emprego e sustentabilidade socioeconómica a partir desta vocação. O facto de se manter ainda no presente, a despeito das contingências, um conjunto de conhecimentos únicos, cultivados pela Comunidade de construtores navais e reconhecido pela comunidade concelhia, constitui prova da incorporação dessa identidade, que constitui valor económico e patrimonial que interessa preservar.

A própria associação do exercício dessa atividade com conhecimentos sobre aspetos ambientais e climatéricos, como são os relativos às marés,

as fases da lua, o estado do mar, a leitura empírica do tempo, revelando conhecimento adequado de todo o ecossistema envolvente, definem esta atividade de construção naval como património imaterial de relevo.

As tradições, devoções e procedimentos, imbuídos de simbolismo e caráter mágico, associadas ao exercício da atividade consubstanciam outras vertentes do mesmo complexo de património imaterial.

A Câmara Municipal de Vila do Conde pretendendo afirmar uma identidade que se quer viva na participação do futuro de Vila do Conde e na construção do imaginário nacional, cria o projeto designado "Vila do Conde – um porto para o Mundo", tendo por base a inscrição da técnica da construção naval de madeira no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, que decorre do quadro legal instituído pela Lei de Bases do Património Cultural e desenvolvido pelo Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho (com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 115/2012, de 25 de maio), que institui o regime jurídico para a salvaguarda do PCI.

A partir do momento em que a Câmara Municipal de Vila do Conde, determinou a proteção e valorização de uma das marcas identitárias do concelho com mais relevância socioeconómica foram, desde logo, assumidos compromissos públicos, bem como a consolidação de protocolos de colaboração com os responsáveis pelos estaleiros navais de Vila do Conde.

Em ordem a dar sustentabilidade científica, de acordo com as mais corretas políticas públicas de memória, foram constituídas comissões de acompanhamento e de assessoria do projeto, incorporando, para além de figuras públicas de renome e impacto nacional, assumidos como patronos da iniciativa, especialistas em áreas como a arquitetura naval (Almirante Rogério d' Oliveira), historiadores especialistas na história marítima de Vila do Conde. A Comissão científica é composta por reputados investigadores, liderada pela Prof.ª Dr.ª Amélia Polónia, docente e investigadora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

A comissão de honra é composta por várias entidades e individualidades ligadas à temática em questão, liderada pelo Dr. António Carmo Reis.

A comissão científica desenvolve assessoria nos aspetos considerados críticos no processo de identificação, estudo e documentação do património imaterial ligado à construção naval em madeira de Vila do Conde.

Em paralelo, o município criou uma comissão de trabalho interna, constituída por técnicos superiores da Câmara, com formação académica e experiência acumulada nas áreas de Antropologia, Arqueologia, Museologia, Biblioteconomia e Arquivística.

O trabalho desenvolvido nos últimos anos permitiu proceder a uma sólida inventariação e estudo, acompanhados por iniciativas de musealização e transferência para a Comunidade, desse conhecimento adquirido e documentalmente sustentado.

O projeto "Vila do Conde - um porto para o mundo" para além de ter por base o registo desta prática cultural no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, preconiza diversas medidas de salvaguarda em relação à continuidade da manifestação do património cultural imaterial que passam pelo envolvimento de múltiplos agentes a considerar em processos desta natureza: políticos, agentes económicos, os agentes diretamente envolvidos e a comunidade municipal como um todo. De entre essas medidas, destaca-se:

- 1 - O protocolo de cooperação celebrado entre a Câmara Municipal de Vila do Conde e os quatro estaleiros navais sedeados em Vila do Conde, assumindo ambas as partes compromissos de colaboração no sentido da criação de um dossier que permita o registo das Técnicas de Construção Naval em Madeira de Vila do Conde no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial;

- 2 - A realização do maior teatro musical de rua do país, que decorre no mês de agosto e já conta com 5 edições, na zona ribeirinha, no espaço fronteiro aos núcleos museológicos Nau Quinhentista, Alfândega Régia-Museu da Construção Naval. A temática principal deste espetáculo é a Construção Naval de madeira de Vila do Conde, divulgando-se desta forma a história local, envolvendo e dinamizando, ao mesmo tempo, a participação da comunidade. O espetáculo envolve cerca de 400 participantes amadores. Para 2020 está prevista a realização de um novo espetáculo estando garantido, mais uma vez, destaque à atividade da construção naval de madeira;

3 - A organização de um Congresso Internacional subordinado ao tema “Construção naval. Saber, técnica e património” (Vila do Conde, 23-25 de maio de 2016), que trouxe à cidade os mais destacados especialistas em construção naval em madeira a nível nacional e internacional. O congresso teve tradução simultânea para inglês, dada a proveniência de muitos dos especialistas convidados, pretendendo-se associar o debate sobre a técnica e a arquitetura naval, com políticas públicas de memória e de património, e também com formas de operacionalização económica dos ativos em análise. O congresso reuniu e colocou em debate, agentes económicos ligados ao Turismo Cultural, Associações de Recreio Náutico, proprietários dos estaleiros, técnicos municipais de vários pontos do país com experiências recentes de processos de classificação patrimonial, titulares de cargos públicos ligados a instituições de salvaguarda e gestão de património, para além de historiadores, arquitetos navais, especialistas em arqueologia subaquática e representantes da Marinha e das Academias de Marinha portuguesa e espanhola;

4 - Edição de duas publicações com base nas comunicações apresentadas ao Congresso: uma em português sobre Políticas e Práticas de Memória e Patrimónios Marítimos, em Portugal e na Europa, com particular incidência para a construção naval em madeira; uma em inglês, a ser editada por uma casa editora de prestígio, que pretende projetar para um palco internacional o saber e a prática de construção naval de madeira em Vila do Conde;

5 - Reedição da publicação de “Navios portugueses dos séculos XV e XVI” de Francisco Contente Domingues, a qual integra os Cadernos do Museu de Vila do Conde.

6 - Visita da Fragata russa *Shtandart* a Vila do Conde, capitaneada por Vladimir Martus que lidera um grupo internacional que se encontra a selecionar um estaleiro naval para construir uma réplica funcional do *Cutty Sark*. Vila do Conde foi uma escolha de eleição para este comandante porque, para além da existência de uma tradição muito forte na construção naval de madeira, possui empresas capazes de o fazer com uma qualidade acima da média, reconhecida a nível internacional. No seguimento desta visita, a fragata *Shtandart* foi alvo de uma extensa

reparação, no último trimestre de 2016 no estaleiro Barreto & Filhos, Lda.

Durante este período foi realizada a captação, em tempo real, das operações de reparação. Periodicamente, as imagens eram recolhidas e editadas para criação de pequenos filmes que, posteriormente, eram publicados nas redes sociais;

7 - Registo do início dos trabalhos de dragagem do canal do Ave, entre a foz e o núcleo de recreio, incluindo a área da marina e a zona dos estaleiros navais, promovida pela Direção Geral de Recursos Naturais e pela Docapesca. Esta intervenção há muito reclamada pelo poder local e os moradores é imprescindível para a navegabilidade do canal do rio Ave e viabilizará o uso pleno do núcleo de recreio bem como o estacionamento conveniente da réplica da Nau Quinhentista ali atracada, assim como o acesso de embarcações de maior calado aos estaleiros navais;

8 - Assinatura de Protocolo de cooperação com o Centro de Formação Desportiva Náutica Frei João. Decorrente da assinatura deste protocolo, em 2018, numa parceria com a Marinha Portuguesa, promoveu-se uma viagem de treino de mar a bordo do NTM Creoula, proporcionando uma experiência e contacto com o mar aos alunos e professores dos agrupamentos de escolas do concelho de Vila do Conde, durante 3 dias. A viagem possibilitou uma plena integração na vida de bordo, onde experienciaram, para além das tarefas de um velejador profissional – içar velas, marear o pano, fazer navegação, leme, vigia –, o trabalho na casa das máquinas e na cozinha de bordo, não esquecendo a baldeação do navio e as limpezas diárias;

9 - No âmbito do Protocolo de cooperação com o Centro de Formação Desportiva Náutica Frei João recebemos centenas de alunos provenientes de outros concelhos, nos núcleos museológicos Alfândega Régia-MCN e Nau Quinhentista;

10 - Montagem na Casa do Barco da exposição “Com um risco se faz um barco”. Esta exposição pretende mostrar as técnicas e os processos associados à construção naval de madeira. De entre o seu conteúdo destaca-se o processo da sala do risco, arte de transformar o projeto de uma embarcação num desenho detalhado à escala real, cuja finalidade consiste na conceção das fôrmas das suas peças constituintes;

11 - Presença constante do Projeto Municipal “Vila do Conde Um porto para o Mundo” em feiras náuticas;

12 - Várias comunicações apresentadas nacional e intencionalmente;

13 - Ações de promoção e divulgação da importância da indústria da construção naval de madeira, em Vila do Conde, junto da comunidade educativa. Dando especial enfoque à construção naval quinhentista em Vila do Conde, são disponibilizados dois modelos de arquitetura naval, uma Nau e uma Caravela, que permitem explorar as suas vantagens desvantagens;

Complementarmente, e em caso de classificação da técnica de construção naval de madeira por parte da Direção Geral do Património

Cultural, serão desenvolvidos todos os esforços no sentido da elaboração de uma candidatura à Lista Representativa do Património Cultural da Humanidade (UNESCO).

Trata-se, sem dúvida, de uma oportunidade única de transformação e qualificação da cidade de Vila do Conde no seu conjunto.

«...Se o lançamento à água é um marco importante dessa evocação, a circunstância de se efetuar nesta augusta e vetusta Vila do Conde, constitui um símbolo evocativo do empenhamento de um povo, escasso de gente e recursos materiais, mas com fé, determinação e coragem, que se lançou no mar oceano, reconheceu e explorou terras, difundiu a sua civilização por todas as partes do mundo, num universalismo sem paralelo na história.»

*(palavras proferidas pelo Exmo. Sr. Almirante Rogério d'Oliveira, No dia da sessão solene do “bota-abaixo” da caravela “Bartolomeu Dias”, no salão nobre da Câmara de Vila do Conde, no dia 17 de julho de 1987)*

# **ARTES DE PESCA ARTESANAIS em PORTUGAL**

Rogélia Martins e Miguel Carneiro\*

\*Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA)

Fig. 1 - Adriça (Algarve)

Fig. 2 - Arrilhada (Algarve)

Fig. 3 - Arrilhada (adaptado de Carneiro et al.2006)

Fig. 4 - Faca de mariscar (Ria Formosa)

A pesca artesanal ou pequena pesca associa-se normalmente ao exercício das atividades de pesca quer em águas interiores (estuários, lagoas, rias e rios), quer em águas oceânicas próximas da costa. As principais características deste tipo de pesca incluem a utilização de pequenas embarcações e artes mais seletivas, de menor dimensão e por isso suscetíveis de causar menor impacto nos recursos vivos marinhos, registando-se ainda uma estreita associação entre o pescador, os recursos e a comunidade em que está inserido.

Em Portugal esta pesca é ancestral encontrando-se fortemente ligada a pequenas comunidades piscatórias que se distribuem por todo o litoral português.

Nesta pesca os métodos de captura e as artes utilizadas pelos pescadores e mariscadores inserem-se em profundas tradições e costumes das comunidades piscatórias, resultando de um conhecimento prático da ocorrência, abundância sazonal e comportamento das espécies e também das condições naturais e ambientais dos locais e dos pesqueiros onde exercem a sua atividade.

As artes utilizadas em Portugal na frota artesanal são muito variadas, mas podem ser agrupadas segundo as suas principais características segundo as classificações de Von Brandt (1972) e Rebordão (2000), para agrupar as artes e métodos de pesca.

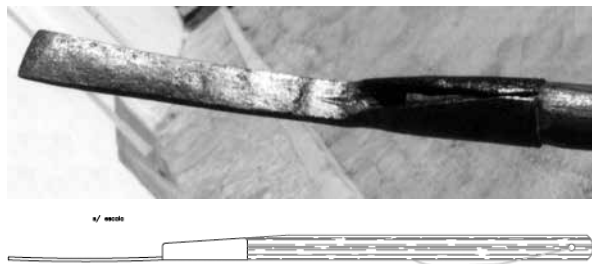
## Apanha

A **apanha** é o método de pesca mais antigo praticado pelo homem, constituindo, ainda hoje, a forma mais simples de capturar peixes, crustáceos, moluscos, equinodermes, poliquetas, plantas aquáticas, entre outros. É uma atividade em que apenas se usa a mão, o pé ou utensílios não construídos especificamente para a pesca. É geralmente praticada a pé em áreas que ficam total ou parcialmente descobertas durante a baixa-mar, podendo, nalguns casos, realizar-se em águas mais ou menos profundas e recorrendo a equipamento de mergulho, tanto no mar como em águas interiores não oceânicas. As artes ou instrumentos mais representativos usados na apanha são os seguintes:

A **adriça** é usada na captura de longueirão/lingueirão/navalha ou canivete e utilizada, durante a baixa-mar, em substratos vasosos ou arenosos de lagoas, estuários e praias



A **arrilhada**, utilizada na apanha de percebes, destina-se a desagarrar o animal do substrato rochoso onde se encontra fixado.



A faca de mariscar destina-se principalmente à apanha de amêijoas e berbigão, em particular nas zonas estuarinas e lagunares, e de mexilhão nas rochas do litoral.



## Pesca por ferimento

Neste grupo incluem-se os métodos em que a presa é capturada por um instrumento perfurante com a intenção de provocar um ferimento profundo. Os instrumentos usados podem atuar, ou não, solidários com a mão do pescador; sendo classificados, respetivamente, em **utensílios de mão** e **utensílios de arremesso**.

Nos utensílios de mão incluem-se o ancinho (moluscos bivalves e algas), o bicheiro (polvo), o

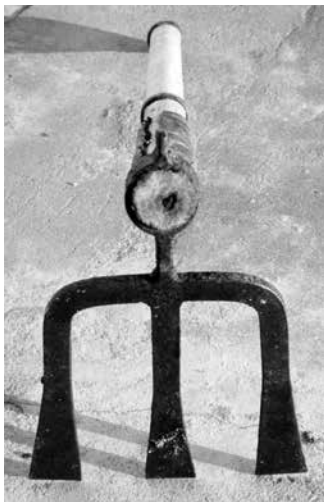
Fig. 5 - Ancinho (rio Sado)

Fig. 6 - Graveta (Apúlia)

Fig. 7 - Bicheiro (litoral centro)

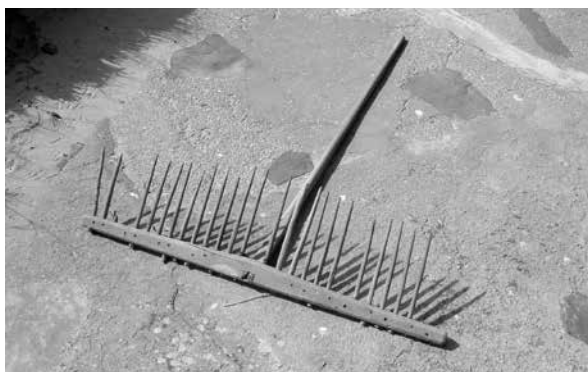
galheiro (lampreia) e a fisga (lampreia e solha). A utilização das fisgas encontra-se atualmente proibida.

O **ancinho** é um utensílio de mão constituído por uma barra, metálica ou de madeira, com dentes, fixada a um cabo de madeira ou metal. Os dentes podem ser direitos ou curvos e de tamanho, número e espaçamento variáveis, sendo utilizado a pé, na baixa-mar, na apanha de moluscos bivalves.



O **croque** ou **engaço**

é um ancinho específico (por vezes, os dentes são substituídos por uma lâmina), com um cabo comprido, utilizado na apanha de mexilhões. A **graveta** é um ancinho utilizado na apanha de algas. O **bicheiro** ou **bucheiro**, na sua forma mais simples, consiste num anzol sem barbelada preso num cabo metálico ou de madeira, sendo utilizado na captura de polvos.



A **fisga** é constituída por um pente de dentes direitos, barbelados, colocado na extremidade de um cabo de madeira. O comprimento do cabo depende da profundidade e do modo de operação da pesca, que se efetua a pé ou a partir de uma embarcação. Destinada à captura de lampreia e solha em águas estuarinas e atualmente é proibida.

Fig. 8 - Fisga (rio Douro - Centro Interpretativo)

Fig. 9 - Galheiro, pormenor da coroa de anzóis (rio Cávado)



O **galheiro**, **ponteira** ou **bicheiro** é constituído por uma vara, de comprimento variado, à qual estão fixados 4 a 6 anzóis barbelados formando uma coroa.



Esta arte, destinada à captura de lampreias, é usada preferencialmente de noite, de janeiro a meados de maio, a partir das margens do rio Cávado. Também pode ser utilizada durante a vazante, à entrada do estuário, por pesca apeada ou a bordo de uma embarcação, apresentando a vara, neste caso, menores dimensões e designando-se assim por ponteira ou bicheiro.

No período noturno os pescadores utilizam uma fonte de luz artificial (petromax) como meio auxiliar para visualizar as lampreias.

Fig. 10 - Minhocada, com o pormenor do novelo de minhocas

## Pesca à Linha

Método de pesca muito antigo e generalizado em toda a costa, estuários, lagoas, rias e rios, existindo vários tipos de linhas de pesca desde as mais simples, com ou sem anzóis, até a aparelhos mais complexos constituídos por muitos anzóis, como o palangre.

A **minhocada**, **rozulho**, **resulho** ou **romilhão**, pesca com linha sem anzóis, é constituída por uma linha onde é preso o engodo, neste caso um novelo de minhocas, ao qual se agarram as enguias até serem retiradas. Segundo Baldaque da Silva (1891) esta arte era usada em quase todos os rios, estando atualmente a sua utilização autorizada nos Regulamentos de Pesca dos rios Lima, Cávado, Douro e da ria de Aveiro.



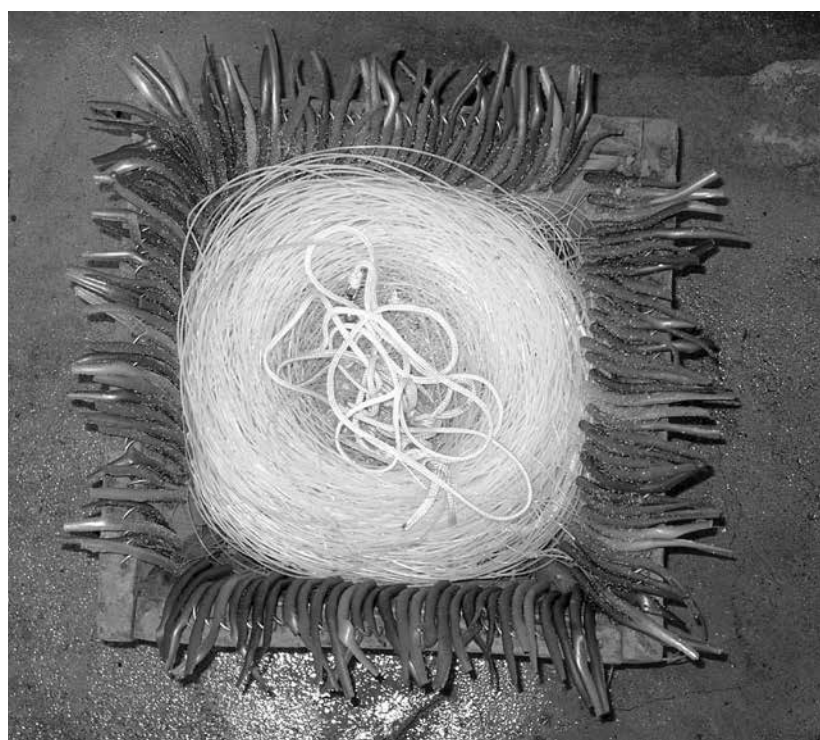
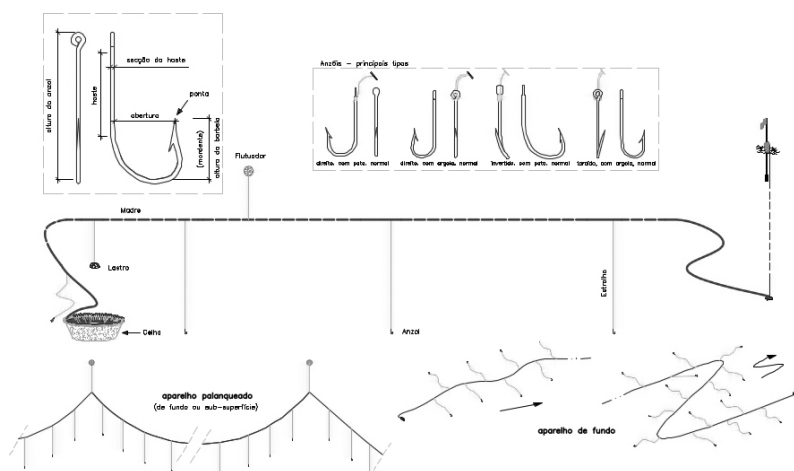
A pesca à linha com anzóis é caracterizada pela existência de uma linha de suspensão, o *estralho*, ao qual está preso (empatado) *um anzol iscado ou anzol com amostra* (dispositivo de atração). Este conjunto, linha e anzol, pode ser usado isoladamente (**cana de pesca**), em pequenos grupos ou até vários milhares. Neste caso, estas unidades básicas inserem-se numa estrutura (linha) comum denominada *madre* (**palangres/ espinéis**).

O tamanho (número) e a forma do anzol, o tipo de empate, o isco ou a amostra utilizada, bem como o local onde atua, tornam esta arte uma das mais seletivas.

Os **palangres / espinéis** podem ser: horizontais quando a madre se posiciona paralelamente à superfície, normalmente designados por *palangres*;

Fig. 11 - Esquema geral de um palangre (adaptado de Carneiro et al., 2006)

Fig. 12 - Palangre do robalo com amostras (borrachas) (Nazaré).



verticais quando a madre se posiciona na vertical, conhecidos como *espinéis* ou *espinhéis*; *fundeados* quando estão *apoitados*; *derivantes* quando se movem com a corrente e podem ficar ou não ligados à embarcação; *de fundo* quando são calados junto ao fundo; *de meia-água* ou *de superfície* quando colocados na coluna de água. O palangre largado na praia denomina-se **corrição** ou **corrimão**.

Para além das denominações locais, estas artes apresentam designações específicas de acordo com a espécie alvo, o tipo do material utilizado e o modo de operar. Por exemplo: **aparelho do robalo**, **palangre do espada preto**, **aparelho palanqueado**, **aparelho fino** e **aparelho grosso**.

Fig. 13 - Piteira iscada (Sesimbra)

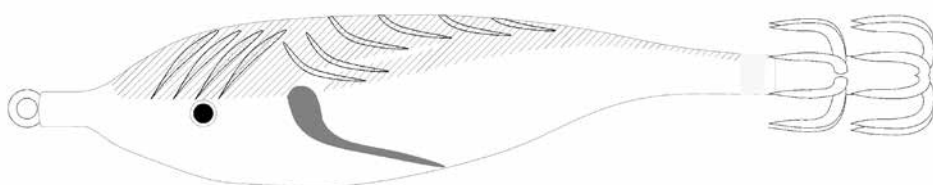
Fig. 14 - Piteira (adaptado de Carneiro et al., 2006)

A **toneira** ou **taloeira** e **piteira** são utensílios de dilacerar basicamente constituídos por uma coroa com vários anzóis que na **toneira** não são *barbelados* enquanto a **piteira** é iscada e os anzóis são barbelados. Estas artes são geralmente operadas à mão, com movimento rápido e repetitivo de sobe e desce que atrai as presas. São usadas a partir de pequenas embarcações e utilizadas principalmente na pesca de cefalópodes (polvos, choco e lulas).



Fig. 15 - Toneiras (Sesimbra)

Fig. 16 - Toneira (adaptado de Carneiro et al., 2006)



## Pesca com armadilhas

Este método de pesca muito antigo encontra-se generalizado por toda a costa e em alguns rios. Na pesca com armadilhas incluem-se artes e métodos de pesca passivos nas quais a presa (peixe, molusco ou crustáceo) é capturada ao procurar refúgio, como as armadilhas de abrigo (**alcatruz**) ou simplesmente por se confundir com as estruturas labirínticas nas armadilhas de barragem (**estacadas**, **tapa-esteiros**, **tela** e **caba-ceira**) que se lhe deparam e de onde a saída é impedida ou dificultada devido a dispositivos especiais de retenção ou, ainda, ao procurar alimento nas armadilhas de gaiola (**covos**, **nassas**, **murejonas** e **boscas**, geralmente iscadas).

O **alcatruz**, também conhecido por **pote** ou **vasilha** e tradicionalmente construído com barro, começou nas últimas décadas a ser fabricado de plástico.

A pesca com alcatruzes é caracterizada pela existência de uma linha, a **baixada** ou **alfoque**, ao qual está preso o **pote**. Este conjunto, **baixada** e **alcatruz**, pode ser usado em pequenos grupos ou até várias centenas. Neste caso, estas unidades básicas inserem-se numa estrutura (linha) comum denominada **madre** formando uma **teia**. Arte seletiva destinada à captura de polvo, sendo usada em toda a costa, mas principalmente no Algarve.

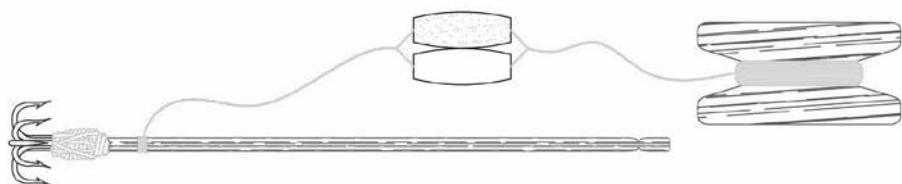
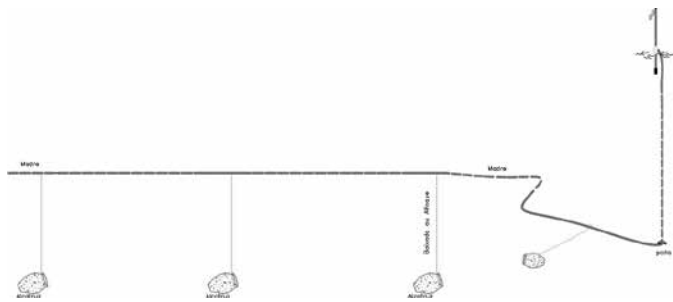


Fig. 17 - Alcatruzes e pormenores de alcatruzes de barro e plástico (Algarve) | Fig. 18 - Esquema geral de uma teia de alcatruzes (adaptado de Carneiro et al., 2006)  
 Fig. 19 - Estacada e lampreia (rio Cávado)



Fig. 20 - Tela de rampa (rio Minho)  
 Fig. 21 - Tela de rampa  
 Fig. 22 - Cabaceira (rio Minho)



As armadilhas de barragem eram comuns em estuários, rios e rias, retendo os peixes durante a sua movimentação (saída ou entrada) para o mar. Podem ser construídas com diversos materiais, tais como estacas, canas, ramos de árvore, panos de rede, muros de pedra (*pesqueiras*).

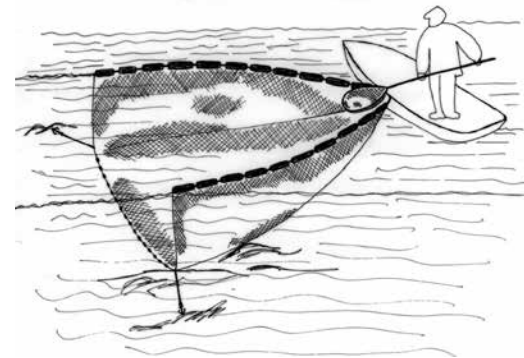
A **estacada** destina-se principalmente à captura de lampreia e é ainda permitida usar no rio Cávado.



Os **tapa-esteiros**, colocados de um lado ao outro dos esteiros ou canais, permitiam capturar os peixes que eram recolhidos na maré baixa. Este tipo de arte, ainda que tenha sido muito usada, está atualmente proibida.

A **tela**, destinada exclusivamente à concentração e captura de meixão / angula / enguia-de-vidro

(forma pós-larvar da enguia), acaba por matar muitos juvenis de outras espécies. Esta arte está autorizada apenas para o rio Minho, mas pratica-se ilegalmente em quase todos os rios, utilizando telas de grandes dimensões e dotadas com saco e asas.



A **cabaceira** é fixada nas pesqueiras e utilizada em troços superiores dos rios. É formada por um saco muito simples, constituído apenas por um pano de rede relativamente curto, idêntico à asa que encaminha a presa e se prolonga pelo saco. Destina-se à captura de lampreia e sável, mas regista-se igualmente a captura de outras espécies de peixes.

As armadilhas tipo gaiola são estruturas destinadas à captura de peixes, moluscos e crustáceos, com formas, tamanho e conceção variadas e construídas com materiais diversos (madeira, metal, rede de pesca, etc.). Rígidas ou não, podem também ser desmontáveis e ter uma ou mais aberturas / endiches. De um modo geral são colocadas no fundo, com ou sem isco, isoladamente ou em *teia*.



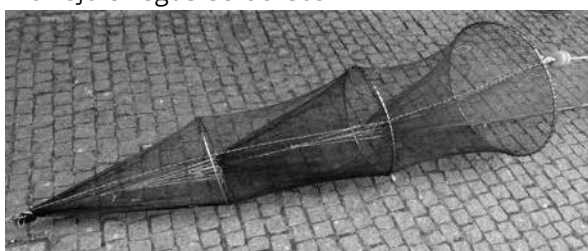
Fig. 23 - Galricho (Esposende)

Fig. 24 - Covos (Algarve)

Fig. 25 - Esquema geral de uma teia de covos (adaptado de Carneiro et al., 2006)

As **nassas**, geralmente de forma cónica ou cilíndrica e desmontáveis, são construídas com rede de malha pequena, montada sobre aros e/ou outras estruturas rígidas (verga, canas, madeira, metal). Podem ou não ser dotadas de asas destinadas a encaminhar os peixes para a respetiva abertura. Possuem tipicamente dois ou mais endiches sequenciais e uma só abertura para o exterior.

O **galricho**, a arte mais comum das nassas, destina-se à captura de enguia, sendo, por exemplo, atualmente permitido o seu uso na Ria de Aveiro, Rio Tejo e Lagoa de Óbidos.



Os **covos** são armadilhas geralmente rígidas constituídas por uma estrutura metálica, que lhes confere a forma, forrada por rede de malha de plástico ou fio. Apresentam dimensões muito variadas, desde os pequenos covos utilizados na captura de polvo e navalheiras aos grandes covos utilizados para peixes. São geralmente usados em teias, caladas no fundo e iscadas, mais frequentemente com sardinha ou cavala.

As classes de malhagem permitidas para os covos são as seguintes: 8 a 29 mm, polvo, navalheira, camarão branco; 30 a 50 mm, peixes,

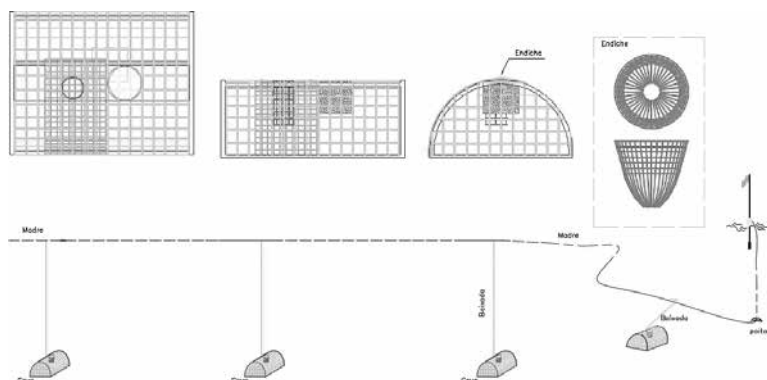
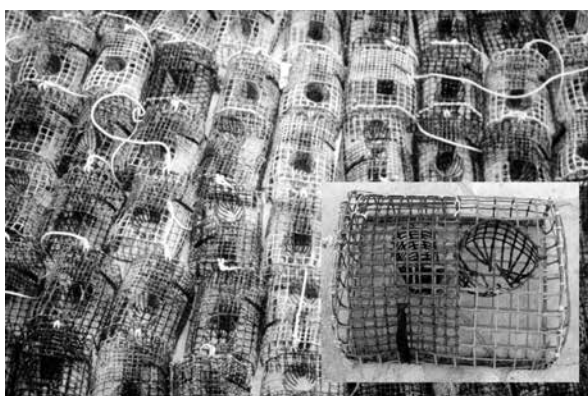
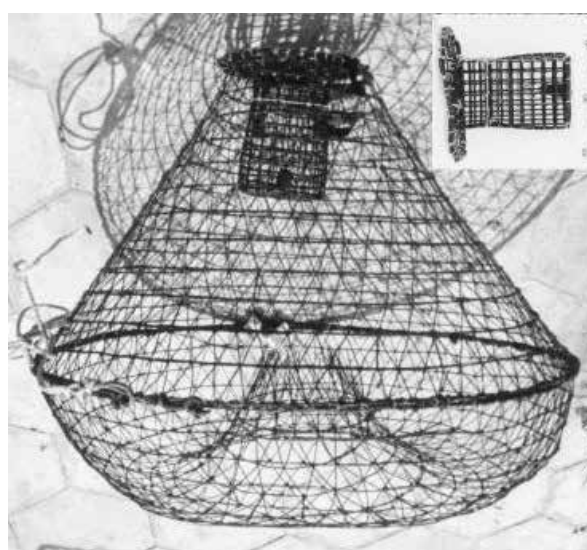


Fig. 26 - Murejona, com pormenor da caixa do isco (Algarve)

polvo, lagostim e navalheira e maior que 50 mm, todas as outras espécies incluindo lavagante, lagosta e santola.

Esta arte está muito difundida por toda a costa continental, sendo usada principalmente no mar.

As **murejonas** são armadilhas rígidas de forma esférica, construídas com arame formando um reticulado. Na parte superior possuem o endiche de forma afunilada e na base, que fica assente no fundo, possuem uma abertura com tampa. São usadas na captura de peixe, principalmente no Algarve.



Na zona Norte usa-se uma murejona de menores dimensões e forma mais achatada denominada **bosca**, utilizada na captura de polvo, camarões, navalheira e faneca.

As armadilhas de salto aproveitam o comportamento de alguns peixes que têm tendência para saltar da água quando "enfrentam" um obstáculo ou se sentem em perigo. Para provocar essa reação utilizam-se artefactos diversos, tais como caixas, jangadas, balsas, pequenas embarcações ou redes, que se colocam para impedirem o trajeto previsível das espécies-alvo.

A **parreira**, **peixeira** ou **salto** é constituída, essencialmente, por duas partes: o corpo da arte propriamente dito e o cerco que serve, fundamentalmente, para aumentar a área de atuação e encaminhar os peixes. As redes são mantidas em posição de pesca com auxílio de varas de madeira. Destinava-se à captura de

Fig. 27 - Parreira, pormenor da manta ou saltadoiro (secção da armadilha) (Ria de Aveiro)

Fig. 28 - Rapeta (rio Douro)

tainhas, estando apenas referenciada para a ria de Aveiro, mas atualmente não se usa.



### Pesca por rede de saco com boca fixa

Neste grupo incluem-se as artes de pesca com a forma geral de bolsa, em que a abertura é mantida aberta durante a operação de pesca. São artes que, geralmente, operam em águas pouco profundas e são usadas com frequência a partir das margens ou de bordo de embarcações.

São exemplos deste tipo de artes: o **chalavar**, **xalavar** ou **enchalavar** (de encher e levar) e o **camaroeiro**. A **rapeta**, **capinete**, **sarrico** ou **peneiro** são artes associadas à apanha de meixão construídas com uma rede mosquiteira.



Fig. 29 - Botirão (rio Cávado)

O **chalrão**, **xalrão** ou **redisca** é constituído por um pano de rede montado em duas pequenas varas ligadas entre si por pequenos cabos armados para que a rede forme uma bolsa. É utilizado à mão em águas pouco profundas, procurando colocá-lo por baixo do peixe e levantando-o rapidamente.

O **botirão** é constituído por um saco de rede, de grandes dimensões, que possui interiormente um segundo *saco*, *nasso*, *laço* ou *gagote*, para reter a captura. Esta arte é estacada com a boca na direção da corrente e assente no fundo. A abertura do saco é mantida na vertical por duas varas, reforçadas por outras duas, as *paixões*. Dispõe também de duas mangas (asas) para encaminharem o peixe. Arte pouco seletiva, utilizada em rios e na ria de Aveiro.



O **conto** consiste num saco de rede cuja malhagem diminui progressivamente da boca para o fundo do saco. Este é entalhado num aro de madeira (verga) ou barrinha de ferro prolongado por uma vara. Do aro partem dois cabos que, fazendo fixe para montante da corrente, permitem manter a boca do conto assente no fundo sem esforço de quem o manobra. Na parte superior da extremidade do saco faz fixe uma linha que o pescador conserva na mão (juntamente com a vara a qual é mantida praticamente na vertical). Quando o peixe entra provoca um estremecimento na linha e o pescador levanta a vara e retira a arte da água. Por vezes esta arte era presa à margem.

No rio Guadiana era utilizada para a pesca do sável, saboga e lampreia.

A **arqueira** é formada por uma vara comprida que se mantém na vertical, à qual está unido, a meia altura, um saco de rede cuja boca está

Fig. 30 - Ancinho de cabo (Lagoa de Óbidos)

Fig. 31 - Arrasto de cintura, com uma barra sem dentes (Algarve)

entrelhada num arco com cerca de 2 a 3 m de diâmetro, tendo até 8 m de comprimento. Os *cordéis* ou *tensos* presos ao fundo do saco e seguros pelo pescador dão sinal da entrada do peixe. Arma-se junto à margem, na extremidade de paredes e penedos, onde houver grande *remolgo* ou *bulha de água*, apoiando a vara no fundo e deixando a corrente abrir o saco. Quando o peixe entra, levanta-se a vara e presa a ela a rede (Soeiro *et al.*, 2006). Destinava-se à captura de lampreia e sável.

### Pesca por arte de arrastar

Neste grupo englobam-se as artes de pesca constituídas por redes rebocadas que podem ser simples *dragas de mão* até às complexas *redes de arrasto*.



As dragas são geralmente destinadas à captura de moluscos bivalves tais como amêijoas, berbigões, longueirões e conchas. As capturas são retidas num saco ou crivo que

Fig. 32 - Ganchorras (Aveiro/mar)

permite a saída da água, areia ou lodo, cuja abertura está ligada a uma estrutura rígida, de forma e dimensões variáveis, dotada, na parte inferior, de uma barra com ou sem dentes. Estes, em forma de pente, são metálicos e com dimensões e espaçamento variáveis.

As **dragas de mão**, geralmente pequenas e leves, são manobradas a pé ou em águas pouco profundas, a partir de uma embarcação. Como exemplos deste tipo de artes indicam-se os **ancinhos de cabo**, **ancinhos** ou **berbigoeiros** usados na ria de Aveiro, rio Mondego e Lagoa de Óbidos e as **ganchorras de mariscar**, **arrasto da conchilha** ou **arrasto de cintura**, usados sobretudo no litoral algarvio.

As **dragas rebocadas** são manobradas a partir de embarcações, possuem saco e apresentam dimensões e pesos variáveis. A **ganchorra** é exemplo típico deste tipo de draga e destina-se à captura de bivalves (amêijoas e longueirões), atuando em fundos que nunca ficam a descoberto na baixa-mar. Arte geralmente utilizada no litoral oceânico.



As **redes de arrasto pelo fundo** são, como o nome indica, construídas e armadas para pescar no fundo (**arrasto de vara** e **arrasto de portas**), genericamente designadas por **redes camaroeiras e do pilado**. Nelas, o bordo inferior da

Fig. 33 - Arrasto de vara (Apúlia)

Fig. 34 - Arrasto de vara com patins (litoral norte)

boca da rede é normalmente reforçado por um cabo forte, forrado ou não, denominado *arraçal* e lastrado com pesos (correntes de ferro), podendo muitas vezes serem munidas com rodela de borracha, roletes, esferas, separadores, etc. Estes arrastos são utilizados na zona norte de Caminha à Figueira da Foz e também no Rio Tejo.

No **arrasto de vara** a abertura horizontal é assegurada por uma vara de madeira ou metal, com um comprimento máximo de 7 m, em cujas extremidades podem existir dois aros de ferro (patins, com altura máxima de 650 mm) em que a base assenta e se desloca sobre o fundo. As espécies-alvo são o pilado e camarão-branco legítimo (malhagem 20 a 31 mm) e o camarão negro (malhagem 32 - 54 mm), com mínimo de captura de 50% destas espécies.

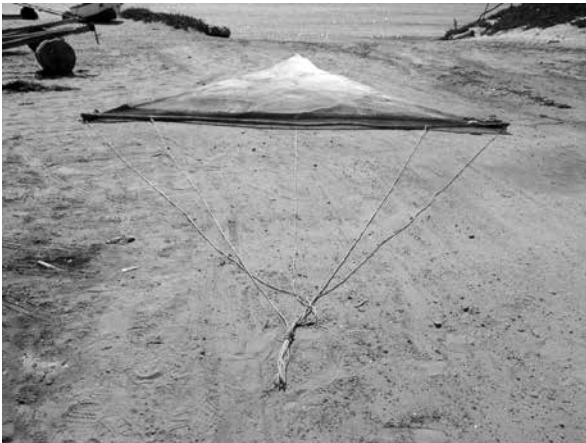
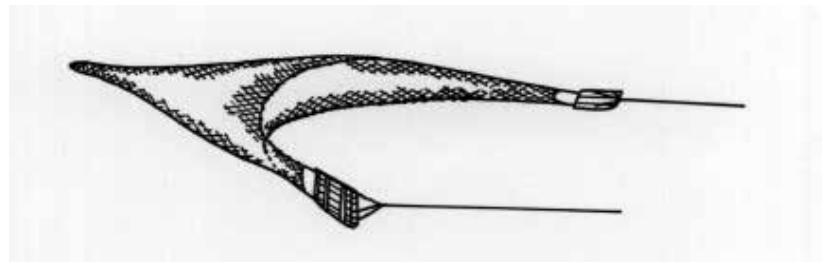


Fig. 35 - Arrasto de portas (ria de Aveiro)

Fig. 36 - Porta de arrasto

Fig. 37 - Esquema geral do arrasto

Só podem operar para fora das 6 milhas da linha de costa e são interditas em algumas épocas do ano e/ou em áreas de pesca. As espécies-alvo são estabelecidas em função das classes de malhagem utilizadas.



O **arrasto de portas** é uma rede de arrasto pelo fundo rebocada por embarcação. Genericamente, a rede é composta por vários painéis que formam uma bolsa (*saco da rede*) a qual pode ser prolongada para os lados por *asas* relativamente pequenas. A abertura horizontal desta rede é assegurada pelas *portas de arrasto*, geralmente protegidas de um patim de aço ou ferro destinado a suportar o contacto com o fundo e a abertura vertical é assegurada por flutuadores e lastros.

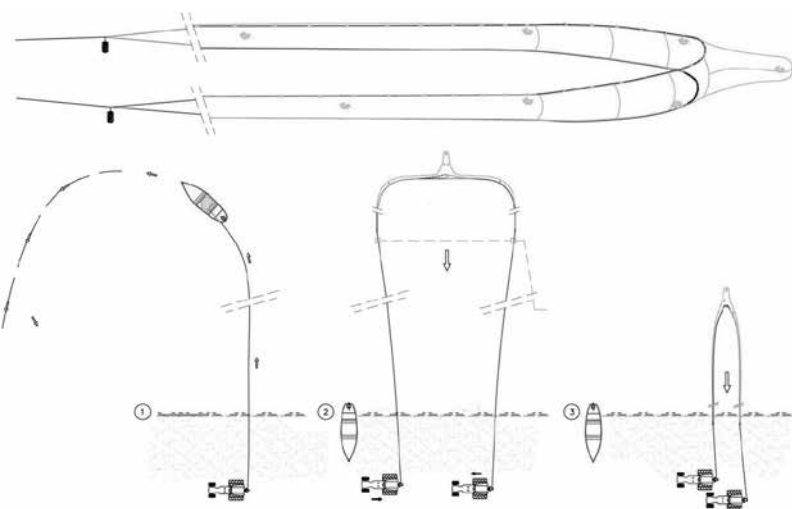
### Pesca por arte envolvente-arrastante

Neste grupo incluem-se as artes que, além de arrastarem, envolvem ou cercam também, prévia e/ou simultaneamente, o cardume. Podem ser largadas à mão ou com o auxílio de uma embarcação e aladas para terra ou para a própria embarcação. São usadas em águas interiores não oceânicas (**chinchorros**, **chinchas**, **mugigangas** e **redinhas**) ou em praias marítimas arenosas (**xávegas**).

Fig. 38 - *Xávega*, modo geral de operação (Martins et al., 2016)

Fig. 39 - *Redinha* com uma vara (Ria de Aveiro)

Na figura junto esquematiza-se a **Xávega** e o modo de operação. A faina de pesca inicia-se com o transporte a bordo da arte, largando um cabo (*cala*) cuja extremidade fica em terra. Navega para fora largando a rede (primeiro a *manga/asa* que está ligada ao cabo de terra), depois o saco e por último a outra manga/asa, descrevendo uma trajetória em arco para cercar o cardume ①. Ruma para terra, largando a segunda *cala* ② e, chegado à praia, inicia-se a alagem (com tratores) ③ até à chegada da rede a terra. A *chinchá* e o *chinchorro* são operados de modo semelhante com a diferença das redes serem aladas à mão.



No caso da **mugiganga** ou **bugiganga** a alagem é realizada para bordo o que permite operar mais afastado da margem e aumentar as capturas. Esta arte era muito usada na captura de pilado ou mexoalho, utilizado então como adubo.

As **artes envoltentes-arrastantes de mão**, geralmente de pequenas dimensões, são manobradas à mão por um, dois ou mais (poucos) pescadores, como por exemplo a **redinha**. Algumas versões apresentam dimensões tão reduzidas que são lançadas a pé durante a baixa-mar, como a **rede-pé**, **calcão**, **côa** ou **rede de duas varas**.



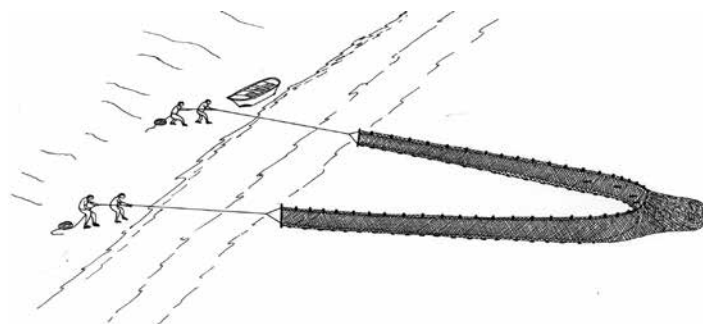
Fig. 40 - *Calcão* (Ria de Aveiro)

Fig. 41 - *Chinchorro*

Fig. 42 - *Chinchá* alada para a praia (Algarve)



As redes envoltentes-arrastantes de alar para a praia como a **xávega** ou **arte de arrastar** e o **chinchorro** (de menores dimensões) são largados de bordo da embarcação e alados para terra. Na *xávega* durante a alagem a tração é feita pelas malhas enquanto no *chinchorro* é realizada pelas tralhas.



A **xávega** destinava-se inicialmente à captura de sardinha e, mais tarde, alargou-se à de carapau, cavala e faneca. Por atuar próximo da costa, captura, com alguma frequência, juvenis de várias espécies.

O comprimento máximo do saco é 50 m, com malhagem mínima de 20 mm e comprimento máximo das asas - *alares* - e dos cabos de alagem de 380 e 3000 m, respetivamente.

O uso do **chinchorro** está contemplado nos Regulamentos de Pesca da Ria de Aveiro e da Lagoa de Óbidos, onde são definidas as dimensões máximas permitidas.

Fig. 43 - Rede de cerco (Afurada)

Fig. 44 - Cerco da sardinha (adaptado de Santos, 1958)

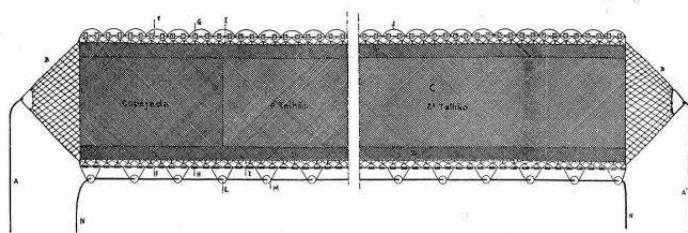
A **chinha**, semelhante ao **chinchorro**, apresenta menores dimensões, pode ser largada de bordo ou a pé e a tração realizada pelas **tralhas**.

### Pesca por arte envolvente - cerco

As artes de cerco operam à sub-superfície, destinam-se principalmente à captura de pequenos pelágicos (sardinha, carapau, biqueirão, cavala, etc.) e são usadas em toda a costa. Basicamente, este tipo de artes é composto por talhões de rede, formando o seu conjunto a panajem geral da arte e em cada extremo deste conjunto existe uma **cuba** ou **copejada**. O cerco é largado por uma ou duas embarcações, descrevendo uma delas uma larga trajetória circular (A). Quando imersa, a rede tende a tomar a posição vertical (B), dado que possui, no seu limite superior, cabos com flutuadores que se mantêm à superfície e, em posição oposta, cabos com chumbo. Posteriormente, o cerco é fechado pela **retenida** (C) e a rede é alada, levando a que o peixe fique concentrado na **copejada**, de onde é retirado para bordo (D).

Só pode ser utilizado para fora de um quarto milha e entre um quarto e uma milha da costa apenas em fundos com profundidades superiores a 20 m.

O comprimento máximo da **cortiçada** (cabo de flutuação) e altura máxima da rede dependem do tamanho da embarcação, até 500 m de comprimento e um máximo de 90 m de altura, com malhagem mínima de 16 mm.

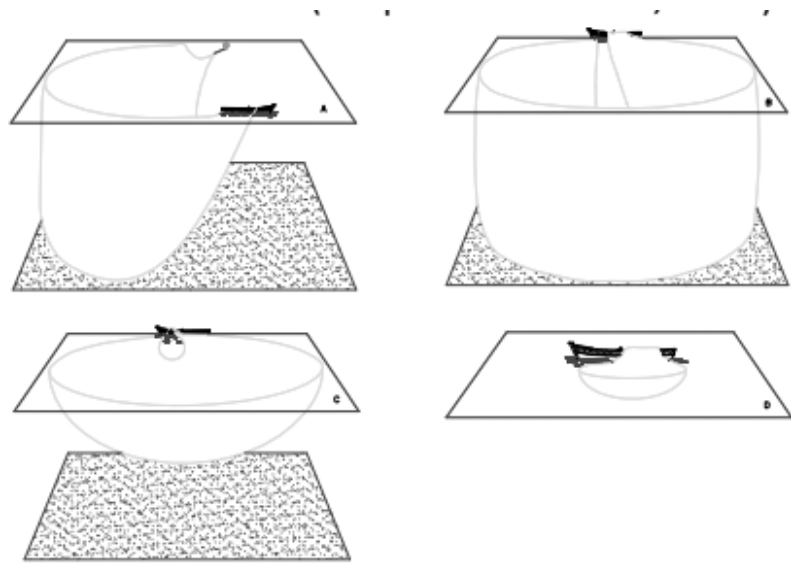


Pescadores do leão - Cerco da sardinha  
 A - Cabo de calão (ressosiro); A1 - Cabo de calão (mão de barca); B - Cabos; C - Talhões de rede; D - Ripê; E - Tralha da cortiça; F - Tralha dos chumbos; G - Cortiça; H - Chumbos; I - Entralhos do ripê; J - Coleiras; L - Argolas; M - Aranhas; N - Retenida.

Fig. 45 - Esquema da operação de pesca do cerco (rio Douro, em publicação)

Fig. 46 - Esquema geral de uma colher manual (adaptado de Carneiro et al., 2000).

No cerco incluem-se o **rapa** e o **candil**, artes de pequenas dimensões com algumas particularidades. A primeira está especialmente preparada (na sua tralha de chumbos) para tocar o fundo, sendo por vezes largada em cima da pedra para capturar espécies demersais. A sua utilização está praticamente generalizada em toda a costa. A segunda, usada na Nazaré, utiliza uma fonte luminosa (também chamada **candil**) para atrair o peixe, além do engodo, designando-se por **pesca ao candil**.



### Pesca por redes de sacada

Nas **redes de sacada** a rede é submergida à profundidade desejada e os peixes que se encontram sobre ela ficam retidos quando é retirada da água. Utilizam-se, com frequência, chamarizes como luz ou isco para atrair as presas para a zona de captura. Podem ser manobradas manual ou mecanicamente a partir da margem de rios, da costa ou, ainda, de bordo de embarcações.

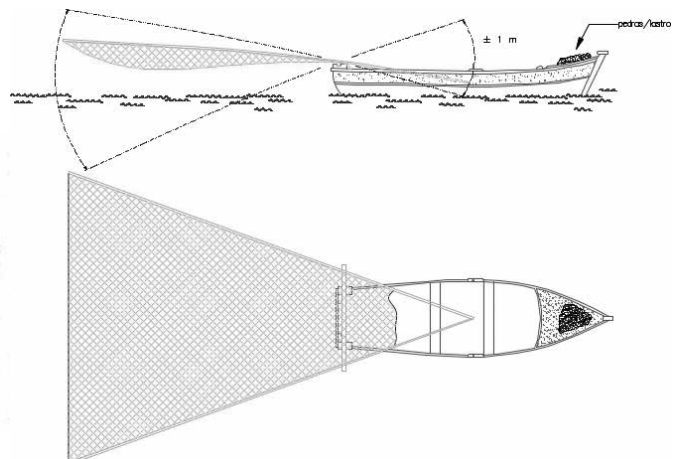


Fig. 47 - Colher manual utilizada na captura de tainha (rio Guadiana)

Fig. 48 - Esquema geral de uma sacada para embarcação (adaptado de Carneiro et al., 2006).

A **colher manual** é uma pequena sacada usada a partir de uma embarcação e constituída por um pano de rede entalhada em duas varas cruzadas, de comprimento variável (forma de "X"), de modo a formar bolsa, assentando as varas numa trave existente à popa e ficando os extremos livres dentro da embarcação.

Depois de mergulhar a rede, eram lançadas pedras com a finalidade de afugentar o peixe de modo a concentrá-lo sobre a rede. Por vezes, era também utilizado engodo para atrair o peixe. Por último, quando havia sinais de peixe, o pescador levantava a arte e recolhia o pescado. A espécie alvo era a tainha e atualmente esta arte encontra-se em desuso.



A **rede sacada**, também designada por **sacada**, **secada** ou, ainda, **cercada**, é constituída por panos de rede mergulhados na vertical que permitem, por levantamento da arte, capturar as eventuais presas que se coloquem sobre ela. É largada com auxílio de duas embarcações: uma maior, o **barco das portas** ou **barco das bocas**, e outra embarcação

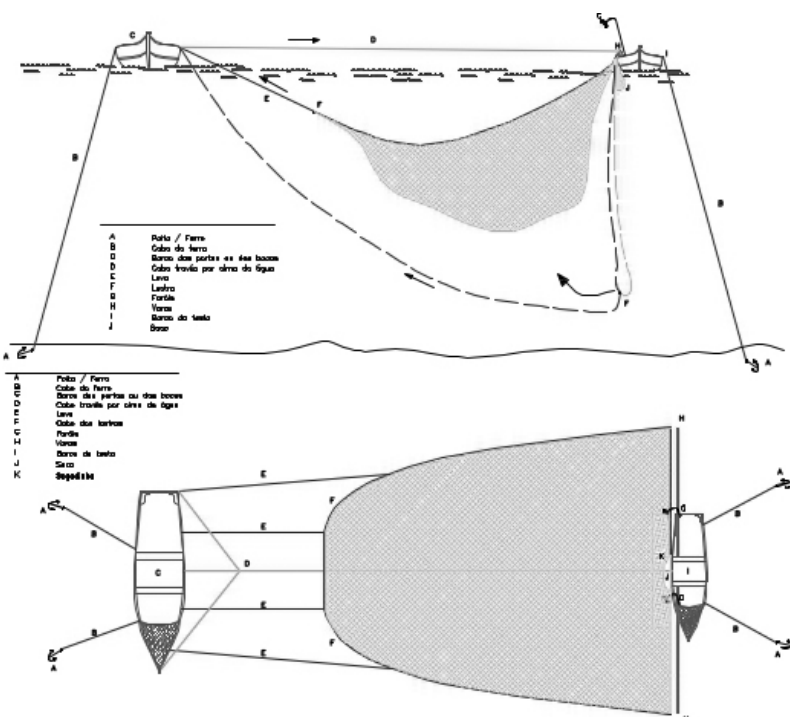


Fig. 49 - Tarrafa de mão, saia ou chumbeira (rio Douro)

auxiliar, em regra de menores dimensões, o **barco de testa**. A rede junto ao barco das portas designa-se por **testa** e a, do lado oposto, por **boca**. Na **testa** existe um pano de rede, a **segadinha**, que faz a transição entre a rede e o saco e tem por função ajudar a concentrar e a encaminhar o peixe para o saco onde fica armazenado.

Lateralmente, a rede é entalhada a dois cabos designados por **armados** ou **armaduras**. A rede é montada no **barco de testa** com auxílio de duas varas, uma à proa e outra à popa, no sentido longitudinal da embarcação.

A rede é lançada à água do lado do **barco das portas**, indo a boca da rede para o fundo e ficando o saco fora de água, junto ao **barco de testa**. A captura é efetuada pela alagem da rede por meio de **levas** (cabos) e com aproximação progressiva dos dois barcos, sendo o peixe conduzido aos poucos para o saco. O peixe é retirado do saco por meio de xalavares e transportado para a embarcação maior. Na concentração e posicionamento do peixe é utilizada atração luminosa e, por vezes, recorre-se à utilização de engodo. Destina-se, principalmente, à captura de sardinha e de carapau.

## Pesca por arte lançada

Neste grupo incluem-se as artes de pesca, constituídas por redes que são manobradas de modo a caírem sobre as presas cobrindo-as. As artes de pesca de lançar utilizam-se geralmente em águas pouco profundas e podem ser manobradas a pé ou a partir de uma embarcação.

A **tarrafa de mão**, **saia** ou **chumbeira** é uma rede de forma cónica em que a malhagem diminui do centro (onde as malhas são apanhadas, juntas, pelo cabo) para a orla. Na orla encontram-se



Fig. 50 - Esquema geral de uma rede de emalhar (adaptado de Carneiro et al., 2006)

as *chumbeiras* (pequenas esférulas de chumbo enfiadas em rosário). Este rosário é ligado, de onde em onde, a malhas mais centrais da rede por curtos chicotes de fio, os *têntalos* - o que cria uma "bolsa" a toda a periferia da tarrafa onde "agasalha" a captura.

Quando lançada a rede abre em círculo e afunda rapidamente devido às *chumbeiras*, capturando assim as presas. No centro da rede, está ligado um cabo que o pescador mantém seguro quando lança a rede e lhe serve para a suspender cuidadosamente para manter o rosário dos chumbos em contacto com o fundo. Visa, em particular, a captura de tainhas.

### Pesca com redes de emalhar

As *redes de emalhar*, profusamente usadas em toda a costa e mesmo em águas interiores, podem ser agrupadas em duas grandes categorias, as *redes de emalhar* propriamente ditas (um pano) e as *redes de tresmalho* (três panos). Estas redes podem ser usadas isoladamente ou, mais frequentemente, ligadas topo a topo em conjuntos - *caçadas*. O comprimento atingido por uma caçada pode variar entre algumas dezenas de metros a vários quilómetros. De acordo com o respetivo armamento - *tralhas de flutuação* e de *lastros* - estas redes podem ser utilizadas para capturar espécies no fundo, a meia água e à superfície.

As *redes de emalhar*, de um modo geral, são manobradas a partir de uma embarcação.

Nas *redes de emalhar* de um pano os peixes ficam presos nas malhas em função do tamanho da malha (classes de malhagem) e de acordo com a sua forma e tamanho, o que confere a estas artes alguma seletividade. Estas podem ser fundeadas (por exemplo: *rede do salmonete*, *rede da faneca*, *rede da pescada*, *corvineira* (rio Tejo) e a *escaleira* (rio Douro), tomando o nome da pescaria a que se destinam ou denominações locais como *suberta* (Setúbal), *sediela* (rio Douro), *rede tansa* e *rede da malha* (na costa algarvia). Estas artes só podem ser fundeadas para fora do quarto de milha de distância à linha de costa e a sua utilização é proibida nas águas interiores não oceânicas, excetuando-se o rio Tejo (*corvineira*) e o rio Minho para a captura de solha (*solheira* ou *picadeira*). Por lei, têm comprimentos até 5 000 m e 10 m de altura máxima e no mar só podem atuar para fora do ¼ de milha.

As *redes de emalhar de deriva* flutuam juntamente com a embarcação, como a *sardinheira* ou *sardinhal*, e são utilizadas durante a noite, principalmente entre os ensejos da tarde e da manhã, atuando praticamente em toda a costa na época do verão. Comprimento máximo da caçada 500 m, altura máxima 10 m e classe de malhagem de 35 a 40 mm.

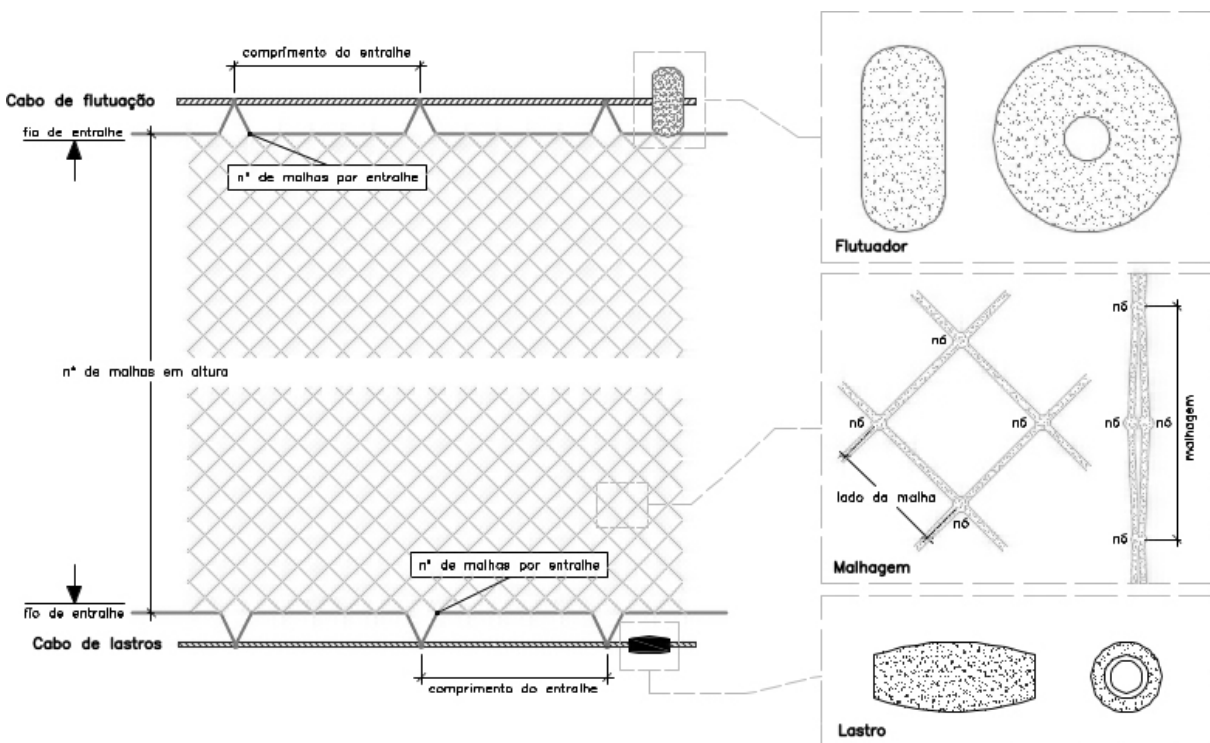
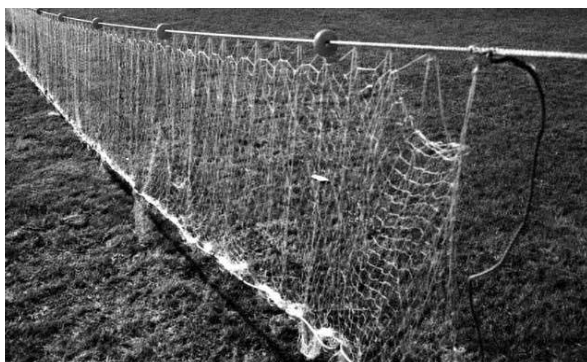
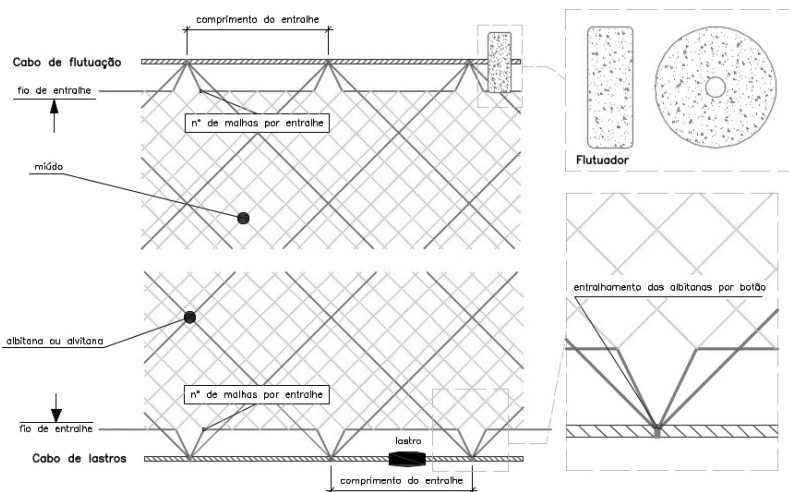


Fig. 51 - Tresmalho de deriva (rio Douro)

Fig. 52 - Esquema geral de uma rede de tresmalho (adaptado de Carneiro et al., 2006)

Fig. 53 - Rede de tresmalho (Ria de Aveiro)

As **redes de tresmalho** são constituídas por três panos (o *miúdo* - pano central - e as *albitanas* ou *albitanas* - panos externos). Esta sequência de panos leva a que o peixe fique primeiramente emalhado e depois enredado.



Assim, o processo de captura não depende tanto da malhagem do miúdo, como nas redes de emalhar de um pano, porque as presas ficam preferencialmente enredadas, sendo por isso menos seletivas, mas muito eficazes.

Estas redes podem ser fixas ao fundo (tresmalho fundeado) ou flutuar livremente (tresmalho de deriva), utilizadas em toda a costa e águas interiores e manobradas de modo semelhante às redes de emalhar de um pano.

O comprimento máximo permitido dos tresmalhos fundeados é 6000 m e uma altura máxima de 5 m. No mar só podem atuar para fora do ¼ de milha, com uma única exceção, a **majoeira**, que é armada na praia.

Estas artes podem ser designadas por nomes relacionados com as espécies alvo, o material de construção e/ou o método de pesca, como por exemplo a **solheira**, **faticesiras**, **calcadas** e **branqueira**, usadas principalmente nas águas interiores. Na costa algarvia também são conhecidas por **rede de dois panos**.

Os tresmalhos de deriva estão apenas autorizados em águas interiores em, praticamente, todos os rios que têm regulamento de pesca, exceto o rio Sado e ria Formosa.

À semelhança das redes de emalhar de deriva, estas artes flutuam juntamente com a embarcação e destinam-se principalmente à captura de anádmomos. As mais características são a **lampreieira** e o **tresmalho do sável** ou **sabal**, porque era destinada à captura de sável e salmão.

A pesca artesanal, apesar da sua atividade assentar na utilização de artes e métodos de pesca ancestrais, tem-se revelado um setor dinâmico. Durante o século XX assistiu-se ao desaparecimento de diversas artes artesanais em resultado da perda de rentabilidade, escassez de mão de obra, maior regulamentação e fiscalização e também diminuição dos recursos da pesca. Porém, muito contribuíram também para estas alterações, as múltiplas inovações tecnológicas introduzidas como a utilização de novos materiais de construção das embarcações e das artes de pesca, a motorização e a mecanização de algumas operações a bordo como os aladores mecânicos e a instalação de sistemas de auxílio à navegação e de segurança.

Por último, a pequena pesca não só promove a coesão socioeconómica e garante o sustento de muitas famílias, como também constitui um fator de fixação e desenvolvimento das comunidades piscatórias ao longo de todas as zonas costeiras.

## Bibliografia

Soeiro, T.; Pires, C.C.; Cortes, R.; Ribeiro, J.A.; Marques, H.T.; Pereira, G.M.; Fauvrelle, N.; Rebanda, N.C.; Roseira, J.A., 2006. Viver e saber fazer – Tecnologias tradicionais na Região do Douro – Estudos preliminares. Fundação Museu do Douro, Peso da Régua, 412 p.

Baldaque da Silva (1891) - Estado Actual das Pescas em Portugal. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 520 p.

Carneiro, M.; Martins, R.; Rebordão, F. R., 2006. Contribuição para o conhecimento das artes de pesca utilizadas no Algarve. Publicações Avulsas do IPIMAR, 13, 76p. + 57 planos técnicos. ISBN: 0872-914X.

Carneiro, M.; Rebordão, F. R.; Martins, R., 2000. Contribuição para o conhecimento das artes de pesca utilizadas no rio Guadiana. Publicações Avulsas do IPIMAR, 6, 32p. + 16 planos técnicos. ISBN: 0872-914X.

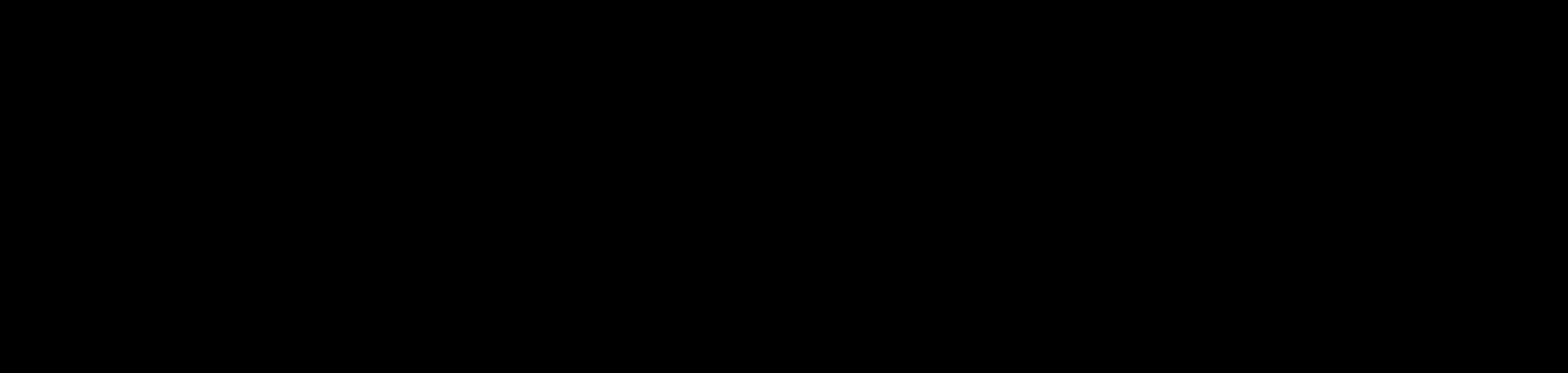
Martins, R.; Azevedo, M.; Carneiro, M.; Vieira, A.R.; Gomes, P.; Moreira, N.; Lopes, M.; Ramos, R.; Pardal, M.; Martinho, F.; Batista, J. (2016) - Estudo Científico da Pesca com a Arte-Xávega em Portugal -Safrá de 2015.

Rebordão, F. R., 2000 – Classificação de artes e métodos de pesca. Publicações avulsas do IPIMAR, 4, 44 p. il.

Santos, J. N. dos, 1958. Pescadores do Leça e Artes de Pesca, Edição do autor, Guifões – Matosinhos, 126 p.

Von Brandt (1972) Fish Catching Methods of the World – Revised and enlarged (2nd ed.). The Fisherman's Library. Fishing News (Books) Ltd, 240p.





# **As espécies que sustentam**

João Bastião\*

## **a economia de pesca PORTUGUESA no ATLÂNTICO NORTE**

\*Museu Marítimo de Ílhavo

Imagem 1 - "Comparação TAC e Quotas atribuídas a Portugal para 2010-2019".

Apesar das incertezas em torno da descoberta oficial da Terra Nova, certo é, que desde o séc. XV, altura em que a família Corte-Real chega a este lugar e se depara com grandes cardumes de bacalhau, nunca mais este peixe ficou afastado da mesa dos portugueses. Como se pode ler na obra do Prof. Álvaro Garrido: "Em 1578 ainda se podiam contar mais veleiros portugueses pescando nos bancos da Terra Nova do que espanhóis, ingleses e franceses." (Garrido, 2019).

É porém evidente, que cinco séculos mais tarde, e apesar da ligação peculiar que o bacalhau assumiu na herança cultural do povo português (sobretudo devido aos incentivos proporcionados pelo regime do Estado Novo), é possível perceber que toda a economia de pesca associada ao sector primário em geral, e da pesca longínqua no Atlântico Norte em particular, sofreu um decréscimo significativo.

Entre as várias as situações que levaram a esta redução, destacam-se:

- a proibição que determinados países (nomeadamente o Canadá) colocaram à pesca dentro da sua Zona Económica Exclusiva (ZEE);
- as restrições e novas medidas no sector das pescas impostas pela União Europeia, como quotas e obrigatoriedade no abate das embarcações;
- a pesca excessiva por parte de determinadas frotas, fora da esfera europeia, como por exemplo a antiga União Soviética;
- as muito faladas alterações climáticas que têm vindo a provocar um constante aquecimento global, que por consequência provoca situações de degelo e uma subida na temperatura média da água do mar, afetando espécies como por exemplo o bacalhau.

Contudo, ainda existem aqueles, que a muito custo, conseguem manter viva a economia de pesca nos mares longínquos do Atlântico Norte. São disso exemplo algumas empresas de Ílhavo, que segundo dados do Despacho n.º 7041/2019 publicado em Diário da República em 7 de agosto de 2019, ainda têm 11 navios registados e em atividade nas zonas da Organização das Pescarias do Noroeste do Atlântico (NAFO) e da Comissão de Pescarias do Atlântico Nordeste (NEAFC) - Mar de Irminger -e, ainda, na ZEE da Noruega, incluindo as águas em torno de Svalbard.

Segundo dados da DGRM, estas embarcações têm uma quota que lhes permitiu capturar até um máximo de 66481 toneladas durante o ano de 2019. Desta quantidade, 8733 toneladas correspondem a bacalhau, ou seja, a percentagem de captura de bacalhau é de aproximadamente 13%. Por isso coloca-se a questão, será o bacalhau suficiente para manter viva a economia de pesca no Atlântico Norte?

Não é fácil responder à pergunta anterior, ainda mais quando analisamos os dados da última década. Segundo a DGRM desde 2010 que a linha referente às quotas de pesca tem sido crescente, principalmente na quota de bacalhau. Em 2010 a quota total disponível foi de 50307 toneladas (5916 ton. de bacalhau) e até 2017 este número manteve a tendência ascendente atingindo um máximo de 76434 toneladas (8471 ton. de bacalhau). Contudo, como já vimos, nestes últimos dois anos diminuiu, tendo sido em 2019 de 66481 toneladas (8733 ton. de bacalhau). Apesar desta diminuição na quota total, quando olhamos apenas para a quota de bacalhau conseguimos perceber um aumento gradual, que nos leva a ter esperança na recuperação dos stocks de bacalhau.

COMPARAÇÃO TAC E QUOTAS ATRIBUÍDAS A PORTUGAL PARA 2010-2019 (tons)																					
UNIDADE POPULACIONAL	ZONA	2010		2011		2012		2013		2014		2015		2016		2017		2018		2019	
		TAC	QUOTA	TAC	QUOTA	TAC	QUOTA	TAC	QUOTA	TAC	QUOTA	TAC	QUOTA	TAC	QUOTA	TAC	QUOTA	TAC	QUOTA	TAC	QUOTA
<b>STOCKS DEPENDENTES DE ACORDOS OU NO ÂMBITO DE ORP</b>																					
<b>ATLÂNTICO NORDESTE</b>																					
Carapau/Horse Mackerel	4b, 4c, 7d	47 454	30	46 505	43	34 879	32	37 950	34	37 950	28	15 200	12	15 200	12	18 247	15	18 247	13	12 629	13
Carapau/Horse Mackerel	7, 8abde, 12, .....	159 881	1 008	158 787	1 595	119 090	1 212	157 989	1 589	114 712	1 167	84 302	1 202	106 721	1 068	83 829	834	99 470	1 011	117 518	1 196
Sardia/Mackerel	8c, 9, 10, CECAF 34.1.1	32 246*	5 771	37 139*	6 327	36 737*	6 258	31 160*	5 308	56 635*	9 648	48 138	8 553	40 919*	6 971	46 031*	7 944	37 305*	6 355	29 844*	5 084
Verdinho/Blue whiting	8c, 9, 10, CECAF 34.1.1	13 870*	1 970	1 030*	206	10 043*	2 009	16 519*	3 303	30 823	6 165	32 287*	6 457	29 914*	5 983	s/efeito	10 344	s/efeito	10 695	s/efeito	8 813
Verdinho/Blue Whiting	1a, 8b, d, e, 12, 14	66 337*	579	10 042*	121	67 921*	817	116 032*	1 395	185 525*	2 231	197 196*	2 371	207 657*	2 497	385 254*	4 632	401 363*	4 826	319 727*	3 844
Arenque/Herring	1, 2	1 483 000	109	988 000	73	833 000	61	619 000	46	418 487	31	s/efeito	21	316 878	23	648 075	48	435 000	32	588 562	43
Alabote do Atlântico	5, 14	1 074	1 000	1 074	1 000	1 074	1 000	112	112	118	118	125	125								
Maruca/ling	8a, 14	14 164	5	14 164	5	14 164	5	14 164	5	14 164	5	8 464	6	16 977	7	20 398	9	20 980	8	20 398	8
Bacalhau/Cod	1, 2 (Noruega)	22356*	2 702	14127*	1 904	16 309*	2 198	19 971*	2 691	20 524*	2 766	22 036*	2 970	19 900*	2 643	23 002*	3 100	23 008*	3 101	21518*	2 900
Bacalhau/Cod	1, 2b (Svalbard)	20060*	2 144	25 975*	2 378	27 785*	2 459	37 172*	2 816	36 908*	2 806	33 176*	2 660	33 176*	2 660	33 025*	2 638	29 218*	2 472	26805*	2 400
Cantariho/Redfish	5, 12, 14 (Irminger)	46 000	866	38 000	752	32 000	637	28 000	518	20 000	396	9 500	188	s/efeito	168	7 500	148	6 500	129	6 000	119
Cantariho/Redfish	1, 2 (Noruega)	1 500*	405	1 500*	405	1 500*	405	1 500*	405	1 500*	405	1 500*	405	1 500*	405	1 500*	405	1 500*	405	1 500*	405
		16 619		14 809		17 093		18 222		25 766		24 970		22 437		30 117		29 047		24 825	
<b>ATLÂNTICO NOROESTE</b>																					
Bacalhau/Cod	NAFO 3M	5 500	1 070	5 703	1 947	9 280	1 821	14 113	2 769	14 521	2 850	13 795	2 708	13 931	2 734	13 931	2 733	11 145	2 187	17 500	3 433
Palmeira/Greenland Halibut	NAFO 3LMNO	11 856	1 838	12 734	1 974	16 326	1 875	11 493	1 782	11 442	1 774	11 543	1 789	10 968	1 700	10 968	1 700	12 227	1 896	12 242	1 898
Raiá/Skate	NAFO 3LNO	12 000	1 132	12 000	1 132	8 500	802	7 000	660	7 000	660	7 000	660	7 000	660	7 000	660	7 000	660	7 000	660
Abrotoa/White Hake	NAFO 3NO	6 000	2 001	6 000	2 001	5 000	1 668	1 000	333	1 000	333	1 000	333	1 000	333	1 000	333	1 000	333	1 000	333
Cantariho/Redfish	NAFO 3M	10 000	2 354	10 000	2 354	6 500	2 354	6 500	2 354	6 500	2 354	6 700	2 354	7 000	2 354	7 000	2 354	7 813	2 354	7 813	2 354
Cantariho/Redfish	NAFO 3O	20 000	5 229	20 000	5 229	20 000	5 229	20 000	5 229	20 000	5 229	20 000	5 229	20 000	5 229	20 000	5 229	20 000	5 229	20 000	5 229
Camariho/Shrimp	NAFO 3L			12 000			28	8 600	20	4 300	10										
		33 688		32 981		34 371		35 108		42 583		41 296		38 680		46 517		44 711		41 656	

Imagem 2 - "Quantidades produzidas de produtos provenientes da pesca e aquicultura, pela indústria transformadora"

Segundo os dados estatísticos da AIB (Associação dos Industriais do Bacalhau), a nossa frota captura menos de 1% do nosso consumo total de bacalhau, pelo que a restante quantidade tem de ser importada, na sua grande maioria de países como a Noruega e a Islândia. Em 2016, Portugal foi o país da União Europeia com o maior consumo *per capita* de pescado, 55,6 kg/ano, figurando em 3º lugar a nível mundial, só ultrapassado pela Islândia e pelo Japão.

Quantidades produzidas de produtos provenientes da pesca e aquicultura, pela indústria transformadora

Portugal	2016	2017	2018
Produtos Produzidos	t		
<b>Produtos congelados</b>	<b>118 349</b>	<b>109 899</b>	<b>116 076</b>
Dos quais:			
Invertebrados aquáticos (inclui lulas, potas, chocos, polvos, amêijoas, berbigão e outros), congelados, secos, salgados ou em salmoura.	16 161	15 311	16 067
Pescada congelada	9 500	10 152	12 103
Filetes de peixe congelados	4 369	4 214	5 563
Sardinha congelada	7 330	6 969	6 174
Bacalhau congelado	25 812	28 053	28 543
Redfish congelado	5 311	6 512	5 638
<b>Produtos secos e salgados</b>	<b>60 554</b>	<b>56 246</b>	<b>56 052</b>
Dos quais:			
Bacalhau salgado seco	42 271	39 305	35 883
<b>Preparações e conservas</b>	<b>51 651</b>	<b>58 500</b>	<b>48 006</b>
Das quais:			
Preparações e conservas de sardinha em azeite	4 681	4 443	3 625
Preparações e conservas de sardinha em outros óleos vegetais	3 886	2 278	3 243
Preparações e conservas de sardinha em tomate	2 833	2 242	1 845
Preparações e conservas de atum em azeite	4 481	7 038	5 596
Preparações e conservas de atum em outros óleos vegetais	12 477	15 394	11 247
Preparações e conservas de cavala, cavalinha e sarda em azeite	2 225	2 262	1 739
Preparações e conservas de cavala, cavalinha e sarda em outros óleos vegetais	751	647	431

Fonte: INE, Inquérito anual à produção industrial

Todavia, no que ao consumo de bacalhau salgado diz respeito, somos o maior consumidor mundial. Em 2016, a produção de bacalhau salgado seco foi de aproximadamente 42 mil toneladas e o de congelado de cerca de 26 mil toneladas. Este número tem aumentado e se lhe acrescentarmos também o consumo de bacalhau fresco, tivemos em 2019 um consumo que totalizou cerca de 70 mil toneladas. Estes números perfazem um consumo médio anual de 7 kg de bacalhau por habitante.

As nossas empresas adaptaram-se a esta nova realidade e hoje estão principalmente direcionadas para as atividades da transformação do pescado, apostando cada vez mais na exportação e na internacionalização do seu produto e cada vez menos nas preocupações e burocracias que definem o setor primário na área das pescas. Isto é visível quando olhamos para a construção de navios de 1977 a 2015, tendo sido apenas

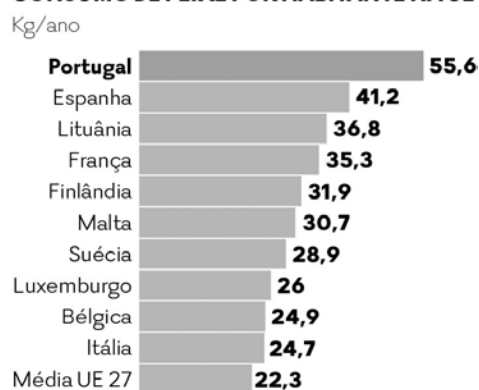
Imagem 3 - "Consumo de peixe por habitante na UE"

construídos três arrastões de popa para armadores portugueses, o *Cidade de Amarante* em 1990, o *Pascoal Atlântico* em 1992 e o *França Morte* em 2005. De 1936 a 1977 foram construídos 107 navios, dos quais ainda navegam 8 navios (Matias, 2016).

Diria que, em virtude das políticas de pesca que temos assistido nos últimos anos, dentro de pouco tempo, vamos assistir a uma erradicação total da nossa frota de pesca longínqua. Muitas destas embarcações estão no limite da sua vida útil e a renovação desta frota tem sido praticamente inexistente. Penso que é tempo de repensar a nossa política do mar e perceber se ainda vale a pena lutar pelo renascer de uma frota decadente ou apostar na modernização e qualificação de um setor transformador que parece ir de "vento em popa".

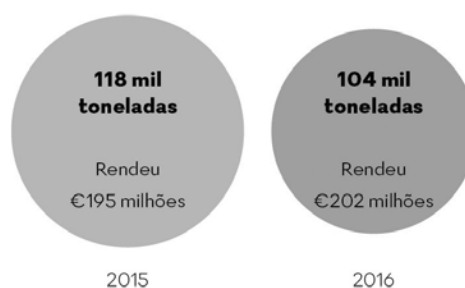
No entanto, enquanto a situação se for mantendo, existem outras espécies

#### CONSUMO DE PEIXE POR HABITANTE NA UE



Fonte: FAO

#### CAPTURA DE PESCADO EM PORTUGAL



Fonte: DOCAPECA

Imagem 4 – “Licenciamento e repartição de quotas por navio no Atlântico Norte”.

para além do bacalhau, que ajudam a sustentar a economia de pescas portuguesa no Atlântico Norte, e é sobre essas espécies, “escondidas” na sombra do bacalhau, que pretendo debruçar-me e dar a conhecer um pouco mais sobre as suas características e aspetos biológicos.

Existem espécies sobre as quais são necessárias licenças de pesca e outras que devido aos elevados stocks ainda não têm tais restrições. Começo por falar das que se encontram referenciadas em Diário da República para o ano de 2019, e que apresentam quotas de pesca. São elas o Cantarilho, Palmeta, Raia, Abrótea, Verdinho, Sarda, Arenque e Carapau. Sem restrições de captura temos ainda a Solha, Solhão, Alabote, Arinca, Lula e o Capelim.

Existem diversas espécies deste peixe mas as mais conhecidas são a *Helicolenus dactylopterus* (conhecido em Portugal, principalmente nos Açores, por Boca-negra ou Cantarilho legítimo) e o grupo dos *Sebastes*, que são as espécies mais capturadas pela nossa frota longinqua, cujos nomes científicos se designam por *Sebastes marinus* (Cantarilho dourado), *Sebastes mentella* (Cantarilho de profundidade), *Sebastes norvegicus* (Cantarilho rosa ou Cantarilho do Norte) e *Sebastes fasciatus* (Cantarilho acadiano ou Cantarilho do Atlântico).

O cantarilho é facilmente identificável devido à sua aparência distinta, com característicos olhos grandes e salientes, brânquias definidas e nítidas, boca carnuda e cor vermelha atraente. O

Licenciamento e repartição de quotas por navio no Atlântico Norte — 2019

Navio	Aveirense	Cidade de Amarante	Coimbra	França Morfe	Novo Virgem da Barca	Lufador	Pascoal Atlântico	Princesa Santa Joana	Santa Princesa	Santa Cristina (*)	Santa Malácia	Total (%)	
Conjunto de identificação	A-2318-N	A-3349-N	A-2204-N	A-3720-N	A-3888-N	A-3337-N	A-3323-N	A-3011-N	V-1108-N	A-1827-N	A-1640-N		
Unidade populacional	Quota (tons)	Porcentagem da quota											
Bacalhau CIEM 1, 2 (Svalbard) (†)	2400	11,11	11,11	11,11	(**)	(*)	11,11	11,11	(**)	33,33	(**)	11,11	99,99
Bacalhau Noruega (†)	2900	11,11	11,11	11,11	(**)	(*)	11,11	11,11	(**)	33,33	(**)	11,11	99,99
Bacalhau NAFO 3M	3433	8,33	8,33	8,33	8,33	(*)	8,33	8,33	(*)	25	8,33	18,66	99,97
Cantarilho Noruega (†)	405	(*)	(*)	(*)	(**)	(*)	(*)	(*)	(*)	(*)	(*)	(*)	-
Cantarilho CIEM 5, 12, 14 (Mar de Irminger) (†)	119	(**)	16,66	16,66	(**)	(**)	16,66	16,66	16,66	(**)	(**)	(**)	99,96
Cantarilho NAFO 3M (*)	2354	7,41	6,08	6,08	13,32	(*)	6,08	6,08	(*)	22,23	6,08 + 13,32 (5)	13,32	100,00
Cantarilho NAFO 30 (*)	5229	7,41	6,08	6,08	13,32	22,23	6,08	6,08	(*)	(*)	6,08 + 13,32 (5)	13,32	100,00
Palmeta NAFO 3LMNO (*)	1898	6,67	6,67	6,67	13,32	20,01	6,67	6,67	(**)	(*)	6,67	26,64	99,99
Abrótea NAFO 3NO (*)	333	7,41	6,08	6,08	13,32	22,23	6,08	6,08	(*)	(*)	6,08	26,64	100,00
Raia NAFO 3LNO (*)	660	7,41	6,08	6,08	13,32	22,23	6,08	6,08	(*)	(*)	6,08	26,64	100,00
Camarão NAFO 3M	0												
Camarão NAFO 3L	0												
Camarão Svalbard	92 dias	(**)	(**)	(**)	(**)	(**)	(**)	(**)	(**)	(**)	(**)	(**)	92 dias
Verdinho águas UE e internacionais 1a 8a, 8b, 8d e 8e, 12 e 14	3844	7,69	7,69	7,69	7,69	(**)	7,69	7,69	7,69	23,07	7,69	15,38	99,97
Sarda 8c, 9 e 10 e águas UE da CEEAF	(***)	7,69	7,69	7,69	7,69	(**)	7,69	7,69	7,69	23,07	7,69	15,38	99,97
Arenque 1 e 2	43	7,69	7,69	7,69	7,69	(**)	7,69	7,69	7,69	23,07	7,69	15,38	99,97
Carapau águas UE 2a, 4a, 6, 7a-7c, 7e-7k, 8a, 8b, 8d e 8e e águas internacionais 12 e 14 + águas UE 4b e 4c e 7d	1209	7,69	7,69	7,69	7,69	(**)	7,69	7,69	7,69	23,07	7,69	15,38	99,97

(†) Pesca livre para todos os navios licenciados a partir de 31 de novembro, salvo se a empresa assumir que captura a(s) quota(s) atribuída(s) aos respetivos navios até ao final do ano.

(‡) Quota acessível a todos os navios licenciados para a Noruega.

(§) Pesca livre a partir de 01 de maio para todos os navios licenciados para o Mar de Irminger, salvo se a empresa assumir que captura a(s) quota(s) atribuída(s) aos respetivos navios até ao final do ano.

(¶) Pesca livre a partir de 01 de julho, salvo se a empresa assumir que captura a(s) quota(s) atribuída(s) ao(s) respetivo(s) navio(s) até final do ano.

(\*) No âmbito dos números 8.8 e 8.9 do Despacho n.º 7078/2016, de 22 de maio, do Secretário de Estado das Pescas, realizaram-se transferências temporárias de quotas do navio Calvão para o navio Santa Cristina, até à entrada ao serviço dos navios substitutos.

(\*) Com licença para zona e espécie.

(\*\*) Sem licença para a zona e espécie.

(\*\*\*) Correspondente à quantidade nacional da quota atribuída à frota do largo, a capturar nas divisões CIEM 8 a), 8 b) e 8d), de acordo com o ponto 1.5 do presente despacho.

## Cantarilho

O cantarilho faz parte da ordem *Scorpaeniforme*, também conhecida como a espécie com barbatanas raiadas, sendo esta uma das suas imagens de marca. Para além disso, têm uma cor vermelha viva, que abrange as diferentes variedades desta espécie e que populariza a sua designação mais comum (red-fish). Este peixe é conhecido por mais que uma designação e para além de cantarilho e red-fish, também pode ser chamado de vermelho ou comunista.

cantarilho dourado tem um tom mais alaranjado na pele. A cor é graduada, mas muda acentuadamente para um estômago branco. O cantarilho de águas profundas tem uma cor vermelha mais sólida com uma transição mais suave para um estômago branco.

O cantarilho dourado pode crescer até 100 cm de comprimento, mas normalmente tem cerca de 40 a 55 cm de comprimento. O cantarilho de águas profundas pode crescer até 70 cm de comprimento, mas geralmente tem 35 a 45 cm. É

um peixe gregário ao longo da vida e uma espécie de crescimento lento. Os maiores exemplares podem atingir os 15 kg de peso e têm uma longevidade máxima de 75 anos de idade. Atualmente, se atingirem metade destes valores, já são considerados um bom exemplar.

O cantarilho tem uma barbatana dorsal longa, com pontas duras na frente. A barbatana posterior também apresenta alguns desses picos. A barbatana pélvica é pequena e em contrapartida as barbatanas peitorais são grandes e arredondadas.

O cantarilho é uma espécie demersal que prefere águas frias e um fundo do mar rochoso, tornando o Atlântico Norte o seu habitat ideal. Eles comem principalmente plâncton, mas também diversificam a sua cadeia trófica com outros peixes mais pequenos. Alimenta-se de krill, capelins e águas-vivas (pentes-do-mar) na primavera e verão, enquanto no outono e inverno prefere os Arenques.

Eles podem ser encontrados em várias profundidades, variando de 100 a 1000 metros. O cantarilho dourado é comum em profundidades de 100 a 500 metros, enquanto o cantarilho de águas profundas geralmente só se encontra a partir dos 450 metros de profundidade.

Enquanto espécie são tardios na maturação, não atingindo a maturidade sexual antes dos 12 a 15 anos. A fêmea é inseminada e os jovens nascem vivos, ou seja, é ovovivíparo e a inseminação das fêmeas ocorre em agosto e setembro (no mar de Barents) e de outubro a janeiro (na Islândia e na Gronelândia); a fertilização dos óvulos acontece durante fevereiro e março enquanto a libertação de larvas ocorre entre abril e agosto.

O cantarilho recém-nascido permanecerá perto da superfície do oceano até que tenha cerca de 25 milímetros de comprimento, a partir desta fase procura águas mais profundas junto aos fiordes, baías e águas costeiras.

Podemos encontrar este animal no Mar do Norte e na parte sul do Mar de Barents, na Islândia e ao longo da costa leste da Gronelândia. Podem também ser encontrados, ao longo da costa oeste da Gronelândia e ao longo da costa da América do Norte, no Flemish Cap, no Grande Banco e no Golfo de São Lourenço.

As características do Cantarilho do norte (*Sebastes norvegicus*), são extremamente semelhantes às do Cantarilho dourado (*Sebastes marinus*), razão pela qual só apresentei características do Cantarilho dourado. No caso do Cantarilho de profundidade (*Sebastes mentella*) a situação é idêntica, ou seja, tem uma morfologia e biologia tão semelhante ao Cantarilho do Atlântico (*Sebastes fasciatus*) que também optei apenas por descrever as características biológicas do Cantarilho de profundidade.

A quota de pesca disponível em 2019, para a captura desta espécie foi de 8107 toneladas.

## Palmeta

Também conhecido por Alabote da Gronelândia (*Reinhardtius hippoglossoides*) é um peixe chato, semelhante ao linguado, que vive no fundo do mar, nas águas frias do Oceano Ártico e do Atlântico Norte.

Durante o desenvolvimento do peixe o olho esquerdo desloca-se para o lado direito da cabeça, no entanto, não tão afastado como nos outros peixes chatos. Assim, o olho esquerdo nunca se desloca totalmente para o outro lado, mas permanece na crista dorsal da testa, dando a aparência de um ciclope sob determinados ângulos.

O alabote da Gronelândia é ligeiramente diferente dos outros alabotes porque não tem dois lados distintos. Os seus músculos são igualmente bem desenvolvidos de ambos os lados, permitindo que possa nadar na posição vertical.

A sua cor é quase uniforme, sendo o lado esquerdo um pouco mais pálido. O alabote da Gronelândia é de cor escura - acastanhado ou cinza escuro - às vezes com algumas manchas mais claras nas laterais. Possui duas longas barbatanas de cada lado, uma barbatana dorsal e uma ventral, que quase cobrem toda a circunferência, com uma pequena barbatana pélvica no estômago. É carnívoro e come principalmente camarão, krill, capelim e cantarilho.

O alabote da Gronelândia prefere águas abaixo de 4°C e um fundo do mar de areia. Eles podem ser encontrados em profundidades que

variam de 200 a 2000 metros, na costa este da América do Norte, nas costas este e oeste da Gronelândia, espalhados pelo Atlântico Norte, inclusive nas Ilhas Faroé e costa Norueguesa, bem como em todo o Mar de Barents. Normalmente têm 80 a 100 cm de comprimento e pesam entre 11 e 25 kg, mas podem crescer até 120 cm e pesar mais de 40 kg.

A quota de pesca disponível em 2019, para a captura desta espécie foi de 1898 toneladas.

## Raia

Existem diversos tipos de raias. A *Raja* é um género de raia, da família *Rajidae*, que contém 16 espécies e são sobretudo as espécies desta família as mais capturadas pela nossa frota de pesca. Daí nos documentos técnicos da DGRM, aparecer sempre a designação *Raja spp.*, que significa as diferentes espécies de raias existentes dentro deste género. Porém, quero destacar a Raia-repregada (*Amblyraja radiata*), que é uma das mais comuns e mais vezes capturada.

As raias compartilham de forma geral, o mesmo tipo de fisionomia corporal. São peixes cartilagosos, que apresentam um corpo em forma de disco achatado, com largas barbatanas peitorais que ligam a cabeça à cauda. Apresentam barbatanas pélvicas triangulares na base do corpo. A boca e as guelras estão localizadas na parte inferior e podem ser de cor sólida ou apresentar padrões. A maioria das raias apresentam estruturas espinhosas na superfície superior, tendo mesmo algumas espécies, órgãos elétricos presentes nas caudas como elemento defensivo. As raias têm uma cauda longa e estreita que é aproximadamente equivalente ao comprimento do corpo.

Quando as raias atingem a maturidade sexual, as bases dos espinhos engrossam tornando-se menos pontiagudos e apresentam um formato rombo, idêntico a pequenos escudos de proteção. Em juvenis, a cara e algumas partes do corpo são cobertos de espinhos enquanto que, nas grandes fêmeas, podemos encontrar espinhos até na parte inferior do corpo. Os adultos geralmente têm entre 21 e 25 grandes espinhos que vão da nuca à primeira barbatana peitoral.

Apresentam dimorfismo sexual, uma vez que as fêmeas crescem mais que os machos. Enquanto a fêmea pode ter um comprimento máximo de 118 cm, os machos não ultrapassam os 98 cm. A superfície dorsal da raia exibe uma ampla gama de coloração desde o castanho claro até ao cinza e é salpicada com manchas claras e escuras de tamanhos variados. Na parte inferior é totalmente branca, exceto na cara que é cinzenta. O maior espécime já registado pesava 18 kg.

As raias são ovíparas, com as fêmeas a realizarem migrações junto à costa para colocar os ovos. A estação de postura das raias ocorre entre março e setembro. As fêmeas maduras depositam um ovo de cada vez em substrato arenoso ou lamacento próximo da costa. Os ovos variam entre 5 a 9 cm de comprimento e 3,8 a 6,4 cm de largura. As fêmeas maduras podem colocar entre 140 e 160 ovos por ano. Os ovos são retangulares e de forma oblonga e são marcados por chifres rígidos em cada canto. Durante o desenvolvimento, os embriões alimentam-se apenas da gema. O desenvolvimento embrionário normalmente leva entre 4 e 6 meses e é amplamente dependente da temperatura da água.

As raias juvenis eclodem com 11 a 13 cm de comprimento e 8 a 9 g de peso com uma proporção sexual igual entre machos e fêmeas. Os juvenis permanecem em águas rasas até atingirem a maturidade sexual, geralmente por volta dos 9 anos nas fêmeas e 7 anos nos machos. Nesta altura começam a migrar sazonalmente, durante o verão, deslocam-se junto à costa, durante o inverno, migram para águas mais profundas. A longevidade máxima de uma raia varia entre os 12 e os 15 anos de idade.

As raias são carnívoras. Os juvenis alimentam-se predominantemente de crustáceos aquáticos de fundo, como camarões e similares. Os adultos alimentam-se de crustáceos, como caranguejos e pequenos peixes de pedra ou da família dos gadídeos.

A área de difusão das raias vai desde a Islândia à Noruega. A sua distribuição geográfica estende-se ainda, ao Mar do Norte, ao Mar Mediterrâneo, ao oeste do Mar Negro, à Ilha da Madeira, às costas atlânticas de África, bem como às águas da África do Sul e ao sudoeste do Oceano Índico.

As raias adultas permanecem na costa durante o verão e movem-se da costa para águas mais profundas durante o inverno. Vivem na base da plataforma continental e na encosta superior do fundo do mar costeiro. Habitam numa ampla variedade de habitats do fundo do mar, incluindo lama, areia, cascalho e áreas rochosas. Já foram encontradas raias em águas costeiras com profundidades até 300 m, mas é mais abundante em águas entre 10 e 60 metros.

A quota de pesca disponível em 2019, para a captura desta espécie foi de 660 toneladas.

### Abrótea

A Abrótea é um teleósteo parente do bacalhau, com um corpo fusiforme de cor acastanhada, boca e olhos grandes. Existem três espécies deste peixe, a abrótea da pedra ou da costa (*Phycis phycis*), a abrótea do alto (*Phycis blennoides*) e a abrótea branca (*Urophycis tenuis*).

A abrótea da costa encontra-se nas águas do Atlântico Nordeste, desde o Golfo da Biscaia até Marrocos, incluindo o sul de Cabo Verde e outras ilhas como é o caso do Arquipélago dos Açores, onde são comuns. Para além destes locais, a abrótea do alto, pode ser encontrada no Atlântico Norte entre a Islândia e a Noruega, bem como a abrótea branca.

São predadores temíveis (à sua escala) que se refugiam durante o dia em buracos ou pequenas grutas juntamente com outros peixes crípticos e que aproveitam a noite para as suas práticas biológicas habituais, como por exemplo a alimentação.

A abrótea tem uma distribuição vertical relativamente alargada, podendo ser encontrada desde as águas pouco profundas das zonas costeiras até profundidades de 600 metros. São peixes que podem atingir os 65 cm e alcançar quase 4 kg de peso, embora exemplares deste calibre sejam excecionais.

A época de reprodução destes peixes situa-se entre o Verão e o Outono, período em que podem, eventualmente, estar mais vulneráveis a certos tipos de pesca nomeadamente, pesca desportiva demersal com linha e anzol e caça submarina,

que se fazem preferencialmente quando o mar está calmo.

À semelhança de outros peixes, esta espécie investe na quantidade aquando da reprodução, ou seja, num número elevado de ovos (uma postura pode ter 5 milhões de ovos) que eclodem ao fim de 4 ou 5 semanas. Tanto os ovos como as larvas que deles resultam são dispersos pelas correntes e enfrentam numerosos obstáculos ao seu desenvolvimento (ex: predadores) facto que tem como consequência uma mortalidade elevada não chegando a maior parte das larvas ao estado adulto.

Uma das particularidades destes gadiformes são as barbatanas pélvicas. No processo evolutivo, estes elementos sofreram alterações que resultaram em duas estruturas bifurcadas que deixaram de possuir uma função natatória e passaram a servir para procurar alimento. A sensibilidade destas estruturas é notável funcionando como uma espécie de sonda de contacto para detetar eventuais presas que estejam escondidas nos relevos do substrato. A abrótea é carnívora sendo os pequenos peixes o grupo mais importante na sua dieta alimentar, seguidos depois por crustáceos, como o caranguejo.

A quota de pesca disponível em 2019, para a captura desta espécie foi de 333 toneladas.

### Solha

Solha é o nome comum para um grupo de peixes chatos que compreende quatro espécies principais: o europeu (*Pleuronectes platessa*), o americano (*Hippoglossoides platessoides*), o do Alasca (*Pleuronectes quadrituberculatus*) e o do Pacífico (*Acanthopsetta nadeshnyi*). Contudo, para além destas espécies principais, ainda existem outras espécies, da família *Pleuronectidae*, como a solha de pinta amarela (*Limanda ferruginea*) ou o solhão (*Glyptocephalus cynoglossus*), que juntamente com a solha americana (*Hippoglossoides platessoides*) são as mais capturadas pelas nossas embarcações de pesca longínqua.

A solha é um peixe chato que vive no fundo do mar e gosta de se esconder nos fundos marinhos de areia. É um peixe benthico (bentônico), sendo mais denso que a água, por isso pode repousar

no fundo do mar. Tanto a cabeça como os olhos são de pequena dimensão.

Enquanto jovem, a solha mantém-se na parte baixa da zona costeira, mas migra para uma profundidade de cerca de 200 metros à medida que amadurece.

A solha fica mais ativa em período noturno e aproxima-se da costa para se alimentar durante o anoitecer. Durante o dia ficam quase imóveis e permanecem enterrados sob uma camada de areia para se esconder dos predadores. Comem principalmente vermes de cerdas (poliquetas), crustáceos e determinados tipos de moluscos.

Apresenta uma cor castanha ou cinzenta com manchas vermelhas ou laranja muito distintas no dorso, com o estômago branco. A cor castanha ou cinza no dorso vai mudar para se adaptar ao ambiente que a rodeia, para se camuflar, e proteger-se de eventuais predadores. O problema é que as manchas não mudam de cor e, portanto, permanecem bem visíveis. Conforme a solha envelhece, as manchas desenvolvem um círculo branco ao redor delas.

A solha possui uma barbatana dorsal e outra ventral que cobre quase todo o corpo. Eles podem crescer até 100 cm de comprimento, mas normalmente têm cerca de 50 a 60 cm de comprimento quando capturados.

O macho torna-se sexualmente ativo de forma relativamente rápida e está pronta para procriar por volta dos 2 ou 3 anos. Já a fêmea, leva o dobro do tempo. A desova ocorre durante o auge do inverno e tanto os ovos como as larvas amadurecem lentamente. Quando a solha eclode, um olho está localizado em cada lado da cabeça.

À medida que o peixe cresce desde a fase larval, um olho migra para o outro lado do corpo passando por um processo de metamorfose. A solha permanecerá na superfície do oceano até que se desenvolvam totalmente e o olho esquerdo tenha mudado completamente para o lado direito.

A solha pode ser encontrada em toda a costa sudoeste da Europa e na costa norueguesa, bem como em todo o Atlântico Norte desde a costa oriental Americana, passando pelas costas da Gronelândia e da Islândia.

Entre cada espécie existem pequenas variações no seu comportamento, contudo esta descrição cingiu-se a uma breve descrição informativa sobre o grupo das solhas.

## **Alabote**

O Alabote-do-Atlântico (*Hippoglossus hippoglossus*) é o maior de todos os peixes chatos e pode atingir vários metros de comprimento. As águas frias do Atlântico Norte fazem com que o alabote cresça lentamente e desenvolva uma carne deliciosamente densa. É achatado lateralmente e normalmente fica posicionado sob o lado esquerdo do corpo. Ambos os olhos migram para o lado direito da cabeça durante o período de desenvolvimento. Quando as larvas nascem, elas começam na posição vertical, como a maioria dos outros peixes, com um olho de cada lado da cabeça.

É um peixe demersal que vive na areia, cascalho ou argila do fundo do mar ou próximo dela, mas é ao mesmo tempo um peixe bêntico, mais denso que a água, por isso pode descansar no fundo do mar camuflando-se e ficando à espreita para emboscar a presa ou deambulando pelo fundo do mar em busca de alimento.

O alabote tem uma forma de diamante e possui uma barbatana dorsal longa e uma barbatana posterior que cobre quase toda a sua circunferência. Apresenta quase sempre uma cor muito escura - preto ou carvão - com manchas mais claras por toda a parte. O seu estômago é branco leitoso com algumas manchas acinzentadas.

O seu comprimento varia imenso, sendo a sua taxa de crescimento muito lenta. Pode crescer até 365 cm de comprimento, mas varia principalmente entre 50 e 200 cm. A fêmea quando está ovada costuma ser maior que o macho.

O alabote do Atlântico come tudo o que estiver disponível, mas alimenta-se principalmente de outros peixes, incluindo bacalhau, arinca e arenque, apenas para citar alguns. Os alabotes mais jovens comem principalmente cefalópodes, camarões e crustáceos maiores. Pode ser encontrado desde a parte baixa da costa até profundidades superiores a 1000 metros.

Em geral, eles ficam na costa quando são jovens e aventuram-se mais longe à medida que

amadurecem. Quando estão sexualmente maduros, retornam às áreas rasas para desovar, geralmente durante a primavera. Os ovos e larvas flutuam perto da superfície. Quando atingem alguns meses de idade, estabelecem-se no fundo do mar, muitas vezes permanecendo imóveis por longos períodos de tempo. O alabote do Atlântico pode viver mais de 50 anos. O macho é sexualmente maduro aos 8 anos e a fêmea por volta dos 10.

## Arinca

A arinca (*Melanogrammus aeglefinus*) faz parte da família do bacalhau. São geralmente menores que o bacalhau, mas podem atingir mais de um metro de comprimento. A arinca é mais escura na parte superior e mais clara na lateral, tem três barbatanas dorsais e duas ventrais. Tem uma faixa escura distinta nas laterais e marcas pretas acima das barbatanas peitorais. Essas marcas às vezes são chamadas de “impressão digital do diabo”.

A arinca é uma espécie demersal que vive principalmente próximo ao fundo do oceano Atlântico entre pedras, cascalho e areia. No entanto também flutua até as camadas superiores do oceano, a profundidades entre 10 e 300 metros. As suas principais fontes nutritivas são diversos tipos de vermes e crustáceos, embora também consumam outros peixes mais pequenos e moluscos.

A arinca prefere nadar em águas com temperatura entre 4 e 10°C podendo ser encontrada em todo o Atlântico Norte. No Atlântico Noroeste é encontrada principalmente na costa canadiana e norte-americana, da Terra Nova ao Cabo Hatteras. No Atlântico Nordeste, a arinca é encontrada em torno das Ilhas Faroé, Islândia, Mar do Norte, Mar da Noruega e Mar Báltico.

## Conclusão

Como diz o ditado popular, “tudo o que vem à rede peixe”, como tal, para além das espécies apresentadas existem muitas mais que podiam ter sido indicadas. Contudo, selecionei as mais representativas em função da quantidade capturada e do valor económico gerado.

Este artigo pretende mostrar, que ao falarmos de pesca longínqua no Atlântico Norte, o nosso consciente remete-nos logo para o bacalhau, mas como podemos constatar, o bacalhau representa apenas uma pequena parte (cerca de 13%) do total de pescado capturado pela nossa frota.

Esclareço que os números apresentados são sempre em função das quotas disponíveis. Para ser exato nos valores, estes deviam ser em função daquilo que cada embarcação pescou.

Apesar de Portugal ser o maior consumidor de bacalhau salgado seco, neste momento, o nosso país tornou-se importador, contrariando as nossas raízes de “valentes homens do mar” ou de “heróis dos grandes bancos” como outrora fomos conhecidos.

Termino este texto, com as dúvidas que provavelmente muitos de vós terão:

Quando será o último dia da frota portuguesa no Atlântico Norte?

Será que assistiremos a um volte face que nos coloque novamente na rota de captura, em grande escala, do nosso “Fiel Amigo”? A verdade é que os stocks têm estado a aumentar. O bacalhau até adaptou a sua biologia, para que o seu período reprodutivo começasse mais cedo, por isso, será a altura certa para esquecer a nossa frota de pesca longínqua?

Será melhor juntarmos recursos para valorizar a nossa indústria de transformação de pescado?

Será que conseguimos conciliar ambas? Ou será que tal já não é economicamente viável?

Penso que estas dúvidas irão permanecer, até que o tempo e a história, nos deem o seu esclarecimento final.

## Bibliografia

*Boletim Mensal da Agricultura e Pescas - 2019*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2019. ISSN 1647-1040.

*Comparação TAC e Quotas atribuídas a Portugal para 2010-2019* [Em linha]. DGRM, 2019. [Consult. 29 set. 2020]. Disponível em [www.dgrm.mm.gov.pt/documents/20143/100233/tacs+e+quotashistorico2010-2019v2.pdf/e671d414-70f2-83fd-59dc-7c3c743b47ae](http://www.dgrm.mm.gov.pt/documents/20143/100233/tacs+e+quotashistorico2010-2019v2.pdf/e671d414-70f2-83fd-59dc-7c3c743b47ae).

Despacho n.º 7041/2019. D.R. II Série. N.º 150 (2019-08-07).

DIREÇÃO-GERAL DOS ASSUNTOS MARÍTIMOS E DAS PESCAS (COMISSÃO EUROPEIA) - *Factos e números sobre a política comum das pescas*. Luxemburgo: Comissão Europeia, 2018. [Consult. 27 set. 2020]. Disponível em [www.ine.pt/ngt\\_server/attachfileu.jsp?look\\_parentBou-i=435691413&att\\_display=n&att\\_download=y](http://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBou-i=435691413&att_display=n&att_download=y).

*Estatísticas da Pesca – 2019*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2020. ISSN 0377-225-X. [Consult. 27 set. 2020]. Disponível em [www.ine.pt/ngt\\_server/attachfileu.jsp?look\\_parentBou-i=435691413&att\\_display=n&att\\_download=y](http://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBou-i=435691413&att_display=n&att_download=y).

GARRIDO, Álvaro – *A Economia Marítima Existe*. Lisboa: Âncora Editora, 2006.

GARRIDO, Álvaro – *As Pescas em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018.

GARRIDO, Álvaro [et. al.] – *Santo-André: memórias de um navio*. Ílhavo: Câmara Municipal de Ílhavo; Museu Marítimo de Ílhavo, 2019.

IPMA – Instituto Português do Mar e da Atmosfera. Departamento do Mar e dos Recursos Marinhos. Divisão de Modelação e Gestão dos Recursos da Pesca - *Estado dos stocks em 2018 e aconselhamento científico para a sua gestão em 2019* [Em linha] Lisboa: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, 2018. [Consult. 28 set. 2020]. Disponível em [www.bd-afl.net/Mutua\\_docs/RA-estadorecursosexplorados122018.pdf](http://www.bd-afl.net/Mutua_docs/RA-estadorecursosexplorados122018.pdf).

MATIAS, Ricardo Lisboa da Graça – *Os Arrastões da Pesca do Bacalhau (1909 – 1993)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016. Tese de Mestrado em História Marítima. [Consult. 29 set. 2020]. Disponível em [www: <URL: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/27175/1/ulfl228118\\_tm.pdf>](http://www.repositorio.ul.pt/bitstream/10451/27175/1/ulfl228118_tm.pdf).

MONTEIRO, Eurico – *As pescas portuguesas*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2012.

MOUTINHO, Mário – *História da Pesca do Bacalhau*. Lisboa: Estampa, 1985.

Sites Consultados:

<https://animaldiversity.org/>

<http://www.fao.org/home/en/>

<https://www.faroese seafood.com/>

<https://www.worldwildlife.org/initiatives/oceans>

# **Memórias de naufrágios de Bacalhoeiros**

José Azuaje-Fidalgo\*

**DURANTE O PERÍODO DA  
DITADURA MILITAR  
(1926-1933)  
e DO ESTADO NOVO  
(1933-1974)**

\*Investigador do CIEMar-Ílhavo - Museu Marítimo de Ílhavo

*O incêndio deflagrou mais ou menos por volta das 8 horas da manhã na casa da máquina, foi impossível regular o incêndio. Entretanto foi pedir o SOS cerca das 8.30 e o capitão deu ordem de evacuação. Entretanto saltámos para os dórís sem ter a certeza do SOS ter sido enviado ou não. Foi um naufrágio rápido.*<sup>1</sup>

Assim recorda António Tomé da Rocha Santos, antigo imediato do *Ilhavense Segundo*, o fatídico dia de 26 de agosto de 1955 em que viu naufragar o lugre envolto em chamas.

O presente artigo pretende fazer um levantamento dos naufrágios ocorridos entre 1926 e 1974<sup>2</sup>, de maneira a desenvolver uma análise dos dados recolhidos e enquadrá-los com as memórias dos protagonistas destes acontecimentos. O objeto de análise deste estudo cinge-se aos naufrágios dos navios da frota bacalhoeira ficando excluídos os dórís e outras pequenas embarcações.

A par do enquadramento mencionado, pretende-se abordar interrogações lançadas pelo público em geral no tocante ao número de homens que faleceram em naufrágios na pesca do bacalhau. As duas visões proeminentes do público sobre os naufrágios centram-se no discurso trágico de incontáveis baixas ou na ingénua percepção de meros incidentes circunstanciais. Pretende-se assim, dar resposta às visões mais comuns sobre os naufrágios da frota bacalhoeira.

Perante as questões lançadas optou-se pela utilização de métodos e técnicas de pesquisa tanto de natureza quantitativa como qualitativa. No tocante à pesquisa quantitativa a recolha dos dados dos incidentes fez-se através de várias fontes de modo a obter uma visão rigorosa através do cruzamento de informação. No aspeto qualitativo recorreu-se a um conjunto vasto de

fontes descritivas das quais contém os mais variados tipos de relatos de naufrágios.

Para além da perspetiva quantitativa de índole estatístico, é necessário resgatar as memórias dos intervenientes de forma a dar rosto aos *números* que têm a propensão de alienar o leitor da realidade vivenciada pelas tripulações. Com este trabalho pretende-se que as memórias individuais dos acontecimentos, relatados pelos seus intervenientes, sejam evidenciadas e inseridas nos processos de formação da memória coletiva (Halbwachs<sup>3</sup>) e das narrativas sobre a pesca do bacalhau.

## O Estado Novo e a pesca do bacalhau

Com o alvor do século XX deram-se grandes mudanças no panorama nacional e internacional: crescimento e crises económicas, novos paradigmas sociais, transformações políticas e o rápido desenvolvimento tecnológico marcaram de forma indelével todas as esferas da sociedade. A pesca do bacalhau em Portugal não foi alheia a todas estas alterações.

Os anos da Ditadura Militar (1926-1933) foram determinantes no aspeto político e económico. Até este período os armadores viam-se pouco representados junto das forças políticas e a nível económico o país passava por um período de carência.

Num primeiro período<sup>4</sup> foram tomadas medidas de proteção à indústria da pesca do bacalhau, sendo promulgadas *mais de uma dezena de diplomas legais de claro sentido protecionista. A regulamentação do acesso ao crédito estatal para manter ou ampliar a frota e a definição de aspetos gerais de organização da «indústria» compõem os tópicos essenciais do acervo legislativo*<sup>5</sup>.

Mesmo com o fomento de medidas no sector das pescas, estas não conseguiram colmatar a falta de peixe que durante o período de 1929/1932, se abateu sobre os bancos da Terra

1 Arquivo do Museu Marítimo de Ílhavo, Arquivo de Memórias da Pesca do Bacalhau, entrevista a António Rocha Santos.

2 Neste enquadramento cronológico aglutina-se duas fases distintas da política nacional, mas relacionadas entre si. Com a eleição por sufrágio direto do Presidente da República Óscar Carmona, a 25 de março de 1928, instaura-se a Ditadura Nacional que viria a culminar em 1933 com a entrada em vigor da nova Constituição. De 1933 a 1974 vigora o Estado Novo. Deste modo se pretende abranger a questão dos naufrágios dos bacalhoeiros durante o período de vigência do regime.

3 Conceito de "memória colectiva" em Les Cadres Sociaux de la Mémoire, publicado em 1925.

4 Com a implantação da ditadura militar, chefiados pelo Presidente Óscar Carmona.

5 GARRIDO, Álvaro - O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau. Rio de Mouro: Círculo de Leitores e Autor, 2004, p. 69.

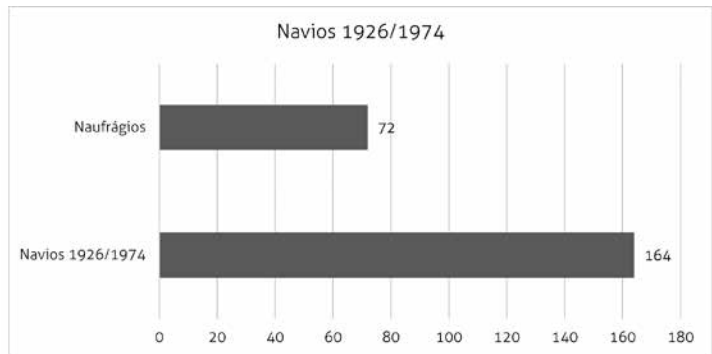
Nova<sup>6</sup>. Armadores faliram, navios em terra e pescadores dedicaram-se à pesca artesanal para sobreviver, esta foi uma situação prevalente devido a falta de bacalhau<sup>7</sup>. A audácia do Capitão João Pereira Cajeira<sup>8</sup> na sua tentativa de ir a Gronelândia em 1930, embora sem êxito, despertou noutros oficiais o interesse por outros pesqueiros inexplorados.

Com o advento da nova Constituição em 1933 solidifica-se o Estado Novo e a sua matriz corporativista. Um dos eixos de intervenção estatal da economia nacional era o sector das pescas e em particular a pesca do bacalhau. A partir de 1934 foram sendo criadas instituições reguladoras que tinham como objetivo a fiscalização e ao mesmo tempo cooptava os vários agentes económicos, perante a coordenação do Delegado de Governo<sup>9</sup>.

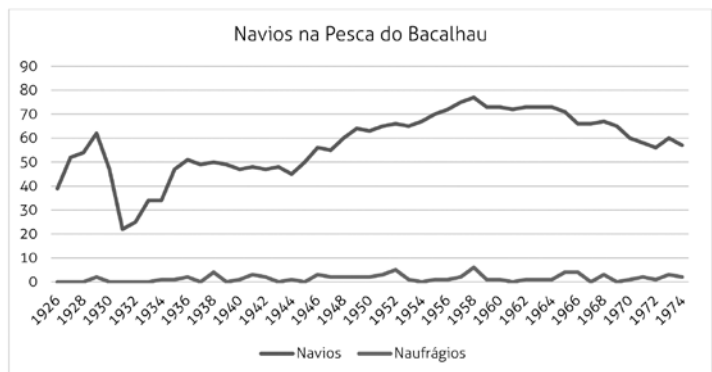
Com a reorganização do sector, veio a promulgação de nova legislação e de linhas de crédito aos armadores que faziam antever um período de crescimento na construção naval. Iniciou-se um processo de renovação da frota, há muito reclamada por armadores, para dar respostas às necessidades de navegação no Atlântico Norte, como a possibilidade de uma maior captura e armazenamento do pescado. No seguimento de uma política de incremento na construção naval, foi-se apostando em modernizar a frota de navios de madeira para navios de metal.

## Os navios na pesca do bacalhau

Tendo como objetivo a compreensão da realidade dos naufrágios dos navios da pesca de bacalhau, foi realizado um levantamento das ocorrências durante o período em análise. Em relação aos dados apresentados, apenas constam os navios naufragados enquanto estavam ao serviço na frota bacalhoeira, excluindo-se aqueles que naufragaram estando já ao serviço da marinha do comércio.



Neste gráfico temos uma primeira impressão sobre os navios naufragados (72) em relação ao total de navios que fizeram parte da frota bacalhoeira entre 1926 e 1974 (164), que se traduz numa percentagem de 43,9% do total dos navios. Perante um número tão elevado de afundamentos de navios aparenta antever-se que, para além da perda material, também possa ter havido uma elevada perda humana. Para se compreender de forma mais ampla o fenómeno dos naufrágios fez-se um cruzamento de dados de modo a ter-se uma visão mais esclarecida.



6 MARQUES, João David Batel - A Pesca do Bacalhau: História, Gentes e Navios: A História e as Gentes. Tomo I. Viana do Castelo: Fundação Gil Eannes, 2018, p. 67.

7 Apesar da intenção do decreto de protecção da indústria bacalhoeira (Decreto n.º 13441), publicado em 1927, as suas medidas mostraram-se ineficazes perante a reorganização dos mercados internacionais de bacalhau decorrente da Grande Depressão.

8 MARQUES, João David Batel - A Pesca do Bacalhau - História, Gentes e Navios - A História e as Gentes. Tomo I. Viana do Castelo, 2018, ob. cit., p. 69.

9 Na figura do Comandante Henrique Tenreiro.

Em contraponto com o gráfico anterior, que nos mostrava o total dos navios, ao longo das várias décadas, no gráfico 2 é-nos apresentado, na linha

Tabela 1: Navios na Pesca do Bacalhau

superior, o número total de navios por ano, que participaram em campanhas, e, na linha inferior, o número total de navio que naufragaram. Tem-se com estes dados uma clara perspetiva dos 72 navios que naufragaram que, ao serem distribuídos num espaço temporal alargado, demonstram que os naufrágios não foram episódios regulares, mas sim espaçados ao longo do tempo. Existem anos nos quais, devido a vários fatores, se perderam vários navios da nossa frota.

Navios na Pesca do Bacalhau					
Ano	Navios	Naufrágios	Ano	Navios	Naufrágios
1926	39	0	1951	65	3
1927	52	0	1952	66	5
1928	54	0	1953	65	1
1929	62	2	1954	67	0
1930	47	0	1955	70	1
1931	22	0	1956	72	1
1932	25	0	1957	75	2
1933	34	0	1958	77	6
1934	34	1	1959	73	1
1935	47	1	1960	73	1
1936	51	2	1961	72	0
1937	49	0	1962	73	1
1938	50	4	1963	73	1
1939	49	0	1964	73	1
1940	47	1	1965	71	4
1941	48	3	1966	66	4
1942	47	2	1967	66	0
1943	48	0	1968	67	3
1944	45	1	1969	65	0
1945	50	0	1970	60	1
1946	56	3	1971	58	2
1947	55	2	1972	56	1
1948	60	2	1973	60	3
1949	64	2	1974	57	2
1950	63	2			

Nesta tabela vemos claramente os anos em que houve um maior número de afundamentos. O ano de 1958 foi, ao mesmo tempo, áureo, por ser o que mais navios contabilizou, e fatídico, porque regista o maior número de naufrágios, perdendo-se seis embarcações. Os acidentes ocorridos nos anos de 1952, 1938, 1965 e 1966 traduzem campanhas com fins inesperados e particularmente difíceis para as tripulações dos navios naufragados. Para além das perdas materiais também houve perdas de vidas humanas.

Os navios naufragados foram os seguintes:

- 1929 - Ilhavense; Maria da Conceição.
- 1934 - Ernâni.
- 1935 - Santa Joana.
- 1936 - Palmirinha; Santa Luzia.
- 1938 - Santa Regina; Infante; Georgina; Bretanha.

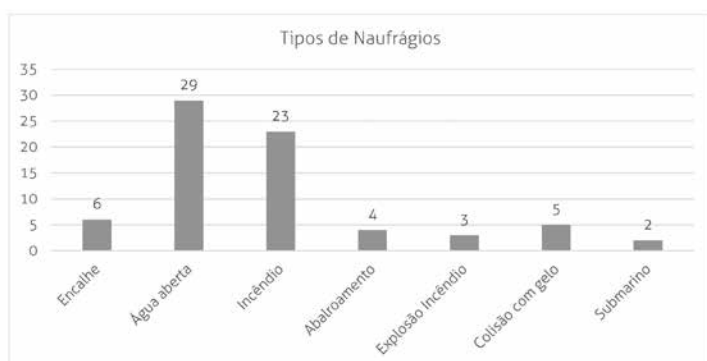
- 1940 - Vaz.
- 1941 - Normandie; Santa Quitéria; Silvina.
- 1942 - Maria da Glória; Delães.
- 1944 - Maria Preciosa.
- 1946 - Florentina; Primeiro Navegante; Comandante Tenreiro.
- 1947 - Leopoldina; Maria Carlota.
- 1948 - Neptuno Segundo; Gaspar.
- 1949 - Navegante Segundo (Voador); Júlia Quarto.
- 1950 - Ana Primeiro; Cova da Iria.
- 1951 - Paços de Brandão; Rio Lima; Infante de Sagres Terceiro.
- 1952 - Senhora da Saúde; Rio Caima; Maria Frederico; João Costa; San Jacinto.
- 1953 - Lousado (Alcion).
- 1955 - Ilhavense Segundo;
- 1956 - Novos Mares.
- 1957 - Júlia Primeiro; Gronelândia.
- 1958 - Ana Maria; Milena; Labrador; Cruz de Malta; Santa Isabel; Maria das Flores.
- 1959 - Santa Maria Madalena.
- 1960 - Condestável.
- 1962 - António Ribau.
- 1963 - Viriato.
- 1964 - Lutador.
- 1965 - Santa Mafalda; Aviz; João Álvares Fagundes; António Coutinho.
- 1966 - Brites; Dom Denis; Inácio Cunha; Santa Mafalda
- 1968 - José Alberto; Coimbra; Adélia Maria.
- 1970 - Capitão José Vilarinho.
- 1971 - São Jacinto; Santa Isabel.
- 1972 - Celeste Maria.
- 1973 - Rio Antuã (ex-Bissaya Barreto); Luiza Ribau; Vila do Conde.
- 1974 - São Jorge; Ilhavense.

Está é a listagem<sup>10</sup> dos navios distribuídos pelos anos em que naufragaram. Comparando com a tabela 1 sucederam-se vários anos sem decorrer qualquer naufrágio. O levantamento efetuado demonstrou-nos outras informações relevantes sobre os naufrágios, tais como as suas principais causas. Segue-se um gráfico de síntese dos fatores explicativos destes sinistros marítimos.

<sup>10</sup> O levantamento destes dados foi obtido a partir do portal Homens e Navios da Pesca do Bacalhau (<http://homensnaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/>) em cruzamento com fontes documentais e bibliográficas.

Gráfico 3: Motivos de Naufrágios

Gráfico 4: Tripulação nos Naufrágios



Grande parte das embarcações que naufragaram tiveram como principal motivo água aberta, sendo a segunda maior causa os incêndios. Embora seja a causa principal com menos ocorrências, totalizando apenas dois, destacamos a categoria de naufrágio por ação de submarino devido ao impacto que teve na perda de vidas humanas. O ataque ao navio *Maria da Glória*, em 1942, ceifou a vida a 36 homens e levantou uma onda de consternação por todo o país.



Embora cada perda de vida humana seja uma tragédia, se fizermos uma análise dos dados recolhidos, podemos constatar os seguintes aspetos, através do gráfico inserido abaixo.

De todos os homens que estiveram envolvidos em naufrágios apenas uma ínfima parte faleceu (2%). Nesta categoria inserem-se também pescadores que foram dados como desaparecidos no momento posterior à ordem de evacuação dos navios por parte dos capitães.

Comparando o Gráfico 1 com o Gráfico 4 concluiu-se que ao número elevado de navios naufragados, relativamente ao total da frota, corresponde, por outro lado, uma taxa de

sobrevivência muito elevada. Embora sobrevivessem ao incidente não é raro encontrar nos relatos, feitos pelos homens, as situações aflitivas e angustiantes porque que passavam.

## Relatos de Naufrágios

Os relatos sobre os naufrágios provêm de diferentes tipos de fontes, sendo que cada tipologia tem as suas especificidades, que, consideradas em conjunto, contribuem para uma compreensão dos eventos decorridos. Os tipos de fontes são: protestos de mar<sup>11</sup>, artigos noticiosos e os relatos orais, aos quais se juntam as obras biográficas e memórias de viagem publicadas, menos frequentes que as três primeiras tipologias mencionadas.

Nos relatos orais é necessário compreender qual o papel da memória na construção de discursos individuais sobre os naufrágios. As descrições feitas em primeira mão são as que deveras mais interesse despertam, devido à dimensão humana e ao peso que a descrição dos eventos tem na vida do locutor. Nestes relatos é de se contemplar que a memória não é inerte, mas sim seletiva, sendo intrínseco a este facto que as considerações e interpretações dos acontecimentos são feitas pelo relator numa perspetiva de um discurso influenciado por quadros culturais de significação (Irwin-Zarecka<sup>12</sup>). A memória opera de forma seletiva e subjacente na construção de narrativas individuais, pelas quais atualizam informações passadas vivenciadas (Freud<sup>13</sup>), neste caso os naufrágios.

11 O Protesto de Mar, documento elaborado para ser apresentado às autoridades competentes em casos específicos, sendo um deles o naufrágio. Os relatos feitos nestes documentos percorrem de forma cronológica os acontecimentos do naufrágio, desde a situação catalisadora do incidente até ao abandono do navio e subsequentemente salvamento dos sobreviventes.

12 IRWIN-ZARECKA, Iwona - *Frames of Remembrance: The Dynamics of Collective Memory*, Nova Iorque: Routledge, 1994.

13 O princípio de a memória para além de seletiva, tem a capacidade de construir novas representações e dar novos significados, é elemento fundamental para Freud na análise que fez sobre a memória. FREUD, Sigmund (1896) - Carta 52. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996. ISBN

Com o propósito de dar rosto às estatísticas coligimos várias descrições que são demonstrativas de momentos marcantes na vida destes homens.

Notícia sobre naufrágio do lugre *Santa Regina* em junho de 1938.

*Na sexta-feira à noite chegou a notícia a Ílhavo de se ter perdido o lugre-escuna Santa Regina da Empresa de Pesca de Portugal, Lda., com sede em Ílhavo. O navio naufragou a noroeste dos Açores, tendo sido salva a tripulação por um vapor de carga inglês, que a levou para Glasgow. Era seu capitão o Sr. João Maria Madalena e piloto o Sr. Artur da Velha, levando mais de doze homens de Ílhavo, sendo os restantes de outros centros piscatórios.*<sup>14</sup>

Notícia sobre naufrágio do lugre *Bretanha* a 3 junho de 1938.

*Mais um navio que se perde, pois apanhou um grande temporal que lhe abriu água. Os marinheiros ainda tentaram conduzir o lugre até ao Faial, mas, baldado o seu esforço, o barco soçobrou, tendo sido a tripulação salva por um vapor que a entregou ao contra-torpedeiro Dão.*<sup>15</sup>

Relato do naufrágio do navio-motor *Cova da Iria* no trágico dia 14 de setembro de 1950.

*O «Cova da Iria» foi ao fundo, segundo o que se falava deveu-se à carga. Não bastava o bacalhau que ia no porão, levava também uns caixotes de madeira carregados de bacalhau. E tinha-se retirado peixe dos caixotes para o porão e ficou com a poupa muito levantada, é que os caixotes eram da poupa naquela embarcação.*

*Já vínhamos em viagem, foi perto das ilhas apenas a três dias para chegar a Portugal, caiu mau tempo, mas antes ainda tentou-se passar um reboque a um barco de carga, mas já não foi possível salvar-se. Foi devido à carga, parece que o navio atravessado ao mar batendo fazia pressão no leme, e vinha a água por aí pois deve ter partido qualquer coisa [no leme]. Como vinha próximo de nós o «Inácio Cunha» não houve problema,*

*salvou-se tudo [tripulação] mas perdeu-se tudo [o navio e o bacalhau], mas ainda se salvou algumas roupas para o «Inácio Cunha». E a chegada pagaram-nos esse peixe que vinha na lista, do que tínhamos pescado.*<sup>16</sup>

Relato do naufrágio do lugre *Ilhavense Segundo* no dia 16 de agosto de 1950.

*Gostei mais da pesca à linha, então voltei para o Ilhavense II.*

*No Ilhavense II fiz duas viagens e aconteceu-me um naufrágio na segunda viagem. Foi um naufrágio com incêndio, foi... foram momentos muito amargos... Não houve feridos nenhuns. O incêndio deflagrou mais ou menos por volta das oito horas da manhã, na casa da máquina, navio de madeira. De maneira que foi impossível regular o incêndio, foi um naufrágio rápido. Entretanto foi pedir o SOS cerca das oito e trinta na cabine do capitão que era contígua à casa da máquina. Eu tive de ir buscar o capitão porque já estava uma fumarada terrível e ele já estava um bocado atrapalhado.*

*De maneira que o capitão deu ordem de evacuação, abandonou-se o navio. Entretanto saltámos para os dórís sem ter a certeza do SOS ter sido enviado ou não. As condições metrológicas a piorarem, vento fresco, mas a piorar, ventos de oeste, chuva, e ia piorando cada vez mais. Suportámos na verdade ventos muito fortes na ordem dos 75 nós, mar de vaga, com cachão grosso, e nós nos dórís.*

*Salvo erro eram 7 dórís com quatro tripulantes e 6 dórís com três tripulantes. Eram quarenta e seis homens! Passámos momentos muito amargos e aflitivos.*

*Cerca de 12 horas!*

*Entretanto tivemos momentos muito, muito, muito amargos, indescritíveis mesmo. Ventos fortes para um dorizito, era um homem a cada remo para manter sempre o dorizito aroado e o outro na popa do dóri com balde na mão continuamente a tirar água, pois aquilo é mar dentro, mar fora. De forma que foram de facto momentos muito, muito angustiantes. Por volta das 18 horas sobrevoou-nos um aircraft do Canadá, e aí começámos a acalantar*

8531210437.

14 LOPES, Ana Maria - Tributo a Capitães de Ílhavo. Ílhavo: Câmara Municipal de Ílhavo/ Museu Marítimo de Ílhavo, 2017, ISBN 978-972-8863-39-5, p. 102.

15 Idem, p. 132.

16 AMMI, AMPB, entrevista a João Baptista Bem Pata.

esperança de que algum navio já vinha em nosso auxílio. E como de facto, por volta das 20.30, já praticamente noite, avistámos um projetor a varrer o horizonte, aquela luz lá ao longe, ficamos então esperançadíssimos, todos contentes.

Entretanto o guarda-costa chamado mendota [navio da guarda costeira americana USCGC Mendota] que com precaução foi-se aproximando dos dóris, e então parou a máquina e ficou à deriva do lado do barlavento e estendeu-me as redes no costado do navio com homens especializados a meio da rede para algum que se atralhasse a subir e lhe desse a mão, e tudo correu normalmente. Só o capitão que era uma pessoa de certa idade e pesado é que foi de facto auxiliado por um homem desses especializado.

E depois apareceu-nos o outro guarda costa americano que vinha de fazer uma estação do Cape Farewell e vinha de regresso pra Boston. Então fomos transferidos para o Cook Inlet [USCGC Cook Inlet] debaixo de muito mau tempo, mas já em baleeiras e com homens especializados, com nadadores salvadores e a operação correu também muitíssimo bem. E depois começámos a navegar para Boston. O salvamento correu normalmente, correu tudo bem. Chegámos a Boston salvo erro dois dias ou três dias depois, não posso precisar. Já lá tínhamos o Cônsul. Mas o regresso foi de avião para Portugal.

O cônsul, de imediato... Tem graça que vou contar uma historinha, que ele tinha que fazer os passaportes dos 46 tripulantes e então ele pediu me ajuda, se eu ia ajudar para fazer a papelada para conseguirmos ser repatriados. De maneira que eu fui lá para o consulado com ele, trabalhamos mais ou menos parte de noite a preparar a documentação toda e tudo ficou pronto. Nós vínhamos com as roupas como tínhamos sido salvos é claro, e por agradecimento ele ofereceu um fato, os sapatos, uma camisa, uma gravata e enfim eu vinha ali como lord. Ainda me recordo, deu-me 20 dólares, foi muito simpático...

Chegámos a Lisboa de avião, todos os tripulantes foram pra suas casas e ficaram em Lisboa o capitão, o imediato, o motorista e o contramestre para fazerem o protesto de mar. E sermos ouvidos por... pela polícia marítima.

Na altura era obrigatório sermos ouvidos pela polícia marítima, enfim, para descrever o naufrágio.<sup>17</sup>

Relato do naufrágio do navio-motor João Costa no dia 24 de setembro de 1952.

Em 52 naufraguei no «João Costa», cá da praça da Figueira, já vínhamos carregados para Portugal, 3 dias antes de chegarmos aqui ao Cabo Mondego, à barra da Figueira. Com um curto-circuito que houve a bordo, o navio incendiou-se, tivemos que saltar para os botes e ali andámos 7 dias sem comer e sem beber. Depois fomos salvos por barcos estrangeiros. Eu fui salvo por um chamado «Shell Executive», americano, que era um transporte que ia para a Índia, mas só depois de outros 12 homens terem sido salvos por um outro barco americano. [...]

Foi assim que nos vimos livres de uma morte certa, pois já não podíamos remar, os pulsos estavam cheios de feridas, o 'assento' estava também cheio de feridas, as botas andavam meias de água, de tal modo que quando fomos a tirá-las já cheirava mal e a sola dos pés saiu toda mal tirámos as meias.

Tivemos logo dois médicos de assistência quando chegamos a bordo. Tínhamos febre e só queríamos era beber água. [...]

Vimos todos a morte e como nos salvámos, por isso choro sempre que me lembro disso.

No naufrágio, os do turno do imediato, dizem que comeu um cão. Era o cão do navio, chamava-se 'Mondego'. Foi o que eles disseram, que eu não estava lá para ver. Eu sei o que comi, com outros do meu bote, uma tartaruga. Amanhámo-la e comemo-la crua, que não tínhamos forma de cozinhar. Foi uma miséria! Mas era a fome. Era matar para viver.<sup>18</sup>

Protesto de mar pelo naufrágio do lugre Oliveirense em 1965.

Aos oito dias do mês de Agosto de mil novecentos e sessenta e cinco, encontrando-se o lugre motor Oliveirense, do comando do Capitão Mário Paulo do Bem, e pertencente à Sociedade Nacional

17 Idem, entrevista a António Tomé da Rocha Santos.

18 MANSO, Francisco; CRUZ, Oscar - A Epopeia dos Bacalhaus. Porto: Distri Editora, 1984, pp. 46-48.

dos Armadores da Pesca do Bacalhau, com sede em Lisboa, na faina da pesca no Grande Banco, pescando no Virgin Rocks, na posição de quarenta e seis graus e vinte e nove minutos de latitude Norte e na longitude a Oeste de Greenwich de cinquenta graus e quarenta e sete minutos, sucedeu que pelas dezoito horas e trinta minutos locais, estando apenas chegado a bordo cerca de doze botes, se manifestou na casa da máquina, violento e rápido incêndio, tendo aquela ficado imediatamente em chamas, e toda a parte da popa, camarotes, salão e o camarote do Capitão, completamente inundados de espesso fumo.

Acorreu-se imediatamente ao local do incêndio, para combater-lo supondo-se este ter sido originado por um forte curto circuito na instalação eléctrica, tão violento que interrompeu a corrente eléctrica em todo o navio, desenvolvendo-se rápida e tão intensamente o fogo naquele local, o qual começou logo a ser combatido com os recursos existentes a bordo (extintores), verificando-se, todavia, que todos os esforços empregados neste sentido eram impotentes para debelar o fogo, que se ia alastrando sempre em proporções assustadoras de momento a momento, onde grandes labaredas iam devorando todos aqueles compartimentos e se propagavam a outras partes do navio, impossibilitando a presença humana a bordo.

Considerada tão crítica situação pelo Capitão do navio e principais da equipagem, por se irem vendo perdidas as possibilidades de salvação do navio e ainda por ser impossível utilizar a fonia, que se encontrava instalada no camarote do Capitão, resolveram tomar medidas de salvação, e assim reunidos em conselho, os mesmos, Capitão, oficiais e principais da equipagem e de comum acordo, dar ordem de abandono do navio, aos tripulantes que se encontravam a bordo, para o que arriaram as embarcações miúdas, o que fizeram pelas vinte horas locais, e nelas se dirigiram para bordo do navio motor São Jorge, que se encontrava muito perto.

Ao serem vistos de bordo do navio São Jorge os espessos rolos de fumo e labaredas, dirigiu-se de lancha ao Oliveirense, o Capitão do São Jorge, que constatou em presença dos factos estar o navio irremediavelmente perdido. Momentos escassos após a chegada do Capitão do São Jorge, chegou o Capitão do navio Gazela I, que do mesmo modo verificou a impossibilidade de salvação do Oliveirense. A lancha do São Jorge, trouxe então de bordo do Oliveirense o Capitão deste e seus

principais da equipagem, que ainda permaneciam a bordo, sendo os últimos a abandonar o navio. Foi o navio abandonado com todos os seus haveres, carga, documentação do navio e individual e todos os haveres e pertences pessoais da tripulação. Era constituída a carga do navio por quatro mil quintais de bacalhau, cento e noventa toneladas de sal limpo de Torre Vieja, dez mil quilos de óleo de fígado de bacalhau, dezasseis toneladas de lula fresca canadiana, quatro mil quilos de caras de bacalhau salgadas, oitocentos quilos de línguas de bacalhau, salgadas e quinhentos quilos de samos de bacalhau salgados.<sup>19</sup>

Breve relato dos naufrágios do Capitão João Matias.

Todos os que lá andávamos, tivemos momentos muito difíceis, muito perigosos e de aflições. Não só a bordo, mas com as 'companhas' lá fora a pescar, quando vinham os temporais, de repente,

Tive dois naufrágios na pesca do bacalhau. Um foi no «Novos Mares» e o outro no «Lutador»; eram ambos lugres de pesca à linha, mas já a motor.

Em 1952 naufraguei no «Novos Mares» e em 1963 no «Lutador», em ambos os casos no Virgins Rocks, na Terra Nova, e ambos por incêndio. Havia muitos nos navios, nessa altura. Talvez porque os navios começaram a ser também motorizados, a levar combustível para os botes, e é claro, depois houve descuidos, curto-circuitos... E como os navios de madeira não estavam bem preparados para ter aquelas instalações eléctricas, enfim, davam-se esses casos.<sup>20</sup>

Naufrágio do arrastão João Álvares Fagundes no dia 18 de março de 1965.

A 1ª vez que naufraguei tinha 12 anos. Foi numa lanchita aqui nos mares do Algarve. A segunda foi na costa do Labrador no 'Fagundes', com o capitão Rui da Silva Pereira. Nós andávamos à 'emposta', pois tínhamos visto uma mancha de peixe, íamos de leste para oeste e vimos um navio islandês chamado «Narfi», do sul para norte. Vinha a uma distância de 20 ou 30 metros. O tipo foi tão estúpido

19 Navios e Navegadores. 2010. "Navios bacalhoeiros da frota do Porto (V)". <http://naviosnavegadores.blogspot.com/2010/05/navios-bacalhoeiros-do-porto.html>  
20 MANSO, Francisco, ob cit.

que não parou e começou a apitar para nós. Bem, nós é que parámos! O outro não parou e chegou ao pé da gente e varou o navio mesmo na altura da retrete. Até passou o mastro para estibordo! Havia um homem que estava na casa de banho, era o João Ré. Esse foi desta para melhor. Eu era salgador estava lá em baixo a salgar, e ouvi aquele estrondo.

Enquanto um navio estava dentro do outro a água já era um bocado. Quando largaram um do outro, aquilo deu um 'restolho' de água! [...] Mas quando viemos cá para cima o navio estava valentemente a ir para o fundo e foi em dezasseis minutos. Já estava uma baleeira no mar e uns quantos lá dentro. Queriam jogar a segunda, mas não podiam, ela estava presa. Entretanto lá se conseguiu pôr a segunda baleeira na água, virou-se ao contrário, mas depois lá conseguimos virá-la novamente. A 'boça' ainda estava passada mas a baleeira já estava distante. Eu a ver que ia para o fundo, descalcei-me e joguei-me para o tombadilho da proa. O navio já quase que tinha toda a proa dentro de água e a ré levantada. Um rapaz da Nazaré pôs-se a olhar para mim e a gritava: «Ó sô Tiago, salve-me!» «Salvo-te como? Tu agora é que tens de te salvar. Atira-te para cá.» «Eu tenho medo!» «Ó homem, mas tens medo do quê? Então não tens medo de ir para o fundo com o navio e tens medo de saltar para aqui. Eu saltei e sou velho e tu novo não podes?» «Ah sô Tiago, não posso, tenho medo!» «É pá atira-te para cima de mim, se tens medo de te matares no chão, mata-me a mim!»

Então levantei as mãos para ele e gritei-lhe: «ah Tóino, jogas-te ou não te jogas, olha que a gente vai-se embora.» E o rapaz não se atirou e tive de cortar a 'boça' e desviar. Tanto chorava ele como eu. E o pessoal todo a gritar e a chorar. Mas teve sorte, estava o navio já a ir ao fundo, nem eles sabiam nem deram conta disso, mas do lado de bombordo estavam duas baleeiras, uma baleeira de um navio espanhol chamado «Brisa» e outra de um navio francês, que apanharam o resto dos homens. E alguns ficaram em pedra, gelados. A sua sorte é que foram para esses navios estrangeiros. Eles tinham meios de salvação. Tinham umas esfregas especiais que lhes aplicavam. E lá os salvaram.<sup>21</sup>

## Conclusão

Com a recolha dos registos dos navios naufragados entre 1926 e 1974 na pesca do bacalhau abre-se a possibilidade de sustentar narrativas em torno da memória dos acontecimentos assentes em dados imparciais. Compreendemos que a memória individual e os discursos que surgem a partir da mesma possam ser, em certos casos, discordantes ou apenas dissonantes em relação ao discurso coletivo. Assim sendo, os dados estatísticos presentes neste trabalho servem como ponto de contacto entre diferentes pontos de vista e base para uma nova narrativa em torno da história trágico-marítima na pesca do bacalhau.

No tocante à questão do número de homens que faleceram em naufrágios na pesca do bacalhau, apenas 55 perderam a vida e, de todos os incidentes aqui apresentados, salvaram-se 3547, o que indubitavelmente demonstra a alta taxa de sobrevivência. Contudo, isto não retira o impacto e a tragédia da perda das vidas destes homens do mar.

Nas visões proeminentes do público sobre os naufrágios pode-se chegar à conclusão de que as duas posições antagónicas, ora fatalista ora otimista, estão marcadas por uma forte carga subjetiva pessoal, o que leva a uma perceção tendenciosa, dependendo mais de uma opinião do que dados empíricos. Para ter-se uma visão esclarecida e de conjunto é necessário um conhecimento quantitativo que nos mostra de forma objetiva os naufrágios ao longo das décadas. A par do âmbito quantitativo é necessário ter presente que estes incidentes, aqui apresentados de forma estatística, representam para quem os viveu episódios aflitivos nas suas vidas. Assim sendo, uma análise qualitativa tem de estar presente para que se tenha uma correta interpretação dos naufrágios dos bacalhoeiros.

21 MANSO, Francisco; CRUZ, Oscar - A Epopeia dos Bacalhaus. Porto: Distri Editora, 1984, pp. 55-56.

## Fontes

<http://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/>

MARQUES, João David Batel - *A Pesca do Bacalhau - História, Gentes e Navios - A História e as Gentes*. Tomo I. Viana do Castelo, 2018. ISBN 978-989-99869-3-0.

MARQUES, João David Batel - *A Pesca do Bacalhau - História, Gentes e Navios - Os Lugres das Pesca à Linha*. Tomo II. Viana do Castelo, 2018. ISBN 978-989-99869-4-7.

MARQUES, João David Batel - *A Pesca do Bacalhau - História, Gentes e Navios - Os Navios-Motor das Pesca à Linha*. Tomo III. Viana do Castelo, 2018. ISBN 978-989-99869-5-4.

MARQUES, João David Batel - *A Pesca do Bacalhau - História, Gentes e Navios - Os Arrastões*. Tomo IV. Viana do Castelo, 2018. ISBN 978-989-99869-6-1.

MANSO, Francisco; CRUZ, Oscar - *A Epopeia dos Bacalhaus*. Porto: Distri Editora, 1984.

LOPES, Ana Maria - *Tributo a Capitães de Ílhavo*. Ílhavo: Câmara Municipal de Ílhavo/ Museu Marítimo de Ílhavo, 2017. ISBN 978-972-8863-39-5.

## Fontes Orais

Arquivo do Museu Marítimo de Ílhavo, de Memórias da Pesca do Bacalhau.

## Bibliografia Citada

GARRIDO, Álvaro - *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores e Autor, 2004. ISBN 978-989-644-111-1.

PATA, Manuel Luís - *A Figueira da Foz e a Pesca do Bacalhau: Acheegas para a sua história: Vol I (das origens a 1933)*. Figueira da Foz: Centro de Estudos do Mar, 1997. ISBN 972-8289-08-1.

IRWIN-ZARECKA, Iwona - *Frames of Remembrance: The Dynamics of Collective Memory*, Nova Iorque: Routledge, 1994. ISBN 978-113-852-374-6.

FREUD, Sigmund (1896) - Carta 52. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996. ISBN 978-853-120-989-5.

## Bibliografia Consultada

*20º Aniversário da Organização Corporativa das Pescas*. Lisboa, 1957.

SILVA, António Duarte - *A Pesca do Bacalhau: Campanha de 1955-56*. Lisboa: Gabinete de Estudos das Pescas, 1957.

FERREIRA, Raul César - *Deveres do Capitão de um Navio Mercante em Caso de Avarias: Procedimento no caso de avarias em geral: Constatação das avarias: - O desembarço do navio: Procedimentos especiais, em certos casos de avarias*. Lisboa: Papelaria, Livraria e Tipografia Fernandes & Cª, Lda, 1931.

*Doze anos de assistência a pescadores*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa, 1949.

PERALTA, Elsa - *A Memória do Mar: - Património, Tradição e (Re) imaginação Identitária na Contemporaneidade*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Universidade Técnica de Lisboa, 2008. ISBN 978-989-646-002-0.

GARRIDO, Álvaro - *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2004. ISBN 978-989-644-111-1.

PATA, Manuel Luís - *A Figueira da Foz e a Pesca do Bacalhau: Acheegas para a sua história: Vol II (de 1934 a 1953)*. Figueira da Foz: Centro de Estudos do Mar, 2000. ISBN 972-965-237-6

PATA, Manuel Luís - *A Figueira da Foz e a Pesca do Bacalhau: Acheegas para a sua história: Vol III (de 1954 a 1977)*. Figueira da Foz: Centro de Estudos do Mar, 2003. ISBN 972-902-532-0.

# **A vocação marinheira e a paixão pela Ria de Aveiro**

Catarina Dias\*

## **em Cândido Teles**

\*Conservadora do Museu Marítimo de Ílhavo

No primeiro dia do mês de janeiro de 1921 nascia em Ílhavo Cândido Teles (1921-1999), filho e neto de artistas<sup>1</sup>, e o mais insigne intérprete da Ria de Aveiro e da sua luz. Pintor desde sempre, habitou, no início de vida, entre Ílhavo e a Costa Nova e, talvez por isso, o apelo da Ria sempre esteve presente ao longo do seu percurso de artista. Nos tempos de juventude enveredou pela técnica da aguarela, influenciado por Alberto Souza e Manuel Tavares, frequentadores assíduos da Costa Nova, para mais tarde, por influência de José Joaquim Ramos e Eduarda Lapa optar, em definitivo, pela temática marinheira e pela pintura a óleo.

Elogiado por alguns como *Turner da Ria de Aveiro*<sup>2</sup>, interpreta-a na sua verdadeira essência em todos os períodos lumínicos e até de noite a captou em todo o seu esplendor. O conjunto de pinturas a óleo, que ora apresentamos, espelham a primeira fase pictórica do artista Ilhavense<sup>3</sup>: trabalhos pequenos que se julgam ter servido de estudo para outros e nos quais se reflete a herança estética de Fausto Sampaio<sup>4</sup>, visível, sobretudo, na abordagem feita à luz atmosférica.

Assente na corrente pós-naturalista, perpetuada até ao início do Estado Novo, estas pinturas serão a confirmação dum gosto ar-livrista conotado com a “[...] prestigiada prática do paisagismo, praticado ao ar livre, em confronto com a variabilidade lumínica da Natureza e as suas sugestões compositivas.[...]”<sup>5</sup>. Os pintores

precursores do *naturalismo português* – fundado em 1879 – e sobretudo aqueles pertencentes ao *Grupo do Leão*<sup>6</sup> que, apesar do surgimento de outras correntes artísticas. Assim, fixaram nas suas pinturas a caracterização dum Portugal castiço e ruralista que contrariava e ignorava as ruturas que o modernismo português produziria no campo das artes e das letras e que fazia jus ao ideal salazarista “[...] de uma Nação rural, rica em folclore, *cultura popular* e tipicidade, celebrando o homem camponês ou pescador, devoto, de costumes simples.[...]”<sup>7</sup>.

Percursor do naturalismo tardio, as pinturas da primeira fase pictórica do artista Ilhavense poderiam ser agrupadas em três grandes temáticas - a das *marinhas*, através da representação da ria e do mar, a dos *barcos de mar* e a dos *moliceiros* (transversal na obra pictórica de Cândido Teles) – e aglutinadas em dois grandes “universos paisagísticos”: a ria e o mar.

Marinheira devota, Cândido Teles prescinde da representação das praias, temática muito em voga na transição do século XIX para o século XX em pintores nacionais e internacionais, e opta pela abordagem das fainas piscatórias.<sup>8</sup>

Os locais em que se desenrolam estas ações são pautados pela representação de barcos de mar e de moliceiros acompanhados pelos respectivos aprestos; mas também são visíveis pequenos casarios e palheiros de madeira que decoram a paisagem e que, momentaneamente, nos desviam o olhar para cenas do quotidiano das gentes ribeirinhas. As figuras humanas são pouco abordadas e, quando o são, assemelham-se a esboços que apenas pontuam a composição e que “[...] aparecem

---

1 Filho de Amadeu Teles pintor, cenógrafo e decorador trabalhou na Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre; o avô José Patoilo foi ceramista e trabalhou com Rafael Bordalo Pinheiro, nas Caldas da Rainha, posteriormente, regressou às origens para trabalhar na Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre onde, para além de ceramista, foi entalhador e escultor.

2 CALHEIROS, Pedro, *Dos Baús de Cândido Teles*, Câmara Municipal de Ílhavo, Ílhavo, págs. 31 a 33.

3 O conjunto doado ao Museu Marítimo de Ílhavo, em 2018, é composto por 121 trabalhos produzidos entre numa primeira fase entre 1937 e 1959 e os restantes na década de oitenta do século XX.

4 Fausto Sampaio (1893-1956), pintor anadiense, foi aluno de algumas Academias Parisienses e expôs nos *Salons* de 1928 e 1929. Aquando do regresso a Portugal, em 1929, é bem aceite pela crítica que apesar de estar conotada com a estética naturalista lhe reconhece os rasgos criativos do impressionismo francês e, em que muitos lhe reconhecem o epíteto de *Pintor do Império*.

5 PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte Portuguesa*, vol. III, Círculo de Leitores, Lisboa, 1995, pág. 334.

---

6 O Grupo do Leão era composto por um grupo de intelectuais e artistas que, em finais do século XIX, se reuniam na antiga Cervejaria Leão de Ouro, em Lisboa, para aí organizarem exposições de pintura. Deste grupo faziam parte Silva Porto, António Ramalho, João Vaz, Henrique Pinto, Ribeiro Cristino, Cipriano Martins, José Malhoa, Moura Girão, Rodrigues Vieira e Columbano. O grupo ficou imortalizado na pintura a óleo *O Grupo do Leão*, da autoria de Columbano Bordalo Pinheiro, em 1885.

7 SARMENTO, Clara, *Cultura popular portuguesa – prática, discursos e representações*, Porto, Edições Afrontamento, 2008, pág. 295 (itálicos da autora).

8 Cfr. TELES, Cândido e ROCHA, Josefina (coord.), *O que perdi de mim mesmo...Cândido Teles, 60 anos de pintura*, Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1999, pág. 22.

Fig. 1 - Vista para o forte – Costa Nova do Prado, 1939

diluídos na paisagem, na cena de género, mais como figurantes do que como protagonistas, esbatidos, sem rosto e sem atributos, em segundos planos ou em planos distantes.[...]”<sup>9</sup>. A intenção do pintor foi captar e centrar a atenção do espectador na fruição da beleza da Ria e do moliceiro mas, também, dos palheiros e das embarcações da xávega.

Dos primeiros trabalhos do artista ilhavense constam duas pinturas a óleo executadas em 1937, nomeadamente, *Companhas* e *Moliceiros* nas quais é evidente o gosto pela temática marítima onde as pinceladas rápidas e sobrepostas vão evoluindo para composições apuradas e de desenho definido como serão as primeiras pinturas a óleo de 1939. A ria, a praia da Costa Nova, os barcos da arte xávega e as marinhas surgem esplendorosas aos olhos do pintor que as retrata suavemente fazendo sobressair da paleta cromática os tons de azul em contraste com tonalidades mais quentes, quase aquareladas, por se apresentarem repletas de transparências.

Nesse ano, Cândido Teles expõe pela primeira vez na Costa Nova – 1ª *Exposição Individual, Praia da Costa Nova (1939)* - apresentando a pintura a óleo *Vista para o forte – Costa Nova do Prado*. Nesta obra, seguindo os ensinamentos de Fausto Sampaio, recupera os preceitos da pintura *ar-livrista* para captar as transparências e luminosidades da ria por onde deambulam os moliceiros e na qual a gama de azuis confere uma perfeita união entre o céu e ria.



9 CALHEIROS, Pedro, *Ibidem*, pág. 20.

Fig. 2 - Nevoeiro na Ria, 1939

O mote estava encontrado e Cândido Teles descreveria na tela a beleza de todo e qualquer recanto da Ria de Aveiro utilizando, para isso, gamas cromáticas suaves em diálogo com jogos de luz quase como se dum sonho se tratasse ou no dizer de Raúl Brandão “[...] onde a terra e a ria se confundem.[...] Onde acaba a água e começa a terra? [...]”<sup>10</sup>.

Deste período fazem parte os primeiros estudos para a representação das brumas e nevoeiros da ria. À semelhança dos trabalhos do mestre de pintura Fausto Sampaio, exímio neste tipo de representação, também Cândido Teles vai apurando a sua técnica através da interpretação dos jogos de luz lagunar que permitem ambientes misteriosos em que, muitas vezes, se vislumbram apenas partes de embarcações e de paisagens.



As pinturas produzidas entre 1937 e 1939 revelam um aprimorado tratamento pictórico, onde abundam as representações da Costa Nova e da ria, apesar da incipiente idade do pintor ilhavense. A transparência da paleta cromática sobressai em algumas das composições nas quais também se observam os primeiros ensaios para o espatulado, que mais tarde se tornará evidente no tratamento pictórico, como é evidente na pintura *Barcos moliceiros* (1939). Nestes anos, imperam os tons pastel que, pontualmente, contrastam com outros mais fortes como é notório no tratamento

10 BRANDÃO, Raúl, *Os Pescadores*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1973, pág. 63.

dado às pinturas a óleo sobre tela *Norte da Costa Nova*, *Costa Nova – Palheiros do Sul* e *Trecho da Ria* (todas de 1939), nas quais as paisagens são pontuadas por tonalidades mais vibrantes.

Para além do estuário, Cândido Teles retrata, também, as espécies autóctones que nascem em zonas de sapais ou prados marítimos, nomeadamente, o junco-das-esteiras, a morraça e o sirgo, que juntamente com outras plantas aquáticas constituem o moliço. Ainda que a representação do moliço não fosse comum, nos primeiros trabalhos, podemos observar na pintura a óleo *Barcos da Ria* (1939) a primeira abordagem à sua representação, numa técnica a óleo muito próxima duma textura aguarelada por conseguir transpor para a tela, em transparências, a representação do fundo da ria. A profusão de moliceiros e bateiras da Ria de Aveiro é notória e reveladora da importância económica que a atividade tinha na altura, visto que, este moliço era empregue pelos agricultores da região para fertilizar os terrenos.

Casarios e palheiros são representados tendo por inspiração a Malhada, Ílhavo, ou a Costa Nova do Prado. Em pinturas como *Companhas da Costa Nova*, *Malhada – Ílhavo* ou *Lomba – Costa Nova* (executadas em 1939) verifica-se o adensar do colorido e a escolha por tonalidades ocre em contraste com o azul da ria e do céu.

Estudante da Universidade de Coimbra<sup>11</sup>, onde inicia os estudos em 1940 para ingressar na Escola do Exército<sup>12</sup>, renovará o discurso estilístico, no qual, a salicultura e a representação das marinhas assumem outra importância passando a constar do universo artístico do pintor Ilhavense. A extração de sal, importante atividade económica da região de Aveiro, é retratada pelo artista, inicialmente, de forma geometrizarante, como acontece na pintura *Salinas* (1939), para aos poucos se verificarem alterações na forma como a paisagem e figura humana são retratadas<sup>13</sup>. A evolução técnica do artista vai apurando e descobrindo texturas, pelo que, as pinceladas abertas e longas coabitam, a partir desta década, com óleos a espátula mais texturizados, como é o caso da pintura *Ria do Norte* (1942) ou *Moliceiros* (1941). Cromaticamente, verifica-se a tentativa de alteração da paleta, pelo que, surgem tonalidades fortes e indiciadoras duma “[...] busca de liberdade de expressão [...]”<sup>14</sup>, conceptualizada na pintura a óleo *Velas* (1942). Esta surge, fraturante, na interpretação da ria e da luminosidade nela existente. Os reflexos são diversos considerando que uns são resultantes dum pôr do sol, mais intenso, e outros aparecem espelhados na ria criando a ilusão do prolongamento das velas dos moliceiros e das sombras das embarcações projetadas na água. As proas dos moliceiros passam a ser definidas, ainda que ausentes de decoração, o que se verificará no final dos anos 40.



A década de quarenta, do século XX, irá conferir aos trabalhos de Cândido Teles uma nova abordagem na qual imperou a utilização de cores vibrantes e renovada postura, relativamente à representação da figura humana.

11 Curiosamente, Cândido Teles abordará na tela os tempos universitários conforme é visível na pintura a óleo *Coimbra* (Título atribuído), 1942.

12 Cândido Teles fará, enquanto Oficial do Exército português, várias comissões de serviço que o levarão às Ilhas da Madeira e de São Miguel, nos Açores, e posteriormente a Angola e Moçambique.

13 Observem-se as pinturas *Marinhas de sal* (1940) e *Esteiro de Ílhavo* (1942).

14 CALHEIROS, Pedro, ob. cit., pág. 27.

Fig. 4 - Velas, 1942



Cândido Teles, pintor de céus luminosos e águas transparentes revela-se hábil na técnica da pintura a óleo explorando-a quase como se de aguarela se tratasse, talvez pelo contacto que manteve com Alberto Souza e Manuel Tavares<sup>15</sup>.

Por volta de 1945, o pintor Ilhavense encontra-se destacado na Ilha de São Miguel, nos Açores, como oficial do Exército, mas nem a distância geográfica o afastam da sua Ria de Aveiro.

Observa-se, neste período, a explosão da paleta cromática que, temporariamente, deixa os tons pastel e opta pelas tonalidades luminosas, vibrantes e coloridas. Por entre pinceladas de vermelho, verde, amarelo e azul, a contrastar com os brancos luminosos das velas, as pinturas de Cândido Teles surgem, aos olhos do espetador, mais reais do que nunca e das quais são exemplo *Moliceiros* (1945) e *Barcos de Mar* (1945). Estas composições assemelham-se, em termos estilísticos, às produzidas por Adriano de Sousa-Lopes

15 Exímios aguarelistas portugueses adeptos da temática marinheira, à semelhança de Alfredo Roque Gameiro, interpretaram as zonas ribeirinhas e as atividades piscatórias aí desenvolvidas.

Fig. 5 - Moliceiros, 1945

(1879-1944) na década de 20, do século XX, no que respeita à transposição para a tela do colorido das embarcações e das gentes ribeirinhas<sup>16</sup>.



Em Cândido Teles estas pinturas acrescentam ao discurso pictórico, para além das novidades cromáticas, a representação menos diluída da figura humana que nos aparece definida nos traços anatómicos. As embarcações e os aprestos – ancinhos, varas, redes e remos – no seu *habitat* natural, que são a praia ou a ria, são interpretadas com cores vibrantes que fazem jus à diversidade cromática do barco moliceiro e do barco do mar.

A produção pictórica até o final da década será profícua na reprodução de *clichés* à beira-ria ou beira-mar, nos quais moliceiros, bateiras, palheiros e representações entre o céu e a água serão a sugestão para diversas e coloridas interpretações<sup>17</sup>.

Permitimo-nos destacar duas pinturas a óleo que nos parecem singulares, pelo tema e pela interpretação, em particular, nas telas *Fábrica da Vista Alegre* (1946) e *Palheiro de José Estevão – Costa Nova* (1947), que assumem contornos de *postal ilustrado*. Com frequência Cândido Teles fez a representação do Rio Boco, com particular pormenor, mas é provavelmente com alguma afetividade, que retrata a Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre, vista a partir da

16 A título de exemplo vejam-se as pinturas a óleo *Velas na luz* (1927), *Descarga do barco* (1927) e *Moliceiros ao sol* (1927) da autoria de Adriano de Sousa-Lopes.

17 As *Exposições Individuais* em que participa serão profícuas, entre 1946 e 1948, nomeadamente, as realizadas em Coimbra, Porto e Aveiro.

Gafanha de Aquém: dali são visíveis a fábrica, a Capela da Nossa Senhora da Penha de França e o Palácio<sup>18</sup>.

A outra pintura a óleo, reveladora do palheiro de José Estêvão<sup>19</sup>, traz-nos novamente uma paleta cromática quente e de tonalidades acastanhadas que contrastam com outras mais claras, nas quais é representada a vegetação autóctone das dunas.

Cândido Teles partirá, em 1950, para Moçambique, o que influenciará, seguramente, as alterações cromáticas visíveis na abordagem das composições deste período. Afastado da metrópole e do seu torrão natal, o pintor ilhavense, continuará a representar a Ria e a sua envolvência torna-se mais evidente. Proas, rés e velas de moliceiros, bateiras envoltas pela paisagem lagunar ou marinhas e palheiros junto às pirâmides de sal continuam a ser as suas inspirações representadas com cariz, cada vez mais "modernista", ainda que tardio.

Longe das alterações artísticas que o fim da II Guerra Mundial trariam ao panorama nacional e que pela interpretação de Júlio Pomar e de Júlio Resende transporiam para a tela a representação dos temas proletários no contexto do neo-realismo, Cândido Teles prossegue na representação do quotidiano da Ria de Aveiro. Será no final da década de 50 do séc. XX que surgem as abordagens noturnas da ria, trabalhos cingidos de uma atmosfera misteriosa nos quais persiste a representação do barco moliceiro. Esse mesmo barco que nos apareceu, em todas as outras representações, como símbolo identitário e cultural desta região, caracterizado pelos painéis de proa e de ré profusamente decorados com dizeres jocosos (que o Estado Novo tentou "aligeirar") surgia agora negro e dele sobressaía apenas a alvura da vela.

Os noturnos são representados por Cândido Teles ainda durante a permanência em África e, ainda que não se assemelhem em termos de tratamento cromático, são aproximadas estilisticamente na forma como são abordadas as representações da figura humana e das paisagens envolventes.



O espatulado acentuado cria a volumetria da representação e marca zonas diferenciadas nas quais identificamos as embarcações e a paisagem que as circunda. A projeção e diluição dos reflexos das velas na água da ria produzem uma estilização e alongamento das figuras representadas nas quais, pontualmente, sobressaem vultos quase fantasmagóricos.

Comum nestas representações são as tonalidades de branco e vermelho que marcam visualmente a verticalidade das velas, o colorido das proas e, em algumas destas pinturas, a representação da figura humana.

As pinturas que apresentámos constituem parte da vastíssima produção artística de Cândido Teles e constituem a primeira fase pictórica deste artista ilhavense. A caracterização estilística destas pinturas é indissociável da interpretação da política cultural do Estado Novo, na qual, o Secretariado Nacional de Propaganda teve um papel preponderante na caracterização dos *portuguesismos* que as manifestações artísticas nacionais viriam a revelar (e que se reuniriam, anos mais tarde, na *Exposição do Mundo Português*, em 1940) e nas quais se verificava a persistência do naturalismo tardio através da interpretação da natureza e da paisagem rural. Este tardio-naturalismo perduraria até meados da década de quarenta do século XX e contrariava as primeiras influências modernistas na arte portuguesa.

Em Cândido Teles a ria e o mar serão constantes na representação pictórica, bem como o registo dos casarios, das gentes e das embarcações. Estas

<sup>18</sup> Tanto o avô paterno como o pai foram antigos colaboradores nesta fábrica de porcelana.

<sup>19</sup> Ilustre aveirense, José Estêvão (1809-1862), foi um notável jornalista, político e orador parlamentar português.

temáticas eram também reveladoras da importância económica que algumas destas atividades desempenhavam: a recolha do moliço, a pesca e a salicultura eram importantes para o desenvolvimento do território e espelhavam a ruralidade das gentes ribeirinhas.

O percurso artístico de Cândido Teles cruza-se com o seu percurso de vida, enquanto militar de carreira, e percorre locais tão díspares como Coimbra, Açores, Angola ou Moçambique para, em 1977, regressar definitivamente a Ílhavo, terra que, verdadeiramente, nunca deixou. Pintor de marinha, Cândido Teles, soube perpetuar a beleza da ria e do mar.

## Bibliografia

BRANDÃO, Raúl, Os pescadores, Lisboa, Círculo de Leitores, 1973.

CALHEIROS, Pedro, Dos Baús de Cândido Teles, Câmara Municipal de Ílhavo, 2000.

PEREIRA, Paulo (dir.), História da Arte Portuguesa, vol. III, Círculo de Leitores, Lisboa, 1995.

SARMENTO, Clara, Cultura popular portuguesa – prática, discursos e representações, Porto, Edições Afrontamento, 2008.

TELES, Cândido e ROCHA, Josefina (coord.), O que perdi de mim mesmo...Cândido Teles, 60 anos de pintura, Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1999.

**EXPERIÊNCIA MUSEOLÓGICA**

**INTERNACIONAL**

# Museum NORD

Museum Nord

## INTRODUCTION

In 2018 Museum Nord took the initiative to invite cultural institutions around the table to investigate and discuss the historical trade of salted and dried Atlantic cod fish = "skrei" throughout Europe. We approached the staff at Museu Marítimo de Ílhavo who were interested in joining the Creative Europe funded project SKREI Convention. On our journey through this project we learned a lot from each other – from historical drying techniques to running an aquarium for the Atlantic cod. Maybe the most learning came from visiting each other and understanding first-hand how skrei had travelled, how it had been processed and how it is eaten. Comparing one's own perspective with that of others gave us a rich exchange. We hope that the reader of this article will understand what is said here in a similar way – as an invitation to delve into the "How" and the "Why" of running a Museum that consists of 21 museums in Northern Norway – and to compare this with their own experience and perspective.

## MUSEUM NORD

Museum Nord is a museum for the cultural and natural history of three regions of Northern Norway. Today around 82.000 people live in our three regions of Lofoten, Vesterålen and Ofoten (Index Nordland 2020). Parts of our history and heritage are of national and international importance - due to the abundance of fish and marine resources from the sea and the valuable minerals that can be found in the mountains.

The area consists mainly of sparsely populated beautiful landscapes with alpine mountain ranges that drop right into the sea. This is a coastal area with fjords, straits and a number of larger inhabited islands. There are many small towns and villages throughout the islands of Lofoten and Vesterålen. The population lives on the narrow part of farmable land between the sea and the mountains. The marine resources are very rich, and agriculture is possible. This is mainly focused on meat production as we are close to the northern boundary for growing barley. Making a living here before modern times was dependent on combining what the sea and the land could provide during the different seasons of the year.

But while the land just provided basic needs locally, the marine resources provided a large surplus. This initiated the development of trading over 1000 years ago.

## OUR VISION

We aim at presenting a diverse story in the north - which surprises, engages and amazes. The focus of our collections care, research and dissemination are within these central themes:

- Fisheries, coastal culture and marine resources
- Viking Age
- Mining and railway
- Shipping, trade and maritime infrastructure
- Social development

We have an ideology of bringing the past and present together. Museum Nord wants to be relevant for our society both locally, nationally and internationally. We always try to show the relevance of our history in the present. History should be the guiding light when we create the roadmap for our future.

Because of the international tourism in our area we are also focusing on making our stories relevant for the international visitor. There is always a meta story, or something that can be drawn out and made universal as an example to learn from, - no matter where you come from.

Our main aim as a museum is to research and present our reflections around how the people lived here through centuries and millennia. How the natural resources of the sea and the land were used, and how this aided the development of technology and society. The national and international connections with other people and cultures has always been strong. Building relationships was essential to create a safe, prosperous and sustainable way of life in our area.

The local communities are still living close to nature and we try to keep the sustainable way of life that we have inherited from our ancestors. The modern fishing industry has the power and technology to empty the sea for the fish that provides our income. We know that our society can easily ruin the ecological systems in the oceans

## 1. A map of our region and our museums

for the future, but the thinking here is different. It is more important than ever to inform the coming generations of how the close relationship between nature and humans can be sustainable for everyone involved. The hope of the future lies in gaining a better understanding of the natural needs, and basing decisions that are made in a constructive dialogue between the industry, the marine scientists and the politicians. After all, we are all just guests here for our lifetime on planet Earth - the important thing is what choices we make, and what we do while we are here.

For us as a museum it is important to raise the right questions to start a fruitful dialogue - rather than providing the correct answers. Sometimes provoking to start reflection can be the most important thing we can do.

## ORGANIZATION

Museum Nord is a non-profit organisation that was established in 2002 after a national process of consolidating the museum sector of Norway. We receive funding from the local municipality, the region and from national government sources. We receive annual core funding for running the museum, as well as project-based investment funding.

We have high visitor numbers because our area attracts a large number of tourists. Most of our museums display exhibitions that disseminate the stories of the local people with a view to provide comparative storylines for our many international visitors. We have annually around 240.000 paying visitors, which is the highest number of any of the museums within Northern Norway. As a result, we are able to generate over 50% of our annual income in ticket sales, surplus from shops and restaurants and activity-based tourist experiences in the museums.

## MARINE RESOURCES, FISHERIES, TRADE AND COASTAL CULTURE

The North Norwegian coastline is rich in fish resources, but our regions, Lofoten and Vesterålen, have a unique position. They are the main spawning grounds for the northeast-arctic cod.

Every winter millions of this codfish migrate from the polar areas of the Barents Sea down along the coast of Northern Norway for the purpose of spawning. This northeast-arctic cod lives pelagic at a depth down to 200m and is the largest stock of the northeast atlantic cod (*Gadus Morhua L.*). Norwegian literature earlier used the name arcto-norwegian cod, but this has changed in the later years to a more neutral name, - as these cod fisheries are very important economically both for Russia and Norway and the management of these marine resources needs to be handled in cooperation between the two countries (Kolte, Nils 2014).

The areas along the southeastern border of the Lofoten archipelago in Northern Norway have been known since the ninth century (Egil's

We have larger and smaller museums on 21 different locations, and 18 of the locations are staffed all year round. Some are smaller local/regional museums, others are national in ambitions and scale. There is also a difference in time when these museums were established, the oldest ones in the 1930's and the youngest ones in the 1990's.

[www.museumnord.no](http://www.museumnord.no)



Saga) as the major spawning fishery location of skrei, the Old Norse term for arcto-norwegian cod. Skrei means "the wanderer", derived from the belief that the fish migrates from far away (i.e. the Barents Sea) to spawn along the Norwegian coast (Sundby, S., and Nakken, O. 2008).

The term was used to distinguish these migrating fish from the local coastal populations of cod. The skrei have a different appearance from coastal cod in colour, shape, otolith structure, and age at maturation. During the 1990's research finally established that there is a genetic difference between the Skrei and the coastal codfish (Rollefsen, 1933; Godø, 1984a; Kolle Nils, 2014).

Throughout Norwegian history this was the most important fishery along the coast. It attracted fishermen from the whole coast of Norway to row and sail their open fishing boats to reach these spawning grounds where skrei could be caught from the beginning of February to the end of April every year. The Lofoten archipelago has always been the most important area to catch the fish. In the 1930-1940 there were around 30.000 fishermen here working off-shore, catching the cod and hanging it on racks to dry (Kolle, Nils 2014).

Because this spawning happens in the winter (January – March) the cold conditions around zero degrees (air temperature) are perfect to hang the whole fish to dry without any other form of conservation. The fish was only gutted, and the head was removed before hanging it. The fish could be dried without freezing, which gives it the best quality and terroir. If the fish froze before it dried, the fibres in the fish meat would break, resulting in a poor quality product. The low temperature also avoided insects infestations or other processes such as fermenting to damage the meat before the drying process was complete.

Still today the people that work in this industry consider the time of the season and the local weather conditions very carefully to find the correct time to hang the cod. It should not be too cold, and it should not be too rainy to secure a fast and good drying process the first weeks. The outermost islands of Lofoten, such as Røst, has a unique micro-climate with milder winters and cooler springs. This has a longer possible drying season for making a stockfish (dry cod) of top quality. That is why Røst has developed to become the most important area for stockfish producing today.

From the time exports started, around 1100 AD, it was very important that food could be stored for a long time during transport and still keep a high quality. It would take many months to reach the European market. In the first centuries the exports went to Holland, England and Germany. In later centuries Italy became our first market, where *stoccafisso* became very popular.

In areas further south on the coast of Møre the conditions were different, and they cut the fish open and salted it to preserve it in the same high

The winter fisheries after Skrei in Lofoten has for more than a thousand years been something that the entire population along the coastline of Norway knew the meaning and significance of. Tens of thousands of fishermen made their journey to the Lofoten islands from both south and north to take part in these 3-4 months fisheries.



quality. This method had probably been introduced to Norwegians from the Portuguese and Spanish fishing off the coast of Newfoundland already in the 16<sup>th</sup> century. These ideas came to this area of Norway in 1690-1740 from Holland and Scotland who again had learned it from the Portuguese.

The Møre coast of Norway made an industry of this clip fish that was also exported specially to Portugal and Spain that made the *bacalhau/bacalao* from this fish.

In our area these conservation methods could not compete with the dried cod in terms of cost efficiency until the 1960's. At this time salting and freezing became much more common, and the production of clip fish also started in our areas of Northern Norway. So, in recent times there has also been clip fish exports from our area to Portugal.

The archaeological record of fishing this migrating cod along the coastline of northern Norway goes far back to the stone age. Already in the Icelandic sagas there is written records on exports of stockfish from the Lofoten islands to England around 900AD. From the period around 1100AD–1600AD this was Norway's most important export product.

From the beginning of the 10<sup>th</sup> century, the commercial stockfish trade has been the single most important income for the Norwegian economy for more than 500 years.

### **SKREI – THE NATIONAL HERITAGE CENTER OF THE ARCTIC COD FISHERIES**

In an ancient harbour area called Storvågan in the town of Kabelvåg there is today the Lofoten Aquarium, the Espolin Johnson Art Gallery and the Lofoten Museum. These three museums are situated very close to the ancient medieval town of Vågar, which is the cradle of the international stockfish trade. It's the only town in Northern Norway established as early as the 12<sup>th</sup> century, and the reason for this town to emerge is the growing interest from the church and the king in the stockfish trade. The Lofoten skrei was the only fish that the church and crown were taxing at this time.

Today you can experience both the small fishermen cabins and the fishtraders mansion from the 19<sup>th</sup> century at the Lofoten Museum. You can also see the different species of fish from northern Norway alive in the aquarium, and experience the art of Espolin Johnson which depicts the everyday life and work of the fishermen and their families.

In the past years Museum Nord has been drawing up plans for the investment of a new national centre for the research, collection care and the dissemination of the past, present and future of the skrei fisheries. The key to a sustainable future is a delicate balance between an understanding of how the fish stocks develop and thrive in their natural marine ecosystem and governmental regulations on annual fishing quotas. On this area of management there is a continuous debate between researchers, politicians and the fishing industry.



The new centre, called "The Otholite", after the earpiece of the fish that holds its knowledge, will be the hub and focal attraction before the visitor is branching out to see the aquarium, the art gallery and today's museum. The main knowledge will be accessible through the new exhibitions, while the surrounding sites will offer an "in-depth" experience into the life of arctic cod, the historical place of Vågar (AR – experience), the 19<sup>th</sup> century fishtraders and fisherman's buildings, and the thematic experience through Johnsen's art. Today's museum will be developed and changed into a living museum during this process.



The name of the new center is inspired from the balance organ inside the head of the codfish. This little bone grows every year though the life cycle of the fish, and like the rings of the tree- stem it can read out interesting information. It can for example tell us the age of the fish, where the fish have lived, the diet and even the changes in temperature in the waters it has lived in.



In the 12<sup>th</sup>-13<sup>th</sup> centuries the markets were mainly England, Netherlands, Germany and the Baltic countries. Later, from the 14<sup>th</sup>-15<sup>th</sup> century the south European markets opened and became increasingly important (specially the Italian market, but also Spain and Portugal). In the late 1800s and until today most of our stockfish traders have learned to speak Italian because in the last centuries this has been our first and most important market. And with the stockfish trade comes a mutual understanding and a cultural exchange. Today Nordland County is for example partnered with the Veneto Region in Italy, resulting in mutual visits and the creation of cultural events such as the Querini Opera created on Røst.

There are other museums in our portfolio that complement the story of the Lofoten fisheries in different ways, such as the Fishing Village Museum at Å, the Museum at Bø in Vesterålen or the Historic Farm at Skaftnes.

In our neighbouring region Bodø a new museum for the Norwegian jekt trade was opened recently. It tells the story about the transport and trading of the stockfish from around 1500-1800 AD. Jekt was the name of the type of cargo sailing ship that brought the stockfish from our area to marketplaces mainly in Bergen. From there the stockfish continued its journey with foreign traders who arrived from central Europe with their own ships. The Hanseatic League in Bergen held a monopoly on this trade between Norway and the rest of Europe for centuries.

## MARITIME COMMUNICATION AND INFRASTRUCTURE

A straight line along Norway's sea borders (the coastal perimeter) is 2,650 kilometres (1,650mi) long. The coastline consists of a huge number of fjords, islands and skerries. This results in a low-resolution coastline of over 25,000 kilometres (16,000mi). There are only a few shorter or longer stretches where the mainland is exposed to the open sea along the coast. Much of Norway's wealth is linked to its long coastline; for example, the petroleum industry, maritime transport, fishing and fish farming.

Maritime communication has always been of vital importance. Even the name of our country refers to "the north-way", hence the travel route itself has given name to the country. Making a living from the land and the marine resources,

6. The hurtigruten ship "Finnmarken" (1956) installed on land at the museum in Stokmarknes

and establishing and securing trade connections and communications to an outside market has been a major part of our life and culture for at least 2000 years according the archaeological and historical records.

In the Viking Age the regional chieftains controlled the trade, and they sent men both fishing and hunting marine mammals and also shipped the products out. They traded/taxed the Saami population and their fur products was of high value in the European market. The written sources tell of transports of furs, walrus tusks, skins and fish exported to UK. One saga specifically mentions stockfish brought from Lofoten to England.

This ship trade developed rapidly from the 1100 AD with the coastal smaller trading ships taking the cargo to Bergen. Trading in Bergen with the Hanseatic league, and then returning home with necessary winter supplies, tools and materials for new fishing equipment. Also, small decorative things and clothes and shoe fashion came up from Europe along the coast of Norway much faster than the interior parts of Scandinavia.

### **HURTIGRUTEN - THE NATIONAL COASTAL EXPRESS ROUTE**

In 1893 The national coastal express route along the coast of Norway was established. The first years from Trondheim to Hammerfest. It extended southwards to Bergen already in 1898, and northwards to Kirkenes in 1908. It was called "Hurtigruten" because the trip from Bergen to Kirkenes only took 7 days.

More importantly, the route was made in a way that one northbound and one southbound ship was docking every day in the 34 ports on the route. In the same way that mainland Europe was connected with railroads, the coastline of Norway was connected with this route of ships that held cargo, post and passengers.

This could only be achieved by sailing day and night. There were only 13 lighthouses on the route when it started, so it required the best captains, pilots and crew of the country to navigate the route every day through the year in all kinds of weather.

The Norwegian government and *Vesteraalske Dampskipsselskap* (Vesterålen Steamship Company) initiated this development. After a few years two more steamship companies from Bergen and Trondheim also joined the cooperation of keeping the route running.

This was a vital infrastructure for the development of Northern Norway during the last century, and it paved the way for the creation of our modern society. Hurtigruten has always been regarded as the "lifeline" of our coastal nation.



### **HURTIGRUTEMUSEET – THE NATIONAL MUSEUM OF COASTAL COMMUNICATION**

One of Museum Nord's larger museums is Norsk Hurtigrutemuseum (Norwegian Coastal Express Museum) which is located in Stokmarknes (Vesterålen). The steamship company "Vesteraalske Dampskipsselskap" was located in this town and many of the pioneers came from the area of Vesterålen and Lofoten.

The idea of making a museum for this coastal express route came already in the 1980's. It opened to the public on the 2<sup>nd</sup> July 1993 launched by the minister of transport Kjell Opseth. A major step in the development of the museum was the decision to put one of the old ships on land. This became a reality on the 16<sup>th</sup> June 1999, when the ship m/s Finnmarken (1956) was lifted on land in Stokmarknes.

Much of the focus and efforts of the museum since has gone into trying to finance a protective building that will permanently protect and preserve the ship. The solution came with the consolidation of this museum into Museum Nord in 2014. Together with the local municipality and the county council the government was convinced to fund this major project lead by Museum Nord.

The new museum is an investment of close to 20 million euros. It consists of both the main building, an annex for parts of the old steamship – d/s Finmarken (1912), and a new exhibition. A lot of work has also gone into restoring the ship and the additional, older ship section, as well as making the ships available for the public in a safe way. The new museum will open its doors in Spring 2021.



### **KYSTVERKSMUSEA - THE MUSEUMS OF THE NORWEGIAN COSTAL ADMINISTRATION**

Museum Nord is part of Kystverksmusea – the museums of the Norwegian coastal administration. This is a national museum of maritime infrastructure organized as a network of 5 museums along the Norwegian coastline. We have a specific responsibility for the history of the harbour development of Norway. Other areas we are working on are navigational infrastructure such as lighthouses, signage and the work of pilots. We work on documentation, collection management, research, publications and exhibitions.

In Kabelvåg is administration and official archive of the National Coastal administration

regarding their infrastructure projects in Northern Norway. This is an important source of information and studies.

We also have a light house and museum in Andenes, and there is a private museum for pilotage within our region in Lødingen. Pilotage has been and still is important in our area for large ships carrying processed iron ore out from the harbor of Narvik.

Pilotage was also extremely important along the entire coastline for the Hurtigruten (the Norwegian coastal express route). This route/ companies provided its own pilots, and they were vital to make it possible to navigate the Norwegian coastline all year around (day and night) with steamships. In the beginning there were only 13 lighthouses along the entire route.

## **THE VIKINGS OF THE ARCTIC NORTH**

### **THE RESEARCH**

In 1981 a unique Viking Age site was discovered at Borg on the Lofoten Islands. It was excavated by a Scandinavian research team in the period of 1986-1989. The site had several houses, boathouses, a court site and two areas with burial mounds. It was clear from the very early stages of the excavation that the archaeologists had found the homestead of one of the chieftains of Northern Norway, or "Hålogaland", as this part of the country was called then.

The research team focused on the site of the main house, which emerged as a longhouse of 81 meters in length, and 10 meters in width. It is the longest house construction ever found from the Viking era, not only in Norway but in all the settlement areas of the Vikings.

This important seat of the chieftain went into disuse during the 10<sup>th</sup> century, some time before the establishment of the church in this area, which probably took place around the 12<sup>th</sup> century. The site seems to have been a holy place all through the Iron Age and Viking Age, and that is probably one reason why the church established itself here.

Close to the longhouse remains of over 30 boathouses were found which is evidence of the

8. Lofotr Viking Museum, the chieftains hall in northern lights.

Photo Kjell Ove Storvik



importance of using marine resources already during the iron age and early medieval periods. The number of boathouses indicates that the fishing was not only to serve a local population, and fish was probably also traded. Several seasonal fishing stations around Lofoten and Vesterålen were found dating back to 7<sup>th</sup>-8<sup>th</sup> centuries

There is an ongoing debate between archaeologists and historians about the impact of the stockfish trade during the Merovingian and Viking Age, and if it was more a regional trade within Norway or whether stockfish might have served Viking markets in south Sweden, Denmark, Germany and England.

Regardless, the physical evidence of the chieftain's longhouse in itself indicates the presence of wealth and power. The site revealed some astonishing high-status artefacts originated from Ireland, Scotland, England, Netherlands and Germany which show the social status of the inhabitants and suggest that international trade was happening.

## BUILDING THE MUSEUM

The local community and the municipality soon saw the opportunity to make a "on-site" museum based on the excavations and reconstruct the chieftain's house as a main feature of the museum. The planning of the museum was done from 1989-1992, and the building proceeded from

9. The museums reconstructed viking ship sailing outside the lofoten islands.

Photo Runar Storeide

1994-1995. Since then, the museum received funding from all levels of local, regional and national government, both for investments and for running the museum.

In 1995 Lofotr Viking Museum opened the doors for the first time, with the reconstructed chieftains house, archaeological exhibitions, reconstructed ships and boathouses. It comprises of a large outdoor area where visitors can experience the landscape from the house and down to the natural harbour.

## RE-ENACTMENT AND LIVE PERFORMANCE

The way this museum presents itself to the audience is different to any museum in our area. It is a working farm with animals, and local produce for out re-enacted Viking feasts. There is 1 sq.km. farmland and an ancient cultural landscape surrounding the main buildings.

It is a multi-sensory and real experience through reconstructions, re-enactment and live



10. The chieftain in his banquet hall.  
Photo Museum Nord

performances. The stories of the past are told in "first person" language. The chieftain, the lady of the house and all the others are telling their stories as if you had walked into the farm over one thousand years ago.

You really meet the Vikings in this museum, there is dressed up staff that works with guiding, with handcrafts and performances. By the harbour you meet other Vikings that are blacksmiths at work, or sailors of the Viking ships. You can also can embark on a rowing or sailing trip with these ships.



Lofotr is run in the combination of an archaeological on-site museum and an attraction for tourists that tells the story of the Vikings of the north through guides and theatre play. You can touch and use the reconstructed objects and tools. It is not just looking at things, here you can engage with the Vikings and their way of life.

Today, Lofotr Vikingmuseum is the best visited museum in Northern Norway with around 100.000 paying visitors every year. It is a networked museum both into local business life and the travel industry of Norway.

11. Narvik Museum - loading the transport ships with iron ore.  
ore.

Photo Kjell Ove Storvik

## THE GEOLOGICAL TREASURES OF OUR MOUNTAINS

In Ofoten there is a massif from south to north which marks the boundary between Norway and Sweden. This area is the place where the distance between the Norwegian coastline and the Swedish border are shortest.

The city of Narvik was mainly founded because of the possibilities for shipping out minerals from the mountains. Mining started in the late 1800's in Kiruna, in Sweden. Narvik represented the shortest route down to a suitable harbour for shipping out the massive amounts of iron ore. In the first years the ore was mainly exported to Europe, but later also to Asia and America. Still to this day this thriving world-wide export industry, which has been based on Swedish-Norwegian cooperation for over 100 years, continues.

The Swedish company LKAB has been running the operations, and the first shipment took place in 1903. One hundred years later the total number of exported iron ore came to 1,1 billion tons. The ore is specially processed for high quality steel production. That is also the reason why Germany was particularly interested in Narvik during the Second World War. The Germans suffered their first big defeat in the battle of Narvik.



Our Museum in Narvik tells the development stories of the mining, the unique railway, the harbour and the shipping industry and it also tells the stories of how Narvik developed as a town based on this industry.



The area of Ofoten has several unique minerals which have been mined and exported since the 17<sup>th</sup> Century. Particularly around Ballangen, where our mining museum is today. While copper was one of the first minerals to be mined here, today it is high quality silicon for the computer industry that is processed and exported to the world. In Kjølpsvik, Tysfjord, our museum tells the story of a corner-stone industry, the NORCEM cement factory that has provided building materials mainly for the Norwegian market for over 100 years. On average, the production is around 500.000 tons pr. year and provides work for 150 people in the community. It was established in 1918 and is the northernmost cement factory in the world. The whole small town of Kjølpsvik is built up around this industry.

Museum Nord's future plans are to provide a visitor centre that tells the overarching mining story of the Ofoten area, and to offer outdoor experiences, experiencing and explaining both the natural heritage of this area as well as the impact of the industrial exploitation of the hills and mountains by men.

## SUMMARY/CONCLUSIONS

We are an organisation with high ambitions to collect, research and tell our stories from the northern coastline of Norway. There is still a lot to be done to reach the standard our history deserves, as larger and more professional museums have only existed in our area for around 20 years. The local stories are there, but they need to be put in a wider context.

With the delivery of large projects like the Viking Museum, the new Hurtigruten Museum and the SKREI center we will have come a long way to achieve this ambition.

We need to extend and work in networks to reach these goals, both nationally and internationally. We have a 20-year track record for international work, and we are continuously seeking new international projects that are aligned with our strategies.

## REFERENCES

- Godø, O. R. 1984a. Cod (*Gadus morhua* L.) off Møre – composition and migration. In the Propagation of Cod (*Gadus morhua* L.), pp. 591–608. Ed. by E. Dahl, D. S. Danielssen, E. Moksness, and P. Solemdal. Flødevigen Rapportserie, 1, 895 pp.
- Godø, O. R. 1984b. Migration, mingling and homing of North-east Arctic cod from two separate spawning grounds. In Proceedings of the Soviet-Norwegian Symposium on Reproduction and Recruitment of Arctic Cod, pp. 289–302. Ed. by O. R. Godø,
- Kolle, Nils 2014. Norskekysten - en naturens gave, in Norges fiskeri og Kysthistorie, bind I. Ed. by Nils Kolle and Alf Ragnar Nielssen.
- Rollefsen, G. 1933. The otolith of the cod. Fiskeridirektoratets Skrifter Serie Havundersøkelser, 4: 1–14.
- Sundby, S., and Nakken, O. 2008. Spatial shifts in spawning habitats of Arcto-Norwegian cod related to multidecadal climate oscillations and climate change. – ICES Journal of Marine Science, 65: 953–962.

# **DOSSIER VISUAL**

# Atlântico

Este é um trabalho, acima de tudo, sobre o mar. Um trabalho de fotografia documental que aborda o mar como espaço para a exploração, a descoberta e a transformação pessoal e, finalmente, como um lugar para a interação humana a bordo de um barco: um pedaço de espaço flutuante, um lugar sem lugar, que existe por si só, que está fechado sobre si próprio, mas que ao mesmo tempo é abandonado à infinitude, ao longo de duas viagens com o Oceano Atlântico como pano de fundo.

Este projeto tem como tema principal as duas viagens que fiz a bordo do Íris do Mar, um barco de Ponta Delgada (Açores) e resultou num livro e numa exposição de fotografia.

A primeira viagem aconteceu em Junho de 2018 e teve a duração de quatro dias, entre o porto da Póvoa de Varzim e o porto de Ponta Delgada.

A segunda viagem aconteceu quase um ano depois entre o final de Abril e o início de Maio de 2019 e teve a duração de dez dias com origem e destino no porto de Ponta Delgada.

No mar não só nos encontramos a nós próprios como também encontramos outras pessoas a encontrarem-se a elas próprias. E penso que é essa forma de estar, partilhada, a bordo de um barco, no meio do oceano, que faz com que esta experiência signifique o que significa para mim e para muitos outros.

O mar é um local de transformação, tudo o que nele é imerso muda de natureza, inclusive as pessoas.

Helder Luís

